

MEGAN MAXWELL

A man and a woman are shown in a close embrace. The man is in the background, looking off to the side, and the woman is in the foreground, her face partially obscured by a red and white plaid scarf. The background is a deep blue night sky filled with numerous bright, multi-pointed stars.

Esperarei por ti
toda a vida



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MEGAN MAXWELL

A romantic scene featuring a man and a woman in a close embrace. The man, with long brown hair and a beard, is seen in profile, looking towards the right. The woman, with blonde hair, is leaning her head against his chest. They are both wrapped in a thick, purple and white plaid blanket. The background is a dreamy, starry night sky with soft, out-of-focus lights. Below the couple, a large, ancient stone castle with multiple towers and battlements stands on a grassy hill. The castle is surrounded by bare, autumnal trees. The overall mood is romantic and nostalgic.

Esperarei por ti toda a vida



Planeta

Megan Maxwell
Esperarsi per ti
toda a vida

© 2019

© 2019

Prólogo

Aberdeen, Escócia, 1429

Alannah Carmichael corria assustada pelo descampado verde encharcado agarrando-se à barriga de grávida em estado avançado com ambas as mãos. No rosto de Keeva, uma feiticeira, ardia a maldade e o desejo de vingança. O casamento de Sean Roberts e *lady* Marian Mctouch um dia antes no Castelo de Aberdeen tornara-se uma desgraça. Um erro durante os festejos fizera que uma seta dos Carmichael acabasse com a vida de Brendan, filho de Keeva. Para trás ficaram os dias de vida tranquila. As noites de quietude. Keeva perdera o seu adorado filho e a sua fúria era imparável.

– Parai, Alannah, não tendes escapatória – gritou Keeva com os olhos incendiados pela vingança.

A jovem, assustada, não queria parar de correr, mas, esgotada pelo peso do bebé no ventre e com a proximidade do penhasco, via-se forçada a parar. Não podia continuar, senão cairia ao mar. Estava encurralada. Não podia fugir. Por isso, e sabendo que ia morrer, virou-se com frontalidade para a feiticeira e, olhando-a nos olhos, bradou:

– Juro-vos que, mesmo depois de morta, Keeva, não descansarei no meu leito até vingar a morte do meu marido. Por que o matastes? Porquê?

– Vós amávei-lo como eu ao meu filho.

Delirante, a feiticeira aproximou-se dela e, agarrando o pendente que Alannah trazia ao pescoço, arrancou-lho.

– Devolvi-me a jóia dos Carmichael.

Aquele coração talhado em pedra branca era, junto com a outra metade que o seu defunto marido ainda tinha ao pescoço, a jóia mais estimada do seu clã. O desespero da jovem fez rir a feiticeira, que, enlouquecida pelos acontecimentos dos últimos dias, se aproximou dela e murmurou-lhe na cara:

– Não, Alannah, não vo-la devolverei.

Ao ver como a mulher enlouquecida olhava para a sua barriga, a futura mãe gritou:

– Matai-me, mas deixai viver o meu filho.

Durante uns segundos, Keeva ponderou. Mas não. Queria magoá-los, magoá-los muito, e, depois de pensar numa vingança que perdurasse no tempo, vociferou levantando as mãos:

– Não vos vou matar, Alannah. Vivereis para testemunhar a dor que o vosso filho sofrerá no dia em que for feliz. Porque eu, Keeva Raeburn, feiticeira de Montrose, amaldiçoo todos os Carmichael a partir do dia em que o vosso filho nascer.

– Não... – gritou Alannah horrorizada enquanto ouvia as vozes dos guerreiros que se aproximavam para a ajudar.

– Nunca sereis felizes! A vossa felicidade levo-a com o pendente – bramou a mulher enlouquecida. – Todos vós perdereis o ser amado no momento em que os vossos corações transbordarem de felicidade. As vossas vidas serão pura agonia, desamparo e solidão, porque qualquer Carmichael que ame verá o seu parceiro morrer. E este feitiço só se desvanecerá quando um desses amados voltar a encontrar o pendente.

– Keeva... não – gritou Alannah ao aperceber-se do que a miserável mulher pensava fazer.

Dito isto, a feiticeira sorriu e deixou-se cair pelo impressionante penhasco de Aberdeen, de onde desapareceu no mar. A maldição de Keeva inundou de tristeza todos os Carmichael durante séculos.

Capítulo 1

Londres, Julho de 2010

O dia em Londres era cinzento, chuvoso e escuro. Um dia daqueles que, em Espanha, se diria que «chovem canivetes». Não tinha nada a ver com o estado de ânimo de um grupo de amigas que estavam a festejar num bar do mais chique que havia em Oxford Street.

– Um brinde à minha separação de Jeffrey – gritou alegremente Montse. – Meu Deus da minha alma, quase fazia uma burrada ao pensar que era o homem da minha vida! Não voltem a deixar-me ficar com o juízo perdido por outro cromo que só ache graça a estar mais fantástico e giro do que eu.

– Ámen, linda – aplaudiu Juana.

– Um brinde a ti – acrescentou Julia, levantando o seu copo – e a essa sensatez que, embora por vezes prime pela ausência, desta vez manifestou-se e fez-te ver que era melhor conviver com ele um tempo antes de celebrarem o casamento cheio de flores de laranjeira e *glamour* na Catedral de Saint Paul. Se tivesse sido assim, agora seria tudo mais complicado. Isso te garanto.

Julia estava cheia de razão. Meses antes Montse confessara-lhes emocionada que Jeffrey e ela estavam a planear casar-se e celebrar um casório à grande na Abadia onde uns anos antes o príncipe Carlos e *lady* Diana Spencer se casaram.

Aquilo deixou-as atónitas. Se havia algo que estava destinado ao fracasso, era aquela relação.

Entre outras coisas, Jeffrey era um inglês demasiado endinheirado para Montse, que fora criada pelo pai, um feirante que mal cuidou dela. A mãe morreu quando ela nasceu e a rapariga só significou para ele um estorvo, mais do que um benefício. Quando Montse chegou a Londres, o primeiro emprego que encontrou foi como empregada de mesa num *pub* irlandês. Durante anos trabalhou sem descanso e até se matriculou num curso de informática e noutro de *karaté*, onde conheceu Juana. Uma rapariga canária, baixinha e divertida que, tal como ela, fora parar a Londres à procura de ganhar a vida

como cabeleireira. Graças a ela e aos seus contactos, Montse conseguiu um emprego na EBC, uma cadeia de lojas de roupa de jovens criadores. Ali demonstrou que, além de ter bom gosto para combinar a roupa, sabia aconselhar e, em especial, usá-la. Era a encarregada de vendas do departamento de grandes marcas. Anos depois, numa das competições de *karaté*, conheceram Julia e Pepe, um casal madrileno de cinquenta anos e sem filhos, que fora ali parar quando ele foi transferido. Pepe era contabilista e Julia médica de família.

– Vamos lá ver, meninas. Não vou negar. Tive umas boas conselheiras – concordou Montse, olhando para as amigas. – Ainda bem que vos dei ouvidos e não me casei com ele. Meu Deus, vocês são as maiores!

Julia e Juana entreolharam-se e sorriram. Jeffrey e Montse não eram feitos um para o outro, e qualquer um que passasse uma única tarde com eles podia ver isso. Ainda que para que eles se dessem conta disso lhe tivesse custado mais de dois anos de relação.

– Nunca imaginei que Jeffrey me pudesse fazer uma coisa dessas. Que descesse tão baixo. Ofendeu-me quando me disse que a juventude daquela rapariga lhe toldou a razão. E logo quando o grande imbecil frisou que eu já tinha idade para entender que gostava daquela rapariga, ofendeu-me. Estava a chamar-me velha! Mas, meu Deus, se eu só tenho vinte e nove anos!

– Parvalhão! – resmungou Julia ao ouvi-la.

– Chamou-me velha mesmo na minha cara! Quando eu, aos vinte e nove anos, estou no meu melhor momento – grunhiu Montse. – Se alguma vez ocorrer a alguém chamar-me velha, juro-vos que lhe arranco a cabeça.

– Homens, minha amiga, homens – suspirou a canária.

– Querida, o senhor *Não-Me-Toques* e tu não tinham futuro. Disse-to centenas de vezes, mas nunca quiseste ouvir-me – declarou Julia com a sinceridade e a segurança que as cervejas lhe davam. – Nunca gostei desse convencido. Olhava para mim e para Juana por cima do ombro de cada vez que nos via e depois, quando estava à tua frente, disfarçava como um autêntico labrego. Como se diz em Vallecás, esse emproado não era flor que se cheirasse!

Montse concordou. Tinham sido muitas as vezes que as amigas haviam feito aquele comentário. Mas ela não quisera ouvi-lo por amor. Não que estivesse loucamente apaixonada por Jeffrey, mas gostava dele e divertia-se imenso com ele.

– Não dês mais voltas ao assunto, ele fez merda! E tu apanhaste-o – afirmou Juana ao ver a expressão da amiga.

– Sim, apanhei-o com a mão na massa, e ficou feito! – sussurrou Montse ao pensar naquele fatídico dia. Porém, recompondo-se, declarou depois de beber um gole da sua bebida: – A verdade é que agora fico feliz por a minha relação com ele ter acabado. Abriu-me os olhos. Jeffrey só pensa nele, a seguir nele

e por fim nele. Ele até com as plantas ficou, portanto, que o comam vivo!

– Vamos lá ver uma coisa, querida – suspirou Julia depois de a ouvir. – O senhor *Não-Me-Toques* ficou com tudo porque tu assim o quiseste.

Montse, acostumada a passar pela vida quase sem bagagem, anuiu e, em tom trocista, comentou:

– Não queria nada dele.

– Era o que faltava! – escarneceu Juana, que conhecia muito bem a sua amiga.

– Juro-vos que senti que não precisava de nada daquilo. Mas admito que o egoísmo dele me surpreendeu. Quase nada do que ali havia era meu. E não... não quero nada que não tenha sido eu a ganhar sozinha previamente.

– Bem... momento *L'Oréal* – comentou a canária.

Isso fez rir Montse, que, levando a mão com ar cómico à cabeleira, respondeu:

– Claro, porque eu mereço!

– É assim mesmo! – declarou Julia. – Dignidade acima de tudo.

– Não duvides – zombou Montse. – Nunca fico com nada que não seja meu. Não gosto. Embora aquele labrego tenha ficado com os meus cremes. Com todos.

– Não me digas que ele ficou com o creme *Sensai Cellular Performance* da *Kanebo*? Aquele que te ofereceu e que custou os olhos da cara – perguntou Juana.

Montse anuiu e Julia, incrédula, sussurrou:

– O gajo deve ser maricas! De parvo não tem nada.

– Ah... e com o creme depilatório da *Elizabeth Arden*. Dizia sempre que gostava dos meus cremes depilatórios porque cheiravam muito bem. E mais, queria que eu lhe depilasse também as pernas e as virilhas.

– Ui... que cansa, meu Deus! – bufou Julia ao ouvi-la. – Antes o meu Pepe com o seu excesso de pêlo e de quilinhos do que esses novos engatatórios que matam por uma boa depilação.

– Definitivamente – continuou Montse –, não voltarei a concentrar-me no exterior de um tipo.

– Fazes bem, minha linda – concordou Juana.

– Olha para o meu Pepe. Não é nenhum Adónis, mas cuida de mim e mima-me, embora por vezes discutamos, como nos últimos tempos – desabafou Julia.

– Voltaste a discutir com o teu ursinho? – perguntou a canária com um suspiro.

– Sim. Andamos a passar uma temporada um bocadito agitada.

– Mas o que se passa convosco? – inquiriu Montse.

– O nosso regresso a Espanha vai-nos custar o divórcio. Ele não entende que

eu não queira voltar. Gosto de viver em Londres e...

– Vá lá... vá lá, respira e não fiques nervosa. Não acho que o Pepe faça isso para te chatear – riu-se Montse.

Pepe e Julia eram duas pessoas excepcionais e amavam-se muitíssimo, ainda que ao fim de anos de casamento gostassem de se picar um ao outro.

– Respirar... até respiro. Mas ele tira-me do sério, e ainda por cima no outro dia veio-me com a ideia de que quer que para o seu aniversário, que é em Fevereiro e que já nos apanhará em Madrid, façamos uma festança em nossa casa para o comemorar com a família dele. E eu... não suporto a minha sogra. Aquela mulher com mais bigodes que uma gamba cochicha nas minhas costas e não gosto disso.

– Já está, minha querida... já passou. É mãe dele, e ele gosta dela, tens de compreender – gracejou a canária.

– Tens razão – concedeu a visada, rindo-se. – Por muito bruxa que a dita mulher seja, é a porra da mãe do meu Pepe. Ai, meu Deus... isto do amor é tão complicado.

Após um pequeno silêncio, Montse disse:

– Esquecendo os problemas de Julia e Pepe, a partir de agora só me vou fixar no interior dos homens. Quero apaixonar-me! Mas preciso que seja um homem daqueles a sério. Dos que nos abrem a porta, afastam a cadeira para nos sentarmos... enfim, alguém diferente e especial.

– Eu também quero um assim. Mas receio que a maioria dos homens de hoje se sentem ao ver uma cadeira livre, não vá ficarem sem ela – escarneceu Juana.

Animada pelo momento, Montse recordou o homem que costumava aparecer nos seus sonhos desde pequena mas que não chegava a ver.

– Quero um homem que me olhe com paixão e me faça tremer como uma tontinha só com o olhar. Um daqueles que nos fazem sentir protegidas, queridas e amadas com a sua presença.

– Meteram-te alucinogénios na bebida? – zombou a canária ao ouvi-la.

– E sobretudo, e muito importante – concluiu Montse, despertando dos seus devaneios –, que nem lhe passe pela cabeça chamar-me velha! Porque eu juro que a próxima pessoa que se lembrar de me chamar velha vai engolir os dentes!

Nesse momento a porta do *pub* abriu-se e entrou um homem alto, bem parecido e impecavelmente vestido de preto e cinzento, muito ao estilo de Jeffrey e dos seus refinados amigos.

– Ui... que bem que lhe assenta aquele fato *Armani*. – Ao ver como as amigas olhavam para ela, Montse esclareceu, fazendo-as rir: – Mas não. Não quero mais metrossexuais na minha vida. Acabou!

As amigas entreolharam-se com cumplicidade. Se havia algo claro para elas

era que Montse jamais iria mudar. Era espontânea, louca e divertida, e isso tornava-a especial.

– Deixa-me dizer-te que nem todos os homens são iguais – comentou Julia, rindo. – Podes encontrar um giro como aqueles de que gostas e que além disso seja sensato, varonil e elegante. Tipo o Clooney.

– Onde está, que fico com ele? – gracejou Juana.

– O que se passa, Montserrat da minha alma... – brincou Julia.

– Não me chames assim que eu odeio – queixou-se ela enquanto o *iPhone* lhe indicava que recebera uma mensagem. Era de Jeffrey. O senhor *Não-Me-Toques*, o seu ex.

«Gostava de ver-te.»

Incrédula, voltou a lê-la e, sem ligar patavina à mensagem, fechou-a e, depois de sorrir, olhou para a sua amiga Julia, que continuava a falar:

– Estava a dizer, querida amiga, que costumavas reparar em cada espécime mais esquisitinho, minha filha. Porque agora foi o senhor *Não-Me-Toques*, mas o que me dizes de, por exemplo, René, o sueco.

– Ai... René era tão giro – gracejou Juana.

– E andava sempre tão arranjadinho e a roupa da *Adolfo Domínguez* e as *T-shirts* da *Custo* assentavam-lhe tão bem – concordou Montse divertida ao recordar-se dele.

– Sim, mas aquilo era tudo só fachada. Era um preguiçoso inútil – recordou Julia.

– Tens razão. Era tão giro que até ficava com vergonha ao ver como as raparigas olhavam para mim na rua quando íamos com ele. Faziam-me sentir feia e mais baixinha – brincou Juana.

– Foram seis meses, mas que seis meses! – suspirou Montse ao evocá-lo.

– E Robert – prosseguiu Julia. – Que me dizem dele?

– Aquele que só comia frango e arroz? – perguntou a canária, e Julia assentiu engasgada de riso.

– Era um idiota convencido aspirante a Big Brother – admitiu Montse. – Uma coisa era certa, era um regalo para os olhos. Isso não o vou negar.

– Vês? – disse Juana. – Vê lá se mudas os teus gostos e se te concentras em homens, mas homens a sério. Não em engatatóes metrossexuais que se horrorizam quando vêem um fio de cabelo fora do sítio ou engordam uns quilotos.

– Eu sei... eu sei – concordou Montse ao lembrar-se dos ataques de Jeffrey se a balança aumentasse cem gramas. – Tenho de mudar.

– Precisamos de te encontrar um homem como os de antigamente – sentenciou Julia.

– Já o encontrei! A parte má é que só vive nos meus sonhos nocturnos – disse ela rindo às gargalhadas. – Ouçam, por que não aproveitamos essa busca

e procuramos outro para Juana?

Esta, ao ouvir o seu nome, desmanchou-se a rir e disse rapidamente:

– Ai, Montse, eu até que gostaria! Mas não sou o protótipo de mulher que costuma agradar. Sou engraçada, e não baixinha, mas sim *jeitosinha* – todas riram –, mas não tenho muitos encantos. E olhem que me chateia dizer isto, mas é a verdade. Só costumo atrair patifes com nomes insípidos como «Chino», «Juanito» ou «Yuls». Não posso competir convosco, as estilosas. Uma coisa é certa, se eu fosse alta e espigadota... ui, outro galo cantaria.

Aquilo fez as três desmancharem-se às gargalhadas. Por fim, a canária, erguendo de novo o copo, olhou para as amigas e disse em tom alegre e jovial:

– Mas como também se vive de ilusões, brindo a que alguma vez um tipo a sério, com um nome contundente e um olhar cativante, repare em mim. Mas sobretudo brindo à tarde de saldos que nos espera em Oxford Street.

– Tu é que disseste – riu-se Montse. – Vivam os saldos!

Dez minutos depois, debaixo do aguaceiro, três mulheres divertidas corriam e enfiavam-se numa loja de roupa *casual*. Tinham muitas compras a fazer.

Capítulo 2

O cheiro a terra molhada e musgo fresco inundava-lhe as narinas, enquanto Montse corria por um frondoso bosque pejado de enormes carvalhos e flores multicoloridas. De repente um raio azulado atravessou o céu com a sua luz eletrizante e o barulho do potente trovão assustou-a. Depois de retirar as enormes gotas de água dos olhos, viu ao longe a fortaleza de pedra escura. O seu castelo! Sem pensar, correu na direcção dele, até que um cavalo descontrolado de uma cor escura apareceu atrás das árvores a galopar direito a ela. O coração ia sair-lhe do peito quando o reconheceu. Em cima daquele imponente cavalo estava a figura do homem com que sonhava desde criança, ainda que, por mais que tentasse focar a vista para o ver, era-lhe impossível. O vento, a escuridão e a chuva impediam-na.

Arregaçando as estranhas vestes que trazia, tentou caminhar até ele. Queria falar com ele. Necessitava de ouvir a sua voz mas, como sempre, foi impossível. Umhas correntes inexistentes não a deixaram mexer-se. Apenas podia olhar para ele. A escassos metros dela, aquele homem de cabelos compridos e primitivos parou a sua cavalgada, fazendo-a sentir o seu olhar cheio de paixão mesmo na escuridão, enquanto o vento caprichoso revolia o cabelo escuro de Montse. De repente um novo raio azulado rasgou o obscuro céu cinzento, iluminando tudo à sua volta, e por uma fracção de segundo pôde admirar o rosto selvagem dele. Os seus olhos eram azul-celestes, o cabelo claro e os lábios sensuais e carnudos pareciam sorrir. Montse quis andar. Por que não conseguia caminhar? De súbito, o homem com a sua imponente envergadura desmontou do cavalo e...

Pipipipi... Pipipipi... Pipipipi...

De um salto, Montse acordou banhada em suor e calou o incómodo apito. Outra vez aquele sonho. Quantas vezes tinha sonhado com aquilo? Quem era aquele homem?

Tudo começou quando ela tinha seis anos. Erika, a Escocesa, uma cigana que lia o tarot e as mãos na mesma feira em que estavam, convidou-a a passar

uma tarde de chuva na sua caravana. A mulher apercebera-se da menina solitária que deambulava sempre pela feira quer fizesse frio ou calor. Informou-se e soube que era a filha de Ángel, o dono da pista de carrinhos de choque, e, incompreensivelmente, observou que ele mal cuidava dela. Só lhe ralhava e lhe exigia que trabalhasse enquanto palrava com os outros feirantes.

Naquela tarde de chuva intensa, a cigana convidou-a a entrar na sua caravana para se abrigar do frio e da chuva. O pai estava com uma mulher dentro da deles e, como era de esperar, tinha-se esquecido dela. Erika sorriu ao ver como a menina observava tudo. Em especial a bola de cristal que repousava em cima da camilha.

– Oh... a bola mágica é mesmo fixe.

– Gostas, princesinha?

A menina anuiu e, aproximando-se dela, observou-a sem lhe tocar. Se havia algo que aprendera com os gritos do pai era que não se tocava em nada, excepto naquilo em que nos deixavam.

– Consegues ver o futuro?

A mulher sorriu e, sentando-se diante dela, respondeu:

– Às vezes sim... às vezes não.

– Sabes? – murmurou Montse com a sua expressão engraçada de menina. – Não acredito nestas coisas.

– Porquê, querida?

Com um olhar triste que deu a entender mais do que as palavras, a criança suspirou e disse:

– Porque à minha caravana o Pai Natal nunca lá vai no Natal, nem a Fada dos Dentes quando me cai um dente, e à dos meus amigos eles vão. Por isso não acredito em nada e fico triste se penso nisso.

Erika, consciente da solidão e tristeza daquela criança, concordou com pena e sussurrou:

– Sabes o que a minha mãe me dizia para fazer quando eu estava triste ou nervosa?

– O quê?

– Que cantasse para esquecer as mágoas.

– Cantar?

– Sim, princesa. Quando uma pessoa canta, pensa no que está a dizer e costuma esquecer o que não lhe permite ser feliz. Não te estou a dizer com isto que é assim que se resolvem os problemas, mas cantar ajudar-te-á a ultrapassá-los um pouco melhor. Sabes cantar?

A menina anuiu e, depois de dar uma risada, a cigana perguntou:

– Deixas-me ver a tua mãozinha?

Timidamente, a menina estendeu-lha, e Erika, a *Escocesa*, pegou nela. Ficou durante um bom bocado a olhar para aquela mão pequena e suja, até que

disse:

– A tua felicidade e o teu futuro estão no passado.

Ao ver que a menina a olhava em silêncio sem entender nada, a mulher, soltando a mão dela, disse:

– Toca na bola e pede três desejos. Talvez se concretizem.

Com o seu sorriso desdentado, Montse olhou para ela e, pousando as mãozinhas na bola, sussurrou:

– Quando for crescida, quero ser bonita como as raparigas que aparecem na televisão.

– Muito bem, querida... sê-lo-ás. O teu segundo desejo?

Quase sem pensar, a criança disse:

– Não quero viver aqui. Quando for crescida quero um emprego de que goste, e sobretudo não ter de arrumar os carrinhos de choque à noite.

– E o teu terceiro desejo?

– Quero viver num castelo muito bonito e que um príncipe muito lindo e gentil se apaixone loucamente por mim.

Com alguns movimentos estranhos, a mulher tocou na cabeça da menina e na bola de cristal. Por fim, voltou a repetir:

– A tua felicidade e o teu futuro estão no passado, princesa. Logo verás.

Com seis anos, não deu importância àquele comentário. E mais, nem o entendeu. Mas a partir desse dia aconteceu algo. Começou a sonhar com um bosque, um castelo e um extraordinário guerreiro a cavalo. Ao princípio achou que eram apenas sonhos de meninas e princesas. Porém o tempo passou e o sonho persistiu. Ela corria, a chuva caía, e a única coisa que mudava era que, com o passar do tempo, o homem aproximava-se mais e mais.

Montse completou dezasseis anos e, naquela altura, Erika, *a Escocesa*, depois de anos a cuidar dela e a fazê-la feliz, foi-se embora por vicissitudes do destino. Aquilo entristeceu muitíssimo a jovem, mas a cigana, antes de partir, sussurrou-lhe ao ouvido: «Voltaremos a ver-nos... prometo-te.»

Passado um tempo, um dia, ao ver um documentário sobre história na televisão, Montse ficou sem fala ao reconhecer o castelo com que sonhava. O seu castelo! Aquele lugar existia. Era o Castelo de Elcho, próximo da cidade de Perth, na Escócia. Aquilo encheu-a de entusiasmo. Mas também a fez interrogar-se sobre o motivo dos seus sonhos, ainda que não tenha encontrado a resposta.

O pai morreu quando ela tinha dezoito anos e, querendo esquecer-se do seu triste passado, vendeu a velha atracção dos carrinhos de choque que o pai lhe deixou de herança e foi viver para Londres. Precisava de começar de novo e ser feliz. Merecia-o! Uma vez ali, dispôs-se a visitar o lugar com que sonhava. Afinal de contas, a Escócia e Londres eram relativamente perto. Porém o seu trabalho, os amigos e os namorados impediam-na. Aparecia sempre um plano

melhor. E embora nunca tenha abandonado aquele lugar, dado que os sonhos não a abandonavam, esqueceu-se de o visitar.

Pipipipi... Pipipipi... Pipipipi...

– Está bem... melga... está bem... já me vou levantar – resmungou desligando de novo o despertador enquanto se espreguiçava na cama.

Estendendo a mão, pegou no *iPhone* e olhou para ele. Estava desligado. Ligou-o. Levantou-se, carregou no *play* da sua aparelhagem de música e a voz de Lady Gaga inundou o pequeno apartamento. Sem conseguir evitá-lo, começou a dançar. Se havia algo que Montse tinha de bom era que se levantava cheia de energia e com um humor excelente.

– Isto é começar bem um dia – disse enquanto dançava e abria o roupeiro para escolher que roupa vestir.

Passados dez minutos estava no duche, a cantar a plenos pulmões o último êxito de Lady Gaga.

Capítulo 3

Naquela manhã, depois de sair da EBC, o seu emprego, Montse encaminhou-se para o Pretty Ladies, o cabeleireiro onde trabalhava a sua amiga Juana. Tinha uma competição de *karaté* nesse fim-de-semana e queria estar apresentável. Ao chegar, sorriu ao ver Julia ali.

– Vejam só. Hoje é dia de cabeleireiro e gajas.

– Já estava na hora. Estou com um cabelo que pareço uma bruxa – gracejou Julia.

– Anda, Montse, senta-te aqui – disse Juana à amiga, que assim fez.

Uma hora depois, enquanto Montse e Julia davam uma olhadela a uma revista com a cabeça cheia de papel de alumínio para que as madeixas e a tinta pegassem, a canária veio ter com elas.

– Tudo bem? – perguntou.

Julia, levantando a cabeça, olhou para as amigas e confidenciou com ar confuso:

– Não... não está nada bem. Por que será que a Norma Duval tem este corpão com a minha idade e eu não? Por favor... está espectacular com este vestido branco.

Juana e Montse olharam para a revista que a amiga lhes mostrava e, depois de concordar, Montse disse, mostrando a sua revista:

– Mulher espectacular é a Cindy Crawford. Mas já viram como ela está gira mesmo quando vai às compras? Adoro-a. Juro-vos que se voltasse a nascer ia querer ser ela.

– Sim, é gira – concordou Julia.

– Gira! – exclamou Montse, apontando para a página. – Esta mulher é lindíssima. É que ela tem tudo... É perfeita. Tem estilo, um nome perfeito e uns filhos e marido divinos.

– Ah... divina é a Paris Hilton! – contrapôs a canária. – Essa é quem eu gostaria de ser. Para mim ela tem tudo. Loira, corpinho, dinheiro a rodos e um nome e um apelido com *glamour*: Paris Hilton! Não tem nada a ver com Juana

Perrulilla, que é como eu me chamo.

– Lamento, mas eu sou mais nacional – declarou Julia depois de olhar para a tal Paris. – Gosto muito mais de Norma Duval. O corpão!

Depois de umas risadas das três a exaltarem as virtudes das mulheres que gostariam de ser e a revelarem os seus defeitos, por fim Juana levou Julia para lavar a cabeça. Nesse momento o *iPhone* de Montse tocou. Era Jeffrey, o seu ex. Como um elefante numa loja de loiça e cansada dos seus contínuos telefonemas, atendeu:

– Que raio queres agora, chato?

O homem sorriu ao ouvi-la. Montse era uma mulher muito especial e não esperava outra resposta dela que não aquela. Mas como a conhecia muito bem, soube levá-la para o seu terreno.

– Olá, querida. Estou com saudades tuas.

Ao ouvir aquilo, Montse fechou os olhos. Aquele tom de voz aveludado de Jeffrey enlouquecia-a. Mas não. Não ia permitir duvidar nem um segundo da decisão que tomara. Não o amara. A relação deles quebrara-se e não havia volta a dar.

– Jeffrey, por que me dizes agora essa maluqueira?

– Porque é verdade e para que não desligasses sem me ouvires.

Aquilo fê-la sorrir. Quando queria, Jeffrey era encantador, e por isso perguntou com paciência:

– Vamos lá ver, o que queres?

– Tenho um jantar esta noite em casa dos Stuart. Já sabes, com Martha, Edward e o pessoal. Achas que devo levar uma gravata escura ou clara?

Incrédula ante a pergunta absurda, respondeu depois de suspirar:

– Escura, Jeffrey.

– Vens comigo? – perguntou ele de repente.

– Não.

– Por favor.

– Não. Nem penses. Leva a mamalhuda da tua secretária. Aquela rapariguinha que te olha com olhinhos de carneiro mal morto. De certeza que não te dirá que não e vais ficar muito bem ante os teus amiguinhos.

Ele resfolegou ao ouvi-la.

– Montse, quando te peço a ti é porque não quero levar outra.

– Recordo-te que me disseste que eu era uma mulher mais velha. Velha! Porra, Jeffrey, tu tens trinta e sete. Devo considerar-te um velhote à beira da reforma?

Aquilo fez que Jeffrey suspirasse com resignação.

– Querida, escuta. Eu não quis dizer isso nesse sentido, mas tu fazes questão uma e outra vez de acreditar nisso. Só te disse que a juventude de Priscilla me toldou a razão.

– Pois! Nisso nem tu acreditas nem que estivesses podre de bêbedo! – escarneceu ela.

– Querida... acredita em mim.

Isso fê-la rir. Jeffrey, mesmo apanhado com outra, tentava justificar o seu erro. Ainda não se dera conta de que Montse não lhe ia perdoar por isso. Apanhara-o com a sua jovem e bonita secretária numa das suas já famosas viagens de trabalho. Ainda se sentia a rasgar por dentro de cada vez que recordava aquele momento. Quis fazer-lhe uma surpresa no seu aniversário e quem ficou surpreendida foi ela, ao apanhá-los em plena cavalgada.

– Anda lá, não te faças de difícil. Sei que simpatizas muito com os Stuart. Além disso, vai lá estar Martha, e ela e tu sempre se...

– Não vou. Como tenho de to dizer? Tu e eu já não somos um casal. E, por favor, pára de me telefonar. Não quero ver-te. Não quero saber nada de ti, entendes isso de uma santa vez?

– Não. Não entendo.

À beira de dar um grito devido à teimosia daquele homem que não parava de a atazanar, tentou não gritar, mas disse:

– Olha, Jeffrey, esquece que eu existo, está bem? Pára de me telefonar. De me mandar mensagens, de me enviar flores para casa, de me perseguir no trabalho. Pelo amor de Deus, estás a tornar-te mesmo cansativo!

– Não. Não vou parar até que voltes para mim, querida.

– O caraças! – gritou ela, atraindo o olhar de toda a gente no cabeleireiro. – Não vou voltar para ti porque não quero. Sinceramente, tenho amor-próprio e maturidade. Recordo-te que me chamaste velha por ter quase trinta anos, e olha só para o que te digo: vai-te lixar!

– Querida... ouve...

– Não. Não ouço. E sabes porquê? Porque a minha velhice e a maturidade fazem-me gostar de mim e não querer andar a raspar as ombreiras das portas ao passar por ti, seu merdas, queres andar por aí a pôr-me os cornos com qualquer rapariguita que se atravessar no teu caminho.

– Mas, querida...

– Nem querida nem o raio que te parta! – gritou fora de si. – Estou-me nas tintas que tu sejas giro, que tenhas dinheiro a rodos, até mesmo a tua maldita posição social. E sabes porquê? Porque só me importo comigo, gosto de mim e quero ser feliz sozinha! Não com um paspalho como tu que não aprecia uma mulher a sério como eu até que a perde. E tu, a mim, perdeste-me. Portanto, adeus!

Dito isto, desligou e suspirou. Não ia voltar a cair na cena de Jeffrey. Não. Não e não. De repente um irromper de aplausos fê-la olhar em frente. Toda a gente no cabeleireiro a aplaudia de pé, e ela olhou para as suas amigas, encolheu os ombros e sorriu.

Capítulo 4

Se havia algo de que Montse gostava e que lhe aliviava o *stress* era praticar *karaté*, um desporto que Juana teve de deixar devido a uma lesão. Era vestir o quimono, ajustar o cinto negro e a segurança e a concentração apoderavam-se dela. Por isso, sempre que o seu emprego na EBC lho permitia, participava em competições. Para sorte dela, a maioria das vezes saía vitoriosa. Montse era uma boa karateca e sabia disso. Sabia defender-se com o impulso necessário para ganhar medalhas e honrar o seu professor, companheiros e ginásio.

Naquela tarde, a mulher loira que lhe calhara como oponente no *tatami* estudava-a com atenção. Com segurança, ela e Montse tactearam-se até que se lançaram ao ataque. A mulher do quimono azul estava nervosa. Demasiado nervosa. E Montse conseguiu com tranquilidade dois pontos após um *yoko geri kekomi* certo. A loira tinha ouvido falar da sua concorrente e pôde verificar a sua segurança e sangue-frio quando, sem o esperar, recebeu um *uchi geri fumikomi* que a barrou e a fez cair. Montse, sem a deixar reagir, imobilizou-a no chão. Ganhou aquele combate e os dois seguintes. Ficou em segundo lugar no campeonato sénior feminino.

Porém a alegria desapareceu-lhe do rosto depois de receber a medalha, quando viu Jeffrey no meio do público. Que raio fazia ele ali? Como seria de esperar, estava tão giro e bem-arranjado como sempre, e aplaudia com orgulho.

Após um merecido duche com as companheiras, que trocaram gracejos por incidências ocorridas na competição, vestiu uns *jeans* e uma *T-shirt* de manga curta cor-de-rosa da Guru. Saiu dos balneários e procurou as amigas entre o público. Mas antes de conseguir mexer-se, uma mão agarrou-a e ouviu:

– Querida, estiveste fenomenal!

Meu Deus, dai-me paciência senão juro que este hoje engole os dentes, pensou Montse, tentando manter o autocontrolo.

Jeffrey continuava a persegui-la e a paciência da jovem começava a primar pela ausência. Depois de olhar para ele, teve vontade de lhe desferir um belo

mawashi hiti ate com o cotovelo seguido de um *mae geri* com a ponta do pé. Porém, contendo os seus impulsos mais animalescos, encarou-o e, tão educada quanto foi capaz, respondeu:

– Obrigada, Jeffrey. E agora, adeus, Jeffrey.

No entanto ele voltou a segurá-la e ela, com cara de poucos amigos, tornou a olhar para ele.

– Vamos lá ver, ó surdo. Em que língua tenho de te dizer para me deixares em paz? Andas a atazanar-me e no fim vou acabar por cometer uma loucura.

Ele olhou-a esboçando um dos seus encantadores sorrisos e, aproximando-se dela, segredou-lhe ao ouvido:

– Hum, querida, adoro quando tu mostras esse teu carácter espanhol.

Olhando-o incrédula enquanto as pessoas os empurravam ao passarem junto deles, Montse, cansada, esgotada e muitíssimo aborrecida, pousou o saco de desporto e, abeirando-se dele, que não se mexeu um centímetro, murmurou-lhe na cara:

– Vamos lá ver... vou dizer-te isto pela última vez. Pára de me perseguir. Pára de me importunar senão...

– Deixa-te de parvoíces, querida. Quero que voltes para casa. Preciso de ti – respondeu ele, surpreendendo-a.

Incapaz de raciocinar, Montse agarrou-o pelo cotovelo com um movimento rápido, dobrou-lho e, depois de o fazer agachar-se numa atitude das mais humilhantes para ele, sem se importar com o modo como as pessoas os olhavam, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Antes de voltar para ti ainda o inferno há-de congelar, paspalho!

Dito isto, desferiu-lhe um pontapé no rabo que fez Jeffrey cair de bruços no chão. Como uma mola, ele levantou-se envergonhado pelo que Montse lhe fizera. Nesse momento apareceram Julia e Juana, que fitaram a amiga aturdidas.

– Como foste capaz de me fazer isto? – grunhiu ele bastante zangado.

Montse, com um sorriso de satisfação nos lábios, e aproximando-se para o intimidar, respondeu-lhe muito segura da sua superioridade em combate.

– Isto foi só um toque, Jeffrey. Estou a dizer-te para me deixares em paz, e estou a dizer-to muito descontraída. Mas escuta... a minha paciência está a acabar e, a partir de agora, de cada vez que te sentir por perto, garanto-te que vais acabar no chão, entendido?

O homem, ainda a limpar o blusão com a mão, olhou-a com ar zangado e, sem dizer mais nada, deu meia volta e foi-se embora. Juana e Julia abeiraram-se da amiga e, depois de pegar no saco de desporto que estava no chão, levaram-se a beber qualquer coisa fresca. Estava a precisar.

Meia hora depois, enquanto conversavam num *pub* irlandês sobre o sucedido no combate de *karaté* e posteriormente com Jeffrey, Juana gritou

emocionada:

– Mudando de assunto, ganhei uma viagem!

Aquilo fez Julia rir, enquanto Montse, espantada, perguntava:

– A sério? Para onde?

– Para a Escócia! – responderam a canária e Julia em uníssono.

– Escócia? Ganhaste uma viagem à Escócia? – inquiriu Montse a rir, ao recordar a quantidade de vezes que tinham planeado ir lá.

– Ai, Montse, juro-te que ainda nem acredito.

– Mas onde a ganhaste? – perguntou ela ainda a rir.

– No polidesportivo. Com o bilhete de entrada davam-nos um papelinho.

E depois dos combates fizeram um sorteio para o público e quando disseram o número 246 e vi que era o meu número, quase tinha um enfarte!

– Eu confirmo – disse Julia a rir. – Se não fosse eu ter gritado, esta lerdia ainda estaria a olhar para o número com ar despidado.

Com uma expressão grave, Juana olhou para as amigas e gemeu:

– O problema, meninas, é que a viagem é só para duas pessoas, e nós somos três.

Montse e Julia entreolharam-se e sorriram. Juana era generosa e bondosa.

– Não te preocupes, querida – disse Julia. – Leva Montse contigo. Ela merece sair e divertir-se.

– Então e tu? – perguntou Montse, virando-se para ela. – Tu também precisas de sair e espairecer. Tenho a certeza de que uns dias longe do teu Pepe vos fariam bem aos dois.

– Eu também tenho a certeza – riu-se Julia. – A verdade é que ultimamente, apesar de nos amarmos muito, não fazemos outra coisa a não ser discutir.

– Vês como também te faria bem ir? – comentou Montse a rir-se, consciente de que Pepe e a sua amiga estavam bem um para o outro e que aquela pequena separação lhes faria lindamente.

– Sim, chatinha – contra-atacou Julia. – Mas tu precisas de espaço e de não encontrar o idiota do Jeffrey em todo o lado. Não sei como faz para saber sempre onde estás. É como se tivesse um radar de localização no que diz respeito à tua pessoa.

– Sim. Eu, se fosse a ti, começaria a pensar que te instalou um GPS – gracejou Juana.

Montse anuiu. A insistência e o encontrar-se com o seu ex estavam a torná-la paranóica.

– Sim. A verdade é que deixar de vê-lo, de o ouvir ou de o ler durante uns dias não faria mal. Mas não. Recuso-me, Julia. Tu também mereces ir.

– Além disso, há os teus sonhos – recordou-lhe esta. – Ir à Escócia significaria visitar o lugar com que sonhas desde criança, não te lembras?

Ao ouvir aquilo, Montse sorriu. Era verdade. Poderia visitar o Castelo

de Elcho e conhecê-lo por fim.

– Vejamos, meninas – declarou Juana depois de as ouvir e de beber do seu copo. – Estou a pensar que esta viagem seria algo de fantástico para as três. Seria uma maneira de estarmos sozinhas e juntas uns dias antes de Julia voltar para Espanha com o seu Pepe.

– Que boa ideia! Seria uma autêntica aventura – aplaudiu Montse.

– Oh... meu Deus, seria colossal! – exclamou Julia emocionada.

Voltar a Espanha era um facto. E embora lhe tivesse custado decidir-se, já não havia maneira de voltar atrás. A empresa de Pepe regressava a Madrid e, com ela, eles os dois.

– Que acham – propôs Juana – de irmos à agência de viagens que os do sorteio me indicaram e vermos o que se pode fazer?

Uma hora depois, as três saíam da agência com um sorriso de orelha a orelha. Tinham conseguido trocar datas e hotéis, e a viagem que de início era para duas pessoas passou a ser para três. Partiam rumo à Escócia daí a três semanas.

Capítulo 5

A viagem até Edimburgo foi uma loucura. Coube-lhes irem no comboio junto de várias famílias carregadas de filhos, e os fedelhos não paravam de chorar e de as pisar. No entanto, os dias seguintes a visitarem as maravilhas que aquela encantadora cidade lhes oferecia fê-las esquecer tudo.

Em Edimburgo visitaram o impressionante castelo situado no centro da cidade e assistiram às salvas de canhão que eram disparadas todos os dias tradicionalmente à uma da tarde desde o ano de 1861. Como boas turistas, percorreram as suas ruas e compraram recordações.

Em High Street visitaram a praça do Parlamento, com o edifício do antigo Parlamento da Escócia e a construção mais importante da Escócia, a Catedral de Santo Egídio.

À tarde visitaram a casa mais antiga da cidade, a casa-museu medieval do pregador John Knox que data do ano de 1490. John Knox foi o fundador da igreja presbiteriana protestante na Escócia, e na sua época enfrentou Maria, a rainha da Escócia.

Quando saíram à rua surpreenderam-se ao depararem com a rodagem de um filme. Pelos vistos, a Metro Goldwin Mayer estava a rodar um filme sobre a vida de Maria II de Inglaterra e o seu marido Guilherme III. Incrédulas, observaram as filmagens.

– Que espectáculo! – sussurrou Montse ao observar aquilo.

– Ai, meu Deus... aquele ali vestido de padre não é o Javier Bardem? – gritou Julia ao ver o conhecido actor espanhol.

Posicionadas de um dos lados para não incomodar, como o resto das pessoas, deliciaram-se com a rodagem, enquanto os figurantes do filme, vestidos com farrapos e roupas da época, passavam diante delas com ar triste, rostos sujos e espadas impressionantes.

O último dia foi dedicado a passear por Grassmarket e a sua praça. Um lugar que na antiguidade era utilizado como mercado de gado, situado aos pés do imponente castelo. Leram que naquela zona da cidade se concentraram

outrora as massas para assistirem às execuções nos patíbulos ou para fazerem compras nas feiras. Na actualidade, aquelas mesmas ruas continuavam cheias de pessoas, de *pubs* e tabernas e mantinham-se o grande coração pulsante da cidade.

Divertidas, tiraram fotografias na fonte de pedra West Bow, ou «fonte da costa oeste», situada num dos lados da praça e ao início da inclinada rua West Bow. A fonte maravilhou as mulheres e ainda mais quando leram que foi construída no ano de 1618, quando se instalou a primeira rede de águas em Edimburgo. Passearam a admirar os edifícios de pedra escura e imaginaram com horror a rua com os patíbulos dos lados para enforcar os condenados. Beberam cerveja nas suas tabernas e comeram no White Hart Inn, um *pub* construído no ano de 1700 e considerado o mais antigo da cidade.

– Vejam, uma rua de antiguidades. Vamos vê-la – sugeriu Montse emocionada. Se havia algo de que gostava eram as antiguidades.

– Ai, ai... vai cair uma carga de água – comentou Julia com um assobio ao olhar para o céu, que de repente começou a ficar escuro e ameaçador.

Com rapidez, as três enfiaram-se naquela rua e nas suas lojas especiais. Ali havia lojas que vendiam quadros, tapeçarias, armaduras, lanças. Tudo, absolutamente tudo o que fosse uma antiguidade. Enquanto Juana e Julia experimentavam umas pulseiras numa das lojas, Montse, atraída como que por um íman, dirigiu-se a uma pequena lojinha. Ao entrar cheirou-lhe a antigo e a musgo fresco. Isso agradou-lhe. Depois de cumprimentar com um sorriso a senhora idosa que geria a loja, começou a admirar as peças. Ali havia brincos, candeeiros, anéis, colchas, cabeceiras de cama e pulseiras. Porém aquilo de que de facto gostou foi um espelho ovalado de cobre e prata. Com delicadeza, tocou-lhe e, sem saber porquê, sorriu.

– Procura alguma coisa em especial, menina? – perguntou a mulher, caminhando até junto dela.

– Não. Estou só a admirar as coisas tão bonitas que vende. Tem uma loja linda – sussurrou Montse, olhando para o espelho com curiosidade.

– Obrigada. – A idosa sorriu. – Acredito que todos estes objectos tão maravilhosos têm um passado que perdurará enquanto forem usados.

Sem que Montse soubesse porquê, a mulher regressou ao balcão, meteu as mãos numa bolsa cor de cereja e tirou de lá algo envolvido em veludo azul. Sem pensar, foi de novo até junto da rapariga.

– Abra-o – disse. – Tenho a certeza de que vai gostar.

Surpreendida por aquilo, a jovem pegou no que a mulher lhe entregava, afastou com cuidado o veludo e ante ela apareceu um pendente delicado. Era a metade de um coração talhado em pedra branca e rodeado por um lavrado de metal fino. Ao vê-lo, ficou maravilhada.

– Que preciosidade!

– Sim. É uma peça única que o meu marido encontrou há uns anos no mar. Pelo lavrado e por estas letras gaélicas vê-se que pertenceu a uma antiga família escocesa.

Ao ouvir aquilo, Montse suspirou. De certeza que custava uma pipa de massa e ela não podia permitir-se comprá-lo.

– Não tenho a menor dúvida. Vê-se que é algo diferente e especial. Mas acho que não posso comprá-lo. O meu orçamento não dá para gastar neste tipo de caprichos – riu-se Montse, fazendo rir a idosa de olhos claros.

– Experimente-o – insistiu ela. – Experimente-o e veja como lhe fica ante o espelho que vi que lhe agradou tanto. Talvez possamos chegar a um acordo.

– A senhora é uma vendedora muito insistente – observou Montse.

Com o pendente na mão, aproximou-se do espelho e experimentou-o. Nesse instante um raio iluminou a loja e o barulho de um trovão vindo do exterior assustou-a e fê-la dar um salto.

– Ai... que susto que apanhei. Até estremeceu tudo – riu-se Montse, levando a mão ao coração.

A velha, olhando-a através do espelho com um sorriso carinhoso, comentou:

– Não se assuste, menina, mas uma lenda escocesa diz que tempestades como esta libertam as almas.

– As almas? – perguntou a jovem e a mulher de cabelos brancos olhou-a e tocou-lhe com familiaridade no rosto, afastando-lhe a franja da cara.

– A minha avó contava uma lenda escocesa segundo a qual, quando um raio azulado ilumina o céu e o trovão retumba ao mesmo tempo, é porque está para começar algo que é do passado – explicou.

– A senhora diz coisas mesmo estranhas – replicou Montse, fitando-a.

Nesse momento, o *iPhone* de Montse tocou. Ao olhar e ver que era o seu ex, Jeffrey, suspirou e praguejou em voz baixa. Desligou o aparelho e tentou esquecer-se dele. Era uma melga.

– A minha bisavó era uma contadora de lendas fantástica – disse a mulher, conseguindo que a rapariga se visse ao espelho. – O pendente favorece-a e fica-lhe muito bem. – E, com um sorriso cúmplice, murmurou: – Segundo dizia a minha avó, quando se oferece um pendente a alguém, essa pessoa pode pedir um desejo ao ar.

Surpreendida, Montse sorriu e pensou divertida: *Se isso é verdade... desejo que Jeffrey se apaixone por outra pessoa e se esqueça de mim para sempre!*

– Se me comprar o espelho – sussurrou a mulher –, ofereço-lhe o pendente para que o desejo que a menina pedir se cumpra.

Boquiaberta ao ouvir aquilo, Montse olhou para ela.

– Mas a senhora não pode fazer isso. Estas antiguidades custam muito dinheiro e eu...

Mas a mulher não a deixou terminar.

– Se o faço é porque sei que ambas as coisas pertenceram à mesma família e não quero que se separem – respondeu.

– A sério? – murmurou Montse vendo-se ao espelho.

– Juro.

– Sabe de que século são?

– O pendente julgo que é do século XIV e o espelho do século XVII ou XVIII. A minha velha cabeça não dá para mais. Embora me lembre de ter ouvido a minha bisavó dizer que o espelho pertenceu ao duque de Wemyss.

– Duque de Wemyss?

Nesse momento, Juana e Julia entraram na loja. Ao verem Montse a falar com aquela mulher ao fundo do estabelecimento, dirigiram-se ali com rapidez e interromperam a conversa delas.

– Mãe do céu... ai, filha, nem imaginas como está a chover! – exclamou a canária aproximando-se da amiga. – Oh... mas que pendente tão lindo. Vais comprá-lo?

– Não sei. A senhora disse-me que se eu comprar o espelho mo oferece. Mas ainda não me disse o preço do espelho. E sendo tão antigo, imagino que o preço será escandaloso.

– A verdade é que tanto o espelho como o pendente são uma autêntica preciosidade – concordou Julia e, depois de trocar um olhar com Juana, perguntou à mulher que as observava desde o balcão: – Senhora, quanto custa o espelho?

A mulher fez um sorriso doce e disse com segurança:

– Faço-vos um preço especial. As duas coisas por quatrocentas e noventa e seis libras. Em euros são seiscentos. Incluindo o transporte para onde vocês me indicarem.

– Vendido! – A canária riu-se, surpreendendo Montse. – Será um presente meu e de Julia para a tua nova casa e a tua nova vida, o que achas?

Emocionada, Montse não sabia o que dizer e, olhando para as amigas, sussurrou:

– Têm a certeza? É muito dinheiro e...

– Cala a matraca – sentenciou Julia. – Sempre gostaste de antiguidades e queríamos comprar-te alguma coisa especial. E acho que a encontrámos.

A idosa aquiesceu com um sorriso encantador, e Montse, virando-se para ela, murmurou:

– Pois a senhora ouviu, levo-o!

Capítulo 6

À tarde o tempo melhorou e, depois de darem o endereço de Montse à idosa, continuaram a visita pela cidade. Depois de andarem a bater perna pela Royal Mile, ao saírem por uma viela ficaram maravilhadas com a impressionante vista que lhes oferecia um edifício com uma grande torre gótica em forma de agulha.

– Olhem, daqui vê-se aquela coisa que se vê do nosso hotel – disse Julia, apontando para a torre escura.

– Coisa? – escarneceu Montse, tocando no pendente. Desde que o pusera que não conseguia parar de o fazer. – Esse monumento deve ter um nome, digo eu.

Juana, que ia munida de toda a informação, olhou para o folheto e respondeu:

– Chama-se The Hub. Um dos ícones de Edimburgo. E aqui diz que é a sede administrativa do Festival Internacional da cidade.

– Mãe do céu, os anos que isso deve ter – sussurrou Julia.

– Pois não. Não é assim tão velho – replicou Juana, olhando-a. – Aqui diz que não é um edifício medieval. Pelos vistos foi construído há menos de cento e cinquenta anos.

– Menos de cento e cinquenta anos? – estranhou Montse. – Quem diria... Parece tão antigo que... – Nesse momento o seu *iPhone* tocou, e ao ver quem estava a ligar lastimou-se: – Raios partam este desgraçado! Mas como pode ser tão melga? Será que não me vai deixar em paz?

Não foi necessário perguntar quem era. Todas sabiam que era o chato de Jeffrey, que mesmo à distância continuava a importuná-la. Por isso Julia pegou no telemóvel, desligou-o e, guardando-o no bolso, declarou trocista:

– Adeus, senhor *Não-Me-Toques*.

Depois de umas risadas por causa daquilo, sentaram-se numa das tabernas do local, onde pediram cervejas para refrescarem as suas gargantas.

– Edimburgo é mesmo bonito. Sabia que ia gostar, mas está a superar

as minhas expectativas – comentou Juana com um suspiro.

– Sim... é mágico e especial – concordou Montse, tocando no pendente que as amigas lhe tinham oferecido.

– E que me dizem dos homens daqui? – perguntou Julia divertida.

– Ui... são normaizinhos. Ainda não vi um *highlander* daqueles de fazer perder os sentidos como os que aparecem nos romances que eu compro – comentou Montse rindo-se.

– Ai, mulher... esses homens existiram há anos – troçou Julia, grande leitora de literatura romântica medieval. – Os de hoje em dia não são tão guerreiros nem impetuosos como os de antes. Embora os do *pub* de ontem à noite tivessem bom ar.

Depois de umas gargalhadas enquanto falavam de homens, por fim Montse perguntou:

– A que horas saímos amanhã para Perth?

– Acho que o melhor é sairmos cedinho. Que acham de quatro da manhã? – sugeriu Julia.

– Ai, filha, a sério, gostas mais de madrugar do que o padeiro dos anúncios do pão *Bimbo* – gracejou Montse.

Julia sorriu ao ouvi-la e respondeu:

– Está bem... às cinco, mas não mais tarde.

– Está programada a visita ao Castelo de Elcho, não é?

– Claro. Já te encarregaste de repetir isso mais de mil vezes.

Montse sorriu. Queria ver aquele castelo de perto. Necessitava de ver com os seus olhos o lugar que tantas noites aparecia nos seus sonhos. Talvez indo lá entendesse o porquê de sonhar com ele.

– Bem, senhora condutora – brincou Juana –, qual é o itinerário a seguir assim que sairmos de Edimburgo?

– De Edimburgo vamos direitas ao Castelo de Elcho e dali a Perth. Ficaremos em Perth uns dias e poderemos visitar a cidade, o Castelo de Hunting Tower e o Palácio de Scone. Depois regressaremos a Edimburgo, onde assistiremos na noite antes de irmos embora a uma festa com a correspondente ceia medieval, e depois fim do trajecto e toca a ir para casa. Parece-vos bem?

Juana e Montse entreolharam-se e concordaram. A viagem prometia.

Capítulo 7

O coração de Montse batia a mil à hora quando chegaram ao Castelo de Elcho. Estar diante dele e poder tocar com carinho nas suas pedras fez que o seu coração se encolhesse de emoção. Ante ela estava a grande fortaleza do século XVI com que sonhava desde criança, e quase nem conseguia falar. Só era capaz de admirar. As amigas, ao verem-na naquele estado, sorriram. Montse falara-lhes muitas vezes daquele estranho sonho e entenderam a sua emoção.

- Bem, que achas ao vê-lo ao vivo e a cores? – perguntou Julia.
- Alucinante.
- É como esperavas? – quis saber Juana.
- É ainda melhor – balbuciou Montse depois de sair do carro.

Ali estava o castelo, o bosque de flores multicoloridas e as árvores. Aquelas árvores entre as quais aparecia o homem com o cavalo negro no seu sonho.

Depois de irem à procura dos guardiões do castelo para pagarem a visita, encontraram-nos. Eram dois velhotes que, depois de lhes oferecerem água fresca, incompreensivelmente não as deixaram pagar a entrada. Como desculpa indicaram-lhes que, ao serem as únicas visitas que havia, as convidavam a entrar e a ver com tranquilidade a fortaleza, os seus jardins e arredores. Isso intrigou-as, mas aceitaram encantadas. Com curiosidade, percorreram as suas instalações, embora lhes tenha sido impossível aceder a uns quartos no piso de cima, pois o tecto tinha desmoronado e estava à espera da reconstrução. Depois de descerem do piso superior entraram na cozinha, onde se admiraram ao verem o quanto era grande e espaçosa. Percorreram os quartos dos serviços e sorriram quando Juana, numa das suas palhaçadas, se atirou para cima de um dos catres. Assim que regressaram ao salão, admiraram-se com o quão soalheiro era. Uns grandes janelões rectangulares faziam que a luz entrasse, dando ao interior uma cor suave e especial.

Depois de tirarem várias fotografias pelo castelo, passaram a um salão que

depressa identificaram como sendo o salão principal. Ali havia móveis de épocas passadas, uma grande lareira e uma parede com vários retratos. Porém, o que chamou a atenção de Montse foi o que estava por cima da enorme lareira. Nele via-se um homem de cabelo comprido e claro, de olhos azul-celestes e desafiantes que parecia trespassá-la com o olhar, junto de um impressionante cavalo escuro. Isso acelerou-lhe o coração e eriçou-lhe os pêlos do corpo. Não. Não podia ser. Ou podia? Mas depois de engolir com dificuldade o nó de emoções que lhe faziam colapsar a garganta, soube. Era ele. Aquele era o homem dos seus sonhos. O que cavalgava direito a ela no corcel escuro e a olhava com paixão.

– O que tens, minha querida? – perguntou Juana ao vê-la respirar com dificuldade.

Era a primeira vez que Montse ficava sem palavras. Não conseguia afastar os olhos daquele retrato, enquanto um estranho silêncio à sua volta a fazia escutar lenta e pausadamente o bater do coração.

– É ele – conseguiu balbuciar. – É o homem que aparece nos meus sonhos.

As amigas entenderam-na e, com ar de gozo, Julia comentou:

– Montse, linda. Até nos sonhos andas à procura de tipos de cair para o lado.

– E tu que o digas, minha filha – concordou a canária, olhando para o retrato.

– És inqualificável, filha – continuou Julia. – A sério que me estás a dizer que este tipo podre de bom, mais excitante que o Clooney, é o que irrompe nos teus sonhos desde criança? – Montse, ainda em choque, anuiu, e Julia, surpreendida, murmurou: – Se voltar a nascer, quero ser tu.

Sem responder, Montse aproximou-se mais do quadro para o admirar. Por fim podia vê-lo com clareza, e uma estranha sensação de júbilo apoderou-se dela até que reparou que no pescoço dele havia um pendente parecido com o dela.

– Ai, meu Deus! – gritou, assustando as amigas.

– Mas o que se passa agora contigo?

– Olhem para o pescoço dele.

A canária, surpreendida, olhou com atenção e disse em tom de brincadeira:

– *Okay*, não se depila. Vêem-se os pelinhos pela abertura da camisa, mas Montse da minha alma, nessa época não havia metrossexuais. Usavam-se os homens de pêlos no peito.

Julia, ao ouvi-la, declarou sorridente:

– É um *macho man* dos de antigamente. Vá, um homem... homem daqueles que eu gosto.

Montse, ao ouvir as amigas, não pôde fazer outra coisa que não sorrir. Não se referia ao que elas estavam a dizer, e, apontando para o retrato, elucidou-as:

– Não me refiro a isso. Olhem para o pendente que ele traz ao pescoço. Não é muito parecido com aquele que vocês me ofereceram?

As três mulheres, a poucos centímetros do retrato, olharam com curiosidade para o pendente.

– Pois é, linda. Se não é o mesmo, é muito parecido – disse a canária.

Cada vez mais confusa, Montse afastou-se uns passos do retrato para voltar a olhar para ele. Porém, continuava sem entender nada. Ainda não sabia por que sonhava com aquele homem tão varonil e enigmático. Depois de algum tempo em que não ouviu os comentários frívolos das amigas, murmurou:

– O olhar dele é impactante. Adoro!

– Quem não adoraria este tipo? – replicou a canária. – Mas, pelo amor de Deus, filha, viste como está o *highlander*? O tipo é todo musculado, apesar do ar de mal-encarado que tem.

As três mulheres, paradas ante aquele retrato, continuaram a falar durante um bom bocado até que Julia a agarrou pela cintura e lhe disse:

– Montse, é a primeira vez que estou de acordo com o teu gosto em relação aos homens. Um autêntico *highlander* como os que aparecem nos romances que lemos. Ai, meu Deus! Tem todo o ar de ser um homem, mas daqueles a sério, daqueles que eu gosto. Mas, querida, lamento dizer-te que o guerreiro de olhos impressionantes com cara de bruto e que tudo indica ser um *highlander* maciço e determinado, parece-me que quinou há uns quantos séculos. Não me parece que tenhas alguma coisa para fazer.

Aquele comentário fê-la reagir e sorrir. Em que loucuras estava a pensar? Mas nesse momento a canária falou:

– Segundo diz aqui neste cartaz, o tipo dos olhos maciço e determinado chamava-se Declan Carmichael, duque de Wemyss.

O sangue de Montse paralisou ao ouvir aquele título nobiliárquico.

– Duque de Wemyss?! – perguntou com um fio de voz, sentindo que o coração lhe ia sair do peito ao recordar a velha da loja de antiguidades.

– É o que diz aqui.

Com o pânico no olhar, contou às amigas o que a idosa comentara em relação ao espelho, ao pendente e ao duque de Wemyss. Isso voltou a deixá-las boquiabertas, e fizeram mil especulações. Depois de divagar ante o retrato, Julia reparou numa espécie de urna que havia num dos lados do salão com um papel amarelado lá dentro. Depois de o ler, exclamou:

– Mãezinha do céu! Vejam o que diz neste pergaminho. – As outras foram até junto dela e Montse leu: – «Quando me olhares nos olhos e escutares o bater do teu coração, saberás que sou eu.» Assinado, Declan Carmichael, duque de Wemyss.

As três entreolharam-se confusas, no momento em que se ouviu um trovão.

– Vamos embora daqui já! – sussurrou Montse sobressaltada.

Sem olharem para trás, as três mulheres saíram do castelo. Despediram-se dos guardiões e foram até ao carro. Montse olhou para o céu que ficara escuro e viu como começavam a cair umas enormes gotas. Inconscientemente, olhou para a direita. Ali estava o bosque que via nos seus sonhos junto ao lago Tay. Durante uma fracção de segundo desejou ver aparecer o cavalo negro com o seu dono. Mas não. Isso não podia ser verdade. Por fim entraram no carro alugado e encaminharam-se para Perth.

Capítulo 8

Durante os dias em que estiveram em Perth desfrutaram da bonita e mágica cidade, mas Montse não se descontraíu. Só conseguia pensar no sucedido e na estranheza da situação. Não voltara a sonhar com aquele homem, mas sem saber porquê não conseguia deixar de pensar nele. Visitaram o Castelo de Huntingtower e o Palácio de Scone, mas não regressaram ao Castelo de Elcho. Montse recusou-se. Estranhamente, de repente aquele lugar assustava-a e não entendia porquê.

Dias depois, regressaram a Edimburgo. Quando estavam no cómodo e confortável Hotel New Style, Juana perguntou do chuveiro:

– A que horas é a ceia medieval?

– O autocarro que nos leva parte do hotel às cinco e meia. A ceia começa às sete num recinto junto ao rio Leith.

– Tudo isto partindo do pressuposto de que o vento não nos leva e que não chove. Acho que vai cair uma carga de água das boas – comentou Montse, olhando pela janela enquanto tocava no pendente. – Viram o vento que está hoje?

Nesse momento, Juana saiu da casa de banho e, fazendo-as sorrir, observou:

– Recordo-vos que Edimburgo também é conhecida como a Cidade dos Ventos. Vá lá, ponham as vossas vestes medievais e vamos divertir-nos. Com um pouco de sorte hoje levantamos as saias a algum tocador de gaita e vemos se usam tanga ou não.

As três vestiram-se com a indumentária comprada para a ocasião, puseram as suas saias compridas e desceram à recepção do hotel, onde um autocarro a abarrotar as levou junto com centenas de transeuntes até ao porto de Leith. Queriam divertir-se.

A ceia foi curiosa. Toda a gente estava vestida para a ocasião, e parecia que estavam em plena época medieval. Comeram produtos típicos da terra enquanto uns homens com armaduras recriavam combates medievais. A seguir ao espectáculo, todos foram a uma pequena feira, um local onde,

além de se poder comprar pechinchas, também se podia adquirir queijo, uísque ou sabonetes coloridos. O *iPhone* que Montse levava no bolso da saia tocou. Como seria de esperar, era Jeffrey. Depois de suspirar, atendeu.

– Olá, querida, como está a ser a tua viagem?

– Maravilhosa – respondeu sucinta. – O que queres?

Ao notar que ele hesitava, ficou em alerta. Conhecia-o muito bem e não era normal ele hesitar. Por isso voltou a perguntar:

– Jeffrey, o que queres?

– Estou a jantar com Martha e Constantino e lembrei-me de ti. Voltas amanhã? Queres que vá buscar-te ao comboio?

Não, pelo amor de Deus... já voltamos ao mesmo, pensou com desespero.

– Olha, Jeffrey, não sei quando vou voltar e... – mentiu, mas ele interrompeu-a.

– Olha, querida, quando regressares temos de falar. Há uma coisa que quero dizer-te pessoalmente. Por favor, por favor, quando estiveres em Londres, liga-me.

O tom de voz dele inquietou-a. Por isso perguntou:

– O que se passa, Jeffrey?

– Falamos quando voltares.

– Não... – murmurou ela. – Diz-me o que se passa agora. Pelo teu tom de voz, sei que é importante.

Ao fim de um instante em que Montse ouviu o seu ex a resfolegar, ele disse:

– Montse, eu ando a sair com alguém e gosto muito dela. Só queria dizer-te que a nossa relação acabou e...

– Mas isso é perfeito! – Ela riu-se ao ouvi-lo, embora o seu coração tenha dado um salto ao recordar que dias antes, ao comprar o pendente, a velha lhe dissera que podia pedir um desejo. E fora isso que ela pedira.

Ao sentir a sua voz comprometida, Montse, feliz pelo que ele dissera, repetiu:

– Não tens de me dar explicações. Acho que fazes muito bem ao sair com outras mulheres e apaixonar-te por elas. A nossa relação estava terminada e tu sabes disso, não é verdade, Jeffrey?

– Sim. Sei. Mas queria ser sincero contigo e contar-te.

Depois de manter uma conversa interessante com ele, Montse desligou o telefone com um sorriso de orelha a orelha.

– O que foi? – perguntou Juana.

– Meninas, Jeffrey apaixonou-se! Ligou-me para me dizer que conheceu uma tal de Hanna e que me dispensa!

As amigas, ao ouvirem aquilo, olharam-na surpreendidas e aplaudiram divertidas. Passados dez minutos, depois de lhes contar o que ele dissera, Julia murmurou:

– Pois bem... mais um capítulo da tua vida concluído.
– Ai, filha, fico mesmo contente – sussurrou Juana com doçura à sua amiga, que estava feliz com a notícia.

Enquanto caminhavam e falavam sobre isso, Juana disse:

– Vejam onde está o iate real da família da rainha Isabel II. – Todas olharam.
– O *Britannia* é impressionante, que lindo!
– Um encanto. Que luxo. Um assim para o meu Pepe seria fantástico – comentou Julia.

Montse olhou para o céu. Não se vislumbrou uma única estrela e, pela rapidez com que as nuvens corriam ante a esplendorosa lua cheia, soube que ia chover.

– Acho que devíamos voltar para o hotel senão vamos apanhar uma molha.

Porém Julia já tinha visto algo que adorava e gritou emocionada:

– Vá lá... há ali uma cigana que lê o *tarot*. Vamos!

Sem esperar resposta, correu para a pequena tenda amarela e as amigas seguiram-na. Começou a chover. A cigana fê-las sentarem-se. Embora tenha olhado para Montse com curiosidade, primeiro leu a mão a Julia e depois a Juana. Quando calhou a vez dela, abanou a cabeça.

– Não, obrigada, senhora. Não quero saber nada disto.

A mulher sorriu. Era ela! E, pegando-lhe na mão, perguntou:

– Ainda continuas a não acreditar nestas coisas, *princesa*?

Ao ouvir aquilo, Montse olhou pela primeira vez para a cara da cigana. O seu rosto estava envelhecido e murcho e o cabelo branco, mas aqueles olhos violeta tão penetrantes fizeram-na recordar o nome da mulher e gritou:

– Erika, a *Escocesa*!

– Sim, querida... sou eu.

Comovida pela expressão de felicidade que viu na jovem, a cigana levantou-se e abraçou-a. Ambas se fundiram num abraço cheio de calidez e amor. Um amor que durante anos a cigana lhe ofereceu desinteressadamente, nas costas do pai da criança, de cada vez que era o seu aniversário, o Natal ou lhe caía um dente.

– Vocês conhecem-se? – perguntou Julia surpreendida.

As duas concordaram e Montse murmurou emocionada:

– Erika foi o meu anjo-da-guarda quando eu era pequena. Foi ela quem me ensinou que, cantando, por vezes esquecemos as penas e os problemas.

A cigana comoveu-se ao ouvi-la, mas, sem dar importância ao que ela estava a dizer, riu-se e, enquanto reparava no pendente que ela trazia, disse:

– Não liguem à minha princesa. Ela é uma mulher corajosa e especial. Eu só estive ao lado dela para lhe dar beijinhos.

Feliz por aquele reencontro, Montse olhou para a mulher e replicou ainda incrédula:

– Mas... mas o que fazes por estas terras?

A mulher, sentando-se na sua cadeira, fitou-a e disse:

– É como vês... regresssei ao meu lar, à Escócia. E tu? O que fazes aqui?
A última coisa que soube a teu respeito foi que vivias em Londres.

– Sim... sim, vivo lá. Trabalho na EBC, uma loja de roupa de jovens criadores, e estou aqui a passar uns dias com as minhas amigas.

A cigana, encantada, olhou-a e, anuindo, comentou:

– Vejo que te converteste numa mulher linda como as que aparecem nas revistas. – Montse sorriu ao ouvi-la. – Conseguiste um emprego de que gostas?

– Sim... mas ainda não consegui viver num castelo – gracejou.

– Bem, querida... dois em três desejos não é mau, pois não? E quem sabe, o terceiro ainda se pode cumprir.

Divertida com aquilo, Montse abraçou-a e a cigana e disse:

– Venham. Entrem para a minha caravana.

Durante mais de uma hora, as mulheres permaneceram lá dentro a conversar com ela. Depressa ficaram a par das respectivas vidas, até que o barulho do vento lhes chamou a atenção.

– Ui... a ventania que se está a levantar... – comentou Juana ao ver como a caravana abanava.

– Não te preocupes. – A cigana riu-se. – Este vento é normal.

A luz pareceu que ia falhar, mas voltou. Só faltava isso, que falhasse a luz.

– Ai, meu Deus, Erika! – gritou Montse de repente. – Não me digas que a bola que tens ali é a mesma bola de cristal de quando eu era pequena.

A cigana anuiu e Montse, levantando-se, foi até ela. Ali estava a bola de cristal transparente que durante anos venerara com autêntico amor. Sem conseguir evitá-lo, pousou as mãos sobre ela e sorriu. Enquanto Juana e Julia conversavam sentadas num pequeno sofá, a cigana foi ter com ela e perguntou:

– Queres pedir três desejos? Sempre gostaste de o fazer.

Montse sorriu e a mulher, pegando na bola, levou-a até uma mesinha para que todas a vissem. Uma vez todas sentadas em volta dela, a cigana voltou a insistir:

– Queres pedir três desejos, querida? Pensa que dois dos três que pediste se cumpriram, e continuo a pensar, filha, que «a tua felicidade está no passado». Não o negues a ti mesma.

– ... isto deve querer dizer que tenho de dar outra oportunidade a Jeffrey – brincou Montse ao ouvi-la.

– Ai, filha, nem pensar! – retorquiu Juana.

Montse, pondo as mãos em cima da bola, comentou em tom trocista.

– Já sabes, Erika, que eu não acredito nestas coisas.

– Eu sei, princesa. Mas estás na Escócia, terra das lendas. E aqui o impossível pode acabar por se tornar possível – retorquiu a mulher, olhando

para o pendente.

– Vá lá, não sejas mau feito – recriminou-a Julia. – Pede alguma coisa que seja uma boa aventura para as três. Alguma coisa impensável.

– Com homens impressionantes, luxúria e libertinagem – acrescentou Juana.

– Aventura impensável com homens impressionantes, luxúria e libertinagem? – repetiu Montse a rir, e elas concordaram.

Divertida com as coisas que as amigas diziam, a jovem olhou para a cigana e perguntou:

– Posso pedir um desejo colectivo?

– Sim. – A cigana sorriu. – Nunca se sabe o que se pode cumprir.

Um trovão fez o chão estremecer e Montse surpreendeu-se fechando os olhos e dizendo:

– Desejo conhecer o homem que aparece nos meus sonhos.

– Hum... Que romântico! Podes pedir outro homem para mim? – perguntou Juana divertida.

– Está bem... incluo um homem para Juana no lote – riu-se ao dizer aquilo.

– O teu segundo desejo? – perguntou a cigana de olhos brilhantes, enquanto a chuva fustigava com fúria o exterior da caravana.

– Que essa aventura dure vários meses e que esteja acompanhada pelas minhas duas amigas.

– Oh, sim... que maravilha! – gracejou Julia ao ouvi-la.

– E o teu terceiro desejo? – tornou a cigana a perguntar.

Mas quando Montse ia para responder, ouviu-se um ruído infernal e a luz apagou-se. Assustadas, saíram da caravana. Um raio caíra ali perto e partira um enorme carvalho em dois, além de ter provocado um apagão geral em Edimburgo. Ao ver a situação, Montse olhou para a cigana e disse:

– Acho que é melhor irmos embora. Amanhã estarás por cá?

– Não te preocupes, querida, vais encontrar-me.

– Perfeito! Amanhã, antes de ir para o aeroporto, passo por cá para te dar um beijo.

Dito isto, Montse abraçou a mulher e encaminhou-se junto com as amigas para o autocarro que regressava ao hotel. A morrerem de riso e mergulhadas na escuridão, arregaçaram as complicadas saias compridas e correram pela margem do porto. De repente, Montse tropeçou em alguém e, depois de se agarrar às amigas, as três caíram nas águas escuras do porto de Leith.

Capítulo 9

– Raios te partam, Montse! És mesmo desastrada – bradou Julia depois de conseguir sair da água por uma pequena escadinha rústica de madeira. – Mas para onde ias a olhar?

– ... admito que sou desastrada. Lamento! – desculpou-se, afastando o cabelo emaranhado da cara, enquanto as pessoas à sua volta continuavam a correr para se resguardarem da chuva. – Devo ter chocado com alguém e... não sei... não sei o que aconteceu.

– Ai, meu Deus.... Estou enregelada. Tenho os mamilos como se fossem dois botões – murmurou Juana com o cabelo todo colado à cara.

De repente as três olharam umas para as outras e desataram a rir. A situação era do mais rocambolesca possível: estavam no porto de Edimburgo, encharcadas, com a maquilhagem a escorrer-lhes pela cara e um aspecto terrível. Assim que se acalmaram, olharam para onde, minutos antes, estava o autocarro que as levaria directas ao hotel.

– Perfeito! Foi-se embora. Agora vamos ter de apanhar um táxi e quando ouvirem o nosso sotaque estrangeiro vão-nos esfolar. Já vão ver – resmungou Julia.

– Mãe do céu, que escuridão – sussurrou Montse olhando em volta. – A cidade inteira ficou às escuras. Que grande apagão!

– Ui... não se vê um maldito carro – queixou-se a canária. – Mas, se bem me lembro, podemos subir por ali quase até ao castelo.

– Mas está a cair um dilúvio! – queixou-se Julia.

Passou diante delas uma velha carroça. Devia ser dos feirantes, e Montse, fazendo-a parar, perguntou:

– Vocês vão para o castelo?

O casal, intrigado com o sotaque dela, olhou-a, observou as três jovens e aquiesceu. Montse voltou à carga:

– Será que nos podem levar até lá? Ficaríamos muito... muito... muitíssimo agradecidas.

Passados cinco minutos, as três iam sentadas na parte de trás da carroça, encharcadas e a morrerem de frio. Pouco depois a carroça parou e a mulher do feirante, descendo, disse-lhes:

– Têm de se apelar aqui. Nós vamos a caminho de Glasgow. Mas se subirem por essa ladeira chegarão aos muros da fortaleza.

Congeladas, desceram da carroça e, depois de agradecerem ao casal, começaram a andar na direcção que a mulher lhes indicara. Assim que chegaram a um dos muros do castelo, contornaram-no e desembocaram numa rua escura e pestilenta empedrada.

– Que pivete – queixou-se Julia.

– Cheira pior do que o bafo de uma hiena – gracejou Montse.

As outras duas taparam o nariz com a mão e concordaram. Onde estavam para que houvesse aquele fedor a podre? Passados cinco minutos, depois de deixarem o mau cheiro para trás, começaram a subir uma ladeira e Juana gritou encantada:

– Estamos a ir pelo bom caminho. Lembram-se desta viela e deste arco? – As amigas abanaram a cabeça e ela prosseguiu: – Se bem me recordo, no outro dia parámos ali para admirar o Hub. Ou, como disse Julia, «a coisa», aquela que só tem cento e cinquenta anos, estão lembradas?

– Ah, sim. Lembro-me – respondeu Montse, a bater os dentes.

– Vá lá, coragem, meninas. O nosso hotel está atrás do Hub.

– Ai, meu Deus – sussurrou Julia. – Estou desejosa de chegar para tirar esta roupa e tomar um banhinho quente.

Assim que chegaram à viela, as três estacaram. Foi Julia a primeira a falar:

– Não vejo nada, o apagão afectou Edimburgo toda.

Montse e Juana afastaram a água que lhes corria pelos rostos. Era estranho, mas diante delas havia apenas escuridão. Não se via a cúpula do Hub.

– Que estranho – sussurrou a canária, tentando ver para lá do dilúvio. – Ia jurar que o Hub era ali.

– Pois das duas, uma, ou encolheu com a chuva ou não é ali – queixou-se Julia.

– Talvez te tenhas enganado na rua. – Montse suspirou e tirou o seu *iPhone* roxo do bolso. – Vá, vamos continuar a andar.

Enquanto caminhavam na escuridão, tentou ligar o *iPhone*. Foi inútil. O aparelho estava encharcado por causa do mergulho no porto.

– Porra! Mas onde se metem os malditos táxis quando são precisos? – grunhiu Juana ao olhar em volta.

A rua estava escura como a boca de um lobo e não havia ninguém, a não ser uns homens e umas mulheres com aspecto horroroso que andavam por ali.

– O meu *iPhone* não liga, está em coma! Vejam se os vossos telemóveis têm rede para podermos chamar um táxi.

Juana tirou o seu do bolso e, depois de tentar ligá-lo, trovejou:

– Merda! O meu *Blackberry* está encharcado e não *funcemina*. Com a pipa de massa que me custou...

– O meu telemóvel também não. – Julia suspirou. – Mas não é de estranhar. Com o banho que tomámos no porto, é para isso e para muito mais.

De repente Juana reconheceu algo e gritou:

– Olhem! Aquilo é o Grassmarket. Ali está a fonte West Bow.

Felizes por encontrarem um ponto de referência, as três correram até à fonte. De certeza que passaria um táxi por ali. Porém surpreenderam-se ao encontrar a zona sombria e solitária.

– Bolas... realmente, Edimburgo à noite é uma cidade tenebrosa – comentou Julia olhando em volta. – Estou a ficar com os cabelos em pé.

– A quem o dizes – concordou Montse.

De súbito ouviram uns gritos e, sem hesitar, correram na direcção de onde parecia haver distúrbios. Ao cimo da rua, quatro homens assaltavam uma mulher e uma criança. Tinham-nas encurralado contra uma parede e, pela cara delas, Montse percebeu que estavam com medo. Um homem que desceu de uma carruagem com cavalos tentou ajudá-las, mas eles bateram-lhe e ele caiu no chão. Um dos ladrões subiu para a carruagem e, picando os cavalos, desapareceu com ela. Irritada com aquilo e sem pensar, Montse colocou-se diante dos assaltantes e, surpreendendo todos, gritou:

– Ei, vocês aí! O que raio estão a fazer?

Os homens olharam para ela. O que parecia ser o chefe do bando avançou até Montse e esta, ao ver o seu aspecto sujo e desalinhado, comentou:

– Pelo amor de Deus, tens mesmo ar de reles!

Ninguém se riu a não ser ela e Juana. Por isso os homens, afastando-se das suas primeiras vítimas, viraram-se para Montse e as outras duas mulheres.

– Três moças e, pelo que vejo, com vontade de se divertirem – disse outro homem, aproximando-se do chefe.

Surpreendidas pelo mau aspecto deles, Juana sussurrou às amigas:

– Mas de onde vêm estes tipos?

– No mínimo, e pelo pivete, do esgoto mais próximo – respondeu Montse, atenta aos movimentos dos ladrões. Estava claro que as iam atacar.

Um deles moveu-se pelo lado direito de Montse e ela, sem lhe dar tempo, desferiu-lhe um pontapé no estômago que o deixou inconsciente. Impressionados, os homens olharam para ela, mas acto contínuo o segundo atacou-a com um pau na mão. No entanto, Montse, com uma maestria incrível, agachou-se e, tirando-lhe o pau das mãos, deu-lhe com ele nas pernas e o homem caiu de bruços no chão. Nesse momento, Julia, após um olhar de Montse, correu até junto da velha.

– Tenha calma, minha senhora – sussurrou-lhe Julia, sentando-a num

degrau. – É karateca e das boas.

A mulher olhou-a com ar intrigado e a seguir verificou que a menina que ia com ela estava bem. Ia para perguntar qualquer coisa quando um grito do terceiro homem atraiu a sua atenção. A rapariga que os enfrentava agarrara-o pelo pescoço e, como se ele fosse uma pena, atirou-o ao chão e deu-lhe um murro seco no peito. Depois disso libertou-se do quarto atacante atirando-o para trás com um pontapé e não foi preciso fazer mais nada. Juana tinha pegado no pau que Montse largara momentos antes e deu-lhe uma pancada com ele nas costas. O homem ficou estendido no chão ao lado dos amigos.

Uma vez passado o perigo, Montse olhou para a amiga.

– Que grande paulada deste ao guedelhudo – comentou a rir-se.

Juana largou o pau com um sorriso e retorquiu:

– Assim que puderes, lava as mãos, filha. Estes tipos têm mais merda em cima do que o poleiro de um galinheiro.

Depois de trocarem um olhar divertido entre elas, encaminharam-se para Julia e as outras duas, que as olhavam passadas.

– Estão todas bem? – perguntou Montse aproximando-se delas, enquanto Julia ajudava o homem que, junto destas, parecia recuperar a consciência.

As desconhecidas olharam-na incrédulas ante o que aquela jovem tinha feito, e foi a mais velha, uma mulher de cabelos grisalhos, quem falou com voz preocupada:

– Estás bem, rapariga?

– Sim, senhora. Não se preocupe. As aulas de *karaté* servem para alguma coisa.

A menina, de uns seis ou sete anos, loirinha e com uns lindos olhos azuis, saiu de entre as saias dela e, com um sorriso encantador, disse:

– És forte como o meu pai.

Aquele comentário fez Montse sorrir, e piscou-lhe um olho. A criança sorriu.

– Obrigada, querida. E foi porque trazia esta roupa desconfortável – disse, indicando a indumentária. – Porque, se me apanhasse com as minhas calças de ganga e as *Nike*, limpava-os aos quatro num abrir e fechar de olhos.

Julia ajudou o homem a levantar-se. Depois de verificar a ferida que ele tinha na cabeça, disse:

– Creio que vai precisar de um par de pontos na testa. O melhor é tratar dessa ferida o quanto antes, está bem?

O homem concordou e a mulher de cabelos grisalhos perguntou:

– Thomas, estás bem?

O homem, tocando no enorme galo que aparecera num instante, sussurrou:

– Sim, *milady*, mas... mas... levaram a...

Ao ouvirem a palavra *milady*, Montse e Juana entreolharam-se e sorriram. A mulher, aproximando-se preocupada do homem, respondeu com ar angustiado:

– Thomas, não te preocupes com nada. O importante é que estás bem e que esses canalhas se foram embora.

– Mas a bagagem... senhora, eu... – murmurou ele, e a idosa voltou a interrompê-lo:

– Isso não importa, Thomas. Só me preocupa saber se estamos todos bem. Vai para dentro e Margaret que te veja essa ferida feia. Depois ordena que preparem outra carruagem. Quero sair o quando antes de Edimburgo.

– Vocês também vêm da ceia medieval? – perguntou Julia.

A sua indumentária era parecida com a delas, embora melhor confeccionada e, sobretudo, de melhor qualidade. Mas o que lhes chamou a atenção foi que estavam secas.

– Íamos partir de viagem quando esses homens nos abordaram – respondeu a mulher.

– Roubaram-vos a bagagem? – perguntou Julia, e eles anuíram.

– Que filhos-da-mãe! – sussurrou Juana.

Começou a chuveisar, e a idosa, um tanto nervosa, perguntou:

– Querem entrar e secar-se um pouco?

As jovens entreolharam-se, mas depois de se entenderem sem falarem, Montse respondeu, enquanto começavam a andar rua acima:

– Agradecemos, senhora, mas não queremos causar mais incómodo, e ainda para mais quando vão de viagem. Além disso, para ser sincera, não vejo a altura de chegar ao nosso hotel para tomar uma chuveirada quentinha, beber um café bem quente e enfiar-me na cama.

– Não é boa ideia deambular pelas ruas. Passamos por tempos maus – avisou-as a mulher, olhando em volta.

– Não se preocupe. Coitado daquele que se atrever a dizer-nos um «ai» – comentou Montse com um sorriso.

Sem mais delongas, despediram-se e continuaram o seu caminho, enquanto a idosa, plantada à porta da sua casa, as olhava com ar preocupado.

Capítulo 10

– Quem é esta gente? – perguntou Julia, virando-se para as amigas, enquanto Montse pegava de novo no *iPhone* e tentava ligá-lo.

Ao dobrarem uma esquina tinha-lhes aparecido uma pequena praça. Ali, uma vintena de mulheres descansavam no chão, amarradas com cordas e com um aspecto miserável, enquanto uns homens toscos e ruidosos bebiam cerveja não muito longe delas.

– De certeza que são os do filme do outro dia. Pela antiguidade da zona, gravam-se aqui muitas séries e filmes da época medieval – respondeu Montse depois de desistir de tentar ligar o *iPhone*, ao olhar para as mulheres de roupas e aspecto sujos que estavam diante delas.

– Mãe do céu! – Juana riu-se. – A ambientação é um espectáculo. Qualquer pessoa diria que é real.

– É o que te digo. Isto é para ganhar um Oscar – concordou Julia.

Divertidas com o que viam, Juana continuou:

– Repara naquele tipo que está a falar com esse grupo. Já viste o arzinho dele? Até as cicatrizes parecem verdadeiras...

Sem disfarçar, a espreitarem na esquina, as três olhavam para o homem que Juana indicava. O aspecto dele era temível. Estava sujo e esfarrapado. E, ao abrir a boca para protestar, repararam que lhe faltavam vários dentes. Algo comum entre todos os que o rodeavam.

– Esse deve ser o grande vilão do filme. Tem todo o ar disso – comentou Montse divertida.

– Totalmente de acordo contigo – concordou Julia e, olhando em volta, perguntou: – E quem fará de herói? Olha que se for o Gerald Butler, não saio daqui enquanto ele não der um autógrafo e dois beijinhos.

Juana, agachando-se, tocou no braço de uma das mulheres e falou-lhe:

– Olha, desculpa lá, o que estão a gravar?

A rapariga, ao ouvir uma voz atrás dela, virou-se. Apesar da escuridão da noite, via-se a sua cara suja e, entre cochichos e com um estranho sotaque

escocês, disse:

- Não parem e continuem a andar. Fugam!
- Como? – perguntou Juana sem entender.
- Se John Kilgan reparar em vocês, não poderão escapar. Ide embora!

Sem entender nada, Juana olhou para as amigas. Montse, agachando-se junto da rapariga, perguntou:

- Quem é John Kilgan?

A jovem, virando a cara na direcção do homem que elas tinham estado a observar antes, disse sem apontar para ele:

– Ele, e se vocês não querem problemas, tenham cuidado para ele não vos ver.

Montse entendia cada vez menos. Aquilo parecia tão real que até ficou com pele de galinha. Então Julia interveio.

– Está bem... entendemos-te. Estão a meio de uma cena. Mas isto é para um filme ou para uma série?

A rapariga olhou-a sem entender o que ela dizia, e ia para responder quando, de repente, apareceram na praça uns homens a cavalo e organizou-se ali um grande rebuliço. Outros homens de aspecto não menos desmazelado do que os que estavam a beber na praça começaram a lutar duramente com espadas. Isso impressionou-as.

- Corram... corram enquanto podem!

Com ar divertido, Montse e as suas duas amigas afastaram-se a correr. Na praça tinha começado a acção, e que acção, e não queriam estragar o *take*.

– Que incrível – riu-se Julia enquanto caminhavam pela rua abaixo. – Não me admira que depois, quando vemos os filmes na televisão, tudo pareça tão real. Foi o máximo! Viste como aquele tipo lutou com a espada? Ui... parecia que passava a vida nisso.

Mas o que no princípio começou como algo divertido, à medida que os segundos passavam ia-se tornando mais real. As pessoas corriam ao seu lado com ar aterrorizado e, ao dobrar uma esquina, a canária murmurou, parando:

– Ai, filha, acho que me vai dar um princípio de enfarte a qualquer momento.

Ante ela havia uma grande extensão de terreno pejado de árvores, fogueiras e pequenas e velhas casas de madeira e palha, quando o que devia estar ali era a cidade nova de Edimburgo, com as suas luzes e as suas pontes.

– Vamos lá ver, o que tens agora? – inquiriu Montse, cansada de andar por aquelas ruas empedradas e olhando para uma mulher de idade que parecia gritar algo noutra língua.

Juana, colocando-se diante das amigas, que continuavam a olhar para as pessoas que passavam por elas a correr, gritou histérica:

– Onde está o que deveria haver aqui? Supostamente é aqui que devia começar a New Town. E... e... e... Mas... mas, meu Deus, onde estão as estradas, os semáforos e os carros?

– Estamos na zona antiga da cidade. Não fiques histérica. Deves ter-te enganado – tranquilizou-a Montse, aproximando-se dela.

Mas Juana, tirando do bolso da sua saia um mapa da cidade, abriu-o com cuidado (ainda estava molhado) e gritou fora de si:

– Não... Não me enganei. Sei onde estamos e aqui devia estar a New Town, não estes casebres terceiro-mundistas de palha – disse, apontando para o mapa encharcado. – Ali devia estar o McDonalds onde jantámos há uns dias... – vociferou Juana – e ali, a loja de licores onde Julia comprou o uísque escocês para Pepe. E... e... o nosso hotel devia estar ali... Ali!

– Ai, mãe!... – murmurou Montse, olhando em volta.

– *Poças!* – gritou a canária horrorizada, apontando para a sua direita: – Mas... mas o Hub, o edifício com aquela coisa, também não está ali.

Montse e Julia entreolharam-se assustadas e um vento estranho fê-las arrepiarem-se.

– Ai, meu Deus... – sussurrou Julia, ao olhar em frente e ver os casebres.

Montse virou-se para olhar para o sombrio e sólido Castelo de Edimburgo em cima da colina e, com voz baixa, perguntou-se:

– Mas onde estamos?

Capítulo 11

No entanto, não teve tempo de pensar nem de reflectir. Um grupo numeroso de pessoas, entre as quais Montse reconheceu várias das mulheres que tinham visto antes, vinha pela rua abaixo na direcção delas e, sem saberem porquê, começaram a correr.

– O que foi agora? – perguntou Julia ofegante entre a multidão.

– Não sei... mas corre – gritou Montse, de mão dada com Juana.

A gritaria das pessoas era incrível. Mulheres, homens e crianças corriam de um lado para o outro, enquanto uns homens a cavalo os perseguiam. De repente a tranquilidade do lugar tornou-se uma loucura. Os casebres começaram a arder, as pessoas caíam ensanguentadas à sua volta e elas não sabiam para onde se virar. Paralisadas como nunca nas suas vidas, pararam diante de um homem que brandia uma espada em frente a outro, quando Montse ouviu o grito de uma mulher. Ao virar-se, deparou com a rapariga com quem tinham estado a falar minutos antes e que tentava libertar-se de dois homens. Sem pensar duas vezes, foi até junto deles e, dando um pontapé no estômago de um, que o fez dobrar-se ao meio, e um murro ao outro que o deixou K.O. olhou para a rapariga e gritou:

– Mas o que se passa aqui?

A rapariga, com o horror e o medo reflectidos no rosto, gritou e saiu disparada a correr em direcção ao bosque:

– Sigam-me se querem viver!

Sem pensar, Montse deu um empurrão às amigas paralisadas e fê-las correr atrás da rapariga. Na sua corrida, os ramos arranhavam-lhes a cara e os braços, mas elas corriam e corriam sem olharem para trás, enquanto ouviam o crepitar do fogo a devorar os casebres e os gritos das pessoas assustadas. Não sabiam quanto tempo estiveram a correr atrás daquela rapariga, mas as suas pernas pareciam não querer parar. Estava a amanhecer, mas, pela pressa dela, intuía que alguém as seguia e que tinham de escapar. A jovem de aspecto maltrapilho estacou e, com o olhar transtornado, observou em volta. De repente deu um

salto e, depois de afastar uns ramos de uma pedra, gritou:

– Aqui dentro... rápido!

Juana e Julia foram as primeiras a entrar, seguidas por Montse e pela rapariga que, uma vez no interior, largou os ramos. As teias de aranha da pequena caverna depressa se colaram aos seus cabelos e caras, e se Juana não tivesse tapado a boca a Julia, esta teria gritado como uma louca. Odiava aqueles bichos. A jovem, pondo a mão nos lábios, pediu-lhes silêncio e elas, sem entenderem o que se passava, obedeceram. Segundos depois ouviram o galopar de vários cavalos e um homem que gritava:

– Vocês vão por aquele caminho. Nós continuaremos pela direita.

Pouco depois, o barulho dos cavalos afastou-se e o silêncio do bosque inundou o lugar. Julia e Juana, acoradas num pequeno espaço, entreolhavam-se com os olhos arregalados, enquanto a jovem a quem tinham seguido respirava com dificuldade. Nenhuma falou até terem passado uns minutos, quando os primeiros raios de Sol entraram através da ramagem. Foi então que Montse, atraindo o olhar da rapariga, sussurrou:

– Não sei quem és, nem por que esses homens nos perseguiram, mas quero que me expliques agora mesmo o que acabo de te perguntar.

Depois de recuperar o fôlego, a jovem anuiu, sentou-se no chão e, afastando o cabelo ruivo emaranhado e sujo da cara, murmurou:

– Chamo-me Edel Givens e vivo nas proximidades de Perth. Há uns dias o meu irmão Colin e eu decidimos adiar a nossa viagem de regresso ao castelo para dar as condolências a um familiar quando uns malfeitores nos atacaram.

– Com os olhos alagados em lágrimas, murmurou: – Acho... acho que mataram o meu irmão, e a mim, pelo que ouvi uns homens dizerem, John Kilgan pretendia vender-me pelo melhor preço. Depois apareceram vocês com as vossas perguntas estranhas e a seguir uns guerreiros atacaram John Kilgan e conseguiram escapar. O resto... já sabem.

As três amigas entreolharam-se incrédulas. Guerreiros? Malfeitores? Mas o que lhes estava aquela rapariga a contar? Ao ver que permaneciam em silêncio, a rapariga levantou-se e sussurrou:

– Tenho de regressar a casa e informar do sucedido. Não quero que ninguém se angustie mais do que já deve estar. Oh, meu Deus... a minha senhora tinha razão. Devíamos ter regressado ao castelo com ela e esperar que a questão da Coroa se resolvesse.

– Questão da coroa? – perguntou Montse.

– Sim. Até que os clãs se reúnam e decidam a aclamação ou repúdio de Maria e Guilherme de Orange como futuros reis.

Surpreendida com aquilo, Juana perguntou:

– Orange? Mas quem são eles, filha?

Ao ouvir aquela pergunta, a rapariga olhou-as espantada e respondeu:

– Os que querem destronar Jaime II. Maria, a sua filha, e Guilherme são...
– Mas o que estás a dizer? – interrompeu Julia. – Não sou nenhuma luminária a História, mas sei através da imprensa cor-de-rosa que a rainha é Isabel II. Sabem, a ex-sogra de *lady* Di e Sarah Ferguson.

Agora a surpreendida era a rapariga e, fitando-as com uma expressão indecifrável, inquiriu baixinho:

– Quem são Isabel II, *lady* Di e Sarah Ferguson? – As jovens entreolharam-se e ela continuou: – Maria e Guilherme de Orange querem obter a soberania da Escócia, como têm de Inglaterra e da Irlanda. Mas de que estão vocês a falar?

O ar aturdido da canária era impagável. Montse ia para falar, mas Julia adiantou-se:

– Ai, meu Deus, mas quem são esses?

A rapariga, convencida de que as suas companheiras de refúgio estavam mais despistadas do que ela, disse, prendendo o cabelo numa trança:

– Olhem, não sei de que soberanos vocês estão a falar, mas o que sei é que Maria II é filha de Jaime II, da dinastia dos Stuart, e Guilherme provém do ramo dos Orange. Casaram-se há uns anos e...

– Edel – interrompeu-a Montse. – Em que ano estamos?

– Em 1689.

– Ai, meu Deus, que me dá uma coisinha má – murmurou Montse, abanando-se com a mão.

Ao ouvir aquilo, Juana levantou-se como uma seta e gritou enlouquecida:

– Como? Mas... mas o que está esta doida varrida a dizer? Como vamos estar em 1689... se estamos em 2010?

– 2010?! – murmurou Edel boquiaberta, enquanto a canária continuava.

– Bem, Espanha acaba de ganhar o Mundial de Futebol. Clonam-se ovelhas. Obama é presidente e Hugh Grant faz cinquenta anos. Como vamos estar há milhentos anos atrás? – Tirando algo do bolso, olhou para a rapariga e gritou: – Olha, isto é um *Blackberry* de última geração, e que eu saiba, na época em que tu dizes não existiam estas engenhocas. Ou estarei enganada?

– Ai o meu Pepe! Ai, a irritação que lhe vou causar! – bradou Julia ao pensar no marido.

A jovem olhou com curiosidade para o objecto que Juana tinha na mão. Nunca tinha visto nada igual. Surpreendia, sentou-se e ouviu-as falar.

– A cigana... isto é culpa do estupor da cigana – sussurrou Julia e, virando-se para a amiga, perguntou: – Mas que raio desejaste?

– Eu? – sussurrou Montse, branca como a neve.

– Sim, tu. E agora não faças cara de parva, que tu pediste os desejos – gritou Julia.

Montse, perdendo a cabeça ante o surreal da situação, gritou:

– Recordo-vos, minhas lindas, que tu querias uma aventura impensável, e tu, homens, luxúria e libertinagem.

– Mãezinha do céu! – sussurrou a canária ao ouvi-la. – Se encontrarmos tudo isso, estamos feitas ao bife!

– Mas... mas eu sou casada. Ai, o meu Pepe! Vai pensar que o abandonei – gemeu Julia.

Montse, consciente de que aquilo era pior do que um filme de terceira categoria, olhou para as amigas e, como fazia sempre que bloqueava, começou a trautear uma canção. Porém, ao ver o olhar assassino de Julia, calou-se.

– Pediste para conhecer o homem que aparecia nos teus sonhos e que isto durasse uns meses, até ao Natal...! – ironizou a canária. – Ai, filha, dá-me uma chapada a ver se acordo. Devo ter dado uma pancada daquelas e estou a sonhar com algo que não existe.

– Não me tentes... não me tentes – bufou Montse desconcertada.

– Vamos morrer! – gemeu a canária de modo teatral.

– Pedi dois desejos, falta um! – gritou Montse e, ao aperceber-se disso, continuou: – Erika, a *Escocesa*, ouve-me. Tenho um desejo pendente e o meu desejo é que regressemos já à nossa época! Ouviste-me, maldição?

Durante uns segundos, as jovens entreolharam-se e, ao ver que não acontecia nada, a canária murmurou:

– Parece-me que não te ouviu.

– Cigana! – bradou Julia. – Manifesta-te, dá a cara!

Montse, consciente pela primeira vez de que aquilo estava mesmo a acontecer, murmurou:

– Erika disse que isto era a Escócia, terra de lendas, e que o impossível podia ser possível e...

– E como vamos amanhar-nos aqui durante esse tempo? – gritou Julia fora de si. – Como vamos sobreviver? E, sobretudo, o que explico ao meu Pepe quando regressar?

– Pelo amor de Deus... queres parar de mencionar o teu Pepe? – grunhiu Montse.

– Não... não quero – gritou Julia.

– Não quero ficar uns meses aqui nem a brincar! – queixou-se Juana.

A jovem, que até ao momento permanecera calada a ouvir aquela gíria incompreensível e a vê-las mexerem as mãos e fazerem gestos estranhos, inquiriu:

– O que se passa convosco? A que se deve esta algazarra?

Ao ouvirem-na, as mulheres olharam para ela e, com ar aturdido, tentaram fazê-la entender durante horas aquilo que nem elas conseguiam compreender.

Capítulo 12

Depois de muito falarem, discutirem, chorarem, cantarolarem e rirem, sem entenderem o que tinha acontecido, decidiram sair do pequeno esconderijo. Precisavam de se esticar. Primeiro saiu Edel, depois Montse e a seguir as outras duas.

– E agora, o que fazemos? Para onde raio é que vamos? – perguntou Juana.

– Não queriam aventura? Então tomem aventura! – murmurou Montse, encolhendo os ombros.

– Quero voltar para o meu Pepe – clamou Julia consternada.

– E eu tenho fome, frio e quero regressar ao hotel.

Incapaz de continuar a ouvir as queixas contínuas das suas duas amigas, Montse por fim fechou os olhos, suspirou e disse entre grunhidos:

– Está certo. Lamento. Lamento que por minha culpa vocês estejam metidas neste imbróglio impossível de acreditar. E juro-vos que no dia em que voltar a ver Erika, a *Escocesa*... por muito carinho que sinta por ela, dou cabo dela!

– Eu ajudo – ofereceu-se a canária, e Montse prosseguiu:

– Será que vocês não acham que me estou a passar? – gritou, livrando-se de uma espécie de verme que lhe subia pela saia. – Oh, meu Deus, que nojo! Isto... isto... é uma coisa incrível e... e... dêem-me tempo para pensar! Estou tão surpreendida e assustada como vocês e não sei que mais dizer ou fazer a não ser acompanhar Edel vá ela para onde for. – Uma vez ditas estas palavras, um gemido penoso escapou-se-lhe da garganta.

Nesse momento, as amigas olharam para ela. Montse nunca chorava nem se lamentava. Era uma mulher positiva e forte. E depois de trocarem um olhar mais do que significativo, Julia disse baixinho:

– Se tu choras, eu assusto-me. Não chores, por favor, e desculpa-nos.

Com carinho, Juana consolou a amiga e perguntou:

– Nós encorajámos-te a pedires esses desejos, minha querida. E anda lá, seca essas lágrimas. Estou convencida de que se isto aconteceu foi por algum motivo. Vamos olhar para o lado positivo.

Montse fitou-a. Quis perguntar «Qual é o lado positivo?», mas a única coisa que conseguiu articular foi um queixume de frustração. Não havia nada positivo.

– Bom... vá lá, podia ter sido pior. Além disso, se bem me recordo, no teu desejo pediste um gajo jeitoso para mim. Para mim! – repetiu a canária, fazendo-as sorrir. – Sejam positivas, já temos uma amiga, Edel.

Ao ouvir o seu nome, a rapariga olhou para elas e, ao ver que as três sorriam, suspirou desejosa de partir.

– Posso fazer-vos uma pergunta? – As jovens concordaram. – Como se chama? Porque vocês sabem que me chamo Edel Givens, mas eu ainda nem sei como vos devo de chamar.

As três entreolharam-se e Montse, secando as lágrimas, mostrou um sorriso que fez as amigas perceberem que não viria nada de bom dali.

– Edel, o meu nome é Cindy... Cindy Crawford! – respondeu.

Elas olharam-na surpreendidas, mas a canária, aproveitando o momento, disse: – Eu sou Paris Hilton!

– E eu... Norma Duval! – exclamou Julia com convicção.

A jovem olhou-as sem entender as suas mudanças radicais de humor e, suspirando pela viagem que as esperava, disse:

– Muito bem. Cindy, Paris e Norma, podemos empreender a viagem?

Capítulo 13

Umas quantas horas depois, com os pés desfeitos, fartas de caminhar e esgotadas pelo sucedido, Julia, sentando-se no chão, gritou:

– Rendo-me. Não aguento mais. Se tenho de morrer, quero morrer agora. Já!

Surpreendidas por aquilo, as mulheres olharam para ela e Montse respondeu:

– Levanta o rabo agora mesmo se não queres que eu te mate.

Julia ia para responder quando, de repente, se ouviu o barulho de cascos de cavalos. Depressa, e aconselhadas por Edel, as raparigas esconderam-se no bosque denso, atrás de uns enormes carvalhos. Apareceu uma dúzia de homens a cavalo e, pelo seu aspecto, pareciam ferozes e depravados. Ao vê-los, Montse sentiu um aperto no coração. Aquilo não parecia nada bem. Porém, inexplicavelmente, Edel gritou:

– Alaisthar! Alaisthar Sutherland!

O homem de cabelo arruivado que ia à frente parou o seu imponente corcel e virou-se. Depois de observar durante um bocado a rapariga que gritara o seu nome, sussurrou incrédulo?

– Edel! Edel Givens?

A rapariga, emocionada por encontrar um rosto amigo, anuiu e soluçou. Um instante depois, após apear-se do cavalo, o homenzarrão correu a abraçá-la.

– Edel, estás bem? – Ela aquiesceu. – Por todos os santos, rapariga, Colin está preocupadíssimo contigo. Ele...

– Colin está vivo? – gritou ao pensar no seu irmão.

– Sim... – respondeu com carinho enquanto observava que havia mais mulheres. – As suas feridas estão a sarar bem. Não te preocupes. Declan encarrega-se dele.

Emocionada com o que estava a ouvir, Edel tapou a boca e conteve um gemido. O seu irmão, o seu querido irmão, estava vivo e a salvo.

Com o medo ainda no corpo, Montse aproximou-se de Juana e perguntou-lhe em sussurros:

– Estes tipos são *highlanders*?

A amiga anuiu e, com ar de admiração, sussurrou, fazendo Montse rir:

– Ai, filha... sim. E creio que acaba de chegar a minha parte do desejo.

Alaisthar, um homem de imponente envergadura, cabelos arruivados e olhos claros, sorriu ao sentir a agitação dela, enquanto os seus homens observavam as três mulheres que os olhavam com ar assustado.

– Quem são elas? – perguntou Alaisthar.

Edel, afastando o cabelo da cara, foi até junto das jovens e disse:

– Cindy, Paris e Norma. Fugimos juntas da crueldade de John Kilgan e... e... gostaria de as levar connosco para o castelo. Necessitam de abrigo.

– Olá, jeitoso! – cumprimentou Juana, levantando a mão a modos de cumprimento enquanto este a olhava com seriedade.

Aproximando-se delas, o ruivo olhou-as uma a uma. Pelo seu aspecto desalinhado e sujo, aquelas mulheres deviam ter passado por um inferno como Edel, e depois de assestar o seu olhar na jovem que o cumprimentara, disse:

– Sois mesmo baixinha.

Ao ouvir aquilo, Juana sorriu e explicou em tom meloso:

– Não sou baixinha, sou *jeitosinha*.

Aquela resposta fez o *highlander* sorrir e chamou-lhe ainda mais a sua atenção.

– Quem sois? – perguntou, examinando-a de alto a baixo.

Juana olhou para Montse e, ao ver que a amiga lhe indicava com a cabeça que respondesse, suspirou e disse com um sorriso:

– Pois... eu... chamo-me Paris... Paris Hilton.

– Estranho nome o vosso, jovem.

– É muito porreiro, não é? – replicou Juana, encolhendo os ombros e sorrindo.

Desconcertado com aquela resposta, o homem parou diante dela e, inclinando a cabeça, perguntou:

– Muito porreiro?! O que significa «porreiro»?

– Que é um nome bonito. Não gostas?

Sem responder àquilo, o homem, divertido, voltou a perguntar:

– Esse sotaque que tendes ao falar é de onde?

Juana, afastando a franja escura da cara, olhou-o nos olhos e, com o seu descaramento habitual, respondeu sem nenhum medo.

– Ui... o meu sotaque... como te explico isto? Vamos lá ver, filho...

– Filho?! – voltou o guerreiro a inquirir confuso.

– «Filho» é uma expressão da minha terra, carinhosa, afectuosa. – Juana sorriu e prosseguiu: – É que nós, os canários, somos muito melosos.

Vejamos... em relação ao que me perguntaste, digo-te que vivo em Londres, mas nasci nas Canárias, daí o meu sotaque adulador. E elas são de...

Ai, meu Deus, o que ela está a arranjar, pensou Montse, e, para acabar com aquela loucura, atraiu a atenção do ruivo e explicou:

– Somos espanholas.

– Espanholas? – Aquilo sim, ele entendeu, bem como todos os presentes, que começaram a murmurar.

Ao ver o desconcerto no olhar deles, Julia, aproximando-se das amigas, segredou em espanhol, morta de medo:

– Acho... acho que estes nos vão cortar o pescoço num abrir e fechar de olhos.

– Não digas disparates, por favor – sussurrou Montse assustada ao ver como os homens as observavam.

– Este gigante não entende nada do que dizemos e isso vê-se na cara dele – gemeu Julia. – Se continuarmos assim, acho... acho que este tipo nos vai liquidar.

– Hum... por falar em liquidar – gracejou Juana sem medo, olhando para o ruivo. Porém, antes de ela poder continuar, Montse calou-a e perguntou-lhe:

– Como te passou pela cabeça dizer-lhe o que disseste? Vai pensar que somos malucas!

Consciente da pergunta que a amiga lhe fizera, Juana sorriu.

– E o que queres que lhe diga? – retorquiu. – Disse-lhe a verdade. Bem... mais ou menos. – Sorriu ao recordar a parte do nome. – Mãe do céu, que pedaço de homem! – E, ao ver o seu tartã aos quadrados na sua montada, sussurrou: – Este *highlander* é o sonho de todas as mulheres.

– Deve ser o teu – grunhiu Julia. – Porque eu não vou à bola com tipos ruivos e cara de brutos. Gosto mais do meu Pepe.

– Oh, o Pepe dela... e depois bem que te queixas dele – escarneceu a canária revirando os olhos.

– Calem a matraca! – ordenou Montse.

O ruivo, depois de as ouvir falar numa linguagem estranha para ele e entender que devia ser espanhol, virou-se para Edel e perguntou:

– Tens a certeza de que estas mulheres são de confiança?

Edel olhou-as durante um momento e, esboçando um sorriso, aquiesceu e disse:

– Sim, AlaiSTAR, estou convencida que sim.

Capítulo 14

Prosseguir o caminho montadas nos cavalos foi mais cómodo e, sobretudo, mais rápido. Julia tranquilizou-se. Aqueles brutamontes mal penteados pareciam civilizados. Alaisthar pediu aos seus homens que levassem as mulheres nos seus cavalos e ele, sem hesitar, escolheu a mulher morena, aquela chamada Paris Hilton. Durante o trajecto, Juana perguntou-lhe tudo o que lhe veio à cabeça e Alaisthar respondeu-lhe divertido enquanto contornavam uma espécie de lago para se adentrarem no meio de umas montanhas.

Ao princípio, não caminhar fez que os pés de todas elas descansassem. Mas depois de várias milhas sem desmontarem do cavalo, a dor no corpo generalizou-se.

– Falta muito, Alaisthar? – perguntou Juana.

– Não, menina – respondeu ele. – Prometo-vos que antes de...

– Por que não me tratas por tu e me chamas pelo meu nome como eu a ti?

Ele sorriu e, olhando para os olhinhos escuros daquela rapariga, anuiu e disse:

– Está bem, Paris. Prometo-te que antes de os últimos raios de Sol desaparecerem já teremos chegado.

E assim foi. O caminho foi tranquilo e quando o Sol deixou de aquecer, de repente ouviu-se Montse gritar.

– Ai, meu Deus, mas aquele não é o Castelo de Elcho?!

Surpreendida por ela conhecer aquela pequena fortaleza, Edel olhou para ela.

– Conheces o castelo? – perguntou.

Montse olhou para as amigas horrorizada e depois para a jovem. Como explicar-lhe que aquela fortaleza aparecia repetidas vezes nos seus sonhos? E sobretudo... que tinham visitado aquele castelo uns dias antes alguns séculos mais tarde. Por fim abanou a cabeça e optou por se calar. Era o melhor.

Assim que chegaram, os cavalos detiveram-se e as mulheres desmontaram.

Alaisthar separou-se de Juana, que lhe sorriu encantada, para cumprimentar uns homens que os receberam com efusividade. De súbito ouviu-se:

– Edel?!

Virando-se, a rapariga desatou a correr e abraçou um jovem ferido que quase se arrastava.

– Colin! – gritou. – Oh, irmão, estava tão preocupada contigo.

Fundiram-se num grato e agradável abraço enquanto todos os observavam e as três intrusas se emocionavam. Minutos depois, e agarrada ao braço dele, Edel apresentou-o às mulheres.

– Onde estão todos? – perguntou Alaisthar olhando à sua volta.

Colin, feliz por recuperar a irmã, respondeu enquanto caminhava com cuidado para o interior do castelo.

– Estão na ala oeste a reforçar uma das paredes. Ontem à noite foi atingida por um raio.

Todos começaram a andar menos Montse, que ficara petrificada a olhar para o bosque que havia junto ao castelo. O seu bosque. O bosque com que sempre sonhara. Aquilo angustiou-a ainda mais. Tinha medo de continuar e ver com o que se ia deparar. Histérica e preocupada, começou a trautear uma canção, até que Julia a interrompeu:

– O que te preocupa agora?

Aquela mania de cantar era algo que fazia as amigas perceberem que estava preocupada.

– Isto é Elcho...

– Não me digas! – escarneceu Juana.

– Mas... mas... tenho de ir embora daqui. Não se lembram do meu desejo?

– Sim, filha, sim – murmurou Julia –, como poderia esquecê-lo?

– Ando toda a vida a sonhar com este lugar e agora... agora... estou aqui.

– Sim, minha querida, sim... a cigana lixou-nos a sério – brincou Julia, cada vez mais tranquila ao verificar que as pessoas que as observavam pareciam civilizadas.

Montse começou de novo a trautear uma canção e Juana gozou com ela ao ouvi-la.

– Não posso acreditar. Estás com medo?

Incompreensivelmente, Montse concordou e a amiga continuou:

– Pois não é para te amargar ainda mais, mas deixa-me recordar-te que creio que são três meses que iremos estar aqui, porque deu na veneta a uma cigana, a quem juro que esfolarei viva quando a voltar a ver, conceder-te um desejo absurdo.

– Nem me lembres disso! – protestou Montse.

– Olha, linda. Amanha-te como puderes, mas aqui, de momento, as pessoas parecem educadas – sussurrou Julia. – Se tenho de ficar um tempo nesta porra

deste século, prefiro viver aqui do que em Edimburgo no meio da merda, de ladrões e de peste. Portanto, enfrenta aquilo que pediste e deixa-te de medos, que não me parece que este tipo, o dos teus sonhos, te vá comer.

As suas amigas tinham razão. Tinham ido ali parar por ela, e não havia volta a dar.

Trémula mas decidida a não sair disparada a correr, seguiu toda a gente e surpreendeu-se ao contornar a esquina e ver mais de uma centena de homens suados a transportar pedras de grandes dimensões em cima de uma espécie de andaime.

Estes, ao aperceberem-se das estranhas, olharam-nas e sorriram. Nos seus olhos não se via nada de bom.

– Neste momento sinto-me como uma loja de gomas muito... muito apetecível à saída de uma escola – sussurrou Juana.

Montse ouviu um estalido. Um dos andaimes, o que estava mais perto dela, parecia ceder sob o peso de uma pedra enorme. Viu a altura e a direcção da queda do pedregulho. Sem pensar duas vezes, correu até onde estava Alaisthar a conversar com outro homem e, sem aviso prévio, empurrou o ruivo e, quando o barulho da pedra parecia cair sobre a sua cabeça, lançou-se contra o outro, fazendo-o rolar pelo chão junto com ela. O barulho que a enorme pedra fez ao cair foi descomunal. Toda a gente se assustou. Sem fôlego, Montse abriu os olhos e, ao encontrar-se debaixo do olhar do homem e reconhecê-lo, sussurrou-lhe incompreensivelmente:

– Tu!

– Eu?! Eu o quê?

Em cima dela estava Declan Carmichael, duque de Wemyss, a fitá-la com o sobrolho franzido e cara de poucos amigos. Nada a ver com o olhar do homem dos seus sonhos. Os olhos daquele eram frios e cruéis enquanto se levantava sem a ajudar e rugia para a intimidar, com a sua imponente estatura:

– Maldição, mulher, o que fizestes?

Surpreendida por aquilo, a jovem não se amedrontou e gritou ainda no chão:

– O que fiz?

– Sim, vós!

– Mas bem... – murmurou incrédula. – Será que és tão lerdo que não te deste conta de que evitei que esse pedregulho te partisse a cabeça, malcriadão?!

Ao ver que o homem a olhava com uma expressão indescritível, levantou-se do chão e, limpando o pó da saia imunda, grunhiu:

– Ah... e obrigada por me ajudares a levantar. Muito gentil da tua parte.

Boquiaberto pelo modo como aquela mulher suja e esfarrapada, a quem mal entendia, lhe gritava, agarrou-a pelo braço e atirou-lhe com maus modos:

– Quando vos dirigirdes a mim, mulher, peço-vos respeito. Sou o *laird*

destas terras e quero ser tratado como tal. – Surpreendida, Montse olhou-o e ele, com ar furioso, continuou: – Não sei quem sois, nem desejo saber. Mas saí das minhas terras já se não quereis que vos açoite e vos corte essa língua suja.

Agitada pelo modo como ele a olhava e em especial pelo desprezo que sentia nas suas palavras, Montse libertou-se dele com um movimento rápido. Aquilo deixou toda a gente espantada, incluindo Declan, que ia para a agarrar outra vez, mas ela escapou dando um salto para trás.

– Nem penses em tocar-me com as tuas manápulas e esquece lá a minha língua.

Perplexo com o descaramento dela, o duque de Wemyss aproximou-se da jovem.

– Desejais ser castigada? – sibilou.

– Este tipo é mesmo fanfarrão! – bradou virando-se para as suas amigas que, horrorizadas, lhe pediam com gestos que se calasse.

– O que dissestes, mulher?

Preparada para o ataque, Montse ia para responder quando uma pálida Edel se interpôs entre eles e, olhando para o irritado homem, disse:

– Meu *laird*, Cindy é...

– Cala-te, Edel! – pediu Declan, afastando-a para voltar a encarar Montse, que respirava com dificuldade.

Toda a gente estava a olhar para eles. Ninguém falava assim ao *laird* Declan Carmichael, e muito menos uma mulherzinha suja e desconhecida como aquela. O barulho provocado pelo desmoronamento alertou todos os que viviam no castelo, que correram até ali.

– O que aconteceu, filho? Estão todos bem?

Declan, furioso pelo sucedido, praguejou mas, ao ver o ar assustado da mulher de cabelo grisalho, respondeu sucintamente:

– Calma, mãe. Está tudo bem.

Juana e Julia foram até junto da amiga e foi esta última quem segredou em espanhol:

– Cala a matraca, abre o punho e deixa-te de parvoíces, Cindy Crawford, que com este tipo a coisa não está para brincadeiras. E, por favor, se não queres que nos lapidem, trata-o por senhor, faz o pino ou lá o que for, por favor!

Consciente pela primeira vez de que Julia tinha razão, Montse descontraiu os braços. Nesse momento ouviu-se a voz de uma menina que gritava:

– Pai... elas são as mulheres que nos ajudaram em Edimburgo e nos salvaram dos homens maus que nos atacaram. – E, aproximando-se de Montse, a menina sorriu e disse: – Olá, lembras-te de mim?

Pai?, pensou Montse surpreendida, mas, num tom de voz doce, respondeu:

– Olá, princesa, claro que me lembro de ti, como estás? – E, agachando-se

para ficar à altura da criança, afastou-lhe uns cabelos da cara e prendeu-lhos atrás da orelha.

– Maud... vem cá – rugiu Declan à filha.

Ao ouvir a dureza da voz dele, o sorriso desapareceu da cara da criança e, baixando os olhos para o chão, foi até junto do pai. Aquele gesto recordou a Montse a sua infância e deixou-a arrepiada. Sem pestanejar, ergueu-se e olhou-o com ar desafiador. Por que falava assim à criança?

Alaisthar, que fora testemunha silenciosa de tudo o que acontecera, aproximou-se de Declan e, em voz baixa, disse-lhe algo que o deixou surpreendido. Depois de falarem em gaélico entre eles, o duque olhou para Montse, agarrou na mão da filha com força e, ao passar por ela, parou e declarou:

– Agradeço-vos pelo que fizeram pela minha família em Edimburgo, mas o mais tardar depois de amanhã, quero-vos fora das minhas terras, entendido?

– Montse aquiesceu defraudada. Como podia o homem dos seus sonhos recebê-la assim? – Entretanto, espero que não causem problemas.

– Claro, *senhor* – respondeu mas, não satisfeita, acrescentou: – Mas se incomodo assim tanto, irei embora agora mesmo. Não pretendo causar problemas a ninguém.

– Isso seria uma ideia excepcional – replicou o duque, e foi-se embora.

Montse ia para responder, mas depois de trocar um olhar com as amigas, calou-se. Por elas aguentaria ficar naquela casa. Se elas não estivessem ali, a música seria outra. A senhora idosa, que assistira em silêncio ao confronto entre o filho e a jovem de cabelos escuros, foi ter com elas e, levando as mãos ao peito, sussurrou:

– Por todos os santos, raparigas, o que vos aconteceu?

Capítulo 15

Depois de ordenar a todos que regressassem às suas tarefas, a idosa levou as três amigas para o interior do castelo, onde lhes proporcionou alguma intimidade para que se lavassem num dos quartos dos criados. A seguir ordenou às criadas que preparassem uma ceia para os recém-chegados. Pelas suas caras, deviam estar exaustos. Ao entrar no castelo, Montse reparou numa porta entreaberta. Ali estava o salão onde ela, dias antes e noutro século, tinha visto o quadro de Declan Carmichael.

Depois de descerem uma escadaria de serviço, uma agradável jovem de cabelo ruivo chamada Agnes levou-as até um quarto, onde ficaram a sós.

– Mãe do céu... Mãe do céu... Exibiste-te na frente do homem dos teus sonhos – troçou Julia enquanto desemaranhava o cabelo.

– Homem dos meus sonhos? – protestou Montse mal-humorada e esticando a velha saia roxa que estava destruída. – Deves querer dizer o monstro dos meus pesadelos. Mas vocês viram que tipo mais bronco?

– Sim, filha – aquiesceu Juana. – O tipo é mesmo mal-encarado.

– Pelo amor de Deus – prosseguiu Montse tirando o pendente para o guardar no bolso da sua saia rasgada. – Só faltou agarrar no pedregulho e meter-mo em cima a servir de chapéu. Mas em que cabeça idiota cabe que eu lhe ia atirar a pedra a ele? É mesmo idiota! Eu até esfolei os cotovelos por culpa dele – sussurrou ao ver os raspões.

– Morde a língua um bocadinho, Montse, senão...

– Cindy – recordou ela, interrompendo-a. – Aqui sou Cindy. Lembra-te disso!

Depois de dar uma gargalhada, Juana disse de novo:

– Morde a língua um bocadinho, Cindy Crawford, senão vais ter muitos problemas com esse *highlander*. E trata-o por senhor, porque parece-me que esse é um osso duro de roer. Não tem nada a ver com os tipos com que estás acostumada a lidar no nosso tempo.

– Bah! Digo-te desde já que não quero conhecê-lo.

Nesse momento ouviram-se umas pancadas na porta e, antes de terem tido tempo para responder, esta abriu-se.

- Posso entrar? – perguntou a menina, olhando para elas.
- Já estás cá dentro – brincou Juana, piscando-lhe um olho.
- Claro, querida, entra – respondeu Montse ao vê-la.

A menina, contente, fechou a porta e, indo ter com Montse, que estava sentada na cama a observar o cotovelo, perguntou-lhe ao ver a ferida:

- Dói-te?
- Não... não dói. – Montse sorriu, olhando para a menina de olhos azulestes e cabelos dourados como o trigo. – Como te chamas, princesa?
- Maud Carmichael.
- Maud? Que nome bonito – comentou Julia.
- E vocês? – indagou a miúda.
- O meu nome é M... Cindy... Cindy Crawford. – Tornou a sorrir ao dizer aquilo. – Ela é Paris Hilton e a que se está a pentear chama-se Norma Duval.

Encantada, a menina saltou para junto de Julia.

- Norma, penteias-me um bocadinho? – pediu.

Encantada com o pedido, Julia sentou a menina na cama e começou a pentear o seu longo e bonito cabelo loiro. Instantes depois, ouviu-se a porta e apareceu a mulher de cabelos grisalhos. Ao ver ali a menina, inquiriu:

- Maud, não te disse para não importunares as nossas convidadas?

Montse sorriu ao vê-la.

- Não se preocupe, senhora. Não está a incomodar.

Ao ver o sorriso de Montse, a anciã inspirou.

- Lamento o que se passou com o meu filho – disse, aproximando-se dela. – Tem um feitio endemoninhado, mas Declan é um bom homem; estes dias estão a ser especialmente difíceis para ele.

- Porquê? O que tem ele? – perguntou Julia, granjeando um olhar duro das amigas por ser cusca.

- Em breve fará oito anos que morreu Isabela, a sua mulher. – E, virando-se para Montse, continuou: – Tenho a certeza de que quando se der conta do modo como se comportou vai tentar corrigir o tratamento que te dispensou...

- Não se preocupe – disse Montse em tom brincalhão, olhando para a pequena, que as observava. – Na verdade, tive vontade de pegar noutra pedra e partir-lha na cabeça por ser teimoso! Mas não comente isso com ele, senão será ele a partir-me a cabeça.

Ao ouvir aquilo, a anciã olhou para a pequena e, tapando as bocas, ambas sorriram. Fiona achou aquilo uma das coisas mais divertidas que alguma vez ouvira acerca do filho.

- Em Edimburgo não tive a oportunidade de vos agradecer o que fizeram

por nós naquela noite. Estou convencida de que, se vocês não tivessem aparecido, teria ocorrido uma desgraça. A minha pequena Maud... – Com os olhos húmidos de mágoa, a mulher murmurou: – Estar-vos-ei eternamente agradecida.

Comovida com as palavras da mulher, Montse aproximou-se e, abraçando-a, para desconcerto dela, sussurrou-lhe:

– Foi um prazer ajudá-las, senhora. Fá-lo-íamos mil e uma vezes. Garanto-lhe.

Agradecida por aquele contacto tão directo, algo a que a idosa não estava acostumada, sorriu e disse-lhe:

– Chamem-me Fiona, por favor.

– Olha, como a mulher do *Shrek*! – exclamou a canária, mas, ao ver a cara das amigas, murmurou: – Fiona... que nome tão bonito.

Divertida, a idosa, que estava acostumada a estar muito tempo sozinha, exceptuando a companhia da pequena Maud, virou-se para elas e disse:

– Quando quiserem podem subir à sala de jantar para cearem. Será algo improvisado. Não esperávamos tanta gente.

– Oh... não se preocupe. Com a fome que temos, qualquer coisa nos serve – respondeu Julia, e a mulher sorriu.

Passados dez minutos, as três amigas, a idosa e a menina entraram numa pequena sala de jantar onde encontraram deliciosos e excelentes manjares em cima de uma mesa.

– Mas Fiona não tinha dito que era algo improvisado? – sussurrou Juana ao ver aquela mesa opípara.

Tão surpreendida como ela, Montse encolheu os ombros e sorriu, enquanto Julia começava a falar com a idosa acerca de flores, um tema que a apaixonava. Pouco depois, e a título excepcional, Fiona convidou Edel, que apareceu com timidez pelo braço do irmão, Colin. Via-se que estava feliz, e isso agradou a Montse. Aquela rapariga humilde a quem mal conheciam confiara nelas, apesar de lhe terem contado algo difícil de acreditar, e dera-lhes um voto de confiança. Tinham de se comportar bem por ela.

Porém a sua disposição mudou ao ver entrar o ruivo Alaisthar junto com Declan Carmichael. Observou-o perplexa. O homem que durante anos invadira os seus sonhos, que ansiara conhecer, revelara ser um idiota ativo com quem nem valia a pena falar. Embora não pudesse negar que era altamente atraente. Aquela jaqueta azul-escura e as calças escuras assentavam-lhe como o melhor modelo de *Armani*.

– Mãe, o que fazem elas aqui? – perguntou irritado ao ver as intrusas.

A idosa, sem olhar para ele, respondeu:

– São nossas convidadas, Declan. Sê gentil.

Com ar aborrecido, sentou-se à mesa com maus modos. Não achava graça

nenhuma a estar na mesma divisão que aquelas mulheres. Por isso, Montse, incapaz de ficar calada perante aquilo, e ainda de pé, atirou-lhe:

– *Senhor*, se a nossa companhia o incomoda assim tanto, podemos ir comer para junto dos cães. De certeza que eles não vão protestar.

O homem ergueu os olhos para ela. Não gostava daquela descarada, mas quando ia para responder, Alaisthar sentou-se e, depois de lhe dar uma leve palmadinha no ombro a pedir-lhe calma, ficou calado. Declan e o ruivo olharam-se durante uns segundos, e por fim Alaisthar sorriu.

– Ai, é mesmo querido. É um autêntico doce – suspirou a canária. – Não tenho a menor dúvida de que durante o tempo que aqui estiver irei ter um caso com Alaisthar. Viste como olha para mim?

Montse olhou para a amiga e murmurou com ar jocoso, enquanto se sentava o mais longe possível do duque:

– Não... mas vi como tu olhas para ele e conheço-te.

Como entrada, serviram-lhes um caldo de especiarias que lhes soube a pouco, e depois disso uma carne num molho delicioso. As jovens comeram com apetite voraz e, ao ver o bolo de framboesas, a pequena Maud aplaudiu. Todos sorriram e Montse surpreendeu-se ao notar como a expressão de Declan se suavizava durante uns instantes ao olhar para a filha. No entanto, foram apenas uns segundos: pouco depois, o seu sobrolho voltava a estar em tensão e a sua expressão tornou-se carrancuda.

Durante o jantar, Montse observou-o como quem não quer a coisa. Devia medir perto de dois metros e, pela largura das suas costas e altura, era enorme. Os seus olhos azul-claros, agora tensos, eram espectaculares. O queixo era quadrado, o nariz recto e tinha o cabelo claro. Um cabelo que trazia preso num rabo-de-cavalo que, para o seu gosto, lhe dava um ar *sexy* e actual.

Montse escutava com dificuldade o que ele falava com Alaisthar. Devia ser alguma coisa importante, pois parecia que cochichavam. No entanto, ficou petrificada quando, a certa altura, ele ergueu os olhos e, através das suas pestanas densas, assestou os seus olhos claros e frios nela. Montse olhou noutra direcção.

Terminada a ceia, Edel levou Maud para a cama. Depois todos passaram a outro pequeno salão. Uma vez ali, Julia embrenhou-se numa conversa com Fiona. Juana só tinha olhos para Alaisthar e Declan e Colin pareciam estar a falar de política. Entediada, Montse desculpou-se sem que ninguém a tivesse ouvido e foi-se embora. Precisava de sair dali e apanhar ar. Pouco depois de abandonar o salão, encontrou-se com Edel, que vinha de braço dado com Agnes a contar-lhe a sua experiência.

– Cindy, vem – chamou-a Edel. – Esta é Agnes.

– Prazer em conhecer-te, Agnes. – Montse sorriu.

– Igualmente.

– Vens passear connosco? – perguntou Edel, e Montse aquiesceu encantada.

Durante aquela conversa ficou a saber que elas, junto com Colin e outras pessoas, eram o pessoal do Castelo de Elcho. Também que Isabela, a mãe da pequena Maud, morrera com febre puerperal no dia seguinte ao nascimento da pequena, e que desde então o duque de Wemyss deixara de sorrir.

– Desculpe-nos, menina Cindy – murmurou Agnes ao ver Montse abrir a boca. – Se calhar estamos a aborrecê-la com a nossa conversa.

– De modo nenhum, Agnes, e por favor, chama-me apenas Cindy – disse ela com um sorriso. – Mas eu estou há uns dias sem pregar olho e estou a cair para o lado.

– Estás a cair para o lado?! – sussurrou Edel assustada.

Ao ver como as raparigas se entreolhavam, Montse apressou-se a corrigir-se. Aqueles seus comentários eram demasiado actuais para que elas os entendessem.

– Desculpem. Às vezes uso expressões da minha terra. Queria dizer que estou cansada porque não dormi bem nas últimas noites.

Mais tranquilas ao entenderem aquilo, as jovens disseram:

– Então o melhor é ires descansar.

Com um sorriso nos lábios, Montse anuiu e regressou ao castelo, embora, antes de entrar, tenha olhado para trás e viu que as duas jovens donzelas se encaminhavam para um grupo de guerreiros. Assim que entrou, a escuridão confundiu-a. Por onde tinha de ir? Chegou ao salão onde deixara todos. Espreitou e verificou que estava vazio. Apenas o fogo alaranjado da lareira ardia sem descanso. Ao situar-se, dirigiu-se às escadas e, esquecendo-se da saia que trazia vestida, ia para descer os degraus, pisou-a e caiu a rolar pela escada abaixo.

– Merda! Que pancada que eu dei – sussurrou ao levantar-se e sentir o sabor amargo do sangue na boca.

– O que aconteceu? – perguntou uma voz que desceu atrás dela.

Oh, não... e agora, ainda por cima... este, pensou ao ouvir a voz dele e reconheceu-la.

Irritada consigo por ter sido desastrada, levantou-se de um salto do chão com destreza e voltou a olhar para ele. Ante ela estava o homem que, horas antes, a acusara de lhe atirar o grande pedregulho. Consciente do seu mal-estar e não querendo discutir com ele, Montse respondeu quase sem o olhar nos olhos:

– Não se preocupe, *senhor*, não aconteceu nada.

E, virando costas, arregaçou a saia com uma das mãos e continuou a descer as escadas. Porém uma mão forte deteve-a e, depois de lhe tocar com delicadeza no lábio, disse:

– Magoastes-vos na boca, mulher. Tendes de fazer o curativo com brevidade.

Soltando-se com um puxão, Montse respondeu sem o olhar nos olhos:

– Disse para não se preocupar, *senhor!*

Sem dizer mais nada, prosseguiu o seu caminho. Entrou no quarto onde as amigas dormiam placidamente e, depois de enxaguar a boca com um pouco de água fresca, a hemorragia estancou. Quando por fim se deitou na cama suave, antes de adormecer pensou: *Por favor, por favor... por favor, quando eu acordar, que tudo isto que vivi tenha sido um sonho mau.*

Capítulo 16

Naquela noite, as três mulheres tiveram um sonho em comum. A cigana da feira de Edimburgo, Erika, a *Escocesa*, entrou nos seus sonhos e recordou-lhes que estavam ali pelo desejo que tinham pedido, e que voltariam ao presente na última noite do ano.

– Não... não... não. Isto não pode ser verdade! – gritou Montse ao abrir os olhos e ver o quarto escuro e básico em que se encontravam.

– Cala a matraca e não me chateies, que me dói horrores a cabeça e não tenho um *Gelocatil* aqui para tomar. Que raio de noite que a maldita cigana me deu – queixou-se Julia sentada numa pequena cadeira ao pé da janela.

– Tu também? – surpreendeu-se Montse.

Julia concordou e bradou desesperada:

– Até ao Natal...! Vou estar quase três meses sem ver o meu Pepe. Ai, meu Deus... como é que lhe explico que me aconteceu isto? Não vai acreditar em mim e de certeza que me vai internar na clínica López Ibor de Madrid.

Com os cabelos emaranhados, Montse soergueu-se da cama, mas quando ia para se levantar a saia comprida enredou-se-lhe nas pernas e, inevitavelmente, voltou a cair no chão.

– Raios partam esta merda! – gritou fora de si. – Quero umas calças e um café duplo.

Ao levantar-se, Julia, que estava diante dela, gritou horrorizada:

– Virgem Santíssima... mas o que te aconteceu ao lábio?

– Ontem à noite caí pelas escadas abaixo – gemeu, tocando na boca. – E também foi por culpa desta maldita saia. Mas como conseguem andar o dia inteiro sem a pisar?

Com rapidez, desatou as fitas que a prendiam e, deixando-a cair ao chão, gritou:

– Nunca mais a vou vestir. Vou andar nua se for necessário, mas nem podre de bêbeda visto mais isto.

– Que bonita tanga! – zombou Julia, observando-a. – Acho que se saíres

assim do quarto, esse duque com quem te dás tão bem vai ter alguma coisa a dizer.

Nesse momento a porta da alcova abriu-se e Juana entrou com ar resplandecente:

– Bom dia, minhas queridas!

– Só se for para ti – bufou Montse.

– Caraças! Com quem andaste à porrada ontem à noite para teres os lábios como a Carmen de Marena? – Porém, ao ver o ar horrorizado de Montse ao ver-se ao espelho, e para não dar grande importância àquilo, a canária acrescentou: – Bem... *okay*... exagerei um bocadinho. A propósito, sabem que esta noite sonhei com o estupor da cigana?

– Tu também? – perguntou Montse, e Juana aquiesceu.

– Vamos lá ver, filha, o que te aconteceu?

– Segundo ela diz, ontem à noite caiu pelas escadas abaixo – comentou Julia –, mas, conhecendo-a, não estranharia se tivesse andado às chapadas com um tipo qualquer.

– Preciso de um café duplo – sussurrou Montse, tapando a cara.

– Ai, meu Deus, Cindy Crawford... não andaste à pêra com o duque, pois não? – gritou Juana.

Virando-se para as suas amigas, Montse afastou o cabelo da cara e respondeu:

– Não... mas não foi por falta de vontade.

A canária, que se tinha levantado cedo depois do estranho sonho com a cigana, suspirou ao perceber o estado de espírito da amiga e, sentando-se num dos catres, disse com ar malandro:

– Esta manhã estive a passear com Alaisthar...

– O ruivo? – perguntou Julia.

Juana anuiu e continuou:

– Oh, meu Deus... até do nome dele eu gosto... Alaisthar Sutherland.

Ao ver que nenhuma das amigas dizia nada, perguntou:

– Mas vocês ouviram o que eu disse? Ele tem o mesmo nome daquele actor de que eu gosto tanto. Imaginam como seriam os apelidos dos nossos filhos? Sutherland Hilton...

As amigas olharam-na incrédulas. O que estava aquela maluca a dizer?

– Ai, meu Deus... o que uma pessoa tem de ouvir e sem ter à mão um mísero *Gelocatil* – troçou Julia.

– Já disse, agora preciso é de um café triplo.

A canária, fazendo ouvidos de mercador às amigas, continuou depois de suspirar:

– Passeei com ele montada no seu lindo cavalo e ele levou-me a um lugar encantador. Ali, conversámos um bom bocado e, incrível, meninas, ele não

tentou meter-me as mãos em cima!

– Vejam só... que consideração – escarneceu Julia.

– ... E disse-me que na semana que vem, se quisermos, leva-nos ao mercado de Perth para que possamos comprar alguma roupa ou o que precisarmos. Que acham do plano?

– Alucinante! – grunhiu Montse, apanhando a sua saia do chão. – Roupa! E diz-me lá, minha linda, onde vamos arranjar o dinheiro para a comprar? Porque, que eu saiba, não temos nada, absolutamente nada para pagar o que comprarmos. E recordo que o palerma do duque nos quer fora daqui, esqueceste-te disso?

– Quanto a isso, não te preocupes, que já resolvi tudo – declarou a canária.

– Ai, meu Deus, acho que a minha dor de cabeça vai piorar – sussurrou Julia e, olhando-a com ar descomposto, gritou: – O que resolveste? O que fizeste?!

– Tranquiliza-te, Julia, por favor – pediu Montse, que ria sem saber porquê.

– Vamos lá ver, Paris Hilton e futura senhora de um tal Sutherland, como resolveste as coisas?

– Falei com Fiona e ela vai dar-nos trabalho como pessoal de serviço. Não ganharemos muito dinheiro, mas será o suficiente para podermos subsistir.

– Como?! – bradaram Montse e Julia ao escutá-la.

– Foi o que vocês ouviram. Poremos a casa dela em ordem e em troca ela dá-nos euritos para...

– Sim... sobretudo euritos... Vá lá! – vociferou Montse ao ouvi-la.

– Está bem, filha, dinheiros e libras... às vezes és mesmo desagradável, mulher!

– Isso vai contar para o subsídio de desemprego? – escarneceu Julia, e Juana riu-se.

Montse, dorida não só dos golpes, sussurrou:

– Vamos lá ver, não ouviste o que o chato do duque me disse ontem em relação a estar aqui? Não te recordas o quanto o incomodou ver-nos à sua mesa?

– Claro que me recordo.

– Então?! – gritou Montse.

Afastando o cabelo escuro dos olhos, a canária respondeu com calma:

– Fiona necessita de ajuda em sua casa. A casa dela não é esta. Este castelo é do seu filho e ela costuma vir cá passar temporadas para que ele veja Maud. A casa dela, pelos vistos, fica a umas milhas daqui. Não é um castelo como este, mas pelo que me contou também não deve ser uma palhota de cinquenta metros quadrados.

Ao ouvir aquilo, Montse concordou e, surpreendendo-as, aplaudiu. Aquela podia ser uma boa solução para deixar que o tempo passasse e, sobretudo, para estar longe do duque.

Capítulo 17

Estar num sítio onde não se sabe o que fazer é desconfortável. E foi isso que aconteceu a Montse. Para sua desgraça, naquela manhã, depois de conversar com as amigas no quarto acerca da possibilidade de irem para casa da mãe do duque, Juana voltou a ir-se embora disposta a conquistar Alaisthar e Julia, assim que viu Fiona, pôs-se a falar de plantas: o seu passatempo preferido.

Curiosa em relação a tudo o que a rodeava, Montse deambulou pelo interior do castelo. E, sem conseguir evitar, entrou no grande salão e foi direita ao quadro do duque. Os olhos frios e sensuais de Declan Carmichael pareciam ter vida ao observá-la.

Meteu a mão no bolso da saia e tocou no seu *iPhone* e no pendente. Com as mãos trémulas, tirou-o e olhou para ele. Era igual ao que se via no retrato.

– Mas o que quer isto dizer? – sussurrou confusa.

Contudo, ao não receber resposta e observar o quadro durante um breve espaço de tempo, decidiu abandonar o salão. Uma vez cá fora, saiu para o jardim, onde encontrou Maud.

– Olá, princesa – cumprimentou-a com afabilidade.

– Olá, Cindy, brincas comigo?

– A quê?

Com o seu porte gracioso, a menina ergueu o queixo e disse:

– Estava a brincar com as bonecas.

Sentando-se no chão com ela, Montse sorriu ao ver as bonequinhas e umas pequenas e delicadas chavenazinhas de porcelana em cima de uma bandeja. Durante um bom bocado, brincou com a menina e fê-la sorrir. Maud era linda quando sorria e parecia-se muito com o pai, ainda que este fosse um malcriado. Pouco depois, Juana veio ter com elas e perguntou:

– Também posso brincar?

Sentadas no chão, as três desfrutaram daquela soalheira, embora fresca, manhã de Setembro, até que Colin avisou a menina de que a avó andava à procura dela. Uma vez sozinhas, Montse e a canária decidiram ir até

às cavaliças.

– Mãe do céu, que bicharocos mais bonitos. Viste aquele branco? Tem ar elegante e majestoso. É uma maravilha.

– Sim, filha. É uma pena que não saibamos montar neles, embora também não me pareça que seja assim tão difícil. Deve ser como tudo, é preciso apanhar-lhe o jeito.

Assim que ouviu aquilo, Montse desatou a rir.

– Nem doida subiria para cima de um puro-sangue destes. Mas tu viste a altura que têm?

Durante um bom bocado estiveram a observar os cavalos e surpreenderam-se ao ver uns burros escuros. Com um sorriso nos lábios, Montse olhou para a amiga e comentou:

– Estes são mais baixinhos. Queres vir?

– Nem pensar!

Montse aproximou-se de um deles e, depois de lhe tocar no focinho, sussurrou-lhe:

– Se não te mexeres e me deixares subir para o teu lombo, prometo trazer-te alguma coisa para comeres da próxima vez.

O burro olhou para ela e mal se mexeu. Montse, disposta a montá-lo, tentou primeiro pelo lado direito. Impossível. Depois pelo lado esquerdo. Pior. Pediu ajuda à amiga e esta ajudou-a. Porém o impulso que ganhou foi tão brusco que a fez saltar por cima do burro e cair esparramada do outro lado. Agnes, uma das criadas, encontrou-as a morrerem de riso e a fazerem uma barulheira descomunal e, ao vê-las, perguntou:

– Mas o que se passa convosco?

Com a barriga dorida de tanto rir devido ao ridículo da situação, Montse levantou-se e, tirando os bocados de palha do cabelo, olhou para a jovem e respondeu:

– Ai, Agnes, que vontade de rir. Estava a tentar subir para cima do burro, mas nunca montei nenhum e foi impossível. Logicamente, com o cavalo nem tentei, ou ainda me mato.

– Esta rapariga é mesmo chalada – escarneceu Juana ainda a rir-se.

Agnes olhou-as surpreendida. Nunca tinham montado um burro ou um cavalo? No entanto, como estava com pressa, disse:

– Preciso que vocês venham à cozinha para nos ajudarem com o almoço.

Arregaçando as saias, as duas jovens anuíram e, entre risos e brincadeiras, seguiram a criada. Assim que chegaram à cozinha, Montse perguntou:

– O que vamos fazer para o almoço hoje?

– Frango com molho de ervas – respondeu Edel, que entrava nesse momento com um molho de ervas frescas nas mãos.

– Hum... que delícia! – comentou Juana. – A ver se um dia destes cozinho

eu e se vos faço um molho da minha terra que se chama *mojo picón*.

– *Mojo picón?* – perguntou Edel surpreendida.

– Sim. – Juana sorriu. – É um molho das Canárias com que acompanhamos muitos pratos da ilha, mas sobretudo é muito saboroso com as batatas *arrugadas*. Até tem a sua canção...

E, sem hesitarem, Montse e Juana começaram a cantar ante aquelas duas criadas que as olhavam como se estivessem malucas:

Mojo picón... mojo picón
La rica salsa canaria se llama
Mojo picón...

Passados dez minutos, depois de fazerem dançar aquelas duas raparigas que morriam de riso com a loucura das outras duas, Agnes, divertida, perguntou:

– Então, vocês gostam de frango?

– Adoramos! – exclamou Montse. – Vá, em que podemos ajudar?

– Venham comigo.

Com sorrisos nos rostos, as quatro jovens dirigiram-se aos currais com um cesto, e quando abriu a porta do galinheiro, Agnes disse-lhes, deixando-as sem palavras:

– Agarrem em três frangos, matem-nos e quando os tiverem depenados, levem-nos para a cozinha.

– Como?! – gritaram as três em uníssono.

– Agarrem em três frangos e quando os tiverem preparados, levem-nos à cozinha para os cozinhar-mos.

As jovens entreolharam-se. Como iam elas matar os pobres frangos?

– Eu não vou matar um frango nem a brincar – sussurrou Montse em espanhol à sua amiga.

– Ai, filha, eu não sou capaz – respondeu Juana, observando os frangos.

Ao vê-las paralisadas no galinheiro, Agnes e Edel, depois de trocarem um olhar, perguntaram:

– O que se passa?

Montse, com expressão transfigurada, explicou:

– Eu... eu não posso matar um frango. Pobrezinho! Nunca matei um e não me sinto com capacidade mental nem moral suficiente para o fazer. E mais, acho que se fizesse isso nunca mais na vida conseguiria dormir.

– Animaizinhos. Não vos dão pena? – balbuciou a canária prestes a chorar.

Com um sorriso trocista, Agnes agarrou num frango com uma celeridade que deixou atónitas as duas espanholas e, sem lhes dar tempo para reagirem, deu-lhe um golpe no pescoço e matou-o. O grito de terror que as outras duas deram deixou-a impressionada.

– Ai, meu Deus... o que ela foi fazer – gritou Montse.
– Não consigo... não quero ver! – exclamou Juana horrorizada.
– Acho... acho que estou a ficar enjoada – sussurrou Montse, apoiando-se na parede do galinheiro.

Ver o pobre bicho que segundos antes corria feliz por ali agora pendurado nas mãos da jovem deixou-lhe o estômago embrulhado. Agnes e Edel não podiam acreditar no que ouviam, e a primeira, depois de ter metido o frango no cesto, perguntou:

– Mas, Cindy, não dizias que gostavas de frango?
– Sim... gosto. Mas eu...
– Não vos entendo. Nunca montaram num cavalo, nem num burro, e também não matam frangos. Mas de onde dizem vocês que são? – perguntou Agnes.

– De Espanha.
– E em Espanha não há frangos?
– Sim, mas nunca os fui buscar ao galinheiro – sussurrou Montse.
– E onde os vais buscar? – perguntou Edel, recordando a estranha conversa que mantivera com elas no dia em que as conheceu.

– Ao supermercado – respondeu Juana.
– Supermercado?! – repetiram as jovens.
– Sim... bom, é um mercado – explicou Montse. – É ali que fazemos as compras todas, como vocês.

Ao ver como as raparigas a olhavam e ao perceber que não as tinham compreendido, Juana explicou como pôde:

– Sei que parece estranho, mas eu cozinho o frango quando já o mataram e depenaram. Quando muito parto-o aos bocados.

Edel e Agnes entendiam cada vez menos. De onde teriam saído aquelas mulheres?

– Ai, meu Deus – queixou-se Montse, aproximando-se delas. – Sei que não nos entendem, mas a verdade é que nós nunca matámos um frango nem nenhum animal. Entendo que para vocês seja estranho, mas é a verdade.

– Então... são da realeza? – inquiriu Agnes surpreendida.
– Não! – replicou Montse, consciente do quanto era difícil explicar a situação sem fazer com que toda a gente achasse que eram malucas.

– Não... não, nada disso, filha – negou a canária. – Nós somos trabalhadoras como vocês, mas os frangos ou qualquer outro animal chegam às nossas mãos já mortos. Vá, há pessoas que os matam e que a seguir no-os entregam. Entendem agora?

Edel riu-se.

– Ainda continuam com a loucura de que vêm do ano 2010.

Montse e a canária entreolharam-se. O que dizer-lhes? Porém, antes que

pudessem falar, as duas criadas encolheram os ombros e, por fim, para mudar de assunto, Montse acrescentou:

– Nós somos muito boas a limpar. Onde vivemos somos as encarregadas da limpeza. Se quiserem, vocês cozinham e nós limpamos, que acham?

– Que boa ideia! – aplaudiu Juana.

No entanto, depois de passar mais de duas horas de joelhos a limpar o soalho com um pano e sabão, a boa ideia começou a deixar de o ser.

– Ai, meu Deus, não sinto os joelhos! – queixou-se Montse, sentando-se no chão. – E ainda por cima já fiquei sem três unhas postiças.

– «Nós somos muito boas a limpar... nós somos muito boas a limpar» – protestou a canária ao seu lado. – Como te passou pela cabeça dizeres uma coisa dessas? Odeio fazer limpezas!

– Preferes matar frangos?

– Não.

– Pois então não te queixes e continua a esfregar.

Nesse momento abriu-se a porta de um quarto e de lá saiu Declan Carmichael, que, ao vê-las estendidas no chão a conversar, perguntou:

– Estão a limpar ou na conversa?

– Já só cá faltava este – resmungou Montse ao vê-lo.

Porém, virando-se, mordeu a língua. Se lhe respondesse, tinha a certeza de que não seria nada de bom.

No entanto, Declan ouvira alguma coisa e, pondo-se ao lado da descarada de cabelo castanho, perguntou, consciente da sua superioridade:

– Ouvi-vos a falar. O que disseram?

Juana olhou-a de esguelha e indicou-lhe que ficasse calada, quando ele voltou a dizer:

– Disse-vos que queria ver-vos fora das minhas terras, não em minha casa a conversar e a perder tempo. Será que não vos recordais?

O seu tom de voz desagradável fez a paciência de Montse atingir o limite e, levantando-se do chão como uma mola, encarou-o.

– Claro que recordamos, *senhor*. Como poderíamos esquecê-lo?

– Continuais com o vosso comportamento altivo? – perguntou, fitando-a enquanto observava no rosto dela as marcas da queda da noite anterior.

– Não, *senhor*. Só estou a responder-lhe.

Durante uns segundos, Declan e Montse olharam-se nos olhos e o coração dela quase parou. Aquele homem não era o mais bonito que conhecera na sua vida, mas era tão atraente e emanava tanta personalidade que a deixou K.O. Declan, ao sentir o seu olhar directo, observou-a confuso. Aquela mulher de roupas velhas e maneiras lastimáveis tinha algo que o atraía. A força do seu olhar desconcertava-o. Cravou os seus olhos na boca dela e, ao ver a ferida causada pela queda da noite anterior, falou-lhe num tom de voz mais suave:

– Dói-vos?

Montse, excitada (e não só por causa da discussão), levou a mão aos lábios e abanou a cabeça.

– De agora em diante, tende mais cuidado.

– Terei – sussurrou, confundida por aquela voz aveludada.

– Agora regressem aos vossos afazeres. – E, retomando o tom áspero, acrescentou: – E já que estão aqui e que vos vou dar abrigo e sustento, façam as coisas bem.

Como que despertando de um sonho curto mas intenso, Montse ergueu os olhos e grunhiu:

– Estamos a fazer o melhor que sabemos. Não vê?

Ele olhou para o soalho e, encolhendo os ombros, murmurou:

– Se se empenhassem mais, poderiam fazer melhor.

– Mas este gajo é parvo ou quê? Olha que eu vou mandá-lo ir dar banho ao cão, e estou-me a lixar para o que aconteça – bufou Montse em espanhol.

– O que disse? – perguntou Declan, irritado por não a entender.

A canária, consciente do que poderia acontecer se não travasse a amiga, levantou-se e disse:

– Desculpe, senhor, Cindy disse que nos empenharemos mais.

Declan escutou-a sem acreditar nela. Bastava ver o ar fulo da descarada para saber que ela devia ter dito qualquer coisa, menos aquilo. Por isso, e num tom glacial, olhou-a e ameaçou:

– Tenha cuidado com o que diz ou o seu comportamento não ficará impune, ouviu?

– Sim, *senhor* – respondeu ela, esfregando o chão com fervor.

– Senhor, em relação a irmos embora – prosseguiu a canária –, não se preocupe. Fá-lo-emos em breve, quando a sua mãe regressar a casa dela.

– A minha mãe? O que tem ela a ver com isto?

– Ofereceu-nos trabalho em casa dela – murmurou Montse, contendo o impulso de lhe passar o pano sujo pela cara.

Ao ouvi-las, Declan concordou e, passando por cima da parte que estava molhada, foi-se embora a passos largos sem dizer mais nada.

– É que... é que... dava-lhe quatro bofetadas e ficava em paz com Deus – protestou Montse, levantando-se.

Juana, agachando-se de novo, suspirou. Meteu o pano na água do balde e, depois de o escorrer, olhou para a amiga, que ainda continuava de pé em pose de guerreira.

– Que achas de cantarmos um bocadinho o *Mojo picón*? – sugeriu.

Ao ouvi-la, Montse olhou para ela e sorriu.

Capítulo 18

Passada uma semana, os lábios de Montse voltaram ao normal. Nesse tempo quase não conseguiu livrar-se de ver o duque. Pareciam ter um íman para estarem sempre a chocar e isso incomodava-os a ambos. Às vezes ele observava-a de manhã pela janela, quando ela saía pela porta da cozinha e começava a fazer estranhos exercícios com as mãos e os pés. Um dia deixou-o boquiaberto ao ver como ela manuseava um pau. Os movimentos dela eram semelhantes aos que ele fazia às vezes com a espada e isso agradou-lhe. A jovem parecia saber defender-se.

Numa dessas manhãs, Montse decidiu ir correr. Precisava de fazer algo mais do que dar socos e pontapés no ar para espairar e eliminar o *stress*. Saiu com cuidado do quarto para não acordar as amigas e quando chegou à parte exterior do castelo, suspirou. Aquele amanhecer dourado era a coisa mais bonita que alguma vez vira. Andou até chegar a um caminho, mas, ao ver a floresta arborizada diante dela, não pensou e embrenhou-se nela.

Começou a correr, mas depressa percebeu o quão incómodo era fazê-lo com aquela saia comprida. No entanto, disposta a seguir o seu plano, enrolou a saia na cintura até a deixar pelos joelhos e, com um sorriso feliz, começou a outra vez a correr.

O suor começou a encharcar o rosto e os cabelos de Montse, que não se importou com isso. A sua mente tinha bloqueado e apenas pensava em correr, correr e correr. Assim esteve durante mais de uma hora até ouvir o barulho dos cascos de um cavalo a aproximar-se dela. Cansada, parou e, com a língua de fora, surpreendeu-se ao encontrar o rosto preocupado do duque, que, ao vê-la correr daquela maneira, imaginou que se passava alguma coisa.

– O que se passa consigo? Quem a persegue? – perguntou ele, desmontando do cavalo com a espada na mão.

Sem fôlego, Montse levantou a mão para pedir um segundo e, depois de inspirar, respondeu:

– Não se passa nada. Por que achou isso?

– Você estava a correr e só se corre quando estamos a fugir de alguma coisa. Encalorada e a transpirar por todos os lados, a jovem afastou os cabelos que se lhe tinham colado ao rosto e, com um sorriso, respondeu:

– Pois lamento desapontá-lo, mas só estava a correr por necessidade.

Quem estava diante dela era Declan Carmichael, que, ao contrário de outros dias, estava vestido com calças de couro castanhas, botas e uma camisa castanha aberta até ao peito. Estava com ar bonito e descontraído. O cabelo solto e emaranhado pelo vento dava-lhe um aspecto *sexy* e viril.

Pelo amor de Deus, Montse, em que estás a pensar?, repreendeu-se quando ouviu:

– Necessidade?

– Sim. Necessitava de correr para espairecer um bocado. É algo que costumo fazer com muita frequência, portanto, não se preocupe se me vir a correr novamente.

Perplexo com tal resposta, Declan enfiou a espada no cinto e, aproximando-se do cavalo, pegou numa espécie de garrafa e ofereceu-lha.

– Quer água?

– Ui... a verdade é que isso cairia que nem ginjas.

– Cairia que nem ginjas?! O que significa isso?

Montse sorriu. Passava o dia inteiro a explicar a todos os que falavam com ela o que queriam dizer as suas palavras. Por esse motivo, e enquanto pegava na garrafa, respondeu:

– A expressão «cair que nem ginjas» é o mesmo que dizer «viria mesmo a calhar», entende?

O homem aquiesceu e ela bebeu um pequeno gole, depois outro e no fim um trago mais longo, enquanto ele reparava nas pernas dela. Por que trazia a saia arregaçada? Assim que arrolhou a garrafa, Montse entregou-lha e, ao perceber para onde ele estava a olhar, murmurou:

– Costumo fazer *footing* com...

– *Footing*?!

Levando a mão à boca para não rir da cara dele, respondeu:

– *Footing* é correr. Costumo correr com calças, mas como aqui não tenho nenhuma, e como ninguém me podia ver, decidi subir a saia para evitar tropeçar e cair. Mas não se preocupe, *senhor*, já a vou baixar.

– Nunca tinha ouvido nada desse género. – Declan sorriu boquiaberto.

Montse surpreendeu-se ao vê-lo tão descontraído e, em tom de brincadeira, disse:

– Senhor, fico contente por ver que sabe sorrir.

– Por que diz isso?

– Porque é a primeira vez que o vejo fazê-lo.

Declan não respondeu. Limitou-se a virar-se e a meter a garrafa na bolsa.

– Eh... bem, acho que tenho de voltar – comentou Montse. – Tenho a certeza de que me espera um emocionante dia a limpar as janelas, o chão ou algo assim.

Aquele comentário fê-lo sorrir de novo e, num tom calmo, perguntou:

– Quer regressar a Elcho comigo?

Surpreendida pela sua amabilidade e pela oferta, olhou para ele mas, em vez de responder, perguntou:

– No seu cavalo?

– Como haveria de ser?

Montse ergueu os olhos para o enorme puro-sangue que estava diante dela nervoso e desafiador.

– Eh... não. É melhor não.

– Porquê? – perguntou Declan, surpreso ao ouvir aquilo.

– Bem... bem, porque não é uma boa ideia.

– Por que não quer que a leve? Ir daqui até Elcho a pé ainda é um bom bocado e, pelo seu aspecto, sei que está cansada.

A verdade é que estava derreada. Mas ir no cavalo com ele não era boa ideia. No entanto, disposta a ser sincera, olhou-o nos olhos e balbuciou:

– Mesmo que não acredite em mim e que eu tenha vergonha de dizer o que vou dizer, tenho medo de cavalos porque não sei montar.

Ouvir aquilo fez Declan rir-se. Como podia uma mulher daquelas, com aquele feitio e força, ter medo de um cavalo e, principalmente, não saber montar?! Sem dizer mais nada, virou costas, subiu com um salto ágil para o lombo do cavalo escuro e, estendendo a mão, disse:

– Dê-me a sua mão e suba.

– Não.

Aquela recusa directa fê-lo franzir a testa e voltou a repetir:

– Não seja infantil e dê-me a sua mão.

– Olhe, não se ofenda, mas eu prefiro ir a andar.

– Está a fugir de mim e do meu cavalo? – escarneceu ele de repente.

Virando-se para olhá-lo com olhos desafiadores, ela atirou-lhe à cara com ar irritado:

– Não, *senhor*, não estou a fugir. Só estou a dizer que não quero montar e pronto.

Porém, antes de conseguir dar mais um passo, ele agachou-se e, como se ela fosse uma pena, içou-a e sentou-a na frente dele.

– Ai, meu Deus! – gritou ao sentir-se ali em cima. – Vou cair!

– Calma. Não vai cair porque não o vou permitir.

– Mas como pode saber isso? Os acidentes acontecem e...

– Acalme-se – sussurrou ele perto da orelha dela.

– Nããão coooooonsigo – gritou, agarrando-se a ele com desespero.

– Ai! – queixou-se ele dorido. – Está a dar cabo da minha perna.

O homem tinha razão. Ao sentir-se presa, cravara as mãos na perna direita dele e, agarrando-a com força, retorcia-a. Horrorizada, soltou-o e, vendo a sua expressão de dor descontrair, murmurou:

– Desculpe... foi sem querer.

Ele não respondeu. Limitou-se a segurá-la firmemente entre os seus braços e, com um movimento do pé, fez o cavalo começar a andar.

– Está a andar... está a andar... isto está a andaaar.

– Claro, eu mandei-o andar. – Declan sorriu.

– Mas... mas onde me agarro?

– Eu seguro-a.

– Pela sua mãe, não me largue! – gritou histérica, fazendo-o sorrir de novo.

Divertido, observou-a a gesticular durante algumas milhas. Por fim, para tentar entretê-la e fazê-la esquecer-se onde estava, perguntou:

– O seu nome era?

– Cindy... Cindy Crawford, senhor – sussurrou, à beira de um enfarte.

– O que é aquilo que por vezes faz de manhã?

Em voz nervosa, enquanto o cavalo trotava, ela perguntou:

– A que se refere?

– Algumas manhãs, vejo-a a fazer movimentos estranhos com as mãos e os pés, como se lutasse com alguém.

– Isso é *karaté*.

– *Karaté*?! – repetiu ele espantado.

– O *karaté* é uma arte marcial.

Sem entender nada do que ela dizia, mas vendo que parara de tremer, o *highlander* voltou a perguntar:

– E quando move o pau entre as mãos também é *karaté*?

– Refere-se ao *bō*?

– *Bō*?! – repetiu ele.

– *Bō* é o nome da vara que em geral é usada para praticar... – Porém, ao aperceber-se do trote do cavalo, sussurrou de novo: – Oh, meu Deus, vou cair!

Ele sorriu e, agarrando-a com força, aconselhou:

– Que tal deixar de olhar para o chão e desfrutar das vistas? Tudo à nossa volta é lindo, não vê?

– Não. Não vejo nada... não vejo nada...

O nervosismo dela, a sua voz de perplexidade e a graça dos seus gestos divertiram Declan, que, tentando dar um tom suave à voz, murmurou:

– Claro que pode. Só precisa de relaxar e confiar em mim. Garanto-lhe que eu e o meu cavalo somos dois cavalheiros, embora de raças diferentes.

Isso atraiu a atenção de Montse. Aquele homem sorria e sabia gracejar no mesmo dia? Agarrando-se à crina do cavalo, virou-se para dizer algo, mas

entre o seu ímpeto e o trote do cavalo, deu-lhe uma cabeçada. Declan, ao senti-la, soltou-lhe uma das mãos e tocou no nariz.

– Ai... Vou cair! – gritou ela, e ele agarrou-a com rapidez. Assim que se sentiu segura, virou-se para ele com cuidado e gemeu: – Oh, meu Deus da minha alma e da minha existência, que grande pancada que lhe dei. Magoei-o?

– Não se preocupe, foi um golpe sem importância.

Mas Montse, convencida de que deveria tê-lo magoado, levantou as mãos e pousou-as no rosto dele, e, fazendo-o olhar para ela, disse:

– Espera... quero dizer... espere um momento, por favor. Deixe-me vê-lo um instante.

Sem se mexer, Declan permitiu que aquela estranha com quem não tinha nada em comum lhe tocasse no rosto. Há anos que não tinha esse tipo de proximidade com ninguém, excepto as prostitutas com quem ocasionalmente se aliviava. Embora elas não tivessem nada a ver com aquela mulher que lhe verificava o rosto com ar preocupado e lhe tocava com mãos macias, muito... muito macias.

– Okay... não lhe fiz nada à penca – suspirou aliviada.

– Penca?! – interrogou ele divertido e feliz por aquela proximidade.

– O nariz, senhor, o nariz.

Estiveram calados por alguns segundos, até que ela, com curiosidade, perguntou:

– Como se chama o seu cavalo?

– Kross.

– Quantos anos tem?

– Fará cinco na Primavera.

Durante o resto do caminho, Declan falou-lhe dos seus cavalos e, apesar de Montse não saber nada sobre isso, gostou da conversa e da sua proximidade. Parecia mentira que quem agora ria e brincava com ela fosse o mesmo homem que depois, no seu castelo, a olhava com desaprovação contínua. Por isso, quando o Castelo de Elcho apareceu diante deles, Montse ficou desapontada. Sabia que aquele encontro fortuito tinha sido algo excepcional e que não se voltaria a repetir. Uma vez chegados aos estábulos, Declan desmontou cuidadosamente do cavalo. Depois estendeu os braços para a fazer desmontar.

– Calma, menina Crawford, continue a confiar em mim.

Uma vez no chão e feliz por não ter deixado os dentes ao longo do caminho, deu uma pancadinha no lombo do animal.

– Devia aprender a andar – disse ele.

– Eu!? Não... não. Não preciso.

– Não precisa? – perguntou ele surpreso.

– Não.

– Eu poderia ensinar-lhe, se quisesse.

– Agradeço-lhe, mas não. Tenho a certeza de que quando me for embora daqui, o cavalo voltará a ser algo dispensável para mim – disse ela, pensando nos confortos que o século XXI lhe dava. Mas, ao ver como ele a olhava, concluiu: – A sério, senhor Carmichael, agradeço-lhe, mas não. De qualquer forma, muito obrigada pelo passeio. Foi muito agradável cavalgar consigo.

Ele não respondeu. Limitou-se apenas a concordar e a seguir ela foi-se embora.

Capítulo 19

No entanto, a trégua entre eles depois desse encontro fortuito no bosque desvaneceu-se. Naquela tarde, Montse encontrou um cachorrinho rafeiro quando ia estender a roupa. Comovida ao ver que o animalzinho a seguia, pensou em oferecê-lo à pequena Mau. Estava demasiado sozinha e um amiguinho como aquele far-lhe-ia muito bem. Ao vê-lo, a menina emocionou-se e saltou de alegria. Deu-lhe logo o nome de *Fitz*. Contudo, a alegria desapareceu quando o pai entrou no salão e a viu a brincar com aquele pequeno ser. De onde saíra aquele animal? Fora de si e sem qualquer tacto, gritou à criança que o cão tinha de sair do castelo. Por entre beicinhos, a menina implorou-lhe que a deixasse ficar com ele, mas, inflexível, ele recusou. Montse, ao passar pelo corredor e ouvir a voz dele e, em especial, o pranto da menina, entrou na divisão sem pensar, como sempre, e enfrentou-o.

– Vá lá, homem, não seja assim. Não vê o desgosto que está a causar a Maud? Não seja cruel, pelo amor de Deus... ela é sua filha!

– Faça o favor de se comportar, senão prevejo que haverá muitos problemas entre você e eu – atirou-lhe Declan, fitando-a carrancudo.

– Pois o que eu prevejo – troçou esta – é que, se continuar a falar dessa maneira à sua filha, no futuro, quando já for idoso, o senhor vai estar sozinho. Mas como pode gritar-lhe assim? Não vê que é uma criança e que precisa de carinho?

O duque cravou um olhar gelado na pequena Maud, que se escondia atrás das saias daquela mulher louca que o enfrentava, e replicou:

– Você não é ninguém para me dizer como devo ou não falar à minha filha. Quem julga que é?

– Ao contrário de você, que é o *senhor*, não me julgo ninguém. E se lhe digo isto é porque sei do que estou a falar. O meu pai foi.. foi... – Porém, consciente de que não queria falar disso, prosseguiu: – Maud é uma criança encantadora que apenas procura carinho, compreensão e amor, e você está a negar-lhe tudo

isso quando lhe fala dessa maneira.

– Tira esse animal daqui sem mais demoras, Maud – bradou o homem.

A pequena, com o cachorrinho ainda nos braços e com a cara cheia dos sulcos das lágrimas, sussurrou ao ver que eles se calavam:

– Pai, por favor, deixa-me ficar com *Fitz*. Estou sozinha e com ele divirto-me e tenho com quem brincar. Além disso, começa a ficar frio e ele é muito pequeno para estar sozinho lá fora.

– Disse que não, Maud. Não quero animais no interior do castelo. – Ao ver a filha a fazer beicinho, declarou: – Pode ficar lá fora, mas não o quero ver por aqui, entendes-me?

– Mas... está a chover e não posso brincar com ele.

– Brinca com as tuas bonecas, que é para isso que as tens – recriminou-a sem um pinga de piedade.

– Desde logo, você tem menos tacto que uma lula – grunhiu Montse incrédula com aquilo. – Mas não vê que a sua filha precisa de companhia? Está cego? Ela até lhe chama pai! Em vez de papá ou paizinho... Oh, Deus... pode haver algo mais impessoal para uma criança tão pequena?

– Não se meta onde não é chamada – bramiu, farto.

– Mas alguém tem de defender os direitos da sua filha. Alguém tem de lhe dizer que faça o favor de se dar conta de que Maud é uma criança encantadora que apenas procura o seu carinho e companhia e que você é o maldito pai dela.

Declan, cada vez mais furioso e incrédulo com a língua tão comprida que aquela mulher tinha, foi até ela numa atitude intimidatória e murmurou-lhe na cara.

– Saia da minha vista ou juro-lhe que...

– Jura-me o quê?

Disposto a pregar-lhe um belo castigo, Declan, ante o olhar horrorizado da pequena Maud, agarrou Montse com brusquidão pelo braço, mas nesse momento ouviu-se:

– Larga-a, Declan, pelo amor de Deus!

Fiona, a mãe do duque, alertada pelas vozes, viera ao salão e, ao ver a pequena Maud chorosa com o animal ao colo, grunhiu:

– Filho, mas o que pretendias fazer?

Furioso com os acontecimentos, soltou Montse com maus modos, e ela, sem perder um pinga da sua segurança, virou-se para a menina e, abraçando-a, declarou:

– Vou levar Maud à cozinha. Tenho a certeza de que umas bolachas deliciosas conseguirão fazê-la sorrir de novo.

Assim que saiu do salão, Declan, alterado pelo sucedido, virou-se para a mãe e gritou:

– Exijo que essa maldita e intrometida mulher se vá embora das minhas

terras, senão não respondo pelos meus actos!

– A única coisa que essa maldita mulher, como tu lhe chamas, fez foi olhar pelo bem-estar da tua filha.

– Ninguém lhe pediu.

– Eu sei, mas é a primeira pessoa que foi capaz de te desafiar ante uma injustiça no que se refere à criança. – Ele olhou para ela. – Durante anos todos vimos como o teu carácter azedava e quase não olhavas para a menina. Achas normal que Maud viva mais tempo comigo em minha casa do que aqui, contigo, que és o pai dela? Nunca paraste para pensar por que razão ela tem medo de ti? Alguma vez lhe disseste que a amas? Que é bonita? Ou lhe concedes um capricho?

– Mãe, não creio que...

Mas Fiona, disposta a dizer umas quantas verdades ao filho, endireitou-se e, mesmo sabendo que aquilo o deixaria ainda mais furioso, disse:

– Infelizmente, Isabela morreu. Sei que isso ainda está cravado no teu coração, mas já paraste para pensar em como a vida de Maud seria diferente se a mãe ainda fosse viva? Achas que Isabela ia gostar de ver o que fazes com a menina? – Ele não respondeu. – És jovem, Declan, só tens trinta e um anos e precisas de refazer a tua vida.

– Para quê? – murmurou. – Para que, quando começar a ser feliz, a maldita maldição dos Carmichael apareça de novo na minha vida e ma destrua? Não, mãe, não. Não quero sentir-me culpado pela morte de mais nenhuma mulher.

– Mas, Declan, há mulh...

– Se me vais falar de Rose O'Callahan, esquece. Essa mulher chata e caprichosa seria mais um problema do que um motivo de felicidade.

– Não paraste para pensar que, se não a amas, talvez a maldição não se cumpra?

– Por todos os santos, mãe, o que estás a tentar dizer?

Consciente disso, Fiona sentou-se numa cadeira ao pé da lareira e, arrancando um pequeno sorriso ao filho, murmurou:

– Tens razão, filho... Rose é insuportável. Mas sejamos positivos, poderia dar-te filhos, mais herdeiros, e...

– Já chega, mãe. Não quero continuar a falar deste assunto.

Dito isto, o duque de Wemyss saiu do salão deixando a mãe magoada por causa do amargo e solitário futuro que esperava o seu filho.

Capítulo 20

Naquela tarde, depois de conseguir fazer que Maud voltasse a sorrir, Montse passou o dia com a menina. Ensinou-lhe o jogo do galo, pintou quadrados no chão e ensinou-a a jogar à macaca e, quando chegou a noite e a pequena tinha de ir para a cama, Montse prometeu-lhe que *Fitz* não dormiria sozinho ao relento, mas sim com ela. Quando a menina se foi embora e ficou a sós com o cachorro, este, esgotado pelo dia agitado, adormeceu nos seus braços. Olhou amorosamente para ele e beijou-lhe a cabecinha. Ia para entrar nas cozinhas, mas ao chegar ouviu a voz do duque a falar com Agnes e, horrorizada, afastou-se. Não tinha qualquer dúvida de que se entrasse na cozinha, ele iria arranjar maneira de discutir e não lhe apetecia. Por isso, dirigiu-se às cavalariças; um bocadinho de paz ali a sós com os animais far-lhe-ia muito bem.

Durante um bom bocado, esteve a observar os pequenos burros e o seu ar nobre. Por fim sentou-se. Ouviu então a voz de Juana.

– O que fazes aqui sozinha?

– Burroterapia.

– Olha que boa ideia! Irei patenteá-la quando regressarmos ao século XXI – riu-se a canária, olhando para os burros.

Após um bocado de galhofa entre as duas, por fim Juana confessou:

– Tenho um problema.

– O que se passa?

Suspirando, a canária olhou para ela e disse:

– Veio-me o período. Que grande cena!

– Porquê cena?

– Então, porque pedi a Edel alguma coisa para pôr e...

Ao ver a cara da amiga, Montse sorriu e murmurou:

– Ai, mulher... as mulheres deste século deviam usar alguma coisa... Digo eu.

– Pois usam. Alguma coisa usam. Edel deu-me um paninho dobrado e...

A morrer de riso, Montse comentou trocista:

– Não me digas que não têm pensos com abas nem tampões...

Com uma gargalhada, a canária deu-lhe uma cotovelada e replicou:

– Não, sua cabra... não. Pus um paninho e, ai, filha, ando com as pernas tão afastadas que até pareço o John Wayne a andar. – Ao ouvir aquilo, Montse partiu-se a rir enquanto Juana continuava: – Mas como podem usar uma coisa tão grande? Que incómodo, meu Deus!

Estiveram durante um bocado a rir por causa de centenas de patéticos que lhes vinham à cabeça, até que a canária, olhando para a amiga, perguntou:

– Já te passou a neura que tinhas?

– Sim... estou mais tranquila. Mas juro-te que não posso com esse homem, tira-me do sério. Não o suporto. Quem me dera não ter de voltar a cruzar-me com ele, mas receio que, ou o mato, ou isso não vai acontecer. Juro-te, não vejo a hora de deixar de o ver.

– Ai, filha, às vezes és mais selectiva do que a colheita do café Saimaza.

– Selectiva?

– Sim... quando embicas com alguém, não há maneira de te fazer mudar de opinião.

– Desculpa lá, linda – grunhiu ao ouvir aquilo. – Mas recordo-te que aqui o desagradável, bruto e antipático é ele, não eu.

– Bem... isso é o que tu pensas, talvez ele ache o contrário. Afinal de contas, és tu quem se está a meter na vida dele, não ele na tua.

Surpreendida por aquilo, Montse encarou-a e retorquiu:

– Mas de que estás a falar? Aquele bruto estava a falar a Maud de uma maneira que a miúda não merecia e...

– E tu, sem perguntares, ofereceste um animal de estimação à miúda sem saber se ele ia gostar disso ou não. Desculpa lá, filha, mas acho que aqui foste tu quem meteu a pata na poça bem até ao fundo. Esta é a casa dele, não a tua casa. E se introduzes alguma mudança, a primeira coisa que devias fazer é perguntar, não agir segundo o teu livre-arbítrio e depois, quando não te dão a razão, zangares-te e armar o banzé que armaste.

– Não posso acreditar. Estás do lado daquele... daquele azedo?

– Desta vez, sim. Há muitas coisas dele que não gosto, mas desta vez tenho de te dizer que ele tem razão. Repito, é a casa dele, a filha dele e a decisão dele, e tu decidiste algo sem contar com ele.

Irritada com aquelas palavras, Montse ia para dizer algo, mas calou-se. No fundo, gostasse ou não, sabia que a amiga tinha razão; por isso, depois de bufar, disse:

– Certo. Está bem... tens razão. Mas não creio que fosse necessário ele ficar como ficou, além disso eu...

Nesse momento, ouviu-se um assobio e a canária levantou-se e, depois de lhe dar um beijo rápido na face, disse:

– Não me odeies por te deixar sozinha no meio desta conversa, mas Alaisthar, já sabes, aquele que é mais maciço do que o microondas dos Flinstones, acaba de me chamar, e estou louca para ir ter com ele.

– Anda, despacha-te... vai e diverte-te – disse Montse, olhando-a divertida.

Cinco minutos depois, de novo sozinha com o cachorrinho e os burros, levantou-se e, aquecendo o animalzinho com o calor do seu corpo, disse enquanto regressava ao interior do castelo:

– *Fitz*, se te passar pela cabeça mijar na minha cama, amanhã envolvo-te num paninho higiénico, mesmo que não tenha abas.

Capítulo 21

A partir daquela desagradável discussão, Montse não voltou a almoçar, nem a tomar o pequeno-almoço ou cear no salão principal. Recusou-se. Não queria ver o desagrado que causava no duque de cada vez que olhava para ela, em saber que ele a seguia com os olhos com deleite inconsciente. Passada uma semana, Montse falou com Fiona.

– Lamento de verdade, desculpe-me pelo cão, mas juro-lhe que, quando o vi, pensei em Maud e no quanto ele a poderia fazer feliz – desculpou-se sentada no salão principal.

– Não te preocupes, rapariga – disse a mulher. – O meu filho é um homem com muito carácter e às vezes esse carácter fá-lo ser descortês.

– Se fosse só descortês – resmungou ela, fazendo a mulher sorrir. – Prometo-lhe, Fiona, que contenho muito a minha língua, porque se assim não fosse...

Divertida, a mulher olhou para a jovem que estava sentada diante dela. O seu atrevimento ao falar e a sua maneira de gesticular tornavam-na engraçada, e isso agradava-lhe. E mais, de cada vez que a pequena Maud estava com ela, ouvia-a rir como nunca na sua vida, mais ainda do que com os criados. Sem dúvida, aquela rapariga, com o seu comportamento amalucado, estava a alegrar a vida da sua neta e do castelo, embora não a do seu filho.

– Reitero o que disse, não te preocupes, Cindy, e, já que estamos aqui as duas, deixa-me agradecer-te por fazeres a minha neta tão feliz.

Ao pensar na pequena, a jovem sorriu e, afastando o cabelo da cara com graciosidade, disse:

– Maud é uma criança impressionante. Adoro a sua vivacidade quando aprende alguma coisa ou há algo que a surpreenda. Ver aqueles olhinhos azuis sorrirem... Adoro! Ainda que não possa dizer o mesmo dos do seu filho. Aqui entre nós, Fiona, às vezes parece que quer estrangular-me e dar-me de comer às galinhas.

– Ai, Cindy, dizes coisas tão engraçadas! É impossível não sorrir contigo. – A mulher riu-se às gargalhadas ao ouvi-la.

Levantando-se da cadeira, Fiona foi até junto da enorme lareira e, depois de aquecer as mãos, explicou olhando para o retrato do filho que havia em cima da lareira:

– Declan não passou bem na vida. Perdeu o pai demasiado cedo e a sua mulher também. Inevitavelmente, tudo isso fez que o seu carácter seja tosco e rude. E apesar de eu saber que tem um coração enorme, acho que o blindou para que não lho voltem a partir.

Ao ouvi-la, Montse levantou-se da cadeira e, aproximando-se da mulher, olhou para o impressionante retrato e perguntou:

– Acha que o seu filho é assim por causa da morte da mulher?

– De certo modo, sim. Declan nunca quis conhecer Isabela nem nenhuma outra. Desde pequeno que me deixou bem claro que não queria ser responsável pela morte de ninguém e...

Aquilo surpreendeu a jovem e, pegando nas mãos da mulher, inquireu:

– Ser responsável pela morte de alguém? Mas a que se refere?

Com ar contrariado, a mulher anuiu e, olhando-a, contou-lhe o seguinte:

– Na nossa família pesa há séculos uma terrível maldição. Chegado o momento de maior felicidade de todos os Carmichael com a sua parceira, esta morrerá. Isto tem acontecido desde há mais de trezentos anos e ele... sabia disso e...

– Um momento, Fiona – disse Montse. – Está a dizer-me que, quando um Carmichael se apaixona e chega ao ponto mais alto desse amor, o seu parceiro morre?

– Sim, minha jovem. O meu pai morreu no dia seguinte ao meu nascimento. O meu marido morreu no dia a seguir ao nascimento de Declan, e Isabela morreu um dia depois de Maud nascer.

– Mas, meu Deus, que horror! – sussurrou Montse, sentando-se de novo junto da mulher. – Mas... mas como pode ser?

– Segundo uma lenda que passou de pais para filhos, no dia dos esponsais dos Roberts em Aberdeen, houve um torneio com setas. E o que começou por ser um dia bonito acabou muito mal quando Brendan, o filho de Keeva, a feiticeira, morreu na sequência de um disparo errado. A feiticeira encolerizou-se e vingou a morte do filho matando o marido de Alannah Carmichael e, para se assegurar de que a felicidade nunca seria completa entre nós, roubou do pescoço de Alannah a metade da jóia dos Carmichael e amaldiçoou-nos com o desamor eterno até que essa jóia em forma de coração se voltasse a unir. Depois disso, atirou-se do penhasco de Aberdeen e nunca mais ninguém voltou a saber dela nem da jóia.

– A jóia dos Carmichael?

– Sim. – E, indicando o quadro onde se via Declan, murmurou: – Vês aquilo que está pendurado ao pescoço do meu filho?

Com a tensão a mil à hora, Montse ergueu os olhos e, ao ver a que se referia, sussurrou com a boca seca:

– Sim.

– Essa é a metade da jóia dos Carmichael. Uma pedra celta lavrada pelos nossos antepassados. Na Antiguidade, quando o primogénito dos Carmichael se casava, como prova desse amor punha ao pescoço uma metade e a outra no pescoço da parceira. Mas foi a metade dessa jóia que Keeva levou, e desde então a maldição marcou-nos e, geração após geração, fomos sofrendo com uma dor imensa.

Não pode ser... não pode ser... não pode ser verdade o que estou a pensar, disse Montse para consigo ao ouvir aquela terrível história e sentir o sangue a paralisar.

Com as pernas trémulas, levantou-se da cadeira e voltou a aproximar-se do quadro. Com as pulsações no máximo, fixou o olhar no pendente que estava ao pescoço de Declan e teve de se segurar para não cair.

– O que tens, filha? – perguntou Fiona preocupada, indo em seu auxílio.

Quando se sentou de novo, a mulher serviu-lhe um copo de água, que Montse aceitou com mãos trémulas.

– Estás melhor?

– Sim... não... sim... bom... não sei.

Assustada pela palidez do seu rosto, a mulher ia para se levantar para chamar alguém da criadagem, mas Montse segurou-lhe as mãos e fê-la sentar-se.

– Fiona... eu...

– Não te preocupes, rapariga. Vou chamar alguém para te acompanhar ao teu quarto. Creio que precisas de descansar e...

– Não...

– Não? – admirou-se a mulher.

– Estou bem... só fiquei surpreendida com uma coisa.

– Eu sei, filha... a história dos Carmichael mete sempre medo.

Montse, disposta a acabar com aquilo, olhou para a mulher, enfiou a mão no bolso da saia, tocou no objecto do qual esta estava a falar e, agarrando-o, disse:

– Fiona, não sei como explicar isto, mas, por favor, vire a palma da sua mão para cima e feche os olhos. – Ao ver como a mulher a olhava intrigada, sussurrou-lhe com um sorriso: – Confie em mim, por favor.

Sem necessidade de voltar a repeti-lo, Fiona fechou os olhos e virou a palma da mão direita para cima. Montse retirou a mão do bolso e, depois de olhar para o pendente, que parecia queimá-la, pousou-o na palma da mão da mulher e murmurou:

– Já pode abrir os olhos.

Com um sorriso nos lábios, a mulher abriu os olhos e, ao encontrar a jóia na sua mão, sussurrou:

– Por todos os santos...

Ante ela, na sua mão, estava a jóia dos Carmichael. Aquilo por que muitos tinham morrido e cujo aparecimento faria desaparecer a maldição de Keeva.

– Eu... Fiona...

Cobrindo os olhos com as mãos, a mulher desatou a chorar, e Montse reagiu com rapidez.

– Ai, meu Deus, Fiona, diga-me que está bem. Eu... eu não queria que a senhora...

– Bendito seja Deus, filha. Acabas de trazer a felicidade ao nosso clã – balbuciou a mulher, pegando nas mãos de Montse, que a olhou assustada.

– Não... eu não sabia de nada e...

Emocionada como nunca se sentira, Fiona levantou-se com aquela jóia na mão e, depois de lhe dar um efusivo beijo e um abraço, saiu do salão a chamar o filho aos gritos. Comovida com aquilo, Montse seguiu-a e viu como Declan, assustado com os gritos da mãe, vinha ter com ela. Não ouviu o que estavam a dizer, mas viu o ar de incredulidade dele ao ver o pendente e como se abraçavam.

Segundos depois, Declan assestou os seus olhos frios nela e, aterrorizada, Montse olhou em volta à procura de um escape, mas foi impossível: o duque agarrou-a pelo braço e, desconcertando-a, murmurou com a voz carregada de emoção:

– Ficar-lhe-ei eternamente agradecido por nos devolver algo tão querido para nós. Muito obrigado, Cindy Crawford... muito obrigado.

– Ai, filha, és a nossa luz! – Fiona chorava beijando-lhe as mãos enquanto os criados, agitados com a notícia, aplaudiam felizes em volta.

Montse, com a garganta seca e à beira de um ataque cardíaco, ao ver-se rodeada por Declan, pela mãe dele e pela criadagem, encolheu os ombros e murmurou:

– Obrigada... mas... mas eu não fiz nada.

Declan Carmichael, sorrindo como nunca, abraçou-a na frente de toda a gente e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Estás enganada, Cindy Crawford, acabas de trazer a prosperidade aos Carmichael. A começar pela pequena Maud.

Capítulo 22

Na noite do aparecimento da jóia dos Carmichael, celebrou-se no Castelo de Elcho uma grande festa. Todos dançaram. Todos riram. Até mesmo o duque pareceu divertir-se, algo que deixou todos felizes.

– Fiona comentou que o filho disse para nos mudarmos para os quartos superiores – disse Julia emocionada.

– Nem pensar! – sentenciou Montse. – Não quero estar perto desse homem das cavernas. Sei que este momento de euforia vai passar e que me vai fazer a vida impossível assim que puder. Não... dispenso. Continuarei onde estou e ponto final.

As amigas olharam-na com ar severo e a canária murmurou:

– Ai, filha, mas tu não viste como o duque olha para ti agora?

– Sim... e não me agrada – sussurrou Montse aterrada.

Se havia algo de que Montse tinha noção era dos olhares que Declan lhe lançava, mas o pior de tudo era que ela, de certo modo, gostava. Havia qualquer coisa naquele olhar azul que lhe provocava taquicardia. Mas como não ficar com taquicardia ante um homem daqueles? De modo que, virando-se para as amigas, disse alto e bom som:

– Vamos lá ver, meninas, se tiver de escolher, prefiro que continue a olhar para mim com cara de maldisposto.

– Acho que ele gosta de ti e tu dele. Confessa – riu-se Julia.

– Deixa-te de parvoíces que depois acontece o que acontece – protestou Montse.

Instantes depois, Colin, o irmão de Edel, veio puxá-la para dançar e, esquecendo-se de tudo, Montse sorriu e desfrutou da noite enquanto Declan Carmichael a observava e mantinha a distância.

Na manhã seguinte, depois de um serão em que todos se deitaram tarde, Montse levantou-se e deixou bem claro às amigas que ia continuar a comer na cozinha e a dormir no seu quarto. Juana e Julia não partilharam da sua decisão, mas respeitaram-na e, para não a deixarem sozinha, continuaram

a dormir no mesmo quarto, embora nas horas das refeições fossem até ao salão. Fiona, depois de falar com ela e ver que era impossível convencer a jovem a mudar de opinião, aceitou. Não queria forçá-la. Porém, como seria de esperar, quando Declan Carmichael soube ficou zangado e, depois de um confronto entre eles, voltaram a discutir.

– Que tipo mais insuportável – grunhiu Montse no quarto que dividia com as amigas e com *Fitz*, o cão. – É um déspota, um mandão, um convencido, um negreiro. Só falta que lhe chamemos *bwana*!

– Não exageres – riu-se Julia, prendendo o cabelo.

– Ai, filha – troçou Juana –, às vezes tens mais fantasia do que a *lingerie* da Disney.

– Fantástica? Exagerar, eu? Mas vocês viram como ele me falou e olhou há uns instantes? Só faltou agarrar-me pelo pescoço!

– É normal, não fazes outra coisa a não ser contrariá-lo – recriminou-a a canária.

– Bem... está certo, assumo. Às vezes sou um bocado melga, mas não o suporto, e irrita-me ver como ignora a filha sem parar para pensar nos sentimentos dela.

– Acho que estás a reviver com eles o que te aconteceu com o teu pai. Ver como ele não lhe liga faz-te sentir identificada com Maud, não é verdade? – perguntou Juana com *Fitz* no colo.

– Sim. E por isso juro-te que gostaria de o agarrar pelas orelhas e dizer-lhe: «Ó minha besta... abre os olhos ou a tua filha nunca vai gostar de ti», mas, claro, se fizer isso...

– Se fizeres isso, por muito que toda a gente te adore por lhe teres devolvido a jóia, acho que nos mete no olho da rua – disse Julia. – Portanto, tem tento na língua, que não temos para onde ir, e infelizmente para todas ainda nos restam uns dias por aqui.

Ao ouvir aquilo, Montse deitou-se no seu catre e sussurrou:

– Oh, meu Deus... não vejo o momento de este sonho mau acabar, chegar ao meu apartamento e tomar um banho com os meus sais relaxantes.

– E eu de ver o meu Pepe...

Sem a ouvir, Montse continuou:

– Depois do banho, farei um balde de pipocas com sal no ponto e vou sentar-me no sofá da minha pequena e humilde sala a ver um filme.

– Oh, sim... uma comédia divertida onde o amor triunfa – concordou Julia –, de mão dada com o meu Pepe, enquanto dividimos uns pistácios e uma *Coca-Cola*.

– Ai... quanto desejo voltar à realidade e deixar este maldito pesadelo – repetiu Montse, dando um murro na cama. – Uma coisa é certa. Não voltem a deixar-me pedir desejos nem pinderiquices dessas, a não ser que peça para

ser muito, muito rica!

– Pois mesmo sabendo que me vão desancar, eu discordo do que vocês querem – disse Juana. – Eu estou encantada de estar aqui e por ter conhecido Alaisthar.

– Tu estás doida... – queixou-se Julia.

– Sim, filha... mas doida por ele – riu-se ela, fazendo rir Montse. – Já se deram conta do quanto é sempre cavalheiresco comigo?

– Sim, claro, filha, até se roçar todo em ti e conseguir o que todos querem – recriminou-a Julia, fazendo-as rir. – Olha, querida, ouve o que te digo e anda com os olhos abertos, que um homem é um homem, seja ele de que século for.

Divertidas, as três saíram do quatinho dispostas a ajudarem Agnes e Edel.

Depois de um duro dia de trabalho, como acontecia todas as tardes ao pôr do Sol, os guerreiros Carmichael faziam o render da guarda. Havia sempre gente do clã nos arredores de Elcho. Os tempos não eram favoráveis e não queriam ser apanhados desprevenidos.

Terminado o trabalho, Montse sentou-se perto das cavalariças com Agnes e Edel, que observavam os seus apaixonados Percy Braser e Ned Cullman, dois *highlanders* embrutecidos e curtidos pelo sol.

– Oh, Cindy... – sussurrou Agnes entusiasmada. – Quando o vejo assim tão perto, sinto-me a desfalecer.

– Perto?! – escarneceu Montse ao ouvi-la. – Mas, Agnes, por Deus... eu mal distingo os olhos dele de tão longe que está. Como podes desfalecer se nem sabes se olhou para ti?

Mas Agnes não respondeu. Limitou-se a olhar com cuidado para onde estava o seu homem e a sorrir como uma pateta.

– Ned está mesmo bonito hoje – sussurrou Edel ao ver o seu apaixonado tratar do seu cavalo.

Contente com os comentários delas, Montse levantou-se e, virando-se para elas, disse:

– Vamos lá ver, vocês deram-lhes a entender alguma coisa? Eles sabem que estão apanhadas por eles?

Edel e Agnes entreolharam-se e, levando a mão à boca, a primeira perguntou:

– Apanhadas?! Quem está apanhada?

– Vou ver se me explico. – Montse sorriu. – O que queria dizer é se eles sabem que vocês sentem alguma coisa por eles.

– Sim.

– E? – perguntou Montse.

– Às vezes passeámos... e no casamento de Roger e Martha até dançámos...

– Mas isso é fantástico – aplaudiu Montse, embora, ao ver a cara dela, tenha continuado: – Certo... O que não é fantástico?

Com um esgar de desagrado, Agnes explicou:

– De cada vez que aparecem as donzelas da menina Rose O’Callahan, nem olham para nós. E mais, da última vez que elas cá estiveram coincidiu com o baptizado do filho de Tom e Gola e eles nem se aproximaram. Só tinham olhos para elas.

– Quem é Rose O’Callahan? – perguntou Montse.

Depois de trocarem um olhar mais do que significativo, as criadas responderam:

– A filha de Roger O’Callahan.

– Uma dama antipática e convencida que se julga a dona desta casa de cada vez que cá vem – confidenciou Agnes. – O senhor e ela vêem-se de vez em quando e diz-se que em breve será a mulher do nosso *laird*, apesar de ele não confirmar nada. Ai... ai... vêm aí os homens.

Depois de escovarem os cavalos, os *highlanders* foram até onde elas estavam. Sem tirar os olhos deles, Montse verificou como eles as olhavam e cumprimentavam com a cabeça, enquanto elas sorriam e pestanejavam como duas tontas. Quando ficaram as três de novo a sós, Montse protestou dando uma cotovelada a cada uma:

– Mas vocês estão a oferecer-se de bandeja. Pelo amor de Deus! Não percebem que eles sabem que vocês babam por onde eles pisam? Se o que dizem das donzelas dessa tal Rose é verdade, o que têm é de vos fazer valer. Não de lhes sorrir como duas patetas de cada vez que eles vos dirigem o olhar. Esses convencidos merecem que vocês lhes paguem com a mesma moeda.

– Mesma moeda? – repetiu Edel.

– Exacto. Se vocês fizerem o mesmo que eles, vão perceber que convosco não podem brincar. Mas, claro, se vocês suportam tudo o que eles fazem, como vão fazê-los apaixonar-se por vocês?

As raparigas entreolharam-se e encolheram os ombros. Talvez ela tivesse razão.

Nesse momento, a pequena Maud veio a correr ter com elas. Ao ver o seu ar excitado e as lágrimas a correrem-lhe pela cara, Montse, agachando-se, perguntou:

– O que foi, princesa?

– Aconteceu alguma coisa a *Fitz* – soluçou a miúda ao pensar no seu cão. – Está por ali, entre os arbustos.

Ao ver a angústia naquele rosto angelical, Montse, agarrando a mão da menina, disse:

– Vamos. Indica-me onde está *Fitz*.

Acompanhada pelas três jovens, a menina conduziu-as por entre os carvalhos até uma pequena clareira. Ali, num dos lados, o cãozinho gemia com algo cravado numa das patas.

- Ai, minha filha. Não olhes – sussurrou Edel, tapando os olhos à pequena.
- Esperem aqui. Vou ver o que se passa – disse Montse.

Com cuidado, arregaçou a velha saia e, pouco a pouco, foi-se aproximando do animalzinho. Este, ao vê-la, olhou-a e gemeu. Depois abanou o rabo procurando a sua ajuda. Comovida pelos seus lamentos, Montse aproximou-se dele e, agachando-se, verificou que uma espécie de armadilha lhe atravessava uma pata e, o pior de tudo, que tinha perdido muito sangue.

– Olá, *Fitz*... calma, vou tentar ajudar-te – sussurrou, tocando-lhe na cabeça.

Depois de observar a armadilha e de ver como a soltar, tentou abri-la, mas foi impossível. Aquilo estava encaixado. Só havia uma maneira: levá-lo até ao castelo. Ali procuraria o que fazer. Com segurança, tirou o xaile que trazia, depositou-o no chão, pousou o animal nele e depois, com cuidado, pegou-lhe. Aquele movimento fez o cão uivar de dor. O gemido agitou Montse, que, olhando para ele, sussurrou-lhe:

- Calma, pequeno, terei cuidado, prometo-te.

Com os braços ocupados, foi até onde a menina estava a chorar junto das criadas. Para acalmá-la, agachou-se e disse à criança:

- Vês, Maud? *Fitz* está bem. – A menina aquiesceu.
- Posso tocar-lhe? – perguntou.
- Claro, querida. Mas com cuidado, pois ele está dorido.
- O que lhe aconteceu, Cindy? – perguntou a menina com os olhos alagados em lágrimas.

– Espetou algo na pata que lhe vou tirar com a primeira coisa que encontrar no castelo.

A menina concordou mais aliviada e, de mão dada com as criadas, regressou ao castelo. Entraram pela cozinha. Uma vez ali, Edel desimpediu a mesa e Montse depositou nela o animal, que perdia muito sangue. Olhou em volta à procura de algo com que pudesse abrir a armadilha, mas, ao não encontrar nada, encaminhou-se para a porta.

- Já volto. Não se mexam – ordenou.

Dito isto, arregaçou a saia e correu até às cavalariças, sem se dar conta de que, de uma das janelas da sua biblioteca, Declan a observava. Chegou às cavalariças e, depois de olhar em volta, pegou nuns espetos de forja e regressou ao castelo. Ao chegar onde estava o animal, disse a Edel:

- Vou meter os espetos dentro disto – explicou, mostrando-lhe o que o animal tinha espetado. – Quando eu disser, agarras num destes espetos e puxas com toda a tua força para a direita, eu puxo para a esquerda, e tu, Agnes, quando vires que isto se abre, tiras-lhe a pata dali, entendido?

Depois, olhando para a pequena que as observava com os olhos arregalados, sussurrou:

– Querida... vai para ali. Não quero que te sujes.

A menina aquiesceu, embora passados dois segundos estivesse outra vez junto delas. Com decisão, Montse enfiou primeiro um espeto e a seguir o outro, e, assim que fez sinal a Edel, ambas começaram a forçar a armadilha. Ao deixarem as feridas do animal soltas, o sangue saltou, sujando-as, e Agnes tirou com rapidez a pata para que elas pudessem largar os ferros.

Uma vez o cachorrinho libertado, todas sorriram pelo que tinham conseguido. No entanto, quando Montse olhou para a pequena e a viu com gotas de sangue na face e no vestido, perguntou surpreendida:

– Mas, querida, não te tinha dito para ficares ali? Olha como ficaste.

– *Fitz* está bem? – perguntou a menina.

Porém, a pequena não teve tempo de responder. Declan Carmichael, ao ver as manchas de sangue na filha, não reparou em mais nada e, aproximando-se dela, perguntou alarmado:

– Por todos os santos, Maud, o que te aconteceu?

Beeeeem... já temos o caldo entornado, pensou Montse ao ver como Declan limpava com as mãos trémulas a cara e o cabelo da filha.

Quando por fim verificou que a menina estava bem, levantou-se do chão, lançou-lhes um olhar intimidante e, com um rugido, perguntou:

– Por que estava a minha filha coberta de sangue?

As criadas empalideceram tão de repente que Montse pensou que iam cair redondas com o susto. Por isso, dando um passo em frente, respondeu com toda a educação que lhe foi possível.

– Não se preocupe com Maud, o sangue que vê não é dela, mas os seus gritos estão a assustá-la – disse, apontando a menina, que se encolhia ao seu lado.

Ao ouvir aquilo, Declan olhou para a filha e, agarrando-a pelo ombro, puxou-a para junto de si; no entanto, quando ia para dizer algo, a jovem espanhola adiantou-se-lhe e acrescentou com celeridade:

– Tenho a certeza, *senhor*, de que está desejoso de falar comigo para me dizer algumas coisas que serão com certeza ofensivas e bastante desagradáveis, mas agora, se não se importa, devíamos atender *Fitz*, que está a esvair-se em sangue. – Sem lhe dar tempo de responder, deu um toque no braço de Edel e ordenou: – Procura Norma com urgência. Preciso dela. Estou certa de que ela saberá como curá-lo.

A criada, com olhos assustados, olhou para o seu *laird*, que, depois de ver o animal em cima da mesa, concordou. Edel saiu disparada à procura de Norma, enquanto Montse, sem se importar com o olhar duro dele, se agachou para sussurrar algo ao animal, que já quase não se mexia.

– Não te preocupes, *Fitz*, vamos curar-te, confia em mim.

Molhou a mão em água e, com delicadeza, passou-lha pelo focinho e pela

língua para que o animal sentisse a sua frescura. Esgotado, o cão lambeu-lhe a mão e, dando um gemido de dor, fez a criança chorar. Declan, paralisado pelo pranto da filha, não sabia o que fazer. Não era muito dado às demonstrações de afecto, pelo que Montse, depois de olhar para ele e ver a sua passividade, virou-se para a menina e, aproximando-se dela, disse:

– Ah, não... isso é que não, princesa. Não é altura de chorar, agora é altura de procurar soluções. Se *Fitz* te ouve chorar, vai ficar triste e vai-se preocupar, e agora ele precisa de estar tranquilo para se recuperar.

Surpreendentemente, aquela atitude positiva agradou a Declan. Com voz aveludada, a jovem dissera as palavras necessárias para que a sua filha deixasse de chorar e limpasse as lágrimas.

– Ele vai ficar bom, não vai, Cindy?

Com um sorriso arrebatador, Montse anuiu e afirmou:

– Claro que sim, querida, e quando ficar bom, prometo-te que vamos divertir-nos muito com ele, combinado?

Nesse momento Julia entrou na cozinha, seguida por Edel. Com rapidez, a primeira aproximou-se do animal e segredou à sua amiga em espanhol:

– Devo recordar-te que sou médica de família e não veterinária.

– Cala a matraca e faz alguma coisa – respondeu Montse sob o olhar atento de Declan. – De certeza que sabes fazer mais do que aquilo que eu sei.

Entendendo o que ela queria dizer, suspirou e começou a verificar a pata do animal.

– Preciso de uísque e água quente, uns trapos limpos, agulha e linha – pediu segundos depois, enquanto observara a ferida de perto.

As criadas voltaram a olhar para o seu senhor, que, uma vez mais e sem abrir a boca, concordou. Ambas começaram a procurar pela cozinha.

– Princesa – disse Montse, embora estivesse a olhar para o pai dela –, acho que devias ir com o teu papá e mudar de roupa. Tenho a certeza de que, quando estiver melhor, *Fitz* vai querer ver-te.

Sem abrir a boca, Declan anuiu e, agarrando com força a mão da filha, desapareceu. Assim que ficaram a sós na cozinha, Montse abeirou-se da amiga e murmurou:

– Faz o que puderes por *Fitz*. É o único amigo de Maud.

Horas depois, após ter improvisado aquela pequena cirurgia na cozinha do castelo, Julia, satisfeita com os resultados, sentou-se, enquanto Edel e Agnes saíam para irem descansar.

– Bom... acho que o meu doente vai sobreviver, embora tenha a certeza de que ficará a coxear para o resto da vida.

– Maud não se vai importar com isso. – Montse sorriu, olhando para o animal.

Dando uma olhadela em volta, viu a garrafa de uísque que tinham utilizado

e, pegando nela, leu a etiqueta artesanal e perguntou:

– Quanto achas que valeria esta garrafa no século XXI?

– Ui... uma barbaridade. O que eu daria para que o meu Pepe bebesse um copo deste uísque.

Pegando em dois copos pequenos, Montse sorriu e, enquanto os enchia, disse:

– O teu Pepe não sei, mas tu e eu vamos agora mesmo beber um *shot* porque merecemos.

Divertidas com aquilo, pegaram nos copos e, erguendo-os diante de si, brindaram. A seguir esvaziaram-nos de um trago.

– Argh! – pigarreou Montse ao engolir o líquido dourado.

– Ui! Mas como pode o meu Pepe gostar disto? – troçou Julia ao engolir.

– Deve ter paladar para degustar estas coisas.

Depois de rir por causa disso, Montse perguntou:

– A propósito, onde está a futura mãe dos Sutherland Hilton?

– A passear com o futuro pai – respondeu Julia, e ambas sorriram.

Uma vez recompostas da queimadura que o uísque lhes provocara na garganta, Montse, apontando a garrafa, comentou:

– A verdade é que isto até levanta um morto.

– Por falar em mortos, estou morta! – Julia bocejou e, levantando-se, perguntou: – Vens para a cama?

Montse olhou para o animal e, esticando-se, suspirou e disse:

– Vai tu, eu já vou.

Levantando-se, Julia sorriu e, instantes depois, desapareceu pela porta. Montse levantou-se e olhou pela janela. O vento fazia mover a copa das árvores; foi até à porta da cozinha e abriu-a para que o ar lhe refrescasse a cara. Durante uns segundos, fechou os olhos e pensou em tudo o que lhes estava a acontecer e em como se estavam a safar bem. Quando começou a sentir frio, deu meia volta e fechou-a. Com cuidado, aproximou-se do cão e olhou para ele; o animal dormia placidamente. Sentou-se de novo à mesa e, agarrando na garrafa de uísque, serviu-se de outro *shot*. Ergueu o copo e, olhando para o cão, disse:

– A ti, *Fitz*. – Dito isto, levou o copo à boca e bebeu-o de um só trago.

Depois de gesticular ao engolir aquilo, pousou o copo na mesa e, apoiando a cabeça nela, fechou os olhos. Estava cansada. Muito cansada. A lareira da cozinha em conjunto com o calor da bebida fizeram-na adormecer. Não sabia há quanto tempo estava assim quando ouviu:

– Menina Crawford... menina Crawford...

Assustou-se ao escutar aquele sussurro perto do ouvido e, abrindo os olhos, viu o olhar glacial de Declan Carmichael diante dela. Durante uns segundos, olharam-se ambos com intensidade, até que ela se levantou e, afastando

o cabelo que lhe caía sobre a cara, murmurou:

– Caraças! Adormeci e...

– É verdade... já me dei conta – respondeu ele, fitando-a com o seu habitual ar sério. – Gostaria de conversar consigo. Sente-se, por favor.

Sem refilar, Montse sentou-se na mesma cadeira onde estivera sentada segundos antes e, encarando-o, perguntou:

– De que deseja falar?

Declan Carmichael, encostando-se à ombreira da porta, respondeu:

– Aqui, menina Crawford, quem faz as perguntas sou eu.

Sorriu ao ouvi-lo, mas, gesticulando com ar cansado, replicou:

– Está bem, mas seja rápido, que estou cansada.

– Alguma vez alguém lhe disse que é uma insolente?

– Sim, você, agora mesmo. A resposta serve-lhe ou prefere que engendre outra? Porque posso assegurar-lhe que o meu vocabulário ao falar é fantástico.

– Ousa questionar-me?

Em tom jocoso, a jovem olhou para ele e, tirando-o do sério, retorquiu:

– Eu...?!

Irritado com o modo como ela lhe respondia, deu um passo em frente e sussurrou:

– Tenha tento nas suas palavras.

Soltando um suspiro de resignação, Montse calou-se. Parecia incrível que aquele tipo fosse o mesmo com quem desfrutara do passeio a cavalo dias antes.

– Quero saber quem vocês são e de onde vêm. Porque tinha a jóia dos Carmichael? E quero a verdade, entendido?

Ai, mãe... se lhe conto a verdade, este tipo assassina-me aqui mesmo. Não vai acreditar em mim, mas vou-lha contar. Claro, vai rir-se de mim diga eu o que dizer, pensou ao ver como a observava. E, sem hesitar, disse:

– O meu nome já sabe qual é. – Ele concordou. – E em relação a de onde vimos, olhe, senhor, tenho a certeza de que não vai acreditar no que lhe vou contar, mas você pediu a verdade, portanto, aqui vai. Tanto as minhas amigas como eu vimos do futuro, do século XXI. Vivemos em Londres por razões laborais, e numa rifa numa competição de *karaté*, calhou a Paris Hilton uma viagem à Escócia...

Declan, aturdido, não entendia metade das palavras que ela dizia, mas deixou-a continuar:

– Foi ali, numa loja de antiguidades, que encontrei a jóia dos Carmichael. A senhora da loja insistiu que eu tinha de a comprar junto com um espelho e as minhas amigas, que queriam oferecer-me alguma coisa, compraram-mo. Em relação a estas roupas de tão má qualidade que trago vestidas, comprámo-las para assistir a uma ceia medieval no porto de Leigh, em Edimburgo. Juro-lhe! – murmurou ao ver o ar de incredulidade dele. – Por um desses acasos

da vida, ali encontrei-me com Erika, a *Escocesa*, que para que você me entenda é como uma maga ou bruxa neste século. Erika foi como uma mãe para mim quando eu era pequena e, meio a brincar, perguntou-me se queria pedir três desejos como quando eu era criança. E eu, oh, meu Deus!, tonta, encorajada pelas malucas das minhas amigas, pedi-os. – Omitiu parte da verdade. Não pensava dizer-lhe que estava ali por causa dele. – O primeiro desejo foi ter uma aventura impossível por estas bandas, o segundo, que Paris encontrasse o amor e...

– E o terceiro? – troçou ele ao ouvi-la.

– Esse não tive tempo de o pedir. Um raio caiu do céu, rachou uma árvore ao meio e falhou a luz. Assustadas, quisemos regressar ao nosso hotel, mas tropecei no porto e... caímos as três às águas do porto de Leigh e, quando nos demos conta, estávamos... estávamos aqui. Oh, meu Deus, nem eu acredito nisto que estou a contar! Depois conhecemos Ediel e, juntas, escapámos de uns homens com ar horroroso que, para ser sincera, não sei quem eram e não quero saber. No caminho, Alastair encontrou-nos e trouxe-nos até aqui. A Elcho. E essa, senhor Carmichael, é a verdade sobre quem somos e de onde vimos, por mais louca, incrível e inexplicável que lhe pareça a ideia.

Durante um bom bocado, Declan ficou em silêncio. Aquela história cheia de palavras ininteligíveis para ele era a coisa mais disparatada que alguma vez ouvira. Como levar a sério uma coisa assim mesmo que lhe tivesse devolvido o pendente dos Carmichael? Por isso, dando como certo que aquela jovem estava louca, apontou para a garrafa de uísque e o copo vazio e murmurou:

– Pelo que vejo, gosta de uísque, não é verdade?

– Pensa que estou com uma bezana? – replicou Montse ao intuir o que ele estava a dizer.

– Com uma bezana?! – repetiu ele sem compreender.

– Sim, que estou bêbeda – explicou irritada. – Mas, bom, o que está a querer dar a entender, ó chico-esperto?

O homem desviou o olhar esboçando um leve sorriso enquanto colocava a garrafa numa prateleira. Sem olhar para ela, respondeu:

– Nada. Eu não dou a entender nada. Eu só ouço e observo as evidências.

– Oh, sim, com certeza – bufou e, encarando-o, murmurou: – Olhe, as conclusões que está a tirar não são nada acertadas. Conte-lhe a verdade. Como me pediu. Por que não é capaz de acreditar em mim?

– Será porque eu não bebi uísque? – zombou ele. – Desculpe, mas o que você relatou é a fantasia de uma mulher que está louca ou de um bom jogador com muita imaginação após uma noite de borracheira.

– Sabe uma coisa? – Ele olhou-a com uma sobrancelha levantada e ela continuou: – É-me indiferente o que você pensa de mim! Quero lá saber se acredita em mim ou não. E sabe porquê? Porque dentro de poucos dias, com

sorte, terei regressado ao meu século e nunca mais terei de ver a sua fronha. Você é o ser mais mal-educado, ruim e bruto que tive a infelicidade de conhecer em toda a minha vida, e eu... eu só quero esquecer-me de que estive aqui. – Levantando-se, gritou sem se importar com a maneira como Declan a olhava. – Espero não voltar a sonhar consigo, nem com nada que tenha a ver com este maldito lugar em toda a porra da minha vida.

– A sua exaltação faz-me achar que está mal, menina Crawford.

– Oh, Deus... daí-me paciência – gemeu Montse, revirando os olhos.

Aquele gesto tão engraçado e desesperado fez Declan curvar os lábios. Não acreditava em nada do que aquela mulher dizia, mas a sua veemência ao contá-lo e a vivacidade ao discutir com ele chamavam-lhe a atenção. Porém, sem estar disposto a agradar-lhe, cravou os olhos no seu aspecto mal-amanhado e comentou:

– Não acha que devia assear-se um pouco? O seu aspecto é deplorável.

Boquiaberta, Montse olhou para a saia e para a blusa cheias de sangue do cão e retorquiu:

– Você é sempre assim tão desagradável com toda a gente ou tem alguma coisa contra mim em particular?

– Em particular consigo... Deus me livre de ter seja o que for! – Declan riu-se de uma maneira que Montse sentiu vontade de lhe dar um valente pontapé. No entanto, conteve-se. Se o ferisse, tudo se complicaria mais.

– Você é um... um...

Mas antes de ela poder soltar um insulto, ele olhou-a e, com a arrogância de um homem que está acostumado a mandar e a ser obedecido, sussurrou:

– Cuidado com a sua língua, menina Crawford. Se me sentir ofendido, você e as suas duas amigas sairão das minhas terras em menos tempo do que o cantar de um galo, e garanto-lhe que os caminhos hoje em dia não são sítios para mulheres sozinhas andarem a deambular, mesmo que sejam do século XXI. – Escarneceu ao dizer aquela última frase.

– Olhe... vou calar tudo o que me passa pela cabeça por...

– Sim, é melhor calar-se – avisou ele.

– Depois de você se calar.

– Gosta sempre de dizer a última palavra – queixou-se ele.

– Claro, não duvide.

Como um touro bravo de lide prestes a sair do curral, Montse olhou-o. Queria esganá-lo. Não... melhor, assassiná-lo, mas optou por se ir embora depois de dizer a última palavra. Assim que ficou sozinho na cozinha, Declan sorriu e, olhando para o cão, sussurrou, tocando-lhe com afecto na cabeça:

– Fico feliz por estares bem, *Fitz*, mas quanto mais depressa afastar essa louca de Maud, de ti e de todos nós melhor.

Capítulo 23

Com o passar dos dias, a fúria de Montse pareceu aplacar-se. Ainda se recordava da noite em que contou a verdade a Declan Carmichael e este, em tom jocoso, julgou que estava bêbeda e maluca. A partida para casa de Fiona estava programada para a semana seguinte. Isso deixava-a contente. Afastar-se daquele castelo e, em especial, do duque era o que mais desejava. Não suportava o seu ar mal-encarado e altivo de cada vez que se cruzava com ela.

– Vejamos, Paris Hilton – sussurrou Montse na margem de um pequeno lago enquanto lavava por partes a sua roupa andrajosa. – Amanhã iremos ao mercado de Perth?

– Sim, filha. Alaistrar prometeu-me.

– O que eu daria por uma *Coca-Cola* fresquinha neste momento – murmurou Julia, esfregando a sua camisa com água e sabão.

– Pois eu era por uma máquina de lavar roupa... – confidenciou Montse. – Nunca pensei que lavar à mão fosse um trabalho tão custoso. Tenho as mãos desfeitas por esta água congelada, e, vejamos, não me resta nem uma unha!

– Sim, a verdade é que um bocadinho de creme com aloé não nos faria mal nenhum – concordou Julia, olhando para as palmas das mãos.

– Porra...! Estou a dar cabo da única tanga que tenho de tanto esfregar.

– Olha, Cindy, cuida dela, que ainda nos restam dias aqui e nunca se sabe quem ta pode ver – encorajou-a a canária feliz.

– És mesmo porca! – scandalizou-se Julia ao ouvi-la.

Nesse momento Edel e Agnes apareceram junto delas com uns enormes cestos de roupa.

– Bom dia, lindas! – saudou-as Juana com o seu particular sentido de humor.

As raparigas, divertidas, abeiraram-se delas e, depois de pousarem os grandes cestos, Edel olhou para Julia e disse:

– Norma... a senhora Fiona anda à tua procura. Diz que quer que a acompanhes a visitar *lady* Camila para ver as suas flores.

– Oh, é verdade. Tinha-me esquecido. – E, levantando-se, disse às amigas enquanto se ia embora com as duas criadas: – Vou indo, meninas. Volto mais tarde. Até logo.

Montse reparou nos dois grandes cestos de roupa que as raparigas tinham deixado junto delas e gritou:

– Ei... estão a esquecer-se disto.

– Não, Cindy, é para vocês lavarem – respondeu Agnes, dando meia volta. – Já sabes, nós cozinhamos, vocês limpam.

– Raios as partam – grunhiu Montse.

– São do século XVII, mas de parvas não têm nada.

Entreolharam-se incrédulas. Como iam lavar aquela roupa toda sozinhas? Mas depois de protestarem e praguejarem, meteram-se ao trabalho.

– Odeio fazer isto – queixou-se Montse pouco depois com as mãos enregeladas enquanto pegava no pano sujo em tons dourados que utilizavam na mesa do salão e que Fiona lhe contara que era da sua avó. – Até me está a cortar a circulação.

– Sabes com que sonhei ontem à noite?

– Vejamos... surpreende-me.

– Com um delicioso café no Starbucks acompanhado por uma massagem de chocolatoterapia.

– Oh, meu Deus... o que eu daria por uma boa massagem descontracturante – murmurou Montse enquanto esfregava o pano com o sabão tosco para lhe tirar as nódoas. – Com tudo o que estou a passar aqui, tenho a certeza de que devo estar pejadinha de nós no meu interior.

– Sim... não seria mau – disse Juana sorrindo. – Mas sabes de uma coisa?

– O quê?

– Não desfrutei do sonho porque Alaisthar não estava lá.

– Va lá, mulher, devo acreditar que gostas assim tanto desse ruivo?

– Sim.

– A sério?

– Juro – afirmou com uma expressão que atraiu a atenção da amiga. – Nunca ninguém me tratou com a delicadeza e encanto com que ele me trata. Mas, sabes? Gostaria que se atirasse e...

– Ora, ora... alguém está mais quente que o meu forno, não é? – gracejou Montse.

– Sim. Admito. Mas é que nunca tinha pretendido um tipo como Alaisthar. Como não pensar em algo mais que um simples passeio?

Surpreendida por aquilo, Montse desmanchou-se às gargalhadas, mas, ao fazê-lo, soltou o pano e este começou a afastar-se no lago.

– Ai, que pena... e agora?

– É preciso ir buscá-lo, não? Ou vais deixá-lo ali? – riu-se a canária.

O pano afastava-se a ondular pela água do lago.

– Mas está um frio de rachar! – queixou-se Montse.

– Tu é que sabes. Mas esse tapete, ou lá o que é, é uma relíquia da família de Fiona.

Mal-humorada, Montse por fim meteu-se na água para ir buscar o pano, nadou até ele e, passados dois segundos, estava outra vez junto da amiga a tiritar de frio.

– Regressa ao castelo e muda de roupa.

– Mas o que visto se não tenho nada? – queixou-se Montse olhando para ela.

– Diz a Edel para te emprestar alguma coisa. Tenho a certeza de que o fará de bom grado. Vá lá... vai e eu termino isto. Se continuares aqui, vais apanhar uma pneumonia.

Consciente de que a amiga tinha razão, Montse pegou no cesto de roupa que já tinham lavado e foi-se embora para o castelo. Ao entrar, Agnes viu-a e gritou:

– Mas o que aconteceu?

– Cai ao lago – respondeu Montse sem querer dar mais explicações. – Agnes, precisava de alguma roupa seca. Edel está por aqui para me emprestar alguma coisa?

– Vou avisá-la – respondeu Agnes com rapidez e, olhando para ela, disse: – Põe-te ao pé da lareira para aqueceres. Não é bom cair à água com este tempo.

Dito isto, a rapariga saiu da cozinha, deixando-a sozinha, encharcada e a tiritar. Sem pensar duas vezes, desapertou a saia, que pesava imenso, e esta caiu ao chão. Pegou num pano limpo e atou-o em volta da cintura.

Vejam só... que minissaia mais gira que eu fui arranjar, pensou divertida.

Minutos depois chegaram as duas criadas e, ao vê-la naqueles preparos, Agnes apressou-se a murmurar:

– Mas, Cindy, pelo amor de Deus, que fazes em trajas menores?

– Trajes menores? Na minha terra, isto chama-se minissaia.

– Mini quê?! – sussurraram elas; nesse momento entrou Juana com o outro cesto e, ao ver a amiga, comentou divertida:

– Mas que mini tão fixe! Onde arranjaste o tecido?

Montse ia para responder, mas, em vez disso, espirrou. Sem perder tempo, Edel entregou-lhe um montículo de roupa dobrada e disse:

– Vai trocar de roupa, senão ficas doente.

Sem dizer mais nada, Montse deu meia volta para se ir embora quando deu de caras com Declan, que ia a caminho da cozinha. Ao ver como o duque lhe olhava para as pernas e subia para cima, ruborizou-se, e sem uma palavra encaminhou-se para o seu quarto, onde finalmente trocou de roupa.

Capítulo 24

O problema de cair à água em qualquer lado em fins de Outubro é que se garante uma boa constipação. E foi isso que Montse apanhou. Na manhã seguinte estava péssima e a febre subiu-lhe como nunca.

– Ai, meu Deus, o que eu daria agora por um ibuprofeno e um café da Colômbia bem forte! – sussurrou desesperada.

– Pois lamento, querida. Aqui só te podes curar com caldos quentes, suar na cama e pouco mais – respondeu Julia, tocando-lhe na testa. – Portanto, vais ser uma boa paciente e hoje vais ficar na caminha o dia todo.

– Se ao menos tivesse televisão ou portátil para me entreter seria agradável. Poderia falar com os amigos do Facebook e passar um bocado divertido.

– Cala a matraca, queixinhas – disse Juana, sorrindo.

– Mas o que faço durante todo o santo dia quando vocês vão todos à feira de Perth? – tornou a queixar-se.

– Dormir, descansar. Parece-te pouco? – repreendeu-a a canária.

– Quando há uma coisa curiosa e excitante que posso visitar, vou e fico doente, raios partam! – queixou-se, e Julia, abeirando-se dela, disse:

– Não te preocupes, a feira é a cada quinze dias, e segundo Fiona comentou comigo, vão lá sempre. Poderás ir da próxima vez.

– Ah, e não te preocupes. – Juana sorriu. – Sei qual é o teu tamanho e do que gostas. Prometo comprar-te alguma coisa que te fique bem e de que gostes. E lembra-te, Agnes não vai à feira. Se quiseres alguma coisa, só tens de lhe pedir, está bem?

Passados dez minutos, as amigas foram-se embora e deixaram-na sozinha no quarto. Passou as primeiras horas da manhã a dormir e a transpirar. Porém, a meio da manhã, já não conseguia dormir e começou a desesperar. Tocou na testa e estava a arder. Mas precisava de fazer algo, entreter-se com alguma coisa ou iria enlouquecer. Levantou-se e, vestindo o robezinho azul humilde mas lavado que Edel lhe deixara, olhou pela janela e surpreendeu-se ao não ver ninguém ali em volta.

Estou sozinha. Foi toda a gente para Perth, pensou mal-humorada.

Durante um bom bocado, olhou pela janela, até que de repente o rosto se lhe iluminou. A biblioteca! Se fosse até lá, de certeza que poderia escolher um livro ou, pelo menos, entreter-se. Amarrando o robe à cintura e prendendo o cabelo num rabo-de-cavalo alto, abriu a porta do quarto e saiu descalça para o corredor escuro. Chegou à cozinha com a esperança de ver Agnes, mas ali só encontrou o caldeirão a ferver com o caldo.

Decidida a ir à biblioteca, Montse começou a subir pelas escadas que a levavam ao andar de cima. Uma vez ali, aflorou a cabeça pela esquina e olhou para ambos os lados. Não havia ninguém. De certeza que toda a gente, incluindo o duque, tinha ido para Perth. Por isso, e com tranquilidade, deambulou até chegar à porta da biblioteca, abriu-a e entrou.

– Ui... que agradável – sussurrou ao pisar um enorme tapete que lhe aqueceu os pés.

Ficou boquiaberta com as grandes estantes de livros que via diante de si, não reparando que, do lado direito, junto à enorme lareira e sentado num cadeirão escuro de cabedal, Declan Carmichael levantava a cabeça para ver quem entrava. Ficou tão surpreendido ao vê-la ali assim vestida que decidiu ficar calado e observar.

Durante um bocado, Montse andou a explorar a grande biblioteca até que parou diante de uma das estantes. Com carinho, leu e tocou vários livros até que um lhe chamou a atenção e, sem hesitar, pegou nele. O título era *A Asa Quebrada*.

Esta estranha mulher saberá ler?

A jovem agarrou noutro intitulado *O Decoro de Amar*. Sem saber que estava a ser observada, sentou-se no chão, em cima do tapete suave, e, encostando-se à estante, começou a folheá-lo.

Durante mais de vinte minutos, o duque esteve a observá-la em silêncio. Julgava que ela tinha ido com o resto das pessoas a Perth. O que fazia ali? Sentada e abstraída, pôde admirar o seu perfil gentil e o seu bonito cabelo castanho. Até sorriu ao vê-la gesticular ante o que devia estar a ler. Gostasse ou não daquela rapariga, era a única mulher que tivera coragem de o enfrentar. A sua falecida esposa Isabela foi uma jovem terna e doce que, durante os três anos em que estiveram casados, nunca lhe levantou a voz. Mas aquela mulher que ante ele parecia frágil e delicada era no fundo obstinada e corajosa. Algo que sempre admirara nas mulheres, mas que nunca quis para si.

Um espirro de Montse fê-lo regressar à realidade. Estaria doente? Porém não queria espantá-la nem que se fosse embora dali. Tê-la ali sentada, calada e abstraída pela leitura era agradável e, ao mesmo tempo, desconcertando-o. Sabia que, assim que ela se desse conta da presença dele, o seu doce rosto se crisparia e, em segundos, ambos estariam com as lanças erguidas. Mas quando

ela voltou a espirrar e uma tosse feia lhe saiu da garganta, confirmou-o. Estava doente e, para o seu gosto, pouco agasalhada. Por isso, e para não a assustar, tentou modular a sua voz.

– O que faz a andar descalça pelo castelo com a tosse que tem? – perguntou. Ao ouvir aquela voz, Montse ficou paralisada.

Merda. Mas por que tenho de me cruzar agora com este?, pensou horrorizada.

Fechou o livro com uma pancada sonora e levantou-se. Ao fazê-lo, sentiu uma tontura. Levantara-se demasiado depressa. Declan, alarmado ao ver que ela cambaleava para trás e se encostava à estante, aproximou-se dela com dois passos largos e agarrou-a pelo braço.

– O que se passa consigo? – perguntou.

Sem poder evitá-lo, Montse espirrou em cima da jaqueta escura deste. Envergonhada, tapou a boca enquanto limpava a jaqueta com o lenço que trazia na mão e sussurrou:

– Ai, meu Deus da minha vida e da minha existência, desculpe!

Inexplicavelmente para ambos, ele sorriu e, num tom de voz que Montse nunca lhe ouvira, murmurou:

– Não se preocupe. Não creio que se espirre quando se quer, mas sim quando o espirro precisa de sair.

Vejam só... hoje o senhor Maldisposto está espirituoso, pensou, olhando para ele.

Sem a deixar responder, conduziu-a até onde ele estava sentado, indicou-lhe que se sentasse no cadeirão situado em frente ao seu e disse:

– Acomode-se aqui. Creio que estará mais confortável do que no chão.

– Obrigada pela sua amabilidade, mas creio que é melhor ir-me embora. Só vim buscar um livro emprestado e...

– Já quer fugir de mim? – perguntou com um estranho sorriso na boca que fez que a febre de Montse subisse mais.

– Eu não fujo de ninguém – respondeu confusa. – Se me vou embora é para não o incomodar.

– E quem disse que me está a incomodar? – replicou ele surpreendido ao sentir que não queria que ela se fosse embora.

– Ninguém – respondeu com sinceridade.

Depois de uns segundos em que só se ouviu o crepitar da lareira, Declan, olhando-a nos olhos, perguntou:

– Por que não foi a Perth com todos?

Montse, depois de dar um novo espirro, que desta vez travou levando o lenço à boca, respondeu com voz bastante nasalada:

– Estou com uma carraspana do camandro e isso impediu-me de ir.

– Carraspana do camandro?! – inquiriu Declan surpreendido. – Que doença é essa?

Ouvir aquilo fez com que saísse uma gargalhada despreocupada da garganta de Montse. Ao ver como ele olhava para ela, explicou com um grande sorriso:

- Estou constipada e com um bocado de febre, por isso não pude ir.
- Mas o que é isso da carraspana do camandro? – perguntou ele divertido.
- Bah! É uma expressão que usamos lá no sítio onde eu vivo.

Declan aquiesceu e, observando-a, sorriu e disse:

– Não estranho que tenha essa *carraspana* se se veste como a vi ontem na cozinha. Onde ia assim tão indecente?

Ao recordar aquele desastroso momento, Montse levou a mão à testa, abanou a cabeça e sorriu. Aquele sorriso tão sensual, tão descontraído, fez que Declan ficasse com a boca seca.

– Acabava de chegar do lago. Tive de me meter nele para apanhar uma coisa e quando cheguei à cozinha a saia pesava tanto e tinha tanto frio que não hesitei em tirá-la. – Ouviu-a surpreendido enquanto ela, com uma expressão curiosa, gracejava: – Se tivesse entrado uns segundos antes, garanto-vos que o meu aspecto sem essa pequena saia que vesti teria sido ainda mais indecente.

Declan deu uma gargalhada que o surpreendeu até a ele, e ainda mais quando a rapariga acrescentou:

– E mesmo que não acredite em mim e pense que estou louca ou que dou no uísque, de onde venho, o século XXI, as saias são assim, até mais curtas.

Incapaz de se zangar com ela e com as suas ideias absurdas, ele seguiu a brincadeira.

– Tenho muita pena de não conhecer esse século para ver com os meus olhos aquilo que você diz. Parece interessante.

Com um sorriso descontraído, Montse olhou para ele e respondeu:

– Para lhe ser sincera, não me parece que fosse gostar.

– Porquê? – perguntou ele com curiosidade.

– Porque o mundo é tão diferente do que você conhece que se sentiria mal. Em contrapartida, para mim o seu mundo, apesar de sentir falta de muitas coisas, é fácil de entender. – E, para o fazer sorrir, disse: – Ah... a propósito, e digo-lhe isto a título de curiosidade, a mulher na minha época adquiriu uma relevância que aqui ainda não tem.

– Explique-me isso – pediu ele, acomodando-se.

Subindo os pés para o cadeirão e sentando-se como um índio para meter os pés descalços debaixo do robe, ela começou a contar-lhe tudo sobre o que ele lhe perguntava. Com certeza não acreditaria em nada, mas o poder conversar um pouco junto à lareira agradou-lhe.

– No meu século, eu tratá-lo-ia por Declan e você por Cindy a mim. – Ele sorriu. – As mulheres usam saia comprida, curta, calças, bermudas, tudo o que nos apetercer. Somos livres de decidir, fazer e propor o que desejarmos. Ah... e não é malvisto ficar solteira. Não, por Deus... isso é uma maravilha. – Riu,

surpreendendo-o. – Mesmo que não acredite, damos o primeiro passo se um homem nos agrada e queremos ter relações sexuais com ele.

Aquilo deixou Declan tão admirado, que sussurrou:

– E o que me diz do decoro e da dignidade?

– O decoro e a dignidade continuam a existir nos valores das pessoas, mas os tempos evoluem e, acima de tudo, os homens e as mulheres, estamos a aprender que somos pessoas. Não lhe vou negar que ainda existe um certo machismo em determinadas coisas ou posições, mas pouco a pouco nós, as mulheres, vamos conseguindo posicionar-nos onde devemos estar. Onde merecemos.

Divertido com as loucuras que aquela mulher lhe dizia, o duque perguntou:

– Quer chamar-me Declan e tratar-me por tu, menina Crawford?

Com um sorriso de surpresa, ela respondeu:

– Adoraria, porque isto de o tratar por você torna-se cansativo e muitíssimo difícil. Mas sempre e quando isso não o incomodar e desde que me trate também a mim por tu, e, claro, desde que amanhã, quando se chatear sabe Deus com quê, não decida que devo voltar a chamar-lhe «senhor».

Inexplicavelmente para Declan, a conversa com aquela mulher estava a agradar-lhe, e mesmo não acreditando numa palavra do que dizia, sentiu que desfrutava da sua companhia e, em especial, da sua genialidade. Levantando-se para se aproximar dela, estendeu-lhe a mão e sussurrou:

– Assim seja, Cindy.

Esticando-se para a frente no cadeirão, Montse aceitou-a e sorriu.

– Combinado, Declan.

Aquela intimidade entre eles, a quietude do momento, a tranquilidade e o crepitar alaranjado da lareira fez que ambos se olhassem nos olhos. Ali estava o olhar com que ela sonhara durante anos. Ali estavam os olhos que em sonhos a tinham perseguido. Ali estava ele.

Declan, enfeitiçado pelo engenho e pela beleza da jovem, incapaz de a soltar e ainda menos de se afastar, desejoso dela, sussurrou-lhe:

– Cindy, nessa época de que falas, num momento como este, o que farias?

Beijava-te... isso está mais claro do que água, pensou.

E, sem pensar, esticou-se, aproximou os lábios dos dele e beijou-o. Foi um beijo curto, nada profundo ou arrebatador. Mas foi passional o suficiente para que ambos sentissem borboletas e elefantes a correrem dentro deles. Declan, confuso e impressionado com aquilo, separando-se dela uns milímetros, murmurou no momento em que ela espirrava.

– Estás a arder, Cindy. Creio que a tua temperatura está a subir.

Nem imaginas quanto..., pensou desconcertada.

Porém, levando as mãos à testa e tirando os pés de cima do cadeirão, balbuciou encalorada:

– Ui... que calor! Acho... acho que devo regressar ao meu quarto.

– Sim... será o melhor – concordou ele, sem saber se queria que ela se fosse embora. – Vou dizer a Agnes para te levar um caldo e panos de água fria para te baixar a temperatura.

Ao vê-lo tão aturdido e ouvir o que lhe dizia, sorriu sem querer, mas, olhando para ele, pediu:

– Declan, posso levar estes dois livros para o meu quarto para os ler? – Ao ver como ele olhava para ela, fez um sorriso apatetado: – Prometo cuidar deles e deixá-los no sítio quando os terminar.

A cada segundo que passava, aquela mulher desconcertava-o mais. De repente queria conhecer Cindy e saber mais sobre ela. Desejava tomá-la nos braços e levá-la até à cama para que não pisasse o chão frio. Porém, recompondo a sua fachada, respondeu com afabilidade:

– Claro, Cindy. Lê-os e logo me dirás o que achas deles.

– Obrigada.

Sem dizer mais nada e como que numa nuvem, Montse chegou à porta da biblioteca e, depois de a abrir, virou-se com um sorriso apatetado que não conseguiu reprimir e murmurou:

– Adorei conversar contigo, Declan.

E, sem mais, foi-se embora. Como se lhe tivessem enfiado um foguete no rabo, Montse correu para o seu quarto, onde, ao enfiar-se na cama, sussurrou:

– Raios, Cindy Crawford, por que o beijaste?

Capítulo 25

No mercado de Perth, o numeroso grupo recém-chegado do Castelo de Elcho dispersou-se. Os homens e criados foram para um lado à procura de mantimentos e Fiona, as mulheres, Alaisthar e a pequena Maud para outro.

Numa das tendas, esta enfeitou-se por uma pulseira a combinar com uns brincos em tom claro. Sem pensar e às escondidas, Alaisthar, por ordem de Declan, comprou-lhos. Aquilo seria um presente de aniversário perfeito. Fiona comprou um corte de tecido para lhe fazer um vestido lindo e Edel, como prenda de todos os que trabalhavam em Elcho, comprou-lhe uns bonitos sapatos.

Alaisthar, feliz por ter concretizado a ordem que o seu amigo e *laird* lhe dera, focou-se na jovem Paris Hilton. Aquela rapariga morena e minúscula de expressões estranhas que desde o primeiro dia lhe roubara o coração.

– Dizei-me, Paris, agrada-vos alguma coisa do que vedes? – perguntou o *highlander*, afastando uns homens para que não fossem contra ela.

– Ui, filho... Agradar-me... agradar-me, agradam-me muito mais coisas do que tu pensas – riu-se ela, piscando um olho a Julia, que olhou para o outro lado ao ouvi-la.

O *highlander*, que nunca fora assim tão atencioso com nenhuma mulher, afastou-a do grupo agarrando-a pelo cotovelo e levou-a até à banca de um conhecido. Ali havia adornos em prata para as mulheres. Agachando-se, sussurrou-lhe ao ouvido:

- Escolhei um presente.
- Eu?
- Sim, vós.
- Ai, Alaisthar... disse-te mil vezes para me tratares por tu.
- Eu sei – disse ele, fazendo-a rir. – Mas eu esqueço-me. Vá lá, Paris, escolhe um presente.

Nervosa como nunca estivera, olhou para ele. Ainda não entendia que um homem como aquele, tão bem-parecido, estivesse sempre a dar-lhe atenção.

– Mas porquê?

– Vós mereceis. – Ao ver a expressão dela, corrigiu-se com um sorriso encantador: – Tu merece-lo por seres tão adorável e bonita.

Comovida com tais palavras, Juana ruborizou-se e sussurrou:

– Obrigada, Alaisthar, mas não sou bonita. Posso ser simpática e até mesmo um bocado amalucada em determinadas ocasiões, mas bonita... aquilo que se entende por bonita, isso sei que não sou.

Ele sorriu.

– Estás muito enganada, Paris.

– Vamos lá ver – disse Juana, afastando-se uns metros. – Estás a ver-me?

Passeando o seu olhar azulado pelo corpo dela, ele aquiesceu e a rapariga prosseguiu:

– Alaisthar, sou baixinha, não alta e estilizada como as mulheres que costumam agradar aos homens. – E, apontando para ele, continuou: – Olha para ti. És um *highlander* imponente e lindo, com um bonito e *sexy* cabelo ruivo e uns olhos claros que, ui... são de perder a cabeça. És o tipo de homem que nunca costuma reparar numa mulher como eu. Será que não vês isso?

Ao ouvir aquilo, o homem surpreendeu-se. Como poderia Paris pensar aquilo quando, para ele, ela era a mulher mais bonita de todas as que conhecera? Por isso, aproximando-se dela, agachou-se e, levantando-lhe o queixo, sussurrou-lhe:

– Não sei de que os outros homens gostam, mas sim do que eu gosto. E eu, Alaisthar Sutherland, afirmo que és a mulher mais bonita, linda e divertida com que tive a honra de me cruzar na minha vida. E por isso, e por muitas coisas mais, far-me-ias muito feliz se me deixasses presentear-te com alguma coisa da banca do meu amigo Ralf.

– Mãezinha santíssima... isto é a coisa mais romântica que alguma vez me aconteceu na vida – murmurou a canária e, sem se importar com as pessoas à sua volta, lançou-se nos braços dele e beijou-o.

Surpreendido por aquela efusividade, Alaisthar agarrou-a e, por fim, devorou aqueles lábios que desejava desde o dia em que a conhecera. Ainda que aquela mulher fosse pequena, na sua cabeça e, em especial, no seu coração, em poucos dias tinha ocupado todo o espaço.

Juana sentiu-se como a protagonista de *Pretty Woman* quando ele acabou aquele beijo terno, sorriu e a pousou no chão.

– Agora que sabes o que sinto por ti – ela aquiesceu aturdida e ele insistiu –, poderias escolher um presente para que possamos ir embora daqui?

Divertida pela atrapalhação que via nos olhos de Alaisthar devido aos olhares de todos os que estavam à sua volta, a jovem olhou para a banca e, depois de apontar para uma pulseira de pedrinhas cinzentas brilhantes com um A no centro, pegou nela e disse:

– Alaisthar Sutherland, graças a ti a minha estada nestas paragens vai ser muitíssimo interessante.

Tal como na maioria das vezes, ele não entendeu o significado daquela frase, mas, tirando umas moedas do bolso das calças, entregou-as ao seu amigo Ralf e foram-se embora. Pouco depois voltaram a juntar-se ao grupo de mulheres, e Maud, ao ver Alaisthar, correu para que ele lhe pegasse ao colo. Estava cansada.

– Olha o que eu teeeeeenho – segredou Juana à sua amiga.

Julia, ao ver que esta lhe mostrava uma bonita pulseira, perguntou surpreendida:

– Com que dinheiro a compraste?

– Foi o *meu* Alaisthar que ma ofereceu – respondeu com um sorriso inquieto.

Julia, ao ouvi-la, pegou-lhe no braço e sussurrou:

– Parece-me que esse ruivo é um bom homem.

– Sim... demasiado – concordou Juana, vendo como ele brincava com Maud.

– Não me digas que estás a ficar apanhada por ele. – A canária anuiu e Julia, escandalizada, parou e grunhiu: – Tu estás parva ou quê? Recordo-te que isto é algo circunstancial, ou quero pensar que assim é, e que não vamos viver aqui para sempre. Porquê apaixonares-te por um homem que sabes que não podes ter?

Consciente de que o que a sua amiga dizia era verdade, a canária quis responder mas, pela primeira vez na vida, não soube o que dizer. Aquilo era como um sonho surrealista, que mais cedo ou mais tarde terminaria, e com aquele sonho Alaisthar desapareceria da sua vida.

– Ai, meu Deus... tens razão, mas é que ele diz-me coisas tão... tão românticas que, sinceramente, até me fazem cair as cuecas ao chão. Hoje disse-me que sou bonita, divertida e que gosta de mim. Pelo amor de Deus, a coisa mais agradável que um tipo alguma vez me disse foi «és gira». Gira?... Vá lá, dizer isso a uma mulher como eu é como dizer-lhe «olha, lindinha... és uma feiosa» – confidenciou, revirando os olhos e fazendo rir a amiga. – Os homens que costumam reparar em mim não me agradam, e, olha lá, uma pessoa também tem os seus desejos, as suas aspirações, e Alaisthar... é... é... tão diferente que... Hoje beijou-me! Bem... beijei-o e ele correspondeu-me. E, ai, filha... não sabes como ele beija bem e a excitação que senti nesse momento. Porque eu...

– Cala-te, pelo amor de Deus, que sou uma mulher casada e em período de abstinência total. – Julia cobriu a boca para não se rir. – Sabes o que te digo?

– O quê?

– Desfruta do momento, mas mentaliza-te de que mais cedo ou mais tarde

isto vai acabar.

Juana, virando o olhar para Alaisthar, que brincava com Maud, sorriu encantada. Não pensava desperdiçar um único segundo com ele. Nesse momento, ele olhou para ela e piscou-lhe um olho. Sem pensar, ela atirou-lhe um beijo.

– Por todos os Santos, Paris – repreendeu-a Fiona ao passar por ela. – Não sejas assim tão descarada com os homens. Já tens Alaisthar bastante aceso para ainda por cima o provocares mais.

– Ora, ora, Fiona... estou a ver que não lhe escapa uma.

Virando-se para ela, a mulher de cabelos grisalhos piscou-lhe um olho e, baixando a voz, murmurou, fazendo-as rir:

– Não te esqueças de que também sou mulher e já fui jovem.

Capítulo 26

No dia seguinte ao que se passou na biblioteca, Montse estava pior. A febre subiu mais e não tinha forças nem para falar. Declan, sempre informado por qualquer pessoa da casa de como a jovem se encontrava, conteve o seu impulso de descer à zona de serviço para a ir ver. Aquilo daria muito que falar. Porém, passados dois dias sem saber nada dela, a sua impaciência aumentou. Queria vê-la nem que fosse para discutir com ela. Por isso, e embora não tivesse ido visitá-la, ordenou, para surpresa de todos, que lhe levassem uma boa manta e um bonito ramo de flores.

– Bom dia – saudou a criada ao entrar no quarto das mulheres.

Montse, feliz por se encontrar melhor, trauteava distraidamente uma canção: «Esperarei que sintas o mesmo que eu, que olhes para a lua da mesma cor...»

– Bom dia, Edel – respondeu Julia, olhando-a com curiosidade.

– Trago estas flores para Cindy – indicou ela enquanto escutava a jovem a cantar distraída.

Ao ouvir aquilo, esta deixou de cantar e perguntou surpreendida:

– Para mim?

– Hum-hum. Acho que alguém arranjou namorado – zombou Juana.

– Sim, tu, o pai dos teus futuros filhos – respondeu Montse olhando para ela. – A propósito, a pulseira que ele te deu é linda.

– É mesmo! – guinchou Juana deliciada, tocando na jóia. – É tão queriiiiido.

Montse, que já se encontrava melhor e que não contara nada do que acontecera às suas amigas, olhou para as flores com ar desconcertado e, enquanto se vestia e sentia o coração a bater desabrido, perguntou:

– Edel, a sério que são para mim? – A criada anuiu e Montse pegou encantada no jarrao de vidro escuro em que vinham. Como era de esperar, não encontrou nenhum bilhete.

– Quem mandou as flores, Edel? – perguntou Julia.

– O *laird* Carmichael – respondeu a criada. – As palavras foram textualmente: «Levem a colcha e estas flores a Cindy e transmitam-lhe os meus melhores votos para que se recupere o quanto antes.»

– Ai, que liiiiindo! – suspirou Juana, dando uma cotovelada à sua aturdida amiga, que, ao ouvir aquilo, sentiu um estranho calor a percorrer-lhe o corpo todo. Quase não conseguira deixar de pensar no que acontecera na biblioteca e, sobretudo, na voz rouca e olhos apaixonados dele quando ela o beijou.

– Olha, isso é mesmo atencioso – comentou Julia alheia a tudo. – Talvez com isto ele se esteja a desculpar por ter sido tão desagradável contigo e por fim fumem o cachimbo da paz.

– Para que isso aconteça, lamento dizer-vos que esse Carmichael tem de despendar mais horas de trabalho do que o maquilhador da Marujita Díaz – replicou Montse, pousando as flores numa mesa de madeira.

No entanto, um estranho regozijo percorreu-lhe o corpo ao aspirar o perfume de uma flor. Aquele gesto de atenção tocou-lhe o coração e, com um meio sorriso, foi-se embora para a cozinha, onde ajudou Edel a cozinhar. Nesse dia safava-se das limpezas.

Dias depois, numa tarde em que Montse terminou os seus afazeres, foi até ao quarto de Maud com o pequeno *Fitz* escondido para brincar com ela. O dia estava chuvoso e não convidava a sair. Durante horas, a jovem, a menina e o cão divertiram-se à grande a brincar. Montse ensinara uns truques ao animal no seu tempo livre e estes faziam que a criança, maravilhada, desse enormes gargalhadas.

Foi isso que chamou a atenção de Declan. A sua filha a rir! Por isso, ao passar junto ao quarto da menina, abriu a porta com cuidado para a observar, e surpreendeu-se ao ver a sua filha junto com Cindy e o cão, que rebojava no chão enquanto estas se riam. Observou a criança durante um bocado; vê-la assim tão feliz e sorridente era algo a que não estava acostumado e isso, de repente, emocionou-o. Sabia que não tinha sido justo com ela, mas quando Isabela morreu, ver a filha partia-lhe o coração. Por isso deixou-a a cargo da sua mãe enquanto lutava pela pátria. No entanto, algo tinha mudado e, quer gostasse quer não, isso devia-se a Cindy.

De repente o animal parou e olhou para a porta. Ao ver o duque a observá-las, Montse alarmou-se.

Mãe do céu... a bronca que ele me vai dar por trazer o cão para aqui. Prepara-te, Montse, que este vai dizer-te do bom e do bonito, pensou, depois de suspirar.

Ao ver-se descoberto, Declan, surpreendendo-as, perguntou:

– Posso entrar?

Maud, amedrontada, olhou primeiro para a jovem e depois para o cão e, pegando nele ao colo, concordou. Montse, ao aperceber-se disso, ganhou

coragem e, em tom jovial e alegre, respondeu, disposta a levar um novo raspanete:

– Claro, senhor, está em sua casa.

Para espanto de Montse e Maud, uma vez dentro do quarto, Declan sentou-se no chão ao lado delas e perguntou:

– De que estão a rir? As vossas gargalhadas ouvem-se no castelo todo.

A pequena Maud olhou atônita para o pai e, baixando os olhos para o chão, sussurrou:

– Desculpa, pai. Não queríamos incomodar.

Horrorizado pela primeira vez na sua vida ao ver como a alegria da sua filha desaparecia quando ele aparecia, Declan pegou-lhe no queixo, fê-la erguer o rosto para ele e, num tom aveludado que deixou Montse toda arrepiada, disse:

– Maud... adoro ouvir-te rir porque tens um riso lindo. E eu é que tenho de te pedir desculpa por não ter estado mais atento àquilo de que necessitavas. Mas prometo-te que a partir de agora tudo vai mudar.

A menina olhou surpreendida para a jovem. O pai nunca tinha sido assim gentil com ela. Montse, ao ver o desconcerto da criança, para animar o momento aplaudiu e exclamou:

– Mas isso é bestial! Tu e o teu papá são outra vez uma equipa.

– Equipa?! – perguntaram em uníssono pai e filha.

Sem querer, aquilo fê-los rir aos três e a pequena disse:

– Cindy, às vezes dizes coisas muito estranhas. O que é uma equipa?

Aturdida com o olhar divertido do duque a incidir sobre ela, respondeu depois de inspirar e tentar manter o controlo:

– Tens razão, Maud... às vezes digo coisas muito esquisitas. Mas sou esquisita! – Todos voltaram a rir e Montse explicou: – Onde eu vivo, uma equipa é quando duas ou mais pessoas lutam para conseguir algo em comum. No vosso caso, tu e o teu papá vão lutar toda a vida para se amarem e se entenderem, não é verdade?

– Sim – concordaram ambos depois de se entreolharem.

– E tu és da nossa equipa, Cindy? – quis saber a pequena.

Aquela pergunta deixou Montse tão perplexa que não soube o que responder. Não devia permitir que a menina criasse ilusões. Mais cedo ou mais tarde iria embora. Declan, ao ver que a menina olhava para a jovem e que esta não respondia, replicou:

– Claro que é da nossa equipa. Por acaso duvidas disso, Maud? – A menina sorriu. – E para que a equipa cresça, pensei que *Fitz* também se poderia juntar a ela. Que achas, filha?

– A sério? – perguntou a menina com os olhos muito abertos.

– Sim, Maud... sim. Podes tê-lo contigo sempre que quiseres... sempre –

respondeu ele.

Montse, ao ver o esforço que ele fazia para se aproximar da filha, murmurou:

– *Senhor...* isso é a coisa mais alucinante que o ouvi dizer desde que estou cá. Tenho a certeza de que nunca se vai arrepender disso.

Ao ouvir aquilo, Declan quis beijá-la. Olhou-a com tal intensidade que Montse, para quebrar a tensão entre eles, só se lembrou de dizer:

– Princesa, mostra ao teu papá o jogo que te ensinei. De certeza que lhe ganhas!

A menina, depois de dar uma gargalhada, olhou para o homem com os olhos faiscantes e disse:

– Cindy ensinou-me um jogo.

– A sério?

– Oh, sim... e é muito boa nele – afirmou Montse com ar divertido.

– Anda, papá, eu ensino-te.

– Papá?! – perguntou surpreendido, mas, ao ver a expressão da filha, continuou, fazendo-a sorrir: – Adoro que me chames papá, Maud... adoro.

Papá?, pensou Declan. Adorava ouvir aquele termo tão íntimo e afectuoso. Por isso, e ante a vivacidade da pequena, acomodou-se ao seu lado enquanto a filha lhe dizia:

– Nós os dois temos de virar as palmas das mãos para cima e, sem deixarmos de nos olhar nos olhos, tens de bater com a palma da tua mão na minha ou eu na tua. Mas atenção, papá, o jogo é conseguir tirar as mãos antes de o opositor nos bater nelas.

Durante uns minutos, a menina e o pai jogaram e riram. Montse manteve-se à margem e, encostando-se à cama, observou aqueles dois desfrutarem do momento. Era incrível a facilidade de adaptação de uma criança para se moldar a qualquer situação e, em especial, para esquecer o passado. Maud estava a dar uma lição ao seu pai e Montse esperava que Declan se desse conta disso e que não se esquecesse. Naquele momento, parecia que o muro invisível que existira entre eles nunca ali estivera.

– Voltei a ganhar, papá!

– Rendo-me, Maud. – Ele riu-se encantado. – Creio que Cindy te ensinou demasiado bem a jogar isto.

– Senhor... a sua filha é muito rápida a aprender – respondeu ela divertida.

– *Senhor?!* – perguntou ele franzindo uma sobrancelha, e ela sorriu.

– Vou à cozinha buscar bolachas para todos – disse a menina de repente, saindo do quarto seguida por *Fitz* e deixando-os sozinhos e sentados no chão.

Nervosa por aquela intimidade, Montse coçou a cabeça e afastou-se uns centímetros. Ele, ao ver o incómodo dela, voltou a perguntar:

– *Senhor?!* Já não me tratas por tu.

- Está bem... está bem... – riu-se ela.
- Estás melhor da tua indisposição?
- Sim. A verdade é que já volto a sentir-me bem, mas reconheço que no outro dia estava bera, mesmo bera.
- *Bera*?!

E então ela voltou a fazer aquilo que parava o coração a Declan. Voltou a sorrir, levando a mão à cabeça. Aquele sorriso carregado de sensualidade enlouquecia-o. Porém, alheia ao que ele pensava, explicou:

– «Bera» significa «mau». No meu caso, usei a expressão para dizer que estava bastante mal. Estava bera.

Cravando os seus olhos inquietos nela, Declan aquiesceu. Olhou para aqueles lábios e, mesmo sem os beijar, sentiu-os. A ânsia por saboreá-los fê-lo aproximar a cara da dela e, a escassos centímetros, sussurrou-lhe:

– Seria *bera* se te beijasse neste momento?

Estonteada por aquilo, ela abanou a cabeça e Declan beijou-a. Devorou os lábios dela como ansiava fazer há dias e não se importou com nada. Só com ela. Quando notou que Montse abria a boca e tocou na sua língua sedosa e húmida, algo nele explodiu. Desejou tomá-la nos braços e levá-la para o seu quarto, despi-la e fazê-la sua. Mas não. Não devia fazê-lo.

Montse, excitada com aquilo, sem hesitar e ansiando receber mais, sentou-se descaradamente montada nele para o poder beijar com mais veemência. Declan, surpreendido por aquele movimento tão passional, soltou um grunhido varonil de aceitação. Durante uns minutos, beijaram-se sem pensarem em mais nada, até que ouviram os passos da pequena Maud que se aproximava a correr. Nesse momento, Montse voltou ao seu sítio e, quando a menina abriu a porta, Declan levantou-se e disse alterado:

– Desculpem-me as duas. Há algo urgente que requer a minha atenção.

Dito isto, saiu dali sem olhar para Montse, que o observou incrédula. Assim que ficaram a sós, a menina perguntou:

– Fiz alguma coisa de errado com o meu papá?

Perturbada com o que acabava de acontecer e consciente do modo como Maud olhava para ela, Montse sorriu e, sentando-a ao seu lado, murmurou-lhe:

– Claro que não, princesa, é só que o teu pai tinha coisas para fazer.

Segundos depois retomaram os jogos com *Fitz*, ainda que a mente de Montse já não voltasse a ficar clara. O que estava a fazer?

Naquela noite, depois de cear na cozinha com Colin, Ediel e Agnes, Montse estava inquieta. Desde o que acontecera à tarde com Declan no quarto de Maud, só conseguia pensar nele. Reviver aquele beijo com aquela veemência deixava-a arrepiada e fazia-a desejar mais... muito mais.

Queres sexo, Montse... sabes disso. Esse tipo mostrou-te com aquele beijo

o que te pode dar e estás mortinha por experimentá-lo. Não o negues, não o negues... mas esquece já isso! Isso só acrescentaria mais problemas aos que já tens, repreendeu-se enquanto observava a luz que vinha da janela do quarto dele.

– Acabou-se! Vou-me pirar para ir dormir para ver se deixo de pensar em disparates.

Porém, quando entrou na cozinha, estacou. Ela era uma mulher do século XXI, independente, solteira e com liberdade para gozar plenamente da sua vida sexual. Fechou os olhos um segundo para pensar e, quando os abriu, estava tudo claro: desejava Declan Carmichael como há muito não desejava um homem. Porquê negá-lo?

Determinada, subiu as escadas até chegar ao salão. Depois de verificar que estava vazio, encaminhou-se para o lance de escadas seguinte. Com cuidado, e evitando fazer barulho, passou diante dos quartos de Fiona e de Maud até que chegou ao dele.

O que estou a fazer? Estarei a enlouquecer?, pensou.

Porém o desejo carnal foi mais forte do que ela e, sem bater, pousou a mão no puxador da porta e abriu-a. Declan encontrava-se apoiado na lareira com ar sério, vestido com uma camisa de linho branca desabotoada e umas calças claras. Surpreendido por aquela visita inesperada, pousou o copo de cristal que tinha na mão e olhou para ela.

Não foram necessárias palavras. As suas respirações agitadas, junto com os olhares excitados, falaram por eles. Conscientes do seu desejo, ambos caminharam em busca um do outro e, depois de se abraçarem, beijaram-se com autêntica paixão. Nos olhos dela ardia um desafio, um desafio que deixou Declan apaixonado.

Montse arqueou-se ao saber-se entre os braços dele, enquanto sentia debaixo das suas mãos a pele firme e cálida dele. Exaltada, despiu-lhe a camisa deixando-o nu da cintura para cima. A fantasia que há horas se ia criando na sua cabeça estava ali entre os seus braços. Declan, arrebatado com a fogosidade dela, apurou todos os seus sentidos e, tomando-a com possessão entre os seus braços fortes, levou-a até ao seu leito, onde, depois de lhe morder o lábio inferior com deleite, a pousou. Excitada, Montse soltou o cabelo com um movimento sensual e sorriu.

– O teu sorriso enlouquece-me – sussurrou ele, antes de a beijar outra vez.

Agradada com aquilo e saboreando a boca dele, Montse deixou-se despir. Com movimentos certos, Declan tirou-lhe primeiro o corpete e a seguir a camisa branca, que atirou com despreocupação para junto da lareira. Nus da cintura para cima, Declan deleitou-se com carinho com os seios dela. Tocou-lhe nos mamilos, lambeu-lhos e, quando a sentiu suspirar, mordiscou-lhos com um sorriso malévolo, enquanto lhe desapertava a saia com as suas

grandes e exigentes mãos e a atirava para o lado.

Mãe do céu, como este homem me está a deixar, pensou Montse, desfrutando de tudo aquilo.

Com um olhar selvagem e altamente irresistível, Declan admirou a entrega dela. Rolou pela cama para a colocar sobre ele e, quando pousou as mãos nas nádegas dela, intrigou-se ao encontrar uma fina correntezinha de elos negros.

– O que é isto? – perguntou surpreendido.

Ela sorriu. Declan referia-se à tanga em tons violeta e preta que trazia. Consciente de que ele nunca na vida tinha visto uma igual, levantou-se e, para lhe abrir ainda mais o seu apetite por ela, enfiou com sensualidade os polegares dos dois lados da tanga, agarrou nas correntezinhas e respondeu:

– É uma tanga.

– Tanga?! – repetiu ele sorridente, observando-a.

– Sim. Na minha época isto chama-se *lingerie* feminina. É o que a maioria das mulheres usa.

E quando julgava que já não o voltaria a surpreender, Montse viu que ele tornava a reparar noutra coisa e desmanchou-se a rir ao ouvir:

– Por todos os santos, o que te aconteceu ao umbigo? Tens uma coisa brilhante pendurada nele.

Alvorçada com o modo como ele a olhava, tocou na lua com um brilhante que pendia do seu umbigo e, depois de se aproximar para lhe dar um beijo doce nos lábios, informou-o:

– Isto chama-se *piercing*. É um brinco no umbigo.

Surpreendido pelas coisas que descobria nela, olhou-a confuso e replicou:

– Mas os brincos não são para as orelhas?

– Sim. Mas, como já te expliquei, no meu tempo as coisas mudaram muito e os brincos põem-se em qualquer parte do corpo. Nas orelhas, no umbigo, na sobrancelha, na língua...

– Na língua?! – exclamou incrédulo.

– Sim, na língua e noutros sítios que tenho a certeza que não acreditarias – riu-se Montse.

Durante um bocado, Declan observou-a aturdido com tudo o que via e ouvia, até que ela, arrancando-o aos seus pensamentos, fê-lo voltar a olhar para ela e perguntou:

– Gostas da minha tanga e do meu *piercing*?

Excitado, olhou-a com a boca seca pelo desejo e, com um sorriso rebelde, anuiu e disse:

– Sim... agradam-me. Embora gostasse mais que voltasses outra vez para aqui, para junto de mim. Assim poderia ver-te mais de perto o... bom, isso do umbigo, e poderia tirar-te a tanga.

Coquete e desejosa de se divertir com ele, com uma sensualidade que

o deixou apatetado, aproximou-se dele e, agarrando-se a um dos postes da cama, elevou-se com agilidade e, uma vez por cima dele, sussurrou-lhe:

– Aqui estou, Carmichael, tira-ma!

Excitado com aquilo, Declan, ainda sentado na cama, estendeu as mãos e, agarrando com cuidado nas correntezinhas daquilo que ela dizia chamar-se tanga, puxou-as. Mas de novo voltou a espantar-se ao olhar para aquele minúsculo e perfeito triângulo de pêlo castanho que havia no centro do que mais desejava. Montse, consciente de que tudo aquilo era novidade para ele, depois de sorrir sentou-se em cima das pernas dele e, beijando-o na orelha, sussurrou:

– Aquilo para que olhaste maravilhado é o que chamamos depilação brasileira.

Boquiaberto pelas coisas que Montse lhe estava a mostrar, concordou e, tomando-a entre os seus braços, fê-la dar a volta na cama, separou-lhe as pernas com as suas, introduziu o pénis dentro dela e, depois de uma investida que a fez gemer, sussurrou-lhe ao ouvido:

– Isto é o que eu chamo de posseção.

Um calor húmido e selvagem apoderou-se dela enquanto erguia as ancas para o receber mil e uma vezes. Desejava sentir aquela sensação de posse. Enlouquecia com a boca dele, com o seu cheiro varonil e a voz carregada de poder quando fazia amor com ela.

Consumido pelo momento, tomou-a com abandono. Desde o primeiro instante ficou claro que a jovem não era virgem, e isso intensificou o seu ardor enquanto ela recebia uma e outra vez as suas acometidas de paixão. Quando a sentiu tremer debaixo dele e abandonar-se num gemido prazenteiro, seguiu-a, deixando cair o seu corpo exausto sobre o dela depois de soltar um grunhido tenso e varonil.

Com os corpos a arder devido à fogueira, Declan afastou-se para um dos lados da cama para não a esmagar e ela, transpirada e satisfeita, sorriu.

– Se sorris assim, vou tomar-te de novo.

Ao ouvir aquilo, e com um descaramento que o fez sorrir, Montse olhou para ele e desmanchou-se a rir, mas, de súbito, a sua cara mudou, ficou tensa e sentou-se na cama.

– Ai, meu Deus. Ai, meu Deus! – gritou, levando as mãos à cabeça.

Alarmado com aquela reacção, Declan soergueu-se ao seu lado e, tocando-lhe nas costas, baixou a cabeça para olhar para ela e perguntou:

– O que foi? Que se passa?

– Acabámos de praticar sexo sem segurança, sem preservativo! E aqui não existe a pílula do dia seguinte. Ai, meu Deus!

– Preservativo? Pílula do dia seguinte? Mas de que estás a falar?

Afastando o cabelo da cara, Montse olhou para ele e, gesticulando, disse:

– A pílula do dia seguinte é um comprimido que, tomado umas horas depois de se ter relações sexuais sem protecção, pode evitar uma gravidez não desejada. E o preservativo é uma espécie de capuz que os homens põem no pénis para que as mulheres não engravidem, além de proteger de doenças sexualmente transmissíveis.

– Um capuz?! – repetiu sobressaltado. – Mas que monstruosidade é essa?

Incapaz de não se rir com a cara com que Declan a olhava, Montse desmanchou-se outra vez a rir, esquecendo-se de preservativos e do resto. Deitou-se de novo na cama e, fazendo-o recostar-se, rebolou até junto dele. Durante um bom bocado falaram de coisas impossíveis de acreditar para Declan, mas que ela, como sempre, defendia com veemência. De madrugada, e depois de fazerem amor várias vezes, Montse levantou-se e começou a vestir-se.

Olha... o espelho, pensou ao ver o espelho que dias antes as suas amigas lhe tinham comprado na loja de antiguidades de Edimburgo.

– Aonde vais? – perguntou ele, arrancando-a aos seus pensamentos.

– Para o meu quarto. Estou morta – respondeu ela com ar ensonado.

– Estás morta?! – Ao ver que ela ria às gargalhadas, tranquilizou-se, e a jovem explicou-lhe:

– Quis dizer que estou a cair de tanto sono que tenho.

Admirado com o seu sorriso, Declan levantou-se e, interrompendo-a na sua tarefa de se vestir, beijou-a e sussurrou-lhe:

– Podes ficar aqui se quiseres. Terei todo o gosto em partilhar a minha cama contigo.

– Obrigada. Mas eu mexo-me muito e iria incomodar-te – gracejou, afastando-se dele enquanto Declan sorria.

Com uma euforia que há muito não sentia, ele sentou-se nu na cama e, ao lembrar-se de uma coisa, perguntou-lhe:

– Cindy, posso fazer-te uma pergunta?

– Claro.

– ... Lembro-me de que uma vez, enquanto discutíamos, tu falaste no teu pai. O que se passou com ele e com a tua mãe?

– A minha mãe morreu quando eu nasci e o meu pai há uns anos – respondeu de modo sucinto, mas, ao ver que ele esperava algo mais, suspirou e continuou: – O dia que te lembras de termos discutido e de eu ter falado no meu pai foi porque... porque não queria que acontecesse a Maud o que me aconteceu a mim. O meu pai nunca gostou de mim, nunca me prestou atenção, e sempre senti que era apenas um fardo para ele. Não queria que Maud se sentisse indesejada e tão sozinha como eu me senti. É uma criança fantástica e não merece isso.

– Mas eu adoro Maud. Gosto muitíssimo dela. Nunca a abandonaria.

– Eu sei, Declan. Mas ela não sabia disso. Só tentei que te desses conta de que ela precisava de saber isso. Agora Maud sorri-te, não tem medo de ti, beija-te e vem ter contigo. Até te chama papá. Ela fazia isso antes?

– Não – respondeu o *highlander* com sinceridade.

Com um sorriso que lhe foi directo ao coração, ela disse:

– Então anima-te, lindão. Consegui que a tua filha soubesse que o pai gosta dela.

Ao ver que ele concordava e assestava ferozmente o seu olhar nela, Montse repreendeu-o:

– Queres parar de olhar para mim assim?

– Porquê?

– Então, porque me deixas nervosa com esse teu olhar assim tão arrebatador. – Ao ver que ele se levantava e ia direito a ela, travou-o e, dando um salto para trás, disse: – Nem penses em dares-me mais nenhum beijo. Acabaram-se os beijos por hoje.

– Acabaram-se?

– Sim, acabaram.

Porém, transtornada pelo olhar sensual dele, pendurou-se ao seu pescoço e beijou-o. Aos empurrões, levou-o até à cama, onde o fez deitar-se e, depois de lhe devorar os lábios com excitação, levantou-se de um salto, correu até à porta e, deixando-o excitado e boquiaberto, disse antes de sair:

– Foi uma experiência fantástica, Declan Carmichael.

Depois saiu porta fora e foi-se embora. Declan, despertado por aquele arranque de paixão, recostou-se na sua cama com um sorriso lupino na boca e murmurou antes de rir:

– Muito, muito fantástica mesmo, Cindy Crawford.

Capítulo 27

Passaram-se vários dias com as suas correspondentes noites e os amantes voltaram a encontrar-se furtivamente no quarto dele. Durante o dia, quando se cruzavam, mal se olhavam, e se o faziam era para discutir, ainda que mais de metade das discussões fossem fingidas. Discussões cheias de paixão e fervor que a única coisa que conseguiam era aumentar a vontade de estarem sozinhos na intimidade. Fiona, com maturidade e curiosidade, observava-os. Aquele olhar do filho vivo e excitado quando discutia com a jovem Cindy deu-lhe a entender muitas coisas e sorriu. A relação entre Maud e o pai ia melhorando de dia para dia. Agora riam, brincavam e passeavam a cavalo, algo que a deixava feliz. No entanto, o que fez que conseguisse entender tudo foi aperceber-se daquele olhar. Porém, com maturidade e sabedoria, não disse nada.

Quando a noite chegava, um estranho nervosismo atormentava os amantes, e apesar de Montse ter jurado e rejurado que não voltaria a ir ao quarto dele, assim que podia escapava-se do seu quarto para ir ao de Declan. Algo de que Julia estava a par mas que, como outros, guardou para si.

Nesses dias não falaram de amor nem de futuro. Ambos desfrutavam do momento e mais nada, ainda que um fogo abrasador lhes queimasse as entranhas quando estavam mais de uma hora sem se verem.

Chegou o dia que a pequena Maud aguardava com tanta ansiedade: o seu aniversário! Em segredo, o pessoal de Elcho organizou uma festa de que Montse se encarregou. Pela primeira vez Fiona via o filho sorrir com alegria junto da sua filha e isso encheu-lhe o coração. Por fim o filho esquecera a amargura vivida durante anos ao recordar a falecida esposa.

– Vem aí o bolo! – gritou Julia encantada.

Quando pousaram o bolo diante da aniversariante, todos aplaudiram, e quando Edel ia parti-lo em fatias, Montse fê-la parar e perguntou:

– Mas não lhe cantam o *Parabéns a Você*?

Todos olharam intrigados uns para os outros. O que era aquilo?

– Olha, princesa – disse Montse enquanto Julia ia à procura de velas. – De onde eu venho, quando se faz anos acende-se uma vela por cada ano que se faz. Depois canta-se-lhe uma canção e, por último, a pessoa que faz anos sopra as velas para as apagar enquanto pede um desejo. Queres que façamos isso?

A menina olhou para o pai, que aquiesceu de bom grado, Julia apareceu com as pequenas velas e, depois de as acender e as dispor no bolo, as três amigas, deixando todos pasmados, começaram a cantar:

*Parabéns a você
Nesta data querida
Para a menina Maud
Uma salva de palmas...*

E a seguir aplaudiram, fazendo um sinal à pequena Maud para que soprasse. Depois de uma tarde cheia de jogos, presentes e surpresas, quando chegou a noite toda a gente de Elcho se reuniu em volta de uma fogueira e começaram a cantar e a dançar.

Era a primeira vez que se comemorava o aniversário da criança. Nos outros anos o duque não estava com disposição para tanta festa. Porém, aquela ocasião era diferente e especial. Pai e filha estavam felizes e Declan desfrutava ao ver a sua menina a rir. Os mais velhos do lugar amenizaram o evento com as suas gaitas, até que um homem se lançou e começou a cantar uma balada que falava sobre as Terras Altas escocesas. Quando o homem acabou, todos os presentes aplaudiram.

– Por que não cantam algo da vossa terra? – sugeriu Colin, olhando para as três amigas.

– A sério? – riu-se Juana.

As gentes de Elcho olharam para elas e concordaram fazendo-as rir, pelo que Julia, de excelente humor, segredou às amigas:

– Se quiserem, cantamos-lhes a *Macarena* ou *Que viva España* e deixamo-las a todos sem fala.

Ao ouvir aquilo, as três partiram-se a rir. De repente, Edel veio ter com elas e perguntou:

– Cindy, por que não cantas a canção que estavas a trautear há uns dias?

– Qual? – perguntou surpreendida.

Edel, depois de trocar um olhar com o seu Ned, disse:

– Aquela que falava sobre esperar a lua da mesma cor.

Ao ouvi-la, Montse sorriu e abanou a cabeça. Sabia a que canção Edel se referia, mas cantar diante de todos os habitantes do Castelo de Elcho fazia-a morrer de vergonha.

– Vá lá, Cindy... canta-a – pediu Maud, ao colo do pai.

Montse olhou para Declan e abanou a cabeça. Ele sorriu ao vê-la tão envergonhada. Não conhecia essa faceta dela e, pondo-a num aperto, comentou diante de todos:

– Não podes recusar. Quem manda hoje é Maud e ela está a exigir-te que o faças.

– Sim, por favor, Cindy... sim – implorou a pequena.

Montse fulminou o pai da criança com o olhar e este sorriu. Aquela bravura nela enlouquecia-o. Julia, que estava junto de Fiona, perguntou:

– Mas de que canção estão a falar?

– Da de Manzanero, aquela que se chama *Esperaré* – sussurrou Montse.

– Ai, filha, que romântica! – comentou Juana, piscando um olho ao seu Alaisthar.

– Oh... é linda, Cindy, tens de ma ensinar – incitou-a Edel, olhando para ela.

Juana, que não se tinha separado de Alaisthar durante todo o dia, olhou em tom de gozo para uma Montse corada e, fazendo-a rir, gracejou:

– Edel... tenho a certeza de que o senhor Manzanero vai adorar saber que Cindy te ensina a canção dele.

As pessoas de Elcho começaram a aplaudir e a pressionar Montse para que cantasse. Convencida de que não a deixariam em paz o resto da noite, olhou para elas e disse resignada:

– Está bem... está bem... eu canto-a. Mas se depois chover ou trovejar, não quero que ninguém se queixe, entendido?

Todos riram ao ouvi-la. Desde que estavam em Elcho, Cindy e as suas amigas tinham-se tornado umas mulheres bastante apreciadas. Levantando-se, inspirou fundo e, fechando os olhos, cantou:

*Esperarei / que sintas o mesmo que eu, / que vejas a lua da mesma cor. /
Esperarei / que adivinhes os meus versos de amor, / que nos meus braços
encontres calor.*

*Esperarei / que vás por onde eu vou, / que me dês a alma como a minha eu
te dou. / Esperarei / que aprendas de noite a sonhar, / que de repente me
queiras beijar.*

Abrindo os olhos sem se importar com ninguém, cravou o olhar num atraente Declan, que a observava enfeitiçado, e continuou:

*Esperarei / que as minhas mãos queiras tomar, / que na tua lembrança me
queiras para sempre levar / que a minha presença seja o mundo que queres
sentir, / que um dia não possas sem o meu amor viver.*

Estonteada pelo modo como ele fazia amor com ela com o olhar, depois de prolongar a última palavra da canção, terminou em sussurros.

Esperarei / que sintas saudades de mim, / que me peças que não me separe de ti. / Talvez nunca venhas a pertencer-me, / mas eu, meu amor... esperarei.

Todos os presentes ficaram mudos a escutá-la e não passou despercebido a ninguém o modo como o duque e aquela jovem se olhavam. Quando acabou e ela sorriu, todos irromperam em aplausos. Montse sorriu encantada e agradeceu, enquanto Declan permanecia boquiaberto pelo que o seu coração e a sua alma lhe tinham gritado ao ouvir aquela canção.

Naquela noite depois da festa, e enquanto o castelo dormia, Montse chegou ao quarto de Declan, que a esperava como um lobo enjaulado. Ao vê-la, foi direito a ela e, atraindo-a até si, beijou-a. Naquela noite, fizeram amor com doçura. Não houve palavras, apenas momentos de paixão, enquanto se continuava a ouvir na mente de ambos aquela sentida e romântica canção, *Esperarei*.

Capítulo 28

Passados dois dias, depois de uma noite cheia de momentos tórridos diante da lareira do quarto de Declan, quando Montse se levantou da sua cama e foi até à cozinha seguida pelas amigas, ouviu o trote de vários cavalos. Espreitou à janela e viu Declan afastar-se apressado com Alaisthar e alguns homens.

– Aonde vão? – perguntou inquieta, e foi Edel quem respondeu:

– Recebemos uma missiva de Rose O’Callahan. Pelos vistos, foram atacados nas suas terras. Por isso o nosso senhor decidiu ir até ao Castelo de Huntingtower para o caso de precisarem de ajuda.

Ouvir o nome daquela mulher irritou-a pela primeira vez. E isso não lhe agradou.

– Quem é Rose O’Callahan? – quis saber Juana.

– Pode-se dizer que é a pretendente no nosso *laird* – queixou-se Agnes. – Anda embeijada por ele desde que ele enviuvou e não desperdiça nenhuma oportunidade para vir vê-lo sempre que o pai dela nos visita.

– E ele anda embeijado por ela? – perguntou Julia com malícia.

– A sério, filha, só te interessas por pura coscuvilhice. O que o *Sálvame de Luxe* está a perder por não te contratar – protestou Montse antes que Edel dissesse:

– Não saberia responder a isso. Às vezes dá-me a sensação de que sim, mas, noutros momentos, quando ela se arma em caprichosa, acho que não. Mas o que é verdade é que o nosso senhor tem conhecimento desses rumores sobre eles e não faz nada para os desmentir. No fundo, ele sabe que um enlace com Rose seria uma coisa boa para ambos os clãs.

Montse sentiu vontade de sair dali a correr, mas não, não o faria. Devia assumir que aquela era a vida de Declan e não a sua, e apoderar-se-ia daqueles encontros nocturnos circunstanciais entre eles e nada mais.

– Vamos lá ver, linda. Por que estão as duas com esse ar chateado? – perguntou Juana olhando para as criadas. – Se Declan Carmichael está sozinho, é normal que procure companhia, e se esse clã sofreu um percalço,

é lógico que os ajude, ou não?

– Claro. O duque é um homem jovem e atraente que mais cedo ou mais tarde terá de refazer a sua vida e casar-se – afirmou Julia, olhando de esguelha para a amiga. Montse nem se mexeu.

– E isso de se ajudarem entre clãs também é normal, não é? – voltou a repetir Juana.

– Sim, Paris... sim – concordou Agnes, metendo um tronco no lume. – Ajudarmo-nos entre nós é uma coisa normal. Mas o que é mau é que se as notícias são tão terríveis como parecem, essa caprichosa e as suas donzelas virão para cá tornar-nos a vida impossível.

– Achas? – perguntou Montse, franzindo uma sobancelha.

– Oh, sim. Acho – afirmou Edel com veemência. – No momento em que elas aparecerem por aqui, vão-se acabar a paz e o sossego em Elcho. Primeiro, porque vão exigir, exigir e exigir, e o nosso *laird* não vai fazer nada para que se comportem, e, segundo, porque, como é de esperar, os nossos homens andarão a babar atrás delas como cães.

– Ai, filha... não acho que seja para tanto – sorriu Juana, retirando importância àquilo.

– Tu vais sentir isso na pele – murmurou Agnes apontando para ela. – Vi como Alaisthar Sutherland e tu se olham, passeiam juntos e se divertem. Pois bem, se Erin vier, veremos se vocês continuam assim.

O alerta de Juana disparou ao ouvir aquele nome e, metendo as mãos nas ancas, perguntou:

– Mas quem é Erin?

– Uma amiga da menina Rose O'Callahan – informou Edel provocadora.

– Então é bom que ela se tenha confessado a Deus – comentou Julia, fazendo Montse sorrir.

– E o que se passa com ela? – tornou Juana a perguntar.

Edel, entendendo o que ela estava a indagar e a sua urgência, disse:

– Erin é a mulher com quem Alaisthar Sutherland anda a namorar desde há algum tempo. Sei que se encontraram por vezes, e até ouvi dizer que partilharam o mesmo leito. Mas, escuta, Paris, porque vou dizer isto para o teu bem. Não te aproximes dela, porque senão vais sair escaldada, entendes-me?

Juana, ao ouvir aquilo, ficou com o sangue a ferver. O seu Alaisthar, que a olhava com olhinhos de carneiro mal morto e lhe dizia palavras de amor, a namorar com outra? A partilhar a cama com outra? Sem conseguir conter-se, suspirou angustiada. Montse, aproximando-se dela, murmurou:

– Vamos lá ver uma coisa... vamos lá ver, canária, que já estou a topar-te. Tenta morder a tua língua, minha querida, que nós conhecemo-nos. Tu não és parva e sabes que mais cedo ou mais tarde isto tem de acabar e ele vai ficar aqui. Esta é a vida dele, não a tua nem a minha, portanto, controla-te, diverte-te

te, mas não percas a cabeça, combinado?

Juana anuiu e respirou com resignação. O que a amiga lhe dizia era verdade, mas pela primeira vez na sua vida os sentimentos toldavam-lhe a razão.

– Apressem-se, raparigas – disse de repente Fiona, aparecendo diante delas.
– Têm de arranjar três dos quartos do andar de cima e cozinhar em abundância. Durante uns dias iremos alojar os O’Callahan até que a sua casa volte a estar habitável. – E, virando-se para Cindy, Paris e Norma, avisou: – Não quero problemas com ninguém do pessoal feminino dos O’Callahan, entendido?

Assim que concordaram, Fiona foi-se embora apressada pela mesma porta por onde entrara, e Agnes, virando-se para elas, murmurou:

– Vêem? Edel e eu tínhamos razão. Cuidado com elas.

Capítulo 29

Chegou a noite e os homens do Castelo de Elcho não regressaram. Aquilo ocasionou uma infinidade de boatos entre o pessoal do castelo e os aldeões que viviam nos arredores. Se tinham atacado as terras dos O'Callahan, também podiam atacar as suas. Incrédula com o ambiente de nervosismo que encontrava à sua volta, Montse observou-os. Ver o medo das mulheres e dos idosos nos seus rostos comoveu-a. Não conseguia entender que alguém quisesse fazer mal àquela gente que vivia para cultivar os seus campos, cuidar das suas gentes e pouco mais.

A ausência de Declan deu-lhe que pensar. Estaria a apaixonar-se por ele? Seria boa ideia continuar com os seus encontros? Porém, por mais que pensasse, a sua cabeça recusava-se a ser razoável. Só desejava sentir os lábios ardentes dele nos seus, fechar os olhos e ouvir a sua voz rouca quando fazia amor com ela. Aquilo estava a começar a fugir-lhe das mãos, mas não queria pensar nisso.

Esperaram a chegada da comitiva até altas horas da madrugada, mas não apareceram e, por fim, incitados por Fiona, todos, à excepção da guarda, foram-se embora descansar. Com certeza o dia seguinte traria notícias. E assim foi. A mulher recebeu uma missiva do seu filho Declan a requerer a presença da sua gente nas terras dos O'Callahan. Precisavam da sua ajuda.

Sem perder tempo, Fiona organizou a partida e, de madrugada, todos, excepto os mais velhos e uma pequena guarda que ficou em Elcho, dirigiram-se ao Castelo de Huntingtower, que se situava nos arredores de Perth. Chegaram às terras dos O'Callahan ao cair da noite.

– Mãe – saudou Declan, saindo da fortaleza –, obrigado por virem tão depressa.

– Filho, assim que recebi a tua missiva organizei a viagem. Como estão Rose e Roger?

Declan não quis olhar para a mulher que lhe tinha roubado a paz. Desde que saíra de Elcho, não passara um segundo do dia ou da noite sem se lembrar

dela. Por isso, e consciente dos olhares que seguiam os seus movimentos, sorriu à sua filha Maud, que caminhava entre Montse e Juana, e, voltando a olhar para a mãe, respondeu:

– Rose está bem, embora Roger não tenha melhorado desde a última vez que o vimos.

A idosa, virando-se para uma das mulheres que descia nesse momento de um dos carros, disse:

– Norma, tu que entendes de remédios e medicamentos, acompanhas-me a ver Roger?

– Claro, Fiona, agora mesmo.

Segundos depois, as duas mulheres desapareceram pela enorme porta da fortaleza, deixando Declan diante da filha e das duas amigas. Ao ver a criança bocejar, fez um sinal a uma jovem de cabelos claros, que pegou na menina e a levou para a ir deitar.

– Olá – cumprimentou-o Montse ao ver que por fim olhava para ela.

– Olá, Cindy. Como foi a tua viagem? – perguntou-lhe tratando-a por tu, sem se importar de súbito com o que poderiam pensar. Ela estava ali e era isso que importava.

– A viagem correu bem. – Sorriu como uma pateta. – Mas a tua mãe estava muito preocupada e nervosa. Sinceramente, creio que agora que já chegámos aqui ela se vai desconstrair.

Declan entendeu-a. A sua mãe preocupava-se demasiado com as pessoas que conhecia e, sorrindo, comentou:

– Ou então vai-nos enlouquecer... Com a minha mãe nunca se sabe.

Juana, que assistia em silêncio àquela aproximação entre eles, olhou para a amiga e depois para Declan. Desde quando dialogavam com tanta tranquilidade? E, sobretudo, a que se devia aquele sorrisinho pateta que a amiga exibia? (E isto já para não falar dele.) Porém, consciente de que não era o momento de fazer perguntas, não conseguiu evitar inquirir:

– Desculpe, senhor, onde está Alaisthar?

Declan olhou para a jovem baixinha de quem tanto tinha ouvido o seu bom amigo falar nos últimos tempos e, com voz modulada, respondeu:

– Está com os meus homens. Não vos preocupeis, Paris, em breve chegará.

Intrigada por ver que ele sabia o seu suposto nome, sorriu, mas voltou a ficar atónita ao ver como ele tornava a olhar para a sua amiga. O que se passava ali?

– Declan! – gritou nesse instante uma rapariguinha de cabelo loiro como o sol e roupas excessivas e cuidadas. – Quem é a mulher desagradável que veio com a tua mãe e que está a visitar o meu pai?

Ao ouvir aquela pergunta, o *highlander* hesitou na resposta, mas depois de olhar para Montse e depois de novo para a jovem angustiada, respondeu

com ar amável:

– Não te preocupes, Rose. Norma está ao meu serviço e...

– Ao teu serviço? – interrompeu-o e, depois de olhar para uma rapariga que entrava na fortaleza, continuou: – Acabo de ordenar que expulsem essa servente do lado do meu amado pai. Proíbo que lhe toque! A sua atitude ante mim foi deplorável. Nunca me senti tão humilhada por uma servente.

– *Esta perua medieval pica-se com quê?* – segredou Montse em espanhol.

– Acho que com parvoíce pura – respondeu Juana.

Declan ouviu-as e, como sempre que falavam entre elas, não entendeu nada.

– O que aconteceu, Rose? – perguntou preocupado.

A loira de rosto angelical e modos refinados, depois de passar comicamente a palma da mão pela testa, olhou para ele, pestanejou e respondeu com voz zangada:

– Essa tua lacaia repulsiva, assim que entrou nos aposentos do meu pai, expulsou-me! Ousou dizer-me que atrapalho mais do que ajudo. Acreditas nisso?

Declan ia para responder, mas Montse adiantou-se-lhe:

– Essa a quem vos referis com tanto desprezo como repulsiva chama-se Norma... Norma Duval – sibilou Montse com educação, contendo a sua enorme vontade de a agarrar pelo seu enorme cabelo cuidado e a arrastar.

Juana, ao ver como a amiga mordida o lábio inferior, pegou-lhe na mão e, depois de lha apertar para lhe pedir calma, olhou para a elegante jovem e disse:

– Se Norma vos expulsou é para o bem do vosso pai. Posso garantir-vos.

Ao ouvi-las, Rose virou-se para elas com ar altivo e, depois de lhes lançar um olhar de alto a baixo, perguntou com o nariz franzido:

– E quem são vocês para se dirigirem a mim?

Esta é mais parva do que o Abundio, pensou Montse, mas respondeu:

– Eu sou Cindy Crawford. – E, em espanhol, sussurrou: – *Sua cabra!*

Aquilo fez rir Juana, que, depois de dar uma gargalhada, disse ante o olhar atendo de Declan:

– E eu Paris Hilton.

O duelo entre elas e Rose estava servido. Declan, para suavizar a situação e acabar com aquilo, agarrou a jovem de cabelo trigueiro e, atraindo o seu olhar, recordou-lhe:

– A minha gente veio para ajudar, Rose. Não te esqueças disso.

Nesse momento, uma irritada Julia apareceu pela porta empurrada por dois jovens. Ao ver a peneirenta que pintara a manta sem se importar com a educação, bradou:

– Eh, tu, ó pindérica caprichosa!

– Referis-vos a mim? – perguntou a empertigada Rose levantando uma sobrancelha no preciso instante em que Julia parava diante dela para lhe gritar.

– Como podes ser tão tola? Será que não vês que ao expulsares-me do quarto do teu pai eu não o posso ajudar? Ninguém te ensinou que quando um médico está a atender um doente não gosta de ver ninguém a cirandar ali à volta, e menos ainda se interfere no seu trabalho?

– O que me chamastes? – guinchou Rose depois de olhar para Declan em busca de auxílio.

– Pindérica! Entre outras coisas.

– Mãezinha do céu! A Duval está mesmo piurisa! – sussurrou Juana.

Montse estranhou aquela reacção. Eram poucas as vezes em que Julia levantava a voz e, adiantando-se de novo a Declan, que ia dizer algo, pegou na mão da amiga e sussurrou-lhe em espanhol na frente de todos:

– Cala imediatamente essa matraca se não nos queres ver a todas metidas num belo sarilho. Mas tu estás parva? Como te passou pela cabeça falares assim à *Barbie Rapunzel*?

– Ui, não sei de que gosto mais, se dessa da *Rapunzel*, se de pindérica ou perua medieval – comentou a canária enquanto observava como a visada gemia no ombro de Declan.

– Pois não a... a... esta convencida e...

Porém Declan não a deixou terminar e, num tom nada elogioso, olhou para elas e exigiu:

– Norma, pede desculpa agora mesmo à menina Rose. Não sei o que aconteceu no quarto de Roger, mas o teu comportamento ante mim não foi o mais acertado.

Surpreendida por aquelas duras palavras, Julia olhou para ele e disse:

– Olhe, senhor, lamento que as minhas palavras em relação a ela sejam inadequadas. Mas a única coisa que tentei fazer foi ajudar o pai dela e ela... ela...

– Pede desculpa! – bramiu ele, perdendo a paciência.

Montse, ao ouvir Declan e ver a cara dele, aproximou-se da amiga e segredou-lhe em espanhol:

– Não o irrites mais e faz o que te está a pedir para que nos possamos pirar daqui.

– Mas esta sebosa é uma pindérica mal-educada... – defendeu-se Julia.

– Eu sei, e dou-te toda a razão em relação a esta paspalhona. Mas acho que vamos ficar todas a perder. Não vês como o seu defensor olha para nós? – gesticulou Montse irritada com as palavras duras dele.

Declan, farto de as ouvir sem entender o que diziam, virou-se para elas furioso e bradou diante de todos com muito maus modos:

– Não quero voltar a ouvir esse vosso estranho idioma. Na minha frente, não! Tenham a decência de se comportarem diante do vosso *laird*.

– Como?! – gritou Montse zangada ao ouvi-lo.

– Foi o que tu ouviste. – E, dando um passo até ela, atirou-lhe com ar duro: – E para o teu bem, não pretendas ficar com a última palavra, porque hoje não to vou permitir.

Durante uns segundos, Declan e Montse olharam-se nos olhos com ferocidade. Nenhum dos dois estava disposto a dar o braço a torcer, até que um gemido da tontinha de Rose atraiu a sua atenção.

– Oh... acho que vou desmaiar – disse, agarrando-se teatralmente a Declan.

Depois de soltar um suspiro por estar no meio daquela discussão absurda entre mulheres, o *highlander* pegou na fiteira de Rose ao colo e, olhando para as outras três que, pasmadas, viam a maldade dela, bradou:

– Vão com a minha gente e ajudem aqueles que precisarem. É para isso que aqui estão, não para provocar desmaios.

Uma vez dito isso, entrou no castelo seguido pelas duas donzelas da pequena aldrabona.

– E o Oscar de melhor atriz vai para *Rapunzel!* – escarneceu Juana quando ficaram sozinhas. – Mas vocês viram que tipa mais insonsa? Pelo amor de Deus... Como pode ser assim?

– Eu àquela pegava nela e torcia-lhe o pescoço – murmurou Julia.

Bastante zangada, Montse virou costas e, depois de lhe dar um beijo para que ela acalmasse, disse enquanto se dirigiam para o centro da povoação:

– Vamos. Tenho a certeza de que nem toda a gente é como essa paspalhona.

Capítulo 30

Naquela noite, Montse verificou a desolação das pessoas que a rodeavam. A grande maioria estava desnutrida e sofria de tremendas carências. Com tristeza, ajudou os camponeses de Huntingtower e surpreendeu-se com a gratidão destes. Após várias horas de trabalho, de madrugada saiu de uma das humildes cabanas com um menino ao colo e surpreendeu-se ao ver Declan aproximar-se a cavalo. Depois de dar um beijo ao pequeno, pousou-o no chão e foi ter com ele, que, ao vê-la, desmontou.

- Tudo bem por aqui?
- Estás a brincar? – resmungou ela, passando por ele.
- Cindy, o que se passa? – perguntou ao ver Juana e Julia saírem da cabana.
- O que se passa é que não entendo como esta gente está assim. Mas tu viste como vivem? A mãe desse menino está doente e não pode cuidar dele. Na cabana ao lado os dois velhotes mal se conseguem mexer e estavam há dias sem comer. Na seguinte morreram duas crianças e a mãe está destroçada, e se quiseres posso continuar...

Olhando em volta, Declan assentiu. Desde que Roger, o pai de Rose, perdera o juízo, a sua gente estava cada vez pior. Ela não sabia dirigir um clã, mas também não se deixava aconselhar. No entanto, Declan não queria falar disso, pelo que agarrou Montse pelo braço e disse:

- Por hoje já ajudaste bastante. Vamos voltar para o castelo. Precisas de descansar.

Libertando-se da mão dele, olhou-o e perguntou:

- Pensas que me vou embora e que deixo esta pobre gente? Eles precisam de alguém que os ajude e cuide deles. Algo que, a propósito, deveria estar a ser feito por aquela caprichosa bem-vestida que com certeza já deve estar a roncar como um hipopótamo na sua linda caminha com dossel.

- Cindy... Rose é...

- Rose é uma desmiolada, uma imbecil e desumana. Não a conheço, mas o pouco que vi dela fez-me compreender o tipo de mulher que é. Enquanto ela

usufrui de comodidades e de tudo o que o luxo lhe pode proporcionar, esta pobre gente, a sua gente, está a morrer. Mas... mas, bom, que tipo de mulher é essa?

– Eu sei, Cindy, e isso é algo que é necessário resolver, mas agora vamos...

– Berta, a mãe do menino que eu trazia ao colo, comentou comigo que há uma semana foi pedir comida à tua querida Rose e ela correu com ela a toque de caixa. Pode-se consentir uma coisa dessas? Oh... não, claro que não, mas basta apenas recordar como tratou Norma para me dar conta de que...

– Queria falar contigo sobre Norma. Rose não quer vê-la no castelo e...

– A perua medieval não quer ver Norma no castelo? – gritou Montse.

– Não, e já me vais explicar o que é isso de «perua medieval».

Ao ouvir aquilo, Julia olhou para a amiga e, com sinceridade, sussurrou:

– Não te preocupes, Cindy, não preciso de dormir no castelo da pindérica. Tenho a certeza de que ficarei muito bem com Edel e Agnes.

– Claro – concordou Declan e, olhando de novo para a jovem que o trazia pelas ruas da amargura, disse: – Não te preocupes, ela vai pernoitar com a minha gente enquanto estivermos aqui.

– Ah... pois se ela não dorme no castelo, eu também não – declarou, olhando-o nos olhos.

Aquele olhar deixou o coração de Declan transtornado. Era um olhar triste, sem vida, nada a ver com o olhar feliz e cintilante dela. Aquela tristeza nos olhos fê-lo entender o sofrimento que ela estava a viver ao ajudar aquelas gentes e, sussurrando-lhe ao ouvido, disse:

– Cindy, não me tornes as coisas mais difíceis. Se estou aqui é porque me preocupo contigo, e...

– Pois lamento muito por ti, mas se as minhas amigas não podem dormir no castelo, eu também não o farei.

Disposto a não gritar na frente dos aldeões que os olhavam ao passar, Declan praguejou em silêncio e repetiu:

– Cindy, quero que regresstes comigo ao castelo.

– Não. Não penso ir.

Segurando-a pelo cotovelo para que não se mexesse, sussurrou-lhe ao ouvido com a voz carregada de tensão:

– Não me faças zangar. Vamos!

Com a lança erguida e a raiva instalada nos olhos, ela olhou-o e, baixinho, para que só ele a ouvisse, murmurou:

– Não sou tua mulher nem tua propriedade, e se pretendes tratar-me como a tua rameira particular porque ando há uns tempos a deitar-me contigo, esquece lá isso!

Mal-humorado, ia para responder, mas ela libertou-se com rapidez e, agachando-se, pegou no menino que momentos antes tinha ao colo. Olhou

para Declan e repetiu alto e bom som:

– Ide embora, *laird* Carmichael. Tenho a certeza de que *lady* Rose O'Callahan ficará encantada por saber que velais pelos seus doces sonhos.

Irritado, Declan cerrou os dentes e, depois de praguejar, deu meia volta, montou no seu cavalo e foi-se embora. Julia e Juana entreolharam-se mas não falaram, e Montse, com o menino no colo, mudou de tom de voz e disse:

– Vamos, meu lindo. Tenho a certeza de que algum dos nossos guerreiros terá alguma coisa que possas comer.

Capítulo 31

Durante dias, trabalharam arduamente para ajudar os camponeses. Montse não voltou a falar com Declan nem se aproximou dele. Aquelas pobres gentes não tinham quase nada e o pouco que tinham reunido tinha sido queimado ou roubado pelos assaltantes. Mas se houve algo que a surpreendeu foi o quão pouco materialistas eram aquelas pessoas. Dividiam o pouco que tinham com os vizinhos sem se importarem se mais tarde lhes poderiam devolver ou não o favor.

– Aquela frase que diz que «O maior rico não é aquele que mais tem, mas sim aquele que menos precisa» está coberta de razão – comentou Montse com Juana, e esta, comovida, anuiu.

Nesses dias conheceram mais gente do que no mês e meio que já tinham passado em Elcho. E o sorriso não lhes desaparecia do rosto ao sentirem o carinho e a amabilidade dos aldeões para com elas. Houve até quem comentasse que quem dera que a menina Rose tivesse a sua humanidade e saber-estar. Essa frase, junto com o seu carinho, encheu-lhes o coração, e esforçaram-se o dobro por ajudar.

Na terceira noite, quando regressavam à sua cabana para descansarem depois de um dia atarefado, um grupo de homens dos O'Callahan começou a gritar-lhes obscenidades. De início, as três sorriram. Aquilo que lhes diziam não era nem metade das coisas escabrosas que estavam acostumadas a ouvir no século XXI. Mas quando um deles se plantou diante delas e tentou agarrar Juana pelo braço, Montse não hesitou e atacou. Com uns movimentos de *karaté* calculados ao milímetro, conseguiu derrubar o *highlander* em segundos e deixá-lo KO. Surpreendidos, os homens pararam com os seus gritos e então foi ela quem gritou:

– Então, machões, quem quer ser o próximo a engolir os dentes?

Divertidos com aquilo, os camponeses aplaudiram Montse, que, satisfeita, levantou os braços em sinal de triunfo. Os guerreiros, ao ver o seu amigo esparramado no chão, ficaram calados, mas passados dois segundos um

valente pôs-se diante de Montse e tentou agarrá-la pela cintura enquanto murmurava:

- Eu gosto delas assim... impetuosas.
- Larga-a, seu porco maldito! – gritou Julia assustada.

No entanto, Montse, sem lhe dar tempo de dizer mais nada, desferiu-lhe primeiro um murro na barriga, depois outro na cara e, com toda a vontade do mundo, um último entre as pernas. O gigante, depois de uivar como um lobo e com os olhos revirados, caiu como o primeiro.

- Ai, filha, tem cuidado, senão mata-los!

Com um sorriso retorcido, Montse olhou em volta e tornou a perguntar:

- Vejamos, quem é o próximo?

Os camponeses, cada vez mais divertidos, começaram a vitoriar a jovem, que lhes agradeceu morta de riso. Confusos, os valentões deram meia volta e foram-se embora. Nenhum deles queria problemas. Nesse momento Edel e Agnes apareceram junto delas a correr assustadas.

- Vocês estão bem? – perguntou Agnes.

– Sim... não te preocupes – riu-se Montse, tocando no punho dorido –, mas quanto a eles, garanto-te que não.

Sem se importarem com os dois homens que continuavam caídos no chão, as mulheres retomaram o seu caminho para irem descansar. Tinham-no merecido; mas quando iam a chegar à sua cabana, uma voz estridente e aguda gritou:

- Tu, mulherzinha, o que fizeste aos meus guerreiros?

Ao virarem-se e verem de quem se tratava, Agnes e Edel ficaram paralisadas: Rose O'Callahan.

– Ora, ora... a *Rapunzel* está com vontade de armar estrilho – comentou Juana sorrindo.

– Pois então vá com cuidado, que estou animada e pode dar de caras comigo – sussurrou Montse, irritada ao recordar como aquela idiota se pendurava no pescoço de Declan.

A jovem *lady* Rose estava diante delas montada no seu bonito cavalo branco, limpa e imaculada. Envergava um lindo vestido em tons torrados a condizer com as fitas que prendiam o seu dourado e resplandecente cabelo. Um aspecto que contrastava com o dos camponeses e das três amigas, que estavam sujas e cheias de lama.

– A palavras loucas, orelhas moucas – resmungou Julia. – Não liguem patavina à pindérica, vamos descansar!

Porém Montse não se mexeu. Observou-a de perto. Aquela caprichosa não devia ter mais de vinte anos e, olhando para ela, perguntou:

- *Lady* Rose, o que quereis?
- Vós sois Cindy? – perguntou por sua vez a ativa jovem com um olhar

gélido.

– Sim.

– A servente de *laird* Carmichael?

– A própria – sorriu Montse com frieza.

– Sois a que devolveu a jóia dos Carmichael?

– Sim, que canseira... sim... sou Cindy Crawford, a criada e aquela que devolveu a porcaria do pendente aos Carmichael. Mais alguma pergunta?

Com insolência no olhar, a jovem sorriu com maldade e disse:

– Não sois concorrência para mim, por muito que tenhais devolvido o pendente a Declan.

– Olha, fico contente por saber isso – escarneceu Montse, encarando-a.

A antipática rapariga, depois de a olhar de alto a baixo com ar reprovador, desmontou do seu cavalo e aproximou-se de Montse com uma fusta na mão em atitude ameaçadora.

– Ouvi dizer algo sobre vós e o *laird* Carmichael que gostaria de averiguar.

Com educação e sem sair de onde estava, Montse seguiu-a com o olhar e respondeu-lhe com um meio sorriso nos lábios.

– Aviso-a, senhora, de que não vos vou responder se me perguntardes algo do foro íntimo e pessoal. Não costumo andar a contar as minhas intimidades a desconhecidos.

– Então é verdade. És a rameira dele! – gritou a rapariga.

Escutar a sua voz e o desprezo com que lhe falou fez ferver o sangue de Montse, mas sabia que Rose tinha ido ali à procura de problemas e ela não lhos ia dar.

– Desculpe, *lady* Rose, mas se continuar a faltar-me ao respeito, vou perder a minha paciência e começar a faltar-lhe ao respeito a si.

– É verdade que aqueceis a cama do vosso *laird* à noite?

– Isso... em todo o caso, é algo entre mim e Declan.

– Como ousais chamar o duque pelo seu nome de baptismo? Uma mulher de tão baixa categoria deve referir-se a ele com respeito, mesmo que seja a sua rameira.

– Dá uma murraça nas fuças desta imbecil de uma vez por todas, senão dou-lha eu – gritou Julia em espanhol.

– Cala-te, Norma... e não dês mais ideias à Crawford, senão ela ainda arranja uma barracada tremenda com a perua medieval – comentou Juana rindo e fazendo-a rir.

Montse, consciente de que ficaria sempre a perder caso fizesse alguma coisa àquela estúpida, olhou para Julia e disse:

– Depois dizes que sou bruta a resolver problemas, mas, filha, tu também não ficas atrás!

– Mas não vês a vontade que ela tem de armar estrilho? – perguntou Julia.

– Sim... mas vou demonstrar-lhe que tenho mais classe do que ela e não vou entrar no seu jogo. Não... não quero.

Por isso, e com toda a tranquilidade do mundo, Montse voltou a olhar para a jovem caprichosa e, tentando fazê-la ser razoável, disse:

– *Lady Rose*, creio que o mais sensato para todos é que monte no seu cavalo e se vá embora, ou que, em vez disso, ajude esta pobre gente que precisa e...

No entanto, parou de falar ao sentir que Rose erguia a mão que segurava na fusta. Os camponeses, ao verem aquilo, assustaram-se.

– Se me tocar num só fio de cabelo, *senhora* – murmurou Montse com dureza –, juro-vos por todos os meus antepassados que se vai arrepender.

– Eu? Eu vou-me arrepender? – escarneceu ela.

– Oh, sim... garanto-lhe. Porque irei encarregar-me de a arrastar pelo chão e meter-lhe a cabeça no charco mais profundo que conseguir encontrar, entendeu-me?

A jovem O'Callahan baixou a fusta, mas, fitando-a, grunhiu ante o olhar incrédulo de todos os camponeses, que tinham vontade de a esganar.

– Não sei o que pode ver Declan em vós. Sois suja, humilde, feia, sem graça, ordinária, além de velha. Quantos anos tendes?

– Beeeeeem... acaba de assinar a sua sentença – sibilou Juana ao ouvir aquilo.

– Fico contente! Ela merece. – Julia riu-se às gargalhadas.

O estômago de Montse embrulhou-se ao ouvir aquele último comentário. *Velha!* E com um sorriso malévolos, olhou para as suas amigas e perguntou:

– Eu ouvi bem? A perua medieval chamou-me velha?

Ao ver que as amigas concordavam, virou-se para os assustados camponeses que as observavam e gritou enquanto segurava Rose pelo braço, que tentava libertar-se.

– Amigos, sei que esta mulher néscia, parola e idiota é do vosso clã e eu não. E também sei que o que vou fazer não é correcto... mas se eu não o fizer, mato-a, juro que a mato! – gritou como uma possesora. – Portanto, quem não quiser arcar com as culpas de não ter impedido os meus actos, que olhe para o outro lado ou vá embora imediatamente.

Foi dizer aquilo e as pessoas desapareceram espavoridas. A rua ficou vazia.

– Soltai-me agora mesmo, insolente! – exigiu ela.

Com um sorriso nos lábios que não augurava nada de bom, Montse olhou para a rapariga e sussurrou:

– Jurei que da próxima vez que alguém me chamasse velha na cara, ia comer as suas palavras. E lamento, minha linda, mas vais comê-las.

Estando-se nas tintas para as consequências que aquilo acarretaria, agarrou *Rapunzel* pelo cabelo e, depois de lhe dar um pontapé no rabo que a fez cair de joelhos diante dela, enfiou-lhe a cara no charco mais próximo e chafurdou-

a bem, para incredulidade dos poucos curiosos que as observavam entre risos.

Passados dez minutos, Montse e as amigas entravam na cabana. Precisavam de descansar.

– O que achas que *Rapunzel* vai dizer quando chegar ao castelo com aquele aspecto? – perguntou Juana morta de riso.

– Sem dúvida, alguma mentira que não sei porquê lhe será muito difícil de demonstrar – replicou Montse a rir-se enquanto repousava a cabeça na almofada e adormecia a pensar em como os camponeses a tinham felicitado.

Capítulo 32

Na manhã seguinte, quando Montse se levantou do seu catre e recordou o que acontecera na noite anterior, um estranho regozijo percorreu-lhe o corpo, e surpreendeu-se ao ver que, passadas as horas, ninguém a vinha repreender. E sorriu ao ouvir os cochichos dos camponeses e ao ver o modo como se riam.

A meio da manhã, enquanto terminavam de atender uns feridos e de recolher os poucos pertences de uns camponeses, Declan apareceu junto com Alaisthar e os seus guerreiros. Como se não o tivesse visto, Montse continuou com o seu trabalho. Não o queria cumprimentar. Ele ignorara-a durante aqueles dias, e ela faria o mesmo.

– Bom dia – saudou Declan, parando diante delas.

– Bom dia, senhor – respondeu Julia nervosa, pensando se ele viria pedir contas a Montse pelo que acontecera na noite anterior.

Ao verem o *laird* Carmichael, os camponeses saudaram-no enquanto prosseguiam com as suas tarefas. Juana sorriu a Alaisthar e este, do seu cavalo, piscou-lhe o olho. Aquele cumprimento era suficiente para eles. Mas Montse nem olhou para ele. Continuou como se não o tivesse visto. Declan, ao sentir-se ignorado, irritou-se e perguntou alto e a bom som:

– Alguém sabe alguma coisa sobre o que se passou ontem à noite com a menina Rose O’Callahan?

Rapidamente e sem perguntarem nada, os camponeses abanaram a cabeça. Mas Declan reparou que Julia olhava para Montse e que esta curvava a boca num sorriso quase imperceptível. Desmontando do cavalo, foi até junto dela, que nesse momento levantava um saco de trigo com esforço e, tirando-lho das mãos, disse:

– Por que fazes tu isto? Não podes deixar isso para os homens?

Erguendo o olhar, Montse fitou-o e, apontando em volta, replicou:

– Posso garantir-te que tenho mais força do que eles.

– Sim... mas continuo a achar que não deves pegar em tanto peso –

sussurrou-lhe de tal forma que até as pestanas de Montse estremeceram.

Irritada pelo que ele conseguia só de olhar para ela, voltou a tirar-lhe o saco de trigo e, depois de o meter em cima dos outros, olhou para ele e perguntou:

– O que queres, Declan?

– Queria saber se é verdade o que Rose anda a contar no castelo. É verdade que a atacaste? Porque, se assim for, podes ter um problema.

Ao ouvir aquilo, os camponeses à volta deles murmuraram. Julia e Juana entreolharam-se, e Alaisthar, ao ver aquilo, praguejou ao intuir a verdade.

– O que aconteceu a *lady* Rose? – perguntou Montse.

Declan, convencido de que ela tivera algo a ver com aquilo, transferiu o peso do corpo de um pé para o outro e disse:

– Ela conta que ontem atacaste dois dos seus guerreiros e que depois disso a puxaste do seu cavalo e a arrastaste pela lama com o intuito de a humilhares e te rires dela. É verdade?

– Que horror! – escarneceu Montse ante o desconcerto de Declan. – A sério que ela diz que eu fiz isso?

– Sim.

– O que ela conta é mesmo bera, não é?

Ao ouvi-la usar aquela expressão, Declan, assestando o olhar nela, sorriu. Tê-la diante de si e não a poder beijar nem tocar estava a martirizar-lhe a existência dia após dia. Porém, mantendo a sua postura diante dos camponeses, respondeu:

– Não me agradaria saber que o que ela relata é verdade, Cindy, por isso te pergunto.

– Perdoai-me, *laird* Carmichael – disse um velho aproximando-se dele. – Creio que a menina O’Callahan não contou as coisas como elas se passaram. O que os meus olhos viram foi esta jovem a defender-se de dois homens que tentaram atacá-las.

– Que dizes, velho? – bramiu Declan enfurecido.

– Sim, senhor – respondeu uma mulher com um pequenito nos braços. – As mulheres regressavam à sua cabana quando alguns homens tentaram aproveitar-se delas. Isso eu garanto-vos que vi. Quanto à outra coisa que a menina Rose conta... não.

Ao ouvir aquilo, Alaisthar desmontou apressado do seu cavalo, mas Declan travou-o com um movimento da mão. Enfurecido por alguém ter tentado aproveitar-se delas, olhou para a mulher que bufava irritada ao seu lado e perguntou:

– Isso é verdade? Tentaram aproveitar-se de vocês?

– Sim... mas já está resolvido. Tenho a certeza de que esses guerreiros não voltarão a tentar fazê-lo.

Aturdido por aquilo e por não ter estado presente para a defender, atraiu

o seu olhar e disse:

– Esta noite vocês vão pernoitar no castelo, diga Rose o que disser. Vão ajudar estas gentes durante o dia, mas à noite...

– Não – interrompeu-o Montse. – Não penso dormir debaixo do mesmo tecto que *lady* Rose. Tanto as minhas amigas como eu somos gente do povo e dormiremos com o povo. Desculpa este atrevimento da minha parte, Declan, mas não me obrigues a ir dormir a esse maldito castelo, porque juro-te que não o farei.

– Vais obedecer, maldição – murmurou tão baixo que só ela o ouviu.

– Escuta, Declan – sussurrou-lhe ela, aproximando-se. – Durante todo este tempo nunca te pedi nada, mas peço-te por favor que não me faças estar na mesma divisão onde essa mulher horrível está. Porque aí sim, pode acontecer alguma coisa que poderá fazer que te zangues.

Durante uns segundos, ambos se desafiaram com os olhares. Declan sabia que, se obrigasse Montse, aquilo traria mais problemas. Isso sem contar com os que Rose O'Callahan já criava. Dando-se por vencido mas disposto a procurar uma solução, falou-lhe com voz aveludada:

– Está certo, maldita teimosa.

E, virando-se para os camponeses que os observavam com curiosidade, disse enquanto se dirigia ao seu cavalo:

– Em relação ao sucedido com *lady* Rose, se alguém souber ou ouvir alguma informação, que me procure para me contar.

Dito isto, montou no seu cavalo e foi-se embora sem olhar para trás, seguido pelos seus homens.

Capítulo 33

O quarto dia de permanência nas terras dos O'Callahan foi dedicado a recolherem e reunirem numa cabana todas as crianças que tinham ficado órfãs na sequência do ataque. Eram dezoito.

– Mas o que podemos fazer com elas? – perguntou Montse com um bebé de dias no colo.

– Pois não sei – respondeu Julia com tristeza. – Teremos de perguntar a Edel ou a Agnes o que se faz nestes casos. Não creio que seja a primeira vez que acontece isto a crianças num ataque.

Quando as criadas chegaram com a comida para os pequenos, as amigas perguntaram-lhes o que podiam fazer.

– Não se preocupem, há sempre um familiar que fica com eles, ou um vizinho. Embora também não vos vá negar que um ou outro há-de acabar a viver nas ruas e a mendigar um pedaço de pão.

– Oh, não... isso não pode ser – sussurrou Montse comovida. – Estas crianças não podem acabar assim. Coitadinhas!

– Cindy, um filho é mais uma boca para alimentar, ainda que quando crescer passe a ser dois braços fortes para trabalhar – disse Edel enquanto distribuía pratos de sopa às crianças.

– Muito bem. Então esta tarde iremos à procura dos familiares destas crianças. De certeza que muitos vão ficar contentes por os encontrar – acedeu Montse enquanto pegava num frasco com leite e numa tetina artesanal para o bebé que tinha ao colo.

Naquela tarde, esgotadas e sujas depois de andarem de casa em casa à procura de quem se pudesse encarregar daqueles órfãos, decidiram descansar. Só tinham encontrado seis familiares que acolhessem as crianças, e ainda lhes restavam doze órfãos.

– Ai, filha, fazem-me tanta pena! – murmurou Juana, olhando para eles.

– Estão com um ar tão perdido e assustado que me partem o coração – respondeu Julia.

Montse observou-as. Aquelas crianças, que estavam caladas e sentadas no chão, só esperavam que alguém as amasse e lhes desse calor. A sua infância não foi como a delas, mas em determinadas alturas sentiu-se perdida e abandonada. Foi então que se recordou do que Erika, a cigana, sempre lhe dizia: cantando esquecem-se as mágoas. Por isso, levantou-se e, olhando para as amigas, disse:

– Estas crianças precisam de sorrir. Devem esquecer durante um bocado o que aconteceu, e a melhor maneira de o conseguir é fazendo-as cantar e dançar.

– Beeeeeem, lá vem esta com as suas canções – gracejou Juana divertida.

Com decisão, a rapariga fez as crianças sentarem-se em círculo e, com a ajuda das amigas, começou a ensinar-lhes uma canção infantil.

Foi na loja do Mestre André

Que comprei um pianinho

Plim-plim-plim

Um pianinho

Ai olá, ai olé,

Foi na loja do Mestre André

Com os olhos arregalados, as crianças ouviam aquela canção que nunca na vida tinham ouvido ao mesmo tempo que viam as três mulheres a baterem palmas e a dançarem enquanto cantavam. Passados vinte minutos, aquelas caras tristes começaram a sorrir, e as três divertiram-se à grande quando as crianças começaram a cantar a canção com elas e a dançar.

Estavam tão abstraídas na sua tarefa de divertir as crianças que não se aperceberam de que Declan, junto com Alaisthar e outros homens de outros clãs, paravam para as observar. Sem conseguir evitá-lo, Declan sorriu ao ver Montse pegar numa menina ao colo e fazê-la rir, enquanto outro menino de não mais de quatro anos se agarrava à sua cintura e andava à volta dela. Estava linda, apesar do seu aspecto desmazelado e desastroso. Vê-la sorrir para ele era um descanso, ainda que o facto de não estar com ela, em especial à noite, o comesse a atormentar. Mas devia comportar-se como o *laird* do seu clã e ajudar aqueles que precisavam; logo teria tempo de estar com ela assim que regressassem a Elcho.

– Quem são aquelas mulheres? – perguntou Kenneth Stuart, um *highlander* corajoso, filho do *laird* Donald Stuart, que por vezes lutara ao lado de Declan.

– Gente de Elcho que veio ajudar – informou Alaisthar ao dar conta de que entre as mulheres estava Paris.

– Declan, a mulher que está a dançar com a menina de cabelos claros ao colo, como se chama ela? – indagou Kenneth.

– Cindy Crawford – respondeu irritado ao intuir o que passava pela cabeça de Kenneth e, olhando para ele, declarou para rematar o assunto: – Ela e as mulheres que a acompanham são do meu clã, e a minha mãe tem-nas em elevada estima.

– É linda – sussurrou Kenneth sem tirar os olhos dela.

Irritado por ouvir aquilo e em especial com o modo como ele olhava para ela, disse alto e bom som:

– Kenneth Stuart, nem eu nem a minha gente queremos problemas, portanto deixa-a em paz.

Surpreendido com aquela resposta e em especial com o interesse que demonstrava por aquela mulher, Kenneth olhou para o amigo com um sorriso lupino que lhe deu a entender demasiadas coisas.

– Quem te disse que eu quero problemas, Declan Carmichael?

Montse, feliz por ter conseguido que as crianças rissem e se divertissem, sorria com a pequena Aileen ao colo.

– Tendes uma bonita voz, menina Crawford – disse alguém atrás dela.

Espantada ao ouvir aquilo, parou para olhar e foi então que viu aquele homem e, atrás dele, montado no seu cavalo Declan, Alaisthar e o resto. O seu olhar cruzou-se com o de Declan e este não sorriu. Ela também não. Continuava zangada com ele. Ignorando-o, olhou de novo para o homem de cabelo escuro que estava diante dela e, com amabilidade e um sorriso radiante que incomodou o *laird*, respondeu:

– Obrigada. Mas sejamos sinceros, cantar não é para mim. De certeza que em breve vai chover e você não vai achar o mesmo.

Maravilhado com aquela resposta, o *highlander* moreno partiu-se a rir. Desmontou do cavalo e, aproximando-se dela, perguntou olhando para a criança, que escondeu a carinha assustada no pescoço da mulher.

– Esta menina linda é vossa?

Montse, abraçando a pequena, deu-lhe um beijo no cabelo sujo e, sentindo o olhar penetrante de Declan, respondeu:

– Não, embora gostasse de ter uma filha assim tão bonita. Esta menina, e todas as crianças que aqui vê, ficaram órfãs na sequência do ataque. Por isso as minhas amigas e eu estamos à procura de familiares que possam ocupar-se delas. Mas não é fácil, na verdade. Mais uma boca para alimentar numa altura como esta é difícil de aceitar.

Kenneth, comovido com as palavras dela e com o modo como as crianças o olhavam, anuiu perturbado. Porém, ao ver o medo nos olhos da menina, agachou-se e sussurrou-lhe com carinho:

– Ei... olá.

Ao ver que a menina tremia, Montse apertou-a contra o seu corpo e o homem, sem se dar por vencido, continuou:

– Olá, pequena. Não tenhas medo de mim, eu nunca te faria nada de mal.
– Claro que não, querida – afirmou Cindy, surpreendendo-o. – Eu nunca o permitiria. Juro-te.

Aileen, ao ouvir aquele tom de voz amável, e em especial o que Montse disse, olhou para o homem e, com um dedo na boca, perguntou entre sussurros:

– A sério?

Kenneth sorriu e, passando a mão calosa pelo rosto da menina, concordou:

– Como disse Cindy, juro-te. Como te chamas?

A menina olhou para Montse e, ao ver que esta anuíu, murmurou:

– Aileen.

– Oh... que nome tão lindo – comentou o *highlander*.

– Foi isso mesmo que eu disse – respondeu Montse com um sorriso encantador. – Tem um nome muito bonito. Tão bonito como o que qualquer princesa poderia ter.

– Vós também tendes um nome bonito... Cindy.

– Ora, ora... Vejo que vos informaram – disse esta depois de trocar um olhar rápido com um carrancudo Declan, que observava a situação sem perder pitada. – E vós, como vos chamais?

– Kenneth. Kenneth Stuart. – E, pegando na mão suja de Montse com uma galanteria que a deixou sem fala, beijou-lha. – E disse-me, esse sotaque estranho que tendes ao falar deve-se a quê?

– Sou espanhola.

– Espanhola? – perguntou surpreendido, e ela confirmou. – Ouvi dizer que as mulheres da vossa terra são muito veementes. É verdade?

Dando uma gargalhada, divertida e com expressão provocadora, Montse respondeu:

– Também dizem que somos impetuosas – olhou para Declan, que resfolegou –, demasiado efusivas e com um carácter especial.

– Terei isso em conta – disse Kenneth. – Mas admito que gosto do que ouço. Agradam-me as mulheres com carácter e ainda mais se ajudam crianças indefesas.

Lisonjeada pelo modo como aquele homem a tratava, Montse sentiu-se descontrair e começou a falar com ele sobre as crianças. Talvez ele pudesse ajudá-las. Declan, irritado com aquela proximidade entre ambos, observava-os sem desmontar do cavalo. O que fazia Kenneth a namorar com ela?

– Creio que o nosso amigo Kenneth já pôs os olhos na sua próxima conquista – zombou Alaisthar, aproximando-se.

Mas quando reparou nos olhos do amigo e, em especial, em como as asas do seu nariz se contraíam, arrependeu-se do que disse e sussurrou:

– Não posso acreditar.

Declan não quis responder. Não devia responder. Mal conhecia aquela mulher amalucada, mas, estranhamente, não lhe agradava nada que o seu amigo Kenneth estivesse a cortejá-la. Ao entender de repente o que se passava com ele, Alaisthar calou-se surpreendido. Em todos os anos que se conheciam, nunca o tinha visto numa situação semelhante.

Por respeito, não disse nada e desviou os olhos para a linda Paris, que o olhava com um sorriso radiante a incitá-lo a dizer alguma coisa. Quis desmontar do cavalo, mas absteve-se: não era altura para demonstrações amorosas.

Entretanto, Kenneth ganhava a confiança das mulheres, e em especial das crianças, e, virando-se para os guerreiros que os observavam a cavalo, disse:

– Declan, continua o caminho com a tua gente. Os meus homens e eu vamos tentar ajudar Cindy e as crianças.

– Fantástico! – aplaudiu esta como uma pateta, ante o ar de reprovação dele.

– Maldição! – murmurou Alaisthar.

Não achou graça nenhuma a que os guerreiros Stuart ficassem sozinhos com as mulheres e as crianças. Não queria ver nenhum homem que não fosse ele perto de Paris.

Perplexo com a estratégia de Kenneth e sem disposição de revelar o que sentia, Declan cravou os olhos nele e disse alto e bom som:

– Lembra-te do que eu te disse, Kenneth.

De seguida puxou as rédeas do seu cavalo e, levantando a mão, afastou-se com o seu clã. Intrigada e de certo modo aborrecida por ter sido Kenneth e não Declan a ter-lhe oferecido ajuda, Montse olhou para o *highlander* que caminhava ao seu lado e perguntou-lhe com ar provocador:

– A que se referia o duque de Wemyss?

Kenneth, divertido com aquele atrevimento e com a desenvoltura da jovem, olhou para ela e respondeu enquanto agarrava num menino para o levar ao colo:

– Não quer problemas.

Capítulo 34

O comportamento carrancudo e rabugento de Declan não passou despercebido a nenhum dos seus homens. Mas quem tinha dado conta do sucedido fora o seu bom amigo Alaisthar. Durante horas percorreram as terras dos O'Callahan a tentar ajudar as suas gentes, e em especial a reunir informação sobre quem poderia ter sido o causador daquele desastre.

– Não entendo quem pôde ter feito isto – disse Alaisthar sentado ao lado de Declan em cima de uma árvore caída enquanto comiam um pouco de carne seca e pão.

– Os problemas com a Coroa estão a aumentar, e a selvajaria e a fome vão desencadear mais ataques como este – explicou Declan distraído. Quem ocupava os seus pensamentos era aquela louca da Cindy, que nesse momento deambulava com o mulherengo do Kenneth Stuart.

Ao vê-lo tão pensativo, Alaisthar olhou para os lados e, quando se certificou de que não havia ninguém por perto para os ouvir, disse:

– Declan, sabes que não costumo perguntar-te este tipo de coisas, mas deste-me que pensar.

Ao ouvir aquilo, o amigo olhou-o e perguntou desconcertado:

– O que te deu que pensar?

– Que aquela rapariga chamada Cindy te agrada e que não gostaste que Kenneth e os seus homens tivessem ficado com ela. E antes que digas seja o que for, vou confessar-te que não acho particularmente muita graça a que a minha pequena Paris esteja com aqueles *highlanders* sem que eu esteja por perto.

Aquele comentário fez Declan sorrir e, dando ao amigo uma pancadinha na perna, perguntou:

– A tua pequena Paris?

– Sim, a *minha menina*, como eu gosto de lhe chamar. – Riu ao recordar o seu tom meloso. – Não sei o que se passa comigo em relação a essa mulher, mas foi vê-la no primeiro dia e desde então o meu coração precipita-se ao

pensar nela.

– Ora, ora, Alaisthar, só te tinha visto assim quando te apaixonaste por Erin...

– Isso de Erin já passou há que tempos – declarou com decisão. – Quando ela se casou com Thomas esqueci-me dela, e ainda que não te negue que voltei a vê-la quando enviuvou, ambos sabemos que o que houve na altura morreu.

– Foi por isso que ela partiu para a terra dos McKenna?

– Sim. Conversámos e, depois de a fazer entender que não me casaria com ela, decidiu ir-se embora. Mas agora que apareceu Paris, com as suas excentricidades e a sua divertida maneira de ver tudo, começo a ponderar muitas coisas.

Surpreendido pelo que aquelas palavras queriam expressar, Declan olhou para o amigo e perguntou:

– O que te contou Paris do seu passado? Disse-te de onde vêm?

– Não. Nunca lhe perguntei nem ela me contou.

Ao pensar nas coisas curiosas que Cindy lhe contava e, sobretudo, ele descobria, Declan, com um sorriso nos lábios, começou a relatar-lhe o que ela lhe tinha confessado a dada altura. Surpreendido por aquela loucura, primeiro Alaisthar ficou mudo, depois intrigado, e por fim riu-se junto com Declan quando este finalizou o seu relato.

– Do século XXI?

– É o que diz Cindy. Segundo ela, estão aqui por causa de uns desejos, mas para te ser sincero não acredito em nada do que conta.

– A verdade é que às vezes Paris surpreende-me com coisas estranhas. A sua maneira de falar directa e sem medo, a sua forma de se espantar com qualquer coisa... mas talvez tenha sido isso que me fez reparar mais nela. – Olhando para o amigo, que concordava cabisbaixo, perguntou: – É isso que se passa contigo e com Cindy, não é verdade?

– Sim. Ela atrai-me poderosamente, em especial porque às vezes, não sei porquê, acredito nela. Ao princípio, quando me contou tudo o que te contei, ri-me e pensei que estava bêbeda, mas depois no dia-a-dia, por pequenos pormenores, palavras, situações, momentos... faz-me pensar se não terá razão.

– Vou perguntar a Paris a ver o que me diz e depois conto-te.

– Agradeço-te. Gostaria de saber que explicação ela te dá para o facto de terem aparecido junto de Edel.

– Deduzo pela tua curiosidade que te encontras na mesma situação que eu com Paris, não é?

Depois de dar uma risada, Declan concordou e, levantando-se, murmurou:

– Deduzes bem, amigo, deduzes muito bem.

Minutos depois, após montarem nos seus poderosos corcéis, Declan Carmichael e Alaisthar Sutherland continuaram o seu caminho, enquanto

pensavam no que estariam as suas apaixonadas a fazer.

Capítulo 35

Naquela noite, após uma longa busca em que por fim encontraram todos os familiares das crianças, regressaram ao seu refúgio para descansar. Os guerreiros Stuart, encabeçados por Kenneth, levaram-nas com galanteria até à cabana.

– É aqui? – perguntou Kenneth admirado. – Julguei entender que a mãe de Declan vos estimava.

– E estima – afirmou Julia com orgulho. – Foi Cindy quem devolveu a jóia perdida aos Carmichael.

Espantado com aquilo, o *highlander* olhou para Montse e perguntou:

– A sério?

– Sim.

– Então, por que estão vocês aqui alojadas em vez de na fortaleza? – voltou a perguntar, vendo como outros homens de outros clãs as observavam.

– Porque preferimos estar perto das pessoas que conhecemos e, sobretudo, que não procuram arranjar-nos problemas – respondeu Juana.

Aquela resposta alertou-lhe os sentidos. De certeza que a jovem Rose O'Callahan tinha algo a ver com tudo aquilo. Porém, sem disposição de deixar as coisas assim, perguntou de novo:

– Então vocês não conhecem Fiona e Declan para não terem de descansar nesta humilde casa rodeadas por homens de outros clãs?

Esgotada por tudo e sem vontade de continuar a alimentar as estranhas ideias que Declan lhe poderia contar, Montse respondeu:

– Kenneth, não te ofendas, mas não faças mais perguntas. Nós descansamos aqui e não há mais nada a dizer. E em relação aos homens, não te preocupes, estão controlados.

Ao ouvi-la, o homem calou-se por prudência, mas continuou a achar que aquele sítio não era bom para mulheres como aquelas. Notava-se à légua que elas tinham uma educação e um saber-estar que a gente comum ignorava. Porém, determinado a não ser indiscreto, replicou:

- Está certo. Se me dizem que estão bem aqui, acredito em vocês.
- Estamos, Kenneth, acredita em nós – disse a canária, fazendo-o sorrir.

Assim que se despediram, os guerreiros Stuart foram-se embora e elas entraram na cabana. A ajuda que aqueles *highlanders* lhes ofereceram foi determinante para que muitos daqueles aldeões reconhecessem ser familiares das crianças. Deixar os pequenos com alguém responsável e que não estivessem a deambular pelas ruas, com fome e frio, deixou Montse feliz. Ainda que lhe partisse o coração ao recordar-se de Aileen. A menina ficara com uma irmã da sua mãe, e apesar de esta a ter acolhido com carinho, não viu a criança muito contente.

- Em que estás a pensar? – perguntou Juana.
- Em Aileen. Deu-me pena separar-me dela – sussurrou Montse, estendendo-se em cima de um dos catres.

– Não te preocupes – suspirou Julia, deitando-se na cama. – Tenho a certeza de que será feliz com a tia e os filhos dela.

– Eu sei – anuiu comovida. – Mas isso acentua o facto de ter ganho carinho pela menina. Era tão querida e parecia tão sozinha...

Julia bocejou.

– Quem eu creio que ganhou carinho por ti foi esse tal Kenneth, deste conta de como ele te estava sempre a ronronar?

Com um sorriso, Montse concordou. O galanteio dele durante toda a tarde não passara despercebido a ninguém.

– A isso só te posso dizer: não faz o meu género!

Nesse momento Agnes entrou na cabana e, olhando para elas, disse:

– Preciso da vossa ajuda. Uma mulher entrou em trabalho de parto e...

Com rapidez, Julia levantou-se e disse:

– Está bem... que não entre em pânico... eu vou.

A canária e Montse ficaram a sós no quarto.

– Desde quando tu e Declan Carmichael se tratam por tu com tanto descaramento? Olha que ando há dias a dar voltas ao assunto sem querer perguntar-te porque não sou tão cusca como a Duval, mas, mulher, já não me consigo calar mais!

– Tenho sono e quero dormir – resmungou Montse.

– Que cabra! E eu quero um *whooper* com queijo e extra *bacon* e olha, aqui me tens a roer as unhas. – E, levantando-se da sua cama, disse: – Quando aconteceu aquilo com a *Rapunzel*, apercebi-me de muitas coisas, e sobretudo como vocês se olhavam! Enfrentaste-o e ele continuou a tratar-te por tu e não te mandou cortar essa língua afiada. Tens alguma coisa para contar, Cindy Crawford?

Depois de soltar um suspiro de resignação, Montse sentou-se na sua cama e, encostando-se à parede, olhou para a amiga e respondeu:

– No dia em que vocês estiveram no mercado em Perth, fui à biblioteca à procura de um livro para ler. Encontrámo-nos lá e conversámos.

– Conversaram? Tu e o senhor *Mau Feitio* conversaram?

Montse riu e confidenciou:

– Sim. Embora pareça impossível, fomos capazes de comunicar um com o outro sem gritar.

– Caraças, mulher! E como não nos contaste?

– Não achei que fosse importante.

– E falaram de quê?

– Pediu-me para lhe contar coisas da nossa época. Já sabes que na noite em que operámos *Fitz*, eu, tonta, comentei com ele que vínhamos do século XXI, bem, imagino que apesar de achar que eu estava chalada tinha vontade de se divertir, e eu pronto, fiz o que ele pediu e contei-lhe coisas, mais nada.

– A sério? E que lhe contaste?

– Falei-lhe das mulheres e do quão adiantadas estávamos na actualidade.

– Deve ter-se passado, não?

Após soltar uma gargalhada, Montse aquiesceu e gracejou:

– Acho que, mais do que passar-se, confirmou que me faltam três parafusos e que estou pirada. Em especial quando ouviu coisas como que nós mulheres temos voz própria e que dávamos o primeiro passo se queríamos ir para a cama ou ter relações sexuais com um tipo.

– Mãe do céu, contaste-lhe isso? – Juana desmanchou-se a rir.

– Sim, mas não acreditou em mim.

– E esse bom ambiente para se tratarem por tu, como surgiu?

Afastando o cabelo da cara, Montse sorriu e respondeu:

– Disse-lhe que no nosso tempo se tinha tornado arcaico dizer «vós quereis», «vós necessitais», e que nos tratávamos por tu dizendo «tu queres ou tu não queres». Depois ele perguntou-me se eu o queria tratar por tu, imagina! Vi o céu aberto, porque isso de estar todo o santo dia a pensar no que dizer para não o ofender esgota-me a uns níveis insuspeitos. E bom... disse-lhe que sim, mas sempre e quando ele me tratasse a mim por tu. E depois... bom... pois é isso.

– Pois é isso? – A canária abriu os olhos desmesuradamente. – O «pois é isso!» quer dizer que te lançaste e... e...?

Ao compreender o que a amiga queria dar a entender, Montse sussurrou com rapidez:

– Mas, bem, que mente mais incendiada que tu tens! Em que estás a pensar?

– O que achas, minha linda? Olha que nós conhecemo-nos e sei que quando hesitas em alguma coisa é porque há algo mais por trás das tuas dúvidas.

– Está bem... confesso, beijei-o!

– Beijaste-o?

– Hum-hum!
– Beijaste o duque de Weymiss? – Juana saltou para ir para a cama da amiga.
– Sim, e juro-te que adorei. Oh, meu Deus! Não consegui evitar. Estávamos a tratar-nos por tu, o lume ardia na lareira, eu tinha febre e...

– Sim, claro... agora atiras as culpas para a febre.
– Não... – Montse riu-se ao ouvi-la. – Mas foi tudo um acumular de coisas. Estávamos sozinhos, a voz dele, os olhos e... e a dada altura ele perguntou-me o que faria uma mulher da nossa época ante uma situação como aquela...

– E zás! Beijaste-o.
– Exacto. Beijei-o e...
– E?!
– Desde há algum tempo que nos encontramos à noite no quarto dele e...
– Ai, filha, vês como não tenho nada uma mente incendiada? – E, tapando a boca para não se rir, perguntou: – Andas a pinar com Declan Carmichael?

– Sim – confirmou Montse com um sorriso.
– Caraças!
– Agora vais-me dizer que tu com Alaisthar é nada de nada, não? – zombou Montse.

– Pois vou. Ele respeita-me. Mas depois de te ouvir, pressinto que estou a tardar a deixar de o respeitar. – Ao ouvi-la, Montse escangalhou-se a rir e a amiga continuou: – Vamos lá ver, filha, sei que o que te vou perguntar é um tanto mórbido, mas que tal se safa um homem na cama no século XVII?

– Em duas palavras, im-pressionante. Igual ou melhor que os do século XXI. Mas... mas para ser sincera, não sei o que estou a fazer. Bem, eu sei, mas não sei o que se passa comigo que...

Juana, ao ver o ar desconcertado da amiga, abraçou-a e concluiu:
– Começaste a sentir por ele algo que nunca achaste que podia acontecer. O homem dos teus sonhos, e nunca o termo foi mais acertado, fez que o teu coração bata como louco de cada vez que o vês e isso deixa-te confusa, estou enganada?

– Não. Não estás enganada, mas acho que estou a cometer um erro.
– *Estamos*, minha filha, *estamos*. Estou apanhadinha por Alaisthar e, apesar de às vezes pensar nisso de aproveitar o momento, não consigo desconstrair-me. Sei que mais cedo ou mais tarde deixarei de o ver e isso... isso martiriza-me cada dia mais.

Durante uns segundos, ambas permaneceram em silêncio, até que Montse, olhando para a sua amiga, sussurrou:

– Às vezes penso numa coisa que Erika, a *Escocesa* me disse.
– Estás a falar da cigana aldrabona que nos mandou para aqui?
Montse anuiu e disse:
– Desde pequena, ela sempre me disse que a felicidade do meu futuro estava

no passado.

– Ui... Pelo amor de Deus! – sussurrou Juana, mostrando-lhe o braço. – Até fiquei com pele-de-galinha, mulher.

– És mesmo palhaça – riu-se Montse.

– Caramba... – murmurou aquela, regressando ao seu catre. – Isso deve querer dizer que Declan é o homem que sempre procuraste. A tua meia laranja, a tua cara-metade ou como lhe queiras chamar.

– Não sei – admitiu Montse, deitando-se no seu catre. – Sinceramente, não sei, e isso deixa-me aterrada.

Capítulo 36

Na manhã seguinte, quando as mulheres se lavaram e saíram do seu alojamento, surpreenderam-se ao verem uns homens do clã de Kenneth Stuart posicionados à porta. Sem lhe darem importância, passaram por eles e foram com Agnes e Edel até à fortaleza Huntingtower. Tinham sido chamadas por Fiona.

– Entrar neste sítio causa-me arrepios! É como entrar na casa de Úrsula, a bruxa má de *A Pequena Sereia* – comentou Juana ao transporem a porta do castelo.

Mas ficaram admiradas quando viram a riqueza que aquele castelo albergava. Se bem que por fora parecesse sujo e danificado, por dentro estava de tal modo reluzente que era impossível não se surpreenderem.

– Mas bom... *Rapunzel* vive num autêntico castelo de fadas – escarneceu Montse ao olhar em volta.

– E fora dele as gentes dela morrem de fome – completou Julia.

A jovem *lady* Rose encontrava-se ali e viu-as logo. Furiosa, dirigiu-se a elas e, interpondo-se no caminho de Montse, travou-a.

– Quem vos deu autorização para entrarem aqui?

– Fiona Carmichael chamou-nos – respondeu esta com cara de poucos amigos. Estava claro que nunca se iriam dar bem.

Do outro lado do salão, Declan, que conversava com outros homens, reparou nelas e pôde ver como Rose, com uma expressão desagradável, se dirigia à sua Cindy. Não a ouvia, mas pela cara dela, o que Rose lhe dizia não devia ser muito agradável. Como quem não quer a coisa, começou a aproximar-se.

– Exijo-vos que saiam do meu castelo imediatamente! Rameiras como tu não são bem recebidas.

– Rameiras como eu? – repetiu Montse.

– O que me fizestes no outro dia não ficará impune. Far-vos-ei pagar pela humilhação que me fizestes sentir ante a minha gente, juro-vos!

– Estou a tremer, vedes, *lady* Rose? – escarneceu Montse.

Julia e Juana, que observavam a cena petrificadas, quiseram intervir. No entanto, um olhar da sua amiga ordenou-lhes que não se metessem. No entanto, Julia, ao sentir o caldo entornado, aproximou-se e disse:

– Temos de ir.

– Eu disse fora do meu castelo! – resmungou Rose cada vez mais furiosa. Jamais alguém ousara contrariá-la, e menos ainda em sua casa.

– Eu disse-te, maldita surda – sussurrou Montse, tentando contorná-la –, que Fiona nos chamou.

Mas Rose não estava disposta a calar-se e, voltando a interpor-se no seu caminho, grunhiu:

– Declan Carmichael é meu. Não te esqueças disso, rameira. Poderá satisfazer-te no leito como amante, mas eu vou conseguir ser esposa dele, e nessa altura encarregar-me-ei de ti. Farei com que a tua vida seja tão desprezível que vais querer morrer.

Cansada de aquela fedelha malcriada lhe estar a gritar na cara, com astúcia, Montse aproximou-se dela e, como quem não quer a coisa, pisou-lhe o pé. Carregando nele com todas as suas forças enquanto Rose, horrorizada, tentava aguentar a dor, murmurou-lhe na cara:

– Para tua informação, *Rapunzel*, não sou nenhuma rameira, e o que te rói por dentro é saber que sou a mulher que está a desfrutar dos desejos carnavais de um homem a quem desejas e que não podes ter. Pois lamento, queridinha, ele agora está comigo.

Sem olhar para trás, Montse afastou-se rapidamente e, enquanto tentava aplacar o seu humor olhando para as ricas tapeçarias e cristaleiras, chocou com alguém. Apressou-se a desculpar-se.

– Desculpe, senhor.

Ao levantar o rosto deparou com o ar sério de Declan, que, aproximando-se dela, lhe perguntou ao ouvido:

– *Senhor?* Já não nos tratamos por tu, Cindy?

Tentando controlar o nervosismo que aquele homem provocava nela, respirou fundo e, tão calma como pôde, sussurrou, ruborizando-se:

– Desculpa, Declan. Não me tinha apercebido de que eras tu.

Aspirar o seu perfume e tê-la tão perto fê-lo desejar tomar aqueles lábios impetuosos. Estava morto por ficar a sós com ela, e incomodou-se ao ver que Montse, sem dizer mais nada, se afastava. Deteve-a.

– Aonde vais com tanta pressa?

– A tua mãe mandou-nos chamar – respondeu ela, olhando de esguelha para *lady* Rose, que se sentava a coxear numa cadeira.

Queria estar zangada com ele pelo trato inexistente que lhe dispensara durante aqueles dias, mas algo nela o impedia. Bastava ouvi-lo falar com

aquela voz aveludada e sentia-se a desfazer-se por dentro. Ainda assim tentou estar distante até que ouviu:

– Vamos regressar ao Castelo de Elcho. É isso que a minha mãe vos vai comunicar.

Inexplicavelmente, aquilo deixou-a feliz e, com um sorriso encantador, exclamou:

– Oh, Deus, é o máximo!

– Que máximo?! – repetiu ele desconcertado. – O que quiseste dizer com isso?

Divertida com a pergunta, sorriu sem se dar conta de que aquele sorriso enlouquecia ainda mais o coração e a cabeça de quem tinha à sua frente, se isso era possível.

– Isso é como dizer «que bom»!

– Fico contente por saber que estás feliz por regressar a Elcho.

Aquiesceu como uma criança, mas os seus olhos escureceram quando, depois de olhar para *lady* Rose, se lembrou.

– Sim, mesmo que seja por pouco tempo. Já sabes...

– Pouco tempo? – perguntou Declan ansioso.

Se havia coisa que queria com ela era tempo. Algo dentro de si começava a acreditar na loucura que ela lhe contara do século XXI, e pensar em perdê-la começava a angustiá-lo.

– Sim, Declan. Em breve irei viver para casa da tua mãe. Não te lembras?

Ao ouvir aquilo, Declan anuiu. Isso era algo que teria de resolver assim que chegasse a Elcho, mas para rematar o assunto declarou com voz aveludada:

– Quanto a isso, não te preocupes...

– E com a menina *Caprichos*, tenho de me preocupar? – soltou ela sem pensar. – Porque está desejosa de que eu me afaste de ti para se enfiar em tua casa, na tua cama e onde a deixares.

– Se te referes a quem eu penso – sussurrou agradado com um sorriso –, não, Cindy, não tens de te preocupar.

Consciente do que acabava de dizer da boca para fora, praguejou e, para não dar importância ao assunto, afirmou com toda a convicção de que foi capaz:

– Bem... vamos lá ver uma coisa... não te enganes. Não é que eu me preocupe, mas eu...

– Estás com ciúmes?

Sobressaltada por aquela pergunta, assestou os olhos nele e murmurou:

– Não estou com ciúmes dessa... dessa... ordinária. Quem te disse isso?

– Tu. – Mas antes que ela continuasse com aquilo, que logo discutiriam a sós, Declan ficou sério e perguntou: – Como foi ontem com as crianças? Encontraram as famílias delas?

Recordar as crianças inundou o rosto de Montse de felicidade e, sacudindo

as mãos, respondeu enquanto afastava um cabelo que lhe caía nos olhos.

– Ui... a verdade é que foi fantástico. Conseguimos que essas crianças voltassem a dormir com as suas famílias. E embora tenha tido uma pena tremenda ao separar-me daqueles anjinhos, acho que ficarão bem. Creio que foi a primeira vez na minha vida que me senti útil ao fazer alguma coisa tão importante por alguém.

– Fico contente por saber disso – respondeu ele vendo como outros guerreiros a observavam ao falar. Aquela rapariga tinha magia e parecia atrair todos. A começar por ele. – Kenneth Stuart e os seus homens comportaram-se bem?

Aquela pergunta surpreendeu-a e, cravando os olhos nele, sussurrou:

– Tão bem como Rose O'Callahan. – Mas ao ver a fúria no olhar dele apressou-se a sussurrar: – Comportaram-se como autênticos cavalheiros e ajudaram-nos a encontrar as famílias das crianças.

– Trata-lo por tu?

Ao ouvir aquilo, Montse olhou para ele e perguntou:

– A que propósito vem essa pergunta parva?

Mas não pôde responder: Kenneth veio ter com eles e, para irritação de Declan, tratou-a por tu com galanteria.

– Bom dia, bela Cindy, dormiste bem?

Ela sorriu.

– Muito bem.

Declan, incomodado com aquilo, olhou-o com atrevimento e murmurou:

– Bom dia, Kenneth, eu também estou aqui.

– Tu e eu já nos tínhamos cumprimentado – brincou ele divertido, mas dando-lhe uma palmada no ombro prosseguiu: – Mas se tu gostas... bom dia, Declan.

Irritado com a intromissão do seu amigo na conversa que ele e a jovem estavam a ter, ia para dizer algo, mas ela, como sempre, adiantou-se-lhe:

– Kenneth, a sério, muito obrigada pela ajuda que tu e os teus homens nos deram ontem. Sem vocês teríamos demorado imenso tempo a encontrar aquelas famílias.

– Foi um prazer. Se voltares a precisar da minha ajuda, o meu clã e eu teremos todo o gosto em proporcionar-ta – concordou ele depois de trocar um olhar divertido com o amigo.

Declan e Kenneth já tinham conversado nessa manhã acerca do que tinha acontecido no dia anterior. Ambos eram amigos há muitos anos e conheciam-se bem. Demasiado bem.

– A propósito, Kenneth – perguntou ela. – Por que havia homens do teu clã plantados à porta da minha cabana?

Aquilo deixou Declan em alerta, que o olhou com ar carrancudo enquanto

o *highlander* sorria e respondia:

– Ordenei-lhes que dormissem ali. Não gostei do olhar de muitos dos homens que acampavam ali na zona.

Divertida com aquilo, Montse ia para responder, mas desta vez Declan adiantou-se e sussurrou com ar furioso:

– Quem te pediu que vigiasses a minha gente?

– Ninguém. Mas achei que era pertinente.

– Não quero voltar a ver nenhum Stuart perto dela ou de qualquer um dos meus a não ser que eu te peça, percebeste, Kenneth?

Boquiaberta com o rumo que tudo aquilo estava a tomar, Montse, aproximando-se mais do que a conta de Declan, sibilou depois de lhe dar um pequeno toque no ombro com o dedo:

– Mas, bom, onde está o problema?

A proximidade fê-lo recordar os seus momentos íntimos e respondeu:

– Tu és do meu clã. Minha responsabilidade! E se alguém tem de plantar homens à tua porta sou eu, não ele.

– Então faz isso – desafiou-o Kenneth.

– E quem te disse que ainda não o fiz?

Ao ouvir aquilo, Kenneth olhou para o amigo e sorriu. Agora entendia a conversa daquela manhã e o porquê da sua ira, e ia para responder quando a jovem disse:

– Ó homens, vamos lá ver, vocês estão a fazer o papel de machões, mas calem a boca porque me estão a deixar histérica. – E, olhando para Kenneth, disse: – Obrigada pela atenção dos teus homens, mas eu não preciso que ninguém vele à minha porta. Portanto, assunto resolvido! – E virando o seu olhar perturbador para Declan, concluiu: – Nos dias que aqui estou não me ofereceste a tua ajuda nem um único instante porque estavas muito ocupado a consolar a caprichosa da *Barbie* medieval. Portanto, continua assim. Não estou com ciúmes, e é evidente que não quero nem a tua protecção nem nada que venha de ti.

Assim que disse aquilo, com o nível de fúria no máximo, foi-se embora à procura das suas amigas, que conversavam com Fiona na outra ponta do salão. Os homens, surpreendidos com a tirada dela, entreolharam-se e Kenneth, com um sorriso que fez o amigo rir, disse dando-lhe uma boa palmada nas costas:

– Caprichosa *Barbie* medieval?

– Loucuras de Cindy – respondeu Declan divertido, desejoso de a apanhar a sós.

– Mas essa caprichosa é quem eu julgo que é? – gracejou de novo Kenneth, olhando para Rose O'Callahan, que discutia ao fundo com uma das suas criadas.

– Receio que sim.

Declan sorriu e anuiu fazendo que Kenneth desse uma gargalhada que fez que o salão inteiro olhasse para eles. Uma vez recobrada a compostura, observou o amigo e, com uma expressão que tranquilizou Declan, comentou:

– Sabes que tenho muito apreço por ti, Declan, mas se não fizeres nada para conquistar a espanhola, faço eu.

Capítulo 37

Depois de se despedir com carinho dos camponeses da fortaleza, Montse, acompanhada pelas suas amigas incondicionais, subiu para uma das carruagens dos Carmichael para regressar ao Castelo de Elcho. Estava feliz por se ir embora dali. Porém a sua felicidade foi interrompida quando viu a perua medieval aparecer no dorso de um impressionante cavalo branco e a ouviu gritar a uns homens com ar desagradável:

– Levem com cuidado os meus baús até à minha carroça. Não quero que nenhum sofra o menor dano, senão vão pagar por isso. Tu, miserável saco de grão – gritou a um rapaz –, avisa o *laird* Carmichael que já estou preparada e que podemos começar a viagem.

– Olhem para ela. Só falta começar a girar a cabeça para parecer a miúda do exorcista – troçou Juana, apontando para ela.

– De quem estão a falar? Da *Rapunzel*? – perguntou Julia.

– Sim, filha, sim, de quem haveria de ser? – perguntou Montse irritada por aquela companhia repentina. – Não consigo entender que em vez de ficar aqui para acompanhar o pai dela e ajudar as suas gentes, tenha de vir connosco para nos irritar de certeza.

– Essa é mais inútil do que uma soprano gaga – escarneceu Julia ao ver como a visada tentava sem resultado colocar bem a capa.

Nesse momento, Declan apareceu montado no seu cavalo escuro e, depois de saudar Montse com um movimento da cabeça, galopou até onde estava Rose e, com voz amável, disse à caprichosa jovem:

– Não te preocupes. Os teus pertences chegarão intactos como sempre.

Ao vê-lo ao seu lado, a jovem trocou a sua expressão rabugenta por uma mais doce e, depois de afastar o cabelo da cara com estilo e *glamour* dignos da maravilhosa Bette Davis, disse com um sorriso idiota:

– Oh, Declan... desejo tanto um pouco de paz depois da loucura que vivi estes dias! Estou esgotada, preciso de repousar.

– Em Elcho vais descansar, garanto-te.

Dito isto, Declan beijou-lhe a mão e começou a afastar-se quando viu Kenneth Stuart a aproximar-se do carro onde sabia que estava Cindy.

– Vinha para verificar que vocês estão bem acomodadas – disse o *highlander* moreno, aproximando-se do carro das três amigas; e, olhando para Montse, acrescentou: – Espero que já não estejas zangada comigo por ter posto os meus homens à tua porta.

– Vocês vêm connosco? – perguntou Juana.

– Só uma parte do caminho – respondeu ele com os olhos postos em Montse.

Juana e Julia concordaram e permaneceram em segundo plano. Estava claro que aquele escocês tão bem-parecido não estava ali por elas.

– Kenneth, és tão encantador que não consigo estar zangada contigo. Desculpa-me pela minha reacção no salão, mas quando Declan e tu...

– Por falar em Declan – interrompeu-a ele divertido. – Neste instante está a observar-nos. Achas que deva empunhar a minha espada?

Surpreendida, Montse olhou na direcção que ele indicava, e um estranho regozijo percorreu-lhe o corpo ao ver como os observava, enquanto *Rapunzel* falava e falava sem parar como uma cacatua. O porte estático de Declan denunciava a sua tensão, e os seus olhos, fúria e desconfiança.

– Sossega, Kenneth. Não creio que Declan deseje perder um bom amigo.

– Por uma mulher como tu, talvez queira.

– Achas? – perguntou atónita pelo que ele deixava entrever com aquelas palavras.

Kenneth, pasmado pelo modo como Declan os observava, aproximou-se ainda mais da rapariga e, fazendo-a rir, segredou-lhe:

– Conheço aquele burro há muito tempo e nunca o vi a olhar-me assim apenas por conversar com uma mulher.

Ao ouvir aquilo, Montse sorriu e, como nos seus melhores tempos, soltou a cabeleira e sacudiu-a à maneira de Cindy Crawford em qualquer desfile, para a seguir, com sensualidade, a afastar da cara. Aquilo fez que Juana, morta de riso, sussurrasse em espanhol:

– Acho que a nossa Cindy Crawford particular está a apaixonar-se, e não pelo matulão que está à frente dela.

– Ai, meu Deus! – murmurou Julia, tapando a boca ao olhar para Declan.

Ao ouvir aqueles comentários, Montse sorriu e, aproximando-se um pouco mais de Kenneth, perguntou-lhe seguindo o jogo dele:

– Achas mesmo que Declan lutaria contigo?

O homem, depois de trocar um olhar com o furioso *highlander* que os observava à distância, anuiu e, fazendo-a sorrir de novo, replicou:

– Não duvides, embora atente às consequências que isso lhe trará da caprichosa perua medieval.

Capítulo 38

O caminho de regresso ao Castelo de Elcho foi mais lento do que o de ida. Várias horas depois de partirem, Kenneth e os seus guerreiros despediram-se deles e encaminharam-se para as suas terras.

As paragens contínuas provocadas por Rose O'Callahan estavam a começar a desesperar toda a gente, e a isso juntava-se a chuva incómoda e o frio. Mas, apesar de tudo, chegaram a Elcho já entrada a noite.

Fiona, depois de descer com rapidez do seu carro, foi ter com as três amigas, que dormitavam junto com Edel e Agnes, e disse:

– Vamos, raparigas, despachem-se. Entrem no castelo e preparem os aposentos de Rose.

As criadas saltaram do carro, e ao ver que Cindy e as outras ficavam paradas, apressaram-nas.

– Vá lá, vamos. Precisamos da vossa ajuda.

Montse espreguiçou-se. Há horas que se tinha despedido de Kenneth Stuart e dos seus homens e isso fê-la sorrir. Desceu do carro e olhou em volta. Toda a gente parecia mobilizada, e ela decidiu fazê-lo também. Mas quando viu Declan a ajudar Rose a descer do seu cavalo, praguejou em silêncio. Não gostava dos olhares que aquela dedicava ao homem dos seus sonhos. Durante o trajecto suportou que aquela tonta melíflua passasse todo o caminho a dar ordens a toda a gente e a sorrir como uma parvinha a Declan.

– Mas, bom, e quem é aquela? – perguntou Juana ao dar-se conta de uma jovem ruiva que se ria com Alaisthar enquanto ordenava a uns homens que carregassem os baús de Rose.

– Aquela é Miriel. Uma das damas de companhia de *lady* Rose – informou Agnes ao ver o seu Percy rir como um tontinho por algo que esta dizia. – Lembra-te, Paris, afasta-te delas, senão vais ter problemas.

– Oh, tranquila, Agnes, não haverá problemas – resfolegou Rose irritada ao ver Declan tão solícito com a imbecil da Rose.

Mas Juana, sem ouvir e fula por o seu Alaisthar estar a cobrir aquela mulher

de atenções, desceu do carro e, sem que ninguém a conseguisse segurar, foi ter com ele.

– Alaisthar – chamou-o, atraindo a sua atenção. – Podes vir aqui um momento?

Ao vê-la, o ruivo anuiu e, depois de dizer qualquer coisa à jovem que estava junto a ele e que a fez sorrir, aproximou-se e perguntou:

– O que és?

– Ouvi dizer que partilhas momentos de intimidade com uma tal Erin, mas acabo de saber que essa a quem sorris como um velhaco é Miriel. Isso é verdade?

Perplexo com aquela pergunta, replicou boquiaberto:

– A que vem isso?

Juana, ao vê-lo hesitar na resposta, cravou os seus olhos escuros nele e, apontando para a ruiva que os olhava com descaramento, murmurou:

– Não vou permitir que ninguém brinque comigo, ouviste-me, Alaisthar? – Ele anuiu. – Se desejas ter alguma coisa com Miriel, o que havia entre tu e eu, que é nada, acabou, entendes-me?

– Mas de que estás a falar, Paris? – perguntou, agarrando-a pelo braço para a afastar para o lado e deixar os homens descarregarem os carros.

– Sabes muito bem a que me refiro – acusou esta. – E só te vou dizer uma coisa, escocês, se pretendes continuar a namoriscar com outras na minha frente, eu não o vou consentir. Se gostas dela, vai em frente! Mas quando ela se for embora daqui, que nem te passe pela cabeça aproximares-te de mim, porque eu não sou mulher para partilhar um homem, entendes?

O *highlander*, surpreendido por aquela mudança de humor, aquiesceu enfeitado. Desde que conhecia Paris, o bom humor e o sorriso nunca a tinham abandonado nem por um segundo, e vê-la assim, diante dele, a mostrar aquele feitio tão característico das espanholas, fê-lo sorrir. Em especial pela leitura que podia retirar dali.

– Estás a rir? Ainda por cima tens a pouca vergonha de te rires na minha cara?

– Não é para menos, Paris... não é para menos.

Consciente do modo como aquela bonita mulher de cabelo ruivo os observava, e em especial do ar gozão de Alaisthar, a canária deu meia volta para se ir embora quando sentiu que ele a agarrava pelo braço, a fazia virar-se e lhe plantava um beijo de possessão em cheio na boca digno da melhor telenovela para a seguir lhe sussurrar ao ouvido:

– Minha *menina*... Nem Erin nem Miriel representam nada para mim tendo-te a ti. Esta resposta serve-te?

Abalada com aquela manifestação sentimental na frente de todos, Juana concordou como uma autómatas e, depois de sorrir, deu meia volta, regressou

até onde ainda estava uma irritada Montse a observar Declan e, agarrando-a pelo braço, segredou-lhe enquanto caminhavam para o interior do castelo:

– Definitivamente, assim que ficar a sós com ele, acabou-se o respeito.

Capítulo 39

Naquela noite, depois de terminarem de preparar os quartos para as visitas, quando desceu do piso superior, Montse viu Declan, Rose e Fiona no salão. Os três pareciam relaxados e descontraídos na sua conversa e, inconscientemente, sentiu-se desesperar. Declan convertera-se em alguém demasiado especial para ela. Porém, sem fazer nada, correu para o seu quarto determinada a não dar mais cabo da cabeça, algo que foi impossível. Passou uma noite terrível, desejosa de correr para os braços dele, mas conteve-se e não subiu.

No dia seguinte, a coisa não melhorou. Cruzou-se com Declan no salão e, quando ele ia para lhe dizer alguma coisa, ela, muito digna, foi-se embora. Isso irritou-o. Esperara por ela desesperado até altas horas e ela não aparecera. Queria falar com ela e para isso tinha de procurar o momento adequado. Mas foi impossível, não o encontrou.

À tarde, a seguir ao almoço, Rose propôs dar um passeio a cavalo. Declan não achou lá muita piada, mas ao ver o gesto que a sua mãe lhe fazia, aceitou. Montse, que estava a limpar uma das janelas do salão, viu-os ir até às cavalariças e partirem a cavalo.

– Maldição! – grunhiu.

– O que foi, Cindy? – perguntou Fiona, aproximando-se dela.

Atrapalhada por ter sido descoberta, a jovem, afastando a franja da cara com um sorriso, disse, apertando o pano contra o vidro:

– Há aqui uma manchinha que não consigo tirar.

Durante uns segundos, Fiona observou-a a esfregar o vidro da janela com tanto brio que pensou que ia acabar por parti-lo. Via-se que estava zangada, algo que o seu ar sisudo denunciava. Por isso, e consciente do que achava que se estava a passar, pegou-lhe na mão e disse:

– Vem comigo, Cindy. Tenho de falar contigo.

Seguiu-a sem refilar e, quando entraram na biblioteca, Fiona fechou a porta. Sentou-se e convidou-a a fazer o mesmo. Assim que Montse se sentou, Fiona

assestou o olhar nela e perguntou:

– O que pensas do meu filho Declan?

Surpreendida com aquela pergunta, a jovem olhou para ela e replicou:

– A que se refere com isso, Fiona?

– A que tu sentes alguma coisa pelo meu filho, rapariga. Verifiquei como vocês olham às escondidas um para o outro. E agora não te faças de parva, Cindy, que eu sou uma mulher adulta e reparo em tudo.

Levantando o queixo com indiferença, encolheu os ombros e respondeu atrapalhada:

– Pois eu não sei a que se refere, Fiona. Não sinto nada por ele. Por que haveria de sentir? A única coisa que fazemos é estarmos sempre a discutir...

– Ouvi-te praguejar quando viste Rose e Declan saírem a cavalo, e pensei que talvez isso te incomodasse.

– Pelo amor de Deus! Como pode pensar uma coisa dessas? – retorquiu Montse alterada. – Se praguejei foi por causa da maldita mancha no vidro.

– De certeza, Cindy?

– Claro, Fiona – respondeu taxativa.

– Mas os olhares que vocês trocam...

Atrapalhada com aquela conversa, a jovem tentou concluí-la dizendo:

– Está enganada. Olho para ele como para qualquer outro. Ou até menos.

Ao ouvi-la dizer aquilo, a mulher recostou-se no cadeirão e, disposta a conseguir saber aquilo a que se propusera, respondeu com uma pequena armadilha:

– Filha, pergunto-te isso por causa da maldição de Keeva. O feitiço dizia que só desapareceria quando o apaixonado de algum Carmichael encontrasse a outra metade do pendente. E apesar de estar feliz por ter a jóia de novo entre nós, tenho receio por Maud. Terá a mesma sorte que os seus antepassados? Angustia-me pensar nisso, angustia-me muito.

– Sossegue, Fiona. Tenho a certeza de que o feitiço já se desfez.

– Tens a certeza porque sentes alguma coisa por Declan? O meu filho é um homem muito bem-parecido.

A mulher é mesmo bruxa, pensou Montse, mas, sorrindo, suspirou.

– Vamos lá ver, Fiona. Não lhe posso negar que o seu filho é um homem bem-parecido e com muito bom aspecto e que gosto quando ele me sorri, mas...

– Então, ele atrai-te?

– Não.

– Mas acabaste de dizer que gostas dele!

Surpreendida com a maneira como aquela mulher a estava a intrujar, soltou uma gargalhada e perguntou:

– Mas, bom, o que está a tramar?

– Eu nada, mas quero apenas que sejas sincera e me digas a verdade. – Sorriu, dando-lhe umas palmadinhas nas mãos. – O meu filho gosta de ti, e muito. Ele não me disse nada, mas sou mãe dele e conheço-o. Nem com a mãe de Maud o vi assim tão inquieto. Vejo como te procura com o olhar e como sorri quando estás por perto. E embora vocês se empenhem em discutir com veemência na frente de todos, sei que não é assim. Além disso, sei que desde há algum tempo vocês se encontram todas as noites no quarto dele...

Encurralada pela mãe do homem que a estava a fazer perder a razão, Montse olhou para ela e afirmou:

– Está bem. Confesso. Gosto muito do seu filho, ele atrai-me muitíssimo. Portanto, não se preocupe com Maud.

Ao ouvir aquilo, Fiona aplaudiu e, deixando Montse ainda mais boquiaberta, disse:

– Sabes, Cindy? Gostaria que entre ti e Declan existisse algo mais do que as noites furtivas que vocês passam juntos, e estou convencida de que ele também. Serias uma boa senhora para o Castelo de Elcho. Além disso, Maud adora-te e a nossa gente gosta de ti.

– Fiona, pelo amor de Deus, o que está a dizer? – murmurou assustada.

– Um enlace entre ti e Declan seria uma coisa maravilhosa.

– Não... impossível.

– Porquê? – perguntou a mulher desconcertada.

– Ai, Fiona... acredite em mim, é impossível!

– Mas não disseste que gostas do meu filho e que ele te atrai?

– Sim.

– Então?

Cravando os olhos nos da mulher, Montse pegou nas mãos dela e, com uma tristeza que lhe inundou o coração, sussurrou:

– Fiona, não tardarei a ir-me embora e...

– Como? Porquê? Não és feliz aqui?

– Escute, Fiona. – E, ao ver o olhar triste da mulher, sussurrou: – Aqui sou muito feliz. Vocês são todos maravilhosos e tenho a certeza de que nunca voltarei a encontrar pessoas mais adoráveis do que vocês, mas tenho de regressar.

– A Espanha?

Tentar explicar à pobre mulher a loucura que nem ela compreendia seria algo difícil, pelo que Montse, anuindo, disse:

– Sim, a Espanha.

– Não desejas desposar Declan?

Montse não respondeu. Algo nela gritava-lhe que sim, mas tinha de ser racional e pensar com a cabeça fria. Fiona, ao ver a expressão de tristeza no

seu olhar, murmurou:

– Então, filha, se tu não queres, não me odeies, mas como mãe de Declan irei instá-lo a cortejar Rose. O meu filho precisa de uma mulher.

Após um silêncio tenso das duas, Montse levantou-se e, depois de dar um beijo terno na face de Fiona, encaminhou-se para a porta da biblioteca.

– Creio que fará bem ao encorajar Declan a cortejar Rose – disse antes de sair. – Ele merece refazer a sua vida com uma mulher, mesmo que não seja eu.

Dito isto fechou a porta, deixando Fiona aturdida, e encaminhou-se para a cozinha para ruminar as suas penas. Horas depois, quando estava sentada debaixo de um carvalho a trautear uma canção, viu Rose e Declan regressarem. Irritada consigo por às vezes se permitir sonhar acordada, levantou-se e entrou de novo na cozinha para descascar batatas. Precisava de fazer alguma coisa senão iria enlouquecer. Estava sentada a trautear uma canção quando de repente ouviu:

– Onde estão Agnes e Edel?

Levantando os olhos, deparou com duas jovens de aspecto impecável.

– Se não estão aqui deve ser porque estão ocupadas – respondeu.

Com uma altivez que fez Montse ficar tensa, uma delas replicou:

– Temos tarefas para elas. Precisamos de as encontrar agora!

Ao ver a maldade no olhar delas, Montse, levantando-se, perguntou:

– De que precisam?

A jovem de cabelo claro e feições finas e perfiladas, depois de lhe lançar um olhar de alto a baixo, respondeu num tom desagradável e mandão:

– Têm de ir ao quarto de *lady* Rose e limpá-lo porque está com um aspecto horrível. Depois têm de lavar estes vestidos com cuidado para não os estragar e, uma vez limpos e esticados, devem pendurá-los no quarto.

Surpreendida com aquilo, pousou a batata que tinha nas mãos e, levantando-se, esclareceu:

– As criadas de *lady* Rose são vocês. Por que têm de ser elas a fazê-lo? – Ao ouvirem aquilo, as jovens entreolharam-se desconcertadas. Montse continuou: – E quanto ao quarto dela, duvido do que estão a dizer. Eu encarreguei-me de que esse quarto estivesse limpo e arrumado ainda ontem à noite, por isso surpreende-me muito que esteja desarrumado, a não ser que a vossa senhora se tenha encarregado de o sujar.

As jovens entreolharam-se e, com um sorriso malicioso, perguntaram:

– Sois Cindy, não é?

– Hum-hum!

– Tínhamos ouvido falar de vós – disse a morena.

– Ai sim?

– Sim.

– Pois então espero que bem, porque se assim não for, vou-me zangar, e garanto-vos que, quando me zango, as pessoas têm medo de mim – respondeu espetando a faca com que estava a descascar a batata na mesa de madeira.

Ambas deram um passo atrás no momento em que Agnes entrava na cozinha. Ao deparar com aquilo, aproximou-se de Cindy para dizer algo, mas esta calou-se e, dando um passo na direção das duas jovens que recuavam, deixou bem claro:

– Se há alguém que vai lavar a roupa da vossa senhora são vocês! Porque uma coisa é sermos amáveis com quem nos visita e outra é sermos tomadas por parvas! Portanto, bem podem ir a correr ao lago ou onde quiserem lavar com delicadeza as roupinhas da vossa *lady* Rose.

Assustadas e ainda com os vestidos nas mãos, as duas raparigas correram escadas acima em busca de protecção. Aquela jovem estava louca. Agnes, ao ver aquilo, olhou para Cindy a rir às gargalhadas e disse:

– Ora, ora, vejo que sabes lidar com semelhantes harpias.

Sentando-se de novo na cadeira, pegou na batata e, com um sorriso, murmurou:

– Ui, Agnes... se eu te contasse sobre as harpias com que costumo lidar diariamente, entender-me-ias.

Edel e Juana entraram com um cesto de roupa acabada de apanhar da corda e, enquanto riam às gargalhadas com o que Agnes lhes contava, ouviu-se um rebuliço no alto da escadaria e, segundos depois, Rose O'Callahan e as suas duas criadas, com ar transtornado, estavam diante delas.

– Quem ousou tratar com desprezo Lena e Tina? – E cravando o olhar na jovem que a fitava, atirou-lhe com uma expressão desagradável: – De certeza que foste tu, não é verdade, criada?

– Já começa – comentou Montse. – Daqui a pouco vai estar a queixar-se se a avó fuma ou se a avó bebe.

– Perguntei...

Levantando-se como um touro bravo de lide ao sair do curral, voltou a pousar a faca e a batata e perguntou com má cara:

– Qual é o problema?

Ao ouvir aquilo, a jovem de aspecto impecável, depois de a olhar com desprezo, ordenou-lhe num tom de voz nada simpático:

– Comporta-te, serva. Será que não sabes com quem estás a falar?

Agnes e Edel entreolharam-se atrapalhadas. Enfrentar aquela caprichosa não era nada bom. O senhor Carmichael ficaria a saber e traria de novo problemas para Cindy. Por isso, Agnes, dando um passo em frente para atrair a atenção dela, disse:

– Desculpai-nos, *lady* Rose, mas...

– Cala-te, Agnes, e deixa-me a mim resolver isto – pediu Montse incapaz de permanecer em silêncio ante semelhante pateta. De certeza que iria sair a perder, mas naquele momento isso era o que menos lhe importava.

– Sois uma desavergonhada. Quem julgáveis que éreis?

– Quem julgais que sois?

Com um olhar maldoso, Rose O’Callahan levantou a mão para a esbofetear, mas antes de o golpe a atingir, Montse travou-o e disse:

– Se me puser a mão em cima vai-se arrepender. E já me conhece, *lady* Rose, se eu digo que se vai arrepender... é porque se vai arrepender.

– Bem... vai ser bonito – murmurou Juana.

– Largai-me! Maldita ordinária. Será que julgas que por aqueceres o leito de Declan me podes tratar assim? – Olhou com rapidez para uma das suas criadas e ordenou-lhe: – Lena, vai à procura de Declan Carmichael. Ele resolverá este agravo.

Ao ouvir a sua senhora, a jovem deu meia volta e desapareceu pelas escadas enquanto Montse, sem se assustar, a desafiava.

– Tu, maldita preguiçosa! – gritou Rose a uma assustada Edel. – Vem cá imediatamente.

Sem perder um segundo, a rapariga pôs-se ao seu lado e Rose, tirando os vestidos da mão da sua criada, sussurrou:

– Lava isto agora mesmo porque eu estou a mandar.

Da mesma maneira, Montse tirou a roupa a Edel, que tremia como varas verdes, e devolveu-a à criada de Rose.

– Não. Isso vai ser a sua criada a lavar. Nós temos outras coisas que fazer.

Como um vendaval, Rose voltou a pegar nas suas roupas e devolveu-as a Edel.

– Lava-a!

De novo, Montse tirou-lhas e, lançando-as ao chão, gritou:

– Não!

Sem lhe dar tempo par a reagir, Rose O’Callahan levantou a mão e esbofetou a cara de Edel, que caiu ao chão com o impulso.

Com rapidez, Juana, Agnes e Julia ajudaram-na a levantar-se enquanto Montse, com um só movimento do pé, conseguiu atirar Rose ao chão.

– Se voltas a pôr a mão em cima de alguém, seja quem for, estando eu presente, juro-te que...

– Por todos os santos, o que se está a passar aqui? – gritou Declan aparecendo na cozinha exaltado ao ver Rose esparramada no chão e Montse com ar zangado.

Sem perder um segundo, a chorosa jovem de cabelo claro como o sol estendeu-lhe a mão para que este a ajudasse a levantar-se. Assim que o conseguiu, apoiando a face no peito dele, para fúria de Montse, gemeu

de modo teatral:

– Declan, esta tua criada insuportável atacou-me, ofendeu-me e insultou-me. Como podes albergar alguém assim em tua casa?

O *highlander*, ainda surpreendido pela situação, olhou para a mulher que adorava e, depois de a ver encolher os ombros, ouviu-a dizer:

– Assumo tudo o que ela diz porque é verdade e não o vou negar. Mentir não condiz comigo, embora veja que com ela sim. E deixa-me acrescentar, e vou dizer isto bem claro para que me entendas, que se fiz uma coisa dessas foi porque ela nos atacou antes e, como mostra a mão que Edel tem marcada no rosto, ofendeu-nos e insultou-nos.

– Mentira! – bradou ela.

– Não, não é mentira, e sabe disso, *lady* Rose. O que se passa é que não gosta quando lhe pagam na mesma moeda, não é? – E, olhando para o homem que as observava desconcertado, esclareceu: – Declan, apenas procurei fazê-la ver que as suas criadas devem encarregar-se das coisas pessoais dela. Nós temos a cargo o castelo inteiro e não podemos assumir mais tarefas. Porquê?, perguntarás. – Ele nem se mexeu. – Olha, porque não temos mais mãos do que as que vês, e se elas colaborarem connosco, tudo correrá bem no castelo. Ou queres que o almoço se atrase e a ordem no teu castelo comece a falhar?

Depois de a ouvir, Declan concordou. Entendia muito bem o que Montse estava a dizer, mas Rose O’Callahan tinha sido criada de uma maneira especial e, mesmo estando em casa dele, permitia-lhe tudo. No entanto, talvez isso devesse mudar e, olhando para Rose, que gemia no seu ombro, separou-a dele e, para surpresa de Edel e Agnes, disse:

– Rose, pára de chorar e tenta entender o que a minha gente te quer dizer. – Com um beicinho triste, ela olhou para ele, que prosseguiu: – O castelo, a minha casa, tem o seu funcionamento, e se tu tens as tuas criadas, por que não hão-de ajudar?

– Mas Declan, eu...

Com um sorriso maravilhoso que a fez calar os seus protestos e Montse suspirar, o duque olhou para ela e sussurrou:

– Por favor, Rose, coopera. Ninguém está a exigir que laves a tua roupa, apenas que ordenes às tuas criadas que façam o seu trabalho. Foi para isso que vieram contigo, não?

Sem lhe dar tempo de dizer mais nada, o duque olhou para a jovem que sorria ao seu lado e disse:

– Cindy... quero falar contigo a sós agora mesmo.

– Agora, Declan?! – perguntou esta surpreendida.

– Sim. Agora – apressou-a ele. – É urgente.

– Declan?! Desde quando permites que a criadagem te trate por tu? – bradou Rose depois de ordenar às suas criadas com maus modos que lavassem

as roupas.

Virando-se para olhar para ela, o *highlander*, com ar aborrecido e vontade de a enganar, murmurou:

– Rose O’Callahan, queres ter a gentileza de me esperar no salão? Tenho assuntos a resolver com a minha gente.

Seguida pelas suas duas criadas carrancudas, a jovem foi-se embora e Declan, olhando para a suposta Cindy Crawford, disse, dando-lhe a mão:

– Vem comigo.

Com um sorriso estranho nos lábios, Montse deixou-se guiar até chegar ao seu humilde quartinho. Uma vez lá dentro, Declan fechou a porta e, encostando-a entre ele e a porta, sussurrou-lhe olhando-a temerariamente nos olhos:

– Nunca mais voltas a pôr-me numa situação destas.

– Entendo, Declan. Juro que te entendo. Mas essa mal-educada caprichosa disse coisas horríveis, tratou Edel e Agnes como se fossem escória e atreveu-se a dizer-me que...

– Esperei por ti ontem à noite durante horas depois de sentir a tua falta durante dias e te desejar nas noites. Por que não vieste?

Surpreendida com a viragem nos acontecimentos, Montse olhou-o nos olhos e respondeu:

– Pensei que estarias cansado e...

– Nunca mais voltas a pensar por mim.

Dito isto, beijou-a. Devorou-lhe a boca com um beijo tão abrasador que as pernas de Montse estremeceram ao notar a ânsia que sentia por ela. Com muita dificuldade, e com todo o seu autocontrolo, Declan conseguiu separar-se dela.

– Esta noite estarei à tua espera.

Uma vez dito isso, beijou-a, afastou-a para o lado, abriu a porta e foi-se embora.

Capítulo 40

Durante o resto da tarde, Montse sentiu-se desfalecer. O que fazer? Deveria ir ver Declan naquela noite ou não? As últimas palavras dele, «estarei à tua espera», fizeram-na recordar e trautear aquela canção enquanto estendia a roupa lavada que Edel lhe levara.

*Esperarei, que as mãos me queiras tomar,
Que na tua memória me queiras para sempre levar,
Que a minha presença seja o mundo que queiras sentir,
Que um dia não possas sem o meu amor viver.*

- Que bonito cântico – comentou Edel, olhando para ela.
- Sim. A letra desta canção é muito bonita.
- Tens de me ensinar, como a do *Mojo picón*.

Com um sorriso nos lábios, Juana atirou à amiga uma espécie de anáguas e, fazendo-a rir, cantou:

Mojo picón... Mojo picón...

Assim que terminaram de estender a roupa, Edel foi-se embora e Juana, aproximando-se da amiga, agarrou-a pelo braço e segredou:

- Combinei encontrar-me daqui a pouco com Alaisthar.
- E?
- Vou disposta a deixar de o respeitar de uma santa vez, ou juro-te que vou explodir. – Aquilo provocou o riso de Montse e a amiga continuou: – Estou a contar-te isto para que não te assustes se vires que não apareço na hora de irmos dormir e para dizeres à Duval para que não se preocupe.
- Tens a certeza do que vais fazer?
- Certeza absoluta, absolutíssima! Ontem à noite, quando me beijou na frente de toda a gente, fiquei taquicárdica. Ai, minha filha... o potencial sexual que o meu ruivo tem de ter deve ser um espectáculo! E olha para o que te digo, porque sou pequena e *jeitosinha*, porque, se não fosse, juro-te pela

minha avó Lola que o teria metido ao ombro e ontem à noite aquele homem teria sido meu.

Divertida, Montse desmanchou-se a rir e, sentando-se num tronco, murmurou:

– Posso ser sincera contigo?

– Claro, e como diria o meu ruivo favorito, exijo-to.

Depois de sorrir com aquele comentário, Montse disse:

– Acho que, se gostas de Alaisthar, com este passo que vais dar passarás a gostar mais dele.

– Dizes isso pelo que te aconteceu com Declan, não é?

Montse anuiu e, após suspirar, continuou:

– Paraste para pensar que o nosso tempo aqui vai acabar mais cedo ou mais tarde?

– Não.

– Pois deverias. O que vai pensar Alaisthar quando não te encontrar? Contaste-lhe a verdade do porquê de estarmos aqui?

– Não. Se o fizer ele vai pensar que sou maluca – respondeu Juana com sinceridade.

– Eu sei. Acho que no fundo é isso que Declan pensa de mim. – Sorriu ao dizê-lo. – Mas pelo menos, no dia em que eu desaparecer, talvez pense nisso e se dê conta de que lhe estava a dizer a verdade.

– Ai, filha, se mo dizes assim, se calhar vou ter de lhe dizer, mas como?

– Contando-lhe, nem mais, nem menos.

Ambas permaneceram uns segundos caladas até que Montse disse:

– Declan pediu-me que vá ter com ele de novo esta noite ao quarto dele. E apesar de o desejar, sinceramente, não sei o que fazer. Acho que estou a interferir na vida dele e isso começa a assustar-me. Segundo Edel e Agnes dizem, ele e Rose eram algo mais do que amigos, e eu... apesar de ele me ter dito que ela não significa nada para ele, não posso chegar aqui, atrapalhar a vida dele e depois desaparecer sem mais nem menos. Acho que não seria justo para ele. Acho que não.

– Olha... se continuares por esse caminho vais fazer-me mudar de ideias em relação ao que tenho pensado fazer com Alaisthar esta noite, e embora saiba que tens razão, não vou conseguir conter mais o meu instinto sexual.

Depois de um bom bocado, e enquanto Edel, Julia e Agnes andavam por ali atrás delas a falar de receitas, viram chegar ao longe uns ginetes. Eram guerreiros de Declan, junto com uns quantos de Rose O'Callahan.

– Acho que hoje vamos cozinhar até às tantas – queixou-se Montse.

– Não me digas que neste momento uma Telepizza ou um Burger King aqui perto não nos viria mesmo a calhar – zombou Juana.

Divertidas com aquele comentário, ambas entraram na cozinha com

as outras. Tinham muito que fazer.

Capítulo 41

Depois de cozinhareem durante horas nas cozinhas do Castelo de Elcho, por fim os guisados de carne estavam preparados. Os guerreiros de ambos os clãs reunidos na sala de jantar dos Carmichael deram vivas às donzelas do *laird* Declan e *lady* Rose quando estas começaram a servi-los. Montse não quis aparecer no salão. Não lhe apetecia ver o homem que ocupava a totalidade da sua mente ao lado de *Rapunzel* e por isso pediu para ser a encarregada de manter o lume no ponto para que a comida não arrefecesse enquanto as restantes serviam no salão.

Edel e Agnes, ajudadas por Juana e Julia, começaram a servir os seus guerreiros, enquanto Lena e Tina faziam o mesmo aos do seu clã, os O'Callahan. Os homens, divertidos ao verem como aquelas mulheres rodopiavam em volta deles, diziam fanfarronices ao vê-las passar, enquanto elas sorriam. No entanto, Agnes perdeu o riso quando viu o seu Percy levantar-se e ir até onde Lena estava para que o servisse.

Declan, sentado junto com a mãe, *lady* Rose e Alaisthar, reparou que Cindy não andava por ali. Isso agradou-lhe. Não queria vê-la metida no meio daquele enxame de homens. Alaisthar, por seu turno, irritado por ver a sua Paris entre eles, quase nem comeu. Declan, ao dar-se conta disso e sem lhe dizer nada, avisou um dos seus guerreiros e mandou-o avisar os seus homens para terem cuidado com as maneiras com a jovem Paris. Passados dez minutos, Agnes, transtornada e alterada, desceu os degraus até à cozinha a deitar fumo pelos ouvidos.

– O que tens, Agnes? – perguntou Montse ao vê-la naquele estado.

– Não posso ver aquilo. Não posso! – gritou, atirando a bandeja do assado contra a mesa.

Segundos depois deixou-se cair e desatou a chorar.

Comovida com aquilo e sabendo a que se referia, Montse fê-la sentar-se ao seu lado e disse-lhe enquanto a consolava:

– Estás assim por causa das criadas de *Rapunzel*?

Segundo as lágrimas, a jovem concordou. Nesse momento apareceu uma colérica Edel seguida por Juana. Esta última, ao pressentir o que se passava, disse alto e bom som:

– Acabaram-se os choros e os lamentos, Agnes. Não vês que assim os teus olhos vão inchar e o teu aspecto vai tornar-se macilento?

– Mas...

– Não há mas nem meio mas! – gritou Montse, dando uma palmada na mesa. – Espevitem! Já vos disse que vocês são mil vezes mais bonitas do que essas duas aspirantes a *Rapunzel*. O que se passa é que vocês não sabem tirar partido disso e sorrir a outros que não sejam os patetas do Percy e do Ned.

– Oh, não... Cindy, eu não posso sorrir a outro que não seja Percy.

– Nem eu a outro que não Ned.

– Pois isso é muito mau, minhas meninas – recriminou-as Julia, aparecendo com uma travessa que deixou em cima da mesa de madeira. – Muito mau. Para que um homem se dê conta de que existimos tem de ver como os outros nos desejam. Olhem, quando fiz o meu Pepe apaixonar-se por mim, fiz isso. Via-o todos os dias quando ia trabalhar, e pensava logo em como ele era bonito e bom moço, mas ele nem tinha reparado em mim. Durante meses tentei fazê-lo ver que eu existia, mas ele só começou a reparar em mim quando viu que eu falava com outros rapazes de Vallecas e para ele nem olhava. A partir desse momento o meu Pepe ficou apanhadinho por mim, e isso, minha querida – disse Julia, sentando-se ao lado de Agnes –, é o que tu e Agnes devem fazer. Se querem que esses dois burros de Percy e Ned reparem em vocês, dêem-lhes luta. Façam-lhes ver que eles não vos interessam, que olham para outros homens, para que eles se sintam alerta e se dêem conta do que estão prestes a perder.

– Olé para a Duval! – gracejou Juana. – Falas pouco, mas quando falas, dizes tudo, minha filha!

– É que o meu Pepe fez-me sentir muitas vezes como estas raparigas se sentem agora, e o único conselho que lhes posso dar para que deixem de sofrer é que em primeiro lugar se valorizem e gostem de si para que os outros lhes dêem valor a seguir.

– Olha que o teu Pepe... e eu que achava que ele era pateta... – escarneceu Montse.

– De tonto não tem, nem tinha, nada, e nem imaginas como espevitou assim que me viu a namoriscar com os amigos dele. – Julia riu ao recordá-lo.

– Ai o Pepe! – Montse abraçou-a ao ver a emoção da amiga.

Quase não tinham falado dele desde que estavam no Castelo de Elcho, mas as suas amigas sabiam que ela sentia muitas saudades de Pepe. Ao longo do dia o nome dele era referido umas vinte vezes.

– Tens vontade de voltar a ver o teu marido? – perguntou Edel com carinho.

Emocionada, Julia aquiesceu e respondeu:

– Muita, querida. Não vejo o momento de o apertar todo e dizer-lhe o quanto o amo.

– Vais vê-lo quando regressares a Espanha, a vossa casa?

As mulheres entreolharam-se com uma expressão indecifrável e, com vontade de chorar, Julia murmurou:

– Sim, espero que esteja à minha espera.

– Pois é claro que estará à tua espera, sua tonta! – exclamou Montse dando-lhe forças com o olhar. – Onde vai o teu Pepe encontrar um mulherão como tu?

– Ei... não te esqueças de que és Norma Duval! – riu-se Juana. – Uma mulher impressionante.

Após um momento em que Julia se emocionou, Montse, para desviar o assunto e dar uma folga à amiga, disse:

– Vamos fazer uma coisa. Vou falar com Fiona e perguntar-lhe se tem algumas peças de tecido que possamos usar para vos confeccionarmos uns vestidos bonitos, entre outras coisas. Tenho a certeza de que com um bocadinho da nossa ajuda para tirarem partido dos vossos atributos e com algum empenho da vossa parte, esses dois burros vão cair rendidos aos vossos pés.

– Que boa ideia! – aplaudiu a canária. – Vamos fazer-vos uma transformação radical. Que acham da ideia? Vá... para que saibam no que consiste, vamos arranjar-vos o cabelo e pôr-vos lindíssimas!

Agnes e Edel entreolharam-se surpreendidas e esta sussurrou emocionada:

– A sério que vocês fariam isso por nós?

Montse, divertida, olhou para as amigas e, com um sorriso de esguelha, replicou:

– Por acaso duvidas disso?

Capítulo 42

Chegou a noite e, com ela, as dúvidas para Montse. Juana via-se ao espelho com um sorriso enquanto se penteava e se arranjava para o seu encontro com Alaisthar. Estava feliz. Aquela noite estava ótima.

– O que faço? Deixo o cabelo solto ou preso?

Julia e Montse entreolharam-se e foi a primeira quem respondeu:

– Acho que para o teu ruivo vai ser indiferente como o penteias.

– Usa-o solto. Os homens costumam gostar do cabelo assim – respondeu Montse.

– *Porra!* Até estou nervosa. Parece que é a minha primeira vez!

– É a tua primeira vez com ele, é normal. – Montse sorriu ao ouvi-la. –

A propósito, se lhe vais contar o nosso segredinho, leva o *Blackberry* para que fique um bocadinho passado quando o vir e acredite no que estás a dizer. Eu vou levar o meu *iPhone* a Declan. Vai continuar a não acreditar em mim, mas acho que vai dar-lhe que pensar.

Julia, levantando-se da cama, meteu-se diante delas com as mãos nas ancas e, espantando-as, perguntou:

– O que se passa convosco? Será que não se dão conta de que isto é algo... algo circunstancial e que daqui a menos de um mês, se o raio da cigana não nos estiver a aldrabar, regressaremos à nossa época? O que estão a fazer ao namoriscar com dois homens a quem não podem prometer nada? Não vos dais conta do mal que lhes vão fazer, além do mal que vos vão fazer?

– Julia... – murmurou Montse. Sabia que ela tinha razão, mas não queria pensar nisso.

– Nem Julia nem o caraças! – protestou aquela. – Escutem-me de uma vez, raios! Vocês estão a apaixonar-se por dois homens errados. Não porque eles não sejam boas pessoas, que consta-me que são, mas sim porque não são reais. Mas vocês não vêem isso?

– Ai, filha... não te irrites, mas Alaisthar é real, muito real!

Ao ouvi-la, Julia levou as mãos à cabeça e gritou:

– Não há nada pior do que um cego que não quer ver. Mas será que não me ouvem? Esses homens têm a sua vida aqui e vocês não. A vossa vida é fora desta época, porra, no século XXI. Isto... isto que nos aconteceu é algo impossível de entender, de contar e de acreditar... e vocês estão a complicá-lo ainda mais com os vossos actos. – E, olhando para a canária, disse: – Não pensaste no que dirá Alaisthar no dia em que se der conta de que desapareceste? Mas não vês que estás a dar-lhe cabo da vida ao namoriscar com ele? Esse homem tinha alguma coisa com outras mulheres que agora rompeu para estar contigo. Pelo amor de Deus, mas tu não me ouves? – Ao ver que esta não respondia, virou-se para Montse e prosseguiu: – E tu? Que me dizes de ti? Sei que andas há que tempos a aquecer a cama a Declan Carmichael. O que julgas, que não me dava conta de como te ias embora e regressavas de madrugada? E antes que me digas alguma coisa, deixa-me dizer-te que, gostes ou não, *Rapunzel* é a pessoa que até à tua chegada ocupava, se não o coração, pelo menos a mente do duque. Ela é insuportável e com certeza prejudicial para a saúde, mas essa idiota e Declan tinham alguma coisa. Algo que tu quebraste como Juana fez com Alaisthar. E depois de vos dar este sermão que quem me dera nunca tivesse que vos dar, só me resta uma pergunta para vos fazer: pensam ficar por aqui quando tivermos de regressar à nossa época?

Juana e Montse entreolharam-se e foi esta última quem falou:

– Nem é preciso dizer que vamos regressar. Por que fazes essa pergunta absurda?

Julia, exaltada pelo momento, replicou:

– Porque gosto de vocês, conheço-vos e não vos quero perder. É assim tão difícil de compreender?

A canária e Montse entreolharam-se. Já ambas tinham tido aquela mesma conversa, mas ouvir aquilo de uma terceira pessoa fê-las pensar. Juana murmurou:

– Tens razão. Estamos a fazer figura de ursos. Mas Alaisthar...

– Vais partir-lhe o coração quando não estiveres cá, e digo-te o mesmo a ti, Montse. Pensem nisso!

– Tens razão – murmurou Montse, sentando-se. – Toda a razão do mundo.

Depois daquela conversa tensa, nenhuma delas falou. Juana acabou de se arranjar e, antes de sair pela porta, olhou para as suas amigas e disse:

– Não vou demorar. – E, dito isto, foi-se embora.

Montse levantou-se e, depois de dar um beijo a Julia, que a olhou com lágrimas nos olhos, disse, consciente de que tinha de resolver aquilo antes que fosse impossível:

– Volto em breve, mas primeiro quero falar com ele.

Capítulo 43

Alaisthar Sutherland estava apoiado no tronco de uma árvore a pensar no que lhe traria a noite e a agradável companhia quando a viu sair. O rosto dele iluminou-se a olhar para aqueles olhos escuros que lhe roubavam o fôlego e de certo modo a razão.

– Olá, *minha menina* – saudou-a com um sorriso incrível que, no entanto, desapareceu depressa ao ver o ar sério de Juana. – O que tens?

Desconcertada e a pensar no que tinha para lhe dizer, olhou-o nos olhos e, torcendo as mãos, disse:

– Temos de deixar de nos ver, Alaisthar.

Surpreendido, a expressão deste alterou-se e, prestando-lhe toda a sua atenção, perguntou:

– Como dizes?

– Tens de esquecer que estou aqui e regressar aos teus antigos costumes.

– Mas de que estás a falar? – perguntou cada vez mais perplexo.

– Estou a falar de que tens de te encontrar com outras mulheres – gritou ela dolorosamente.

– Outras mulheres?!

– Não disfarces, Alaisthar. Sei que não és um santo... e eu pensei que não te posso oferecer o que outras mulheres te podem dar...

– Pela santa Cruz! Mas de que estás a falar? – grunhiu zangado.

– Não me grites – bramiu, surpreendendo-o.

– Mas, Paris, és tu quem me está a gritar – defendeu-se ele.

Consciente de que ele tinha razão, afastou o cabelo da cara e, olhando-o com uma profundidade que o desarmou, sussurrou:

– Escuta-me. Dentro em breve voltarei para a minha casa e...

– Para a tua casa? Mas a tua casa é aqui, comigo.

– Ai, meu Deus, Alaisthar, não me tornes as coisas mais difíceis! – exclamou e, olhando-o, disse: – Eu... eu... tenho de te explicar uma coisa e sei que não vais acreditar em mim e...

Enfurecido por aquilo e pelo desconcerto que via nos olhos dela, intuiu o que ela lhe queria contar. Baixou a boca até à dela e, depois de a beijar com doçura nos lábios, murmurou, desarmando-a:

– Já te disse que quando olho para ti me ofuscas a razão?

– Ai, filho... tu é que me toldas os sentidos... mas tenho de te contar algo que...

A candura dos lábios dela, junto com as suas palavras, fizeram-no sorrir e, levando-a até onde ele queria, voltou a sussurrar:

– Já te disse que quando olho para ti sinto que o meu coração quer sair do peito e sorrio como um tonto?

– Não, mas...

– Já te disse, minha menina, que a minha vida é mais feliz desde que te conheci e que já não a concebo sem ti?

– Ai, Virgem Santa... não continues – murmurou Juana à beira do desmaio.

Sem perder um segundo e sentindo-a mais tranquila, Alaisthar voltou a beijá-la. Aquele beijo abrasador fê-la reagir, embora desejasse continuar a beijá-lo, olhou-o e, para desconcerto dele, disse-lhe com toda a dor do mundo:

– Tenho a certeza de que não faltará quem aqueça a tua cama e te beije, Alaisthar. E escuta-me bem. Se hoje continuarmos com isto, vais acabar por me odiar, por me culpabilizar por todos os teus males e...

– Nunca poderia sentir nada do que dizes, Paris – sussurrou ele com uma voz rouca que a excitou.

Ai, meu Deus... Dai-me forças... Dai-me forças, pensou ao sentir como aquela voz lhe percorria lentamente a pele.

Durante um segundo, a rapariga fechou os olhos. Aquela loucura tinha de acabar, por muito que lhe doesse, e, separando-se dele, gritou:

– Não continues a enrolar-me com as tuas artimanhas de sedutor, Alaisthar Sutherland. Esta noite vim acabar com o que nunca devia ter começado, e não me vais fazer mudar de ideias. Portanto, adeus! Foi um prazer conhecer-te.

Com um brio que deixou o ruivo perplexo, aquela pequena mulherzinha furiosa deu meia volta. Mas quando já estava perto da cozinha, uns braços fortes agarraram-na e, tapando-lhe a boca para que não gritasse, o *highlander* sussurrou-lhe ao ouvido:

– Não sei o que se passa contigo, nem o que me queres explicar, mas podes ter a certeza, Paris Hilton, que mo vais esclarecer.

Dito isto virou-a e beijou-a com tal veemência que a jovem amansou. Sem dizer uma só palavra e com passos largos, Alaisthar chegou até ao seu cavalo e, depois de montar nele com ela, foi-se embora disposto a clarificar muitas coisas; entre elas, o seu arranque de paixão.

Capítulo 44

Angustiada pelo medo e pela excitação de o ver, Montse foi direita ao quarto de Declan, embora tenha tido o cuidado de não ser vista por ninguém, em especial por *Rapunzel*. Tinha de acabar com aquilo o quanto antes. Julia tinha razão, estava a interferir na vida dele. Sem parar para pensar, agarrou no puxador da porta e abriu-a. A boca dela secou ao vê-lo sentado diante da enorme lareira do seu quarto a olhar para o lume.

Ao sentir movimento na porta, ele olhou e levantou-se de um salto para ir ter com ela. Desejava tocá-la, beijá-la, amá-la. Tinham-se passado muitos dias de abstinência e o seu desejo por ela era angustiante.

– Por um momento pensei que não vinhas – sussurrou com voz rouca depois de a beijar.

Tomou-a nos braços e, sem a deixar dizer nada, levou-a até à cama, onde a deitou para voltar a beijá-la. Durante uns minutos o deleite de Declan não o deixou ver o que os olhos dela diziam, mas, surpreendido por ver que estava muito calada, por fim olhou para ela e, ao ver nos seus olhos um olhar estranho, perguntou:

– O que tens, Cindy?

Ai, meu Deus... o que estou a fazer?, pensou, olhando-o com adoração.

Tinha ido ali disposta a deixar as coisas claras, a acabar com aquela loucura. Tinha ido ali disposta a tantas coisas que, quando chegou o momento, não fez nada. Apenas desejava voltar a fazer amor com ele mesmo que fosse por uma última vez. Por isso, fechou os olhos, levantou o rosto para ele e beijou-o com foga. Beijou-o com tal ardor que ele sorriu e disse:

– Isto sim, querida... isto é o que eu esperava de ti.

Fitando-o, despiu-o. Tirou-lhe com mimo a camisa e, lentamente, primeiro passou as mãos pelos seus ombros quadrados, depois desceu para o peito e a seguir para os abdominais. Neste percurso, Montse tocou com carinho em várias feridas nas costas e braços e, comovendo-o, beijou-lhas. Foi baixando pouco a pouco as calças escuras que ele trazia e a sua boca secou ao ver

a excitação de Declan debaixo dos calções. Sem pensar no que ele pensaria dela, despiu-lhos e, como que atraída por um íman, curvou os seus dedos em volta daquele pénis duro e sedoso e, sem aviso prévio, beijou-o. Aquele gesto íntimo e devastador acabou de incendiar o sangue de Declan e, agarrando-a pela cintura, levantou-a até si para a devorar. Enlouquecida com a sua excitação crescente, sussurrou-lhe ao ouvido, deixando-o arrepiado:

– Despe-me.

Com um sorriso selvagem que excitou ainda mais a jovem, Declan desapertou o corpete, depois os botões da camisa e, deslizando-a pelos ombros, despiu-lha. Nesse momento ele sorriu ao ver algo de que já a tinha ouvido falar mas que nunca vira. Ante ele tinha um sutiã lilás e preto de renda fina.

– Lindo – sussurrou ele ao passar a língua húmida pela beira da renda. Porém, como seria de esperar, o sutiã só durou dois segundos posto. Declan tirou-lho com rapidez e lançou-o para junto do corpete e da camisa. Sem parar na sua tarefa de a despir, desatou-lhe as fitas da saia e tirou-lha com um puxão.

– Eu venero essa tanga.

Ao ouvir que ele a chamava pelo seu nome, Montse sorriu e, pegando-lhe na cabeça com as mãos, devorou-lhe os lábios no seu afã de recordar cada segundo vivido com ele. Aturdido com a paixão que via nela, e enquanto correspondia àquele beijo abrasador, despiu como pôde os calções claros que trazia vestidos, meteu-se entre as pernas dela e penetrou-a.

Aquela primeira investida carregada de paixão fez que ela se arqueasse contra ele enquanto gozava. Sentir a força com que a tomava fazia-a ofegar como uma louca. Aquele olhar luxurioso, a boca erótica e as mãos passionais conseguiam transportá-la a um lugar onde nenhum outro homem a tinha levado. Com lágrimas nos olhos, Montse abraçou-o. Precisava de o sentir, de o saborear e recordar. Entretanto, ele entrava e saía dela uma e outra vez com movimentos cada vez mais rápidos e certos. Um grito pungente de prazer inundou a boca de Declan quando ela chegou ao clímax. Instantes depois, a abrasadora fúria sexual do duque chegou ao seu ponto máximo e, depois de dar um grunhido varonil de satisfação, deixou-se cair sobre ela.

Arrebatada pelo momento, Montse continuava a tremer debaixo dele. Abraçou-o e afundou o rosto no seu pescoço, enquanto uma estranha pontada de tristeza e solidão se apoderava dela. Aturdido com aquele abraço, Declan sorriu e imitou-a, enquanto desejava que aquele instante fosse eterno. No entanto, consciente do seu peso, deixou-se cair para um lado e, arrastando-a, ela rodou com ele mudando de posição.

Divertido pelo modo como ela continuava colada a ele, Declan murmurou:

– Pressinto que também sentiste a minha falta, estarei enganado?

– Não. Não estás enganado.

Mas passados uns segundos e ao sentir algo a correr-lhe pelo pescoço, levantou-a e, ao ver os seus olhos carregados de lágrimas, perguntou-lhe com voz doce:

– O que se passa, querida?

Assustada por os seus sentimentos aflorarem de uma maneira brutal, ela sentou-se na cama e, depois de limpar as lágrimas, olhou para ele e sussurrou:

– Declan, tenho de falar contigo.

Boquiaberto com aquela expressão que não soube decifrar, anuiu e, depois de lhe afastar o cabelo da cara para lhe ver o rosto, murmurou:

– Diz lá.

– Hum... sei que não acreditas em nada do que te contei em relação ao local de onde venho, e entendo isso. Juro-te que entendo, porque, se alguém me contasse uma coisa dessas, acharia que essa pessoa estaria louca, mas louca a sério.

– A tua imaginação não tem limite, querida Cindy – respondeu ele, sorrindo.

– Vamos lá ver... escuta – insistiu ela. – Cheguei ao Castelo de Elcho e tu acolheste-me, tal como às minhas amigas. Mas nunca pensei que isto que se está a passar pudesse acontecer. Nunca imaginei conhecer alguém como tu, e agora... agora estou a dar cabo da tua vida.

– Discordo do que estás a dizer. Não acho que tu...

– Sim, Declan, sim. Sei do que estou a falar e estou a interferir na tua felicidade, e isso não pode continuar. O teu futuro é com *Rapunzel* – ao dizer aquele nome, sorriu e corrigiu-se: – ... quero dizer, *lady* Rose, e, sinceramente, e mesmo que me doa porque gosto de ti, e muito, acho que devias continuar a história que tinhas com ela.

Boquiaberto e surpreendido pelo que as palavras dela transmitiam, Declan voltou a retirar-lhe o cabelo da cara e, fazendo que o olhasse, sussurrou:

– Também gosto muito de ti, e antes que continues, Rose nunca significou nada para mim. Sei que ela sempre teve umas pretensões que nunca estive disposto a aceitar, porque Rose não é a mulher com quem quero partilhar a minha vida. Mais do que isso, gostaria de a partilhar contigo, se aceitasses ser a minha mulher.

Ao entender o significado daquilo, a jovem suspirou e, entre balbucios, disse:

– Não... não pode ser. Ai, meu Deus, o que estou a fazer contigo!

Ao senti-la assim tão nervosa e desorientada, Declan, pegando-lhe no queixo, olhou-a nos olhos e perguntou:

– O que se passa, Cindy?

Ao fixar o olhar no bonito espelho ovalado que as suas amigas lhe tinham comprado meses antes em Edimburgo, murmurou:

– Olha, Declan... eu... eu menti-te.
– Mentiste-me? – bramiu ele.
– Sim... não me chamo Cindy. Chamo-me Montserrat, e como odeio esse nome porque foi o meu pai quem mo pôs, ao chegar aqui fiz-me chamar por um nome de que gostava e...

Tapando-lhe a boca com a mão, o *highlander* disse-lhe com segurança, calando-a:

– Para mim és Cindy Crawford e isso chega-me.
– Mas, Declan, não vês? Eu não sou real, sou uma fraude.
– Por que dizes isso?
– Porque... Porque não sei o que estou aqui a fazer nem por que vim. Estou a fazer algo que não devo fazer contigo. Maud, Fiona e a consciência estão-me a matar. E apesar de te desejar com toda a minha alma e o meu coração, sei que quando me for embora me vai ser muito difícil viver sem ti – disse, surpreendendo-o. – Olha para mim! Estou aqui, nua, a fazer amor contigo e a criar-te falsas esperanças que nunca se poderão cumprir.

– Chega, Cindy! Não vais embora para lado nenhum...
– Declan, acredites ou não, na última noite do ano desaparecerei para nunca mais voltar e nessa altura... nessa altura talvez te dê conta de que estive sempre a dizer-te a verdade.

– Não permitirei que desapareças da minha vida, Cindy – disse ele, levantando a voz. – Não sei o que se passa contigo, nem o porquê do que dizes, mas o que para mim é bem claro é que te quero aqui, junto a mim. Sei que até agora nos encontrámos às escondidas, mas isso vai mudar. Amanhã mesmo toda a gente vai saber que estou apaixonado por ti. Apaixonei-me pela pessoa que encontrou a jóia dos Carmichael, como manda a tradição.

Ouvir aquilo foi desconcertante para Montse. Por um lado, o seu coração batia como louco ao saber que ele a amava, mas por outro torturava-se pelo dano irremediável que lhe ia causar.

– Ai, meu Deus, Declan, não podes estar apaixonado por mim. Isso é uma loucura.

Com um sorriso perturbador que lhe causou um aperto no estômago, o *highlander* aproximou-se dela e sussurrou:

– A loucura seria conhecer-te e não me apaixonar por ti. És divertida, bela, alegre, cândida para com os necessitados... Possuis uma capacidade incrível para me fazer zangar, mas ao mesmo tempo sabes fazer-me sorrir; a minha filha adora-te, a minha mãe respeita-te, a minha gente sente carinho por ti... que mais posso desejar?

– Mãe do céu... mãe do céu, o que eu fui arranjar... – sussurrou, tapando os olhos.

O desastre estava servido. Julia tinha razão. Não só ia partir o coração

a Declan como também o de mais pessoas. Isso aterrorizou-a. De repente lembrou-se do que levava no bolso da sua saia e, desejosa de procurar uma solução, levantou-se para a ir buscar e disse:

– Olha, Declan. Isto é um *iPhone*. Um telemóvel com dispositivo GSM, câmara de vídeo e acesso à internet com correio electrónico, GPS, mapas e um montão de outras aplicações.

Aturdido com aquele chorrilho de palavras, observou o estranho objecto em tom violeta que Montse lhe mostrava. Ao pegar nele e notar a sua suavidade e toque frio, perguntou desconcertado:

– Mas o que é isto?

– Chama-se *iPhone*. Como te disse, na minha época usamo-lo para muitas coisas, além de para nos comunicarmos a qualquer momento onde quer que estivermos. Com isto tu e eu poderíamos falar neste mesmo instante ainda que tu estivesses em Edimburgo e eu aqui ou em Espanha.

Nesse momento, nesse momento e diante daquele aparelho estranho, o mundo de Declan caiu-lhe aos pés. Como se de uma lousa se tratasse tentou recapitular toda a informação que ela lhe ia dando desde que a conhecia, e um estranho tremor apoderou-se dele. Ao ver a sua cara, Montse soube que pela primeira vez ele estava a questionar tudo. Pela primeira vez estava a acreditar nela.

– Lamento, Declan – disse, pegando no telefone. – Lamento, querido, mas não posso continuar com isto. Não quero fazer-te mal a ti nem a mim. Em breve iremos separar-nos e...

– Não vou permitir que te separe de mim. Não! – bramiu enlouquecido e, tirando-lhe o *iPhone* das mãos, atirou-o para cima da cama. – Ê-me indiferente quem tu és e de onde vens. Quero-te aqui comigo, agora e sempre.

– Isso é impossível, querido – sussurrou Montse enquanto lhe tocava irremediavelmente no rosto. – Tivemos o privilégio de nos conhecermos por... por...

Mas não pôde continuar. Contar ao homem por quem se apaixonara que sonhava com ele desde criança seria complicar mais as coisas.

– Olha, Declan – disse, levantando-se de repente. – És um homem forte e sei que estás a entender tudo o que te estou a dizer. Passámos muito bem juntos e...

Agarrando-a com desespero, o *highlander* deteve-a e, com voz desesperada, rogou:

– ... Não quero que te vás embora. Não quero que desapareças da minha vida. Amo-te! E se isso que estás a dizer é verdade, se é verdade que uma estranha força nos há-de separar, desfruta comigo do tempo que pudermos ser felizes.

Agitada pela palavra mágica que ouvira, «amo-te», Montse libertou-se dos

braços dele para começar a vestir-se e murmurou:

– Declan... não me peças isso, por favor.

Incapaz de se render às evidências, ele olhou-a como um lobo enjaulado e exigiu com desespero:

– Olha para mim, maldição! Olha para mim!

Como ela não fazia caso, pegou-lhe na mão, ajoelhou-se diante dela e, deixando-a arrepiada, sussurrou:

– Há muito tempo que não era assim tão feliz. Há muito tempo que não me iludia ao ver um sorriso assim bonito. Há muito tempo que a minha filha não era feliz como é quando estás contigo. Há muito tempo que não tinha muitas dessas coisas... e se o meu castigo é perder-te, vou perder-te. Assumi-lo-ei. Mas, por favor, deixa-me desfrutar de ti enquanto estiveres comigo. Não quero ver-te e sofrer por não te ter. Se o destino tiver de nos separar, que assim seja, Cindy. Mas enquanto puder beijar-te, olhar-te e amar-te, irei beijar-te, olhar-te e amar-te, e quando já não estiveres, quero poder fechar os olhos e sorrir pensando em ti.

– Declan... não continues, por favor...

– Escuta-me, querida. Acredito em ti. Sei que o que me estás a contar é a coisa mais disparatada que ouvi na minha vida, mas a tua veemência em fazer-me acreditar conseguiu convencer-me. Permite-me gozar de ti o tempo que nos resta, e quando esse maldito feitiço nos separar, quero que te recordes sempre de uma coisa.

– O quê? – sussurrou Montse à beira das lágrimas.

– Que eu, Declan Carmichael, esperarei por ti toda a vida.

Emocionada ante aquela inigualável e linda declaração de amor, Montse perdeu todas as suas forças e, sem se importar com o sofrimento com que se depararia no futuro, lançou-se nos seus braços e beijou-o.

Capítulo 45

Julia, ao acordar e ver as camas vazias e intactas das suas amigas, praguejou. Aquilo já não tinha solução. De modo que, quando viu aparecer Juana com um sorriso aparvalhado na boca, olhou para ela e murmurou sem a deixar falar:

– Não me venhas com histórias, que neste momento não tenho forças para te ouvir.

– Mas...

– Olha, Paris Hilton – disse Julia antes de sair pela porta. – Só te vou dizer uma coisa: que a força esteja contigo, minha filha. Porque tu e a Crawford vão precisar dela.

No quarto do duque, a luz matutina começou a inundar a divisão. Declan, apoiado com um cotovelo em cima da almofada, tinha passado a noite toda a observar a mulher que jazia nua placidamente entre os seus braços. Não sabia quase nada dela e o pouco que conhecia era uma autêntica loucura, mas tinha caído rendido aos seus pés como um jovem apaixonado.

Observou com deleite a curva da sua face e as pestanas escuras. A expressão doce do seu rosto excitou-o. Ardia por possuí-la, mas conteve-se e limitou-se a olhá-la enquanto reprimia o desejo. A noite tinha sido longa e entendia que ela estivesse esgotada. Com ternura, roçou-lhe a face e, sucumbindo por fim à tentação, inclinou-se e beijou-a na testa.

– Hum... bom dia, querido. – A jovem espreguiçou-se com um sorriso despreocupado que sem necessitar de mais nada lhe inundou o coração de felicidade.

– Bom dia, linda.

Depois de lhe dar um beijo nos lábios que ela aceitou de bom grado, Declan cingiu-a ao seu corpo desejoso de a possuir e acalmar o seu ardor. Divertida, Montse começou a rir, até que ouviram a porta do quarto a abrir-se depois de umas pancadinhas e uma ruborizada Edal apareceu.

– Bom dia, senhor. Trago-lhe o pequeno-almoço conforme pediu.

Horrorizada com o que ela poderia estar a pensar, Montse tapou-se com

o cobertor, e ficou sem palavras quando ouviu Declan dizer:

– Edel, deixa-nos o pequeno-almoço em cima da mesa. E, por favor, avisa toda a gente para ninguém nos incomodar. Podes dizer calmamente que a minha prometida Cindy Crawford e eu temos muito que fazer.

Ao ouvir aquilo, a jovem criada quis saltar de alegria. Cindy, a sua Cindy, futura senhora do Castelo de Elcho. Essa era uma notícia fantástica e iria propagá-la aos quatro ventos.

Assim que Montse ouviu a porta a fechar-se, destapou com rapidez a cabeça e, olhando-o nos olhos, perguntou:

– Prometida?

– Sim.

– Enlouqueceste?

– Não.

– Disseste a Edel para dizer a toda a gente que sou a tua prometida?

– Sim.

– Mas... mas a tua mãe... e *lady* Rose! Oh, meu Deus, isto é um desastre.

– Sim, poderia dizer-se que para Rose será algo *bera*, mas para a minha mãe não, garanto-te – gracejou, surpreendendo-a.

– *Bera*? Desde quando utilizas esse termo?

– Desde que tu mo ensinaste, linda – riu-se ele, beijando-a.

– Oh, meu Deus... Vês? Não sou uma boa influência para ti...

– Porquê? – perguntou, olhando para ela.

– Porque tu não deverias utilizar essa palavra. És um duque do século xvii e nessa época a palavra «bera» não se usava.

– Mas tu usa-la. – Ele tornou a rir.

– Mas eu... eu...

Passada ao vê-lo rir, saltou da cama e, sem se importar com a sua nudez, vestiu a tanga ante o olhar atento dele.

– Mas vamos lá ver, Declan – gritou com ar transtornado. – Pensa! O que vão as pessoas pensar quando souberem de nós?

Levantando-se com tranquilidade, o *highlander* sentou-se nu na cama e comentou:

– Sabes? Gosto mais quando me chamas querido.

– Não desvies o assunto, Declan Carmichael! – protestou ela.

Com um sorriso divertido, o guerreiro olhou-a e respondeu:

– Sinceramente, isso é o que menos me importa neste momento.

– Mas vamos lá ver – continuou ela a gritar enquanto punha o sutiã. – Creio que ontem à noite ficou claro que a nossa relação não tem futuro. Mas, meu Deus! – Gesticulou, fazendo-o sorrir. – Como podes ter a cabeça tão dura? Declan, reconsidera, o que há entre nós vai durar enquanto eu aqui estiver. Ontem à noite disseste-me que o assumias. Ontem à noite convenceste-me

a acreditar que entendias...

– ... assumo-o, entendo-o e, por isso, durante o tempo em que estivermos juntos não quero perder-te de vista. E a melhor maneira de o fazer é tu sendo a minha prometida, a minha futura e iminente mulher. Não quero ver-te na cozinha a trabalhar enquanto anseio pela tua companhia. E se para isso tiver de me casar contigo amanhã mesmo para que toda a gente saiba que és a senhora Carmichael e duquesa de Wemyss... então fá-lo-ei.

– Duquesa? Eu, duquesa?! – gritou ao dar-se conta daquilo.

– Sim, linda.

Soltando uma gargalhada de incredulidade, Montse prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo alto e desgrenhado e comentou:

– Estou-me a passar dos carros... estou-me a passar dos carros.

– O quê? – riu-se ele ao ouvi-la.

Montse, ao pensar em como lhe explicar aquilo, olhou para ele e replicou:

– Nada, querido, são coisas minhas. Esquece lá isso e nem penses em repeti-lo!

Ávido daquela mulher, ainda sentado em cima da cama, ia para se levantar quando ela se atirou para cima dele e começaram na brincadeira. Divertidos e alheios ao que os rodeava, paralisaram de repente ao ouvirem a porta a abrir-se de par em par. *Lady* Rose, com um ar nada conciliador, gritou:

– Não pode ser! – E sem se importar com a nudez de ambos, gritou: – O que é isso de esta criada, esta... esta mulherzinha ser a tua prometida?

– Mas, bom, minha linda, não te ensinaram a bater à porta? – bradou Montse, levantando-se.

– Rose, modera as tuas palavras quando falares da minha futura mulher – repreendeu-a Declan com dureza.

– Mas... mas... O que é isso que trazeis vestido? – sussurrou horrorizada *lady* Rose ao ver o atavio da mulher.

– Uma tanga e um sutiã *La Perla*, gostas? – replicou Montse exibindo-se para desconcerto da mulher e riso de Declan.

– Oh, meu Deus, que imoralidade! – Porém, cravando o olhar no duque, que estava nu em cima da cama, perguntou com a boca seca: – Declan, o que tens a dizer a isto?

O *highlander*, depois de cravar o olhar na mulher que amava e vê-la tão radiante, virou os olhos para Rose e respondeu com tranquilidade:

– Pois eu dir-te-ia muitas coisas, mas a mais urgente neste momento é que saias porta fora e que nos deixes continuar com o que estávamos a fazer.

– Como?! – murmurou Rose, assestando os olhos entre as pernas dele.

– Ei, *Rapunzel*... já ouviste. Desampara a loja!

Mas ao ver onde os olhos dela estavam fixos, Montse pegou com celeridade no cobertor e, depois de o pôr por cima do duque, que sorria, comentou:

– Tapa-te, querido, que *lady* Rose pode desmaiar.

Depois de dar uma gargalhada por aquele comentário tão cómico e divertido, ia para responder quando aquela mulher horrorosa deu meia volta e foi-se embora.

– Que grosseira! – riu-se Montse e, olhando-o com olhos travessos, saltou para cima dele e, enlouquecendo-o como só ela sabia fazer, perguntou-lhe:

– Onde tínhamos ficado?

Capítulo 46

À tarde, Montse conseguiu escapar-se das doces garras do seu duque e desceu ao seu quarto para falar com as amigas. Mereciam uma explicação por ela não ter voltado para dormir. Sabia que Julia seria um osso duro de roer, embora Juana lhe fosse facilitar muito as coisas. No caminho encontrou-se com Edel, Agnes e outros criados que, loucos de alegria com a notícia do enamoramento de Declan Carmichael, a abraçaram ao vê-la. No entanto a felicidade desapareceu-lhe do rosto ao entrar no quarto e dar de caras com Julia. Juana, ao vê-la, sorriu e encolheu os ombros. Aquilo não parecia nada bem.

- Duquesa de Wemyss? – bradou Julia espantada.
- Sim... – anuiu Montse emocionada.
- Mas tu estás louca? – voltou Julia a bramir.
- Sim... – respondeu a enlouquecida.
- Mas tu pensaste de facto nisso?
- Não.

Juana observava-as enquanto Julia lançava fel pela boca e Montse se defendia como podia. Após mais de vinte minutos em que Julia não parou de mencionar os antepassados de todas as criaturas vivas, Juana, para dar uma folga à amiga, disse com um sorriso incrível:

- Ai, filha, vais converter-te numa duquesa. Quem diria?

Julia, desconcertada pelo modo como as malucas das suas amigas estavam a encarar aquilo, olhou para elas e, depois de praguejar de novo contra o raio da maldita filha-da-mãe da cigana que as enviara para ali, abriu a porta e foi-se embora.

- Mãe do céu, a Duval aceitou mesmo mal... – sussurrou Juana.
- Eu entendo-a... embora também me entenda a mim – desculpou-se Montse.
- Não penses mais nisso... mas deixa-me dizer-te que isto nos escapou das mãos às duas... – E, num sussurro, acrescentou: – a começar por mim.

Montse entendeu-a, concordou com um olhar triste e disse, sentando-se no catre:

– Juro-te que tentei acabar com isto, mas...

– Não me jures, que eu sei.

– ... mas uma coisa levou a outra... disse-me coisas incrivelmente bonitas e... e... não consegui dizer-lhe o que ia disposta a dizer-lhe. E mais, decidi desfrutar desta loucura enquanto durar. Sei que quando tudo terminar vou ficar mal, mas sou incapaz de lhe pôr um fim agora.

– Já somos duas! – murmurou Juana. – Embora eu não seja duquesa. Mas, ui, ui... depois da noite que passei com Alaisthar, sinto-me a rainha do Sabá.

– Desembucha agora mesmo – pediu Montse, olhando para ela.

– Quando saí ontem à noite do quarto reconheço que o fiz como um touro bravo de lide. Assim que vi Alaisthar, disse-lhe que isto tinha de acabar, para ele se centrar noutras mulheres e...

– E?

– Pois ele, ao ouvir-me, negou-se a dar-me ouvidos e começou a dizer-me as coisas mais doces e bonitas que possas imaginar.

– Creio que imagino – riu-se Montse ao recordar o que Declan lhe dissera a ela.

– Boa, ele depois de uma pequena discussão, beijou-me... Oh, meu Deus... como me beijou! Senti que o meu sangue paralisava e os meus pés começavam a voar e... então montou-me no seu cavalo e levou-me para as suas terras.

– As suas terras? Santo Deus, querida, que romântico! – comentou a amiga.

– Sim, filha... sim. Por umas horas senti-me a protagonista de um dos nossos romances. Pelos vistos, há uns anos, Declan ofereceu-lhe umas terras onde ele construiu uma espécie de chalezinho geminado giríssimo! E, bom... pois ali, os dois sozinhos com o calorzinho da lareira e a excitação com que andávamos, pois... aconteceu o que tinha de acontecer.

– Acabou-se o respeito?

– Totalmente. Acabou-se o respeito! – exclamou Juana com olhos sonhadores. – E bom...

– Pára! Não me contes mais! – riu-se Montse apontando para ela. – Saber que foi fantástico já me chega. Nós conhecemo-nos, e quando estás para aí virada contas as coisas com os pormenorezinhos todos.

– Mas... eu... bem... o caso é que aconteceu mais alguma coisa.

Ao ouvir aquilo, Montse olhou para ela e, inclinando a cabeça, perguntou:

– Mais alguma coisa? O quê?

Juana, tirando do pescoço uma correntezinha prateada da qual pendia um bonito anel, disse ante a cara incrédula da sua amiga:

– Casei-me com ele.

Ao ouvir aquilo, Montse ficou toda arrepiada. O que estavam a fazer? Mas

depois de suspirar, olhou para a amiga e, com um sorriso, comentou:

– Parabéns, senhora Sutherland, mas é desta que matamos a Duval.

Capítulo 47

– Casaste com Paris Hilton? Com a rapariga baixinha? – perguntou Declan boquiaberto.

– Não é baixinha, é *jeitosinha* – corrigiu Alaisthar com um sorriso tonto enquanto saboreava um bom copo de uísque com o seu amigo e *laird*.

Declan, ao notar a felicidade do amigo, aproximou-se dele e abraçou-o com afecto e disse:

– Então parabéns, Alaisthar.

– Obrigado, Declan.

Ainda surpreendido com a notícia, olhou para o amigo e, sentando-se num dos cadeirões da biblioteca, perguntou:

– Mas quando se casaram?

– De madrugada. Queria casar-me com ela e não estava disposto a esperar nem mais um instante.

Depois de comentar com ele os argumentos do padre para atrasar o enlace e que Alaisthar venceu, disse olhando para o amigo:

– Finalmente Paris contou-me ontem à noite o que me relataste há dias, e embora me custe acreditar nela, preocupa-me pensar se terá razão.

Ouvir aquilo fez o coração do duque encolher-se. Não queria pensar nisso, mas algo nele dizia-lhe que devia fazê-lo.

– O que te contou? – perguntou Declan interessado.

– O mesmo que tu me relataste, com a diferença de que Paris me disse que estão aqui porque Cindy nos seus desejos pediu para te conhecer.

– Conhecer-me? – inquiriu surpreendido.

– Pelos vistos, aparecias nos sonhos dela desde que era pequena. Não sabias?

– Não. – E com um sorriso de satisfação, murmurou ao amigo: – Mas estou encantado por saber.



No piso superior do castelo, Fiona, admirada com a viragem nos acontecimentos, escutava o que uma inconsolável Rose O'Callahan tinha para lhe dizer. Tentou ter pena dela, mas era-lhe impossível. Cindy, aquela que

a pesarosa jovem mencionava, agradava-lhe. Durante dias assistira em silêncio a como o filho sorria e seguia Cindy com o olhar. Tinha até descoberto as visitas nocturnas desta ao seu quarto quando uma noite se levantou e a viu entrar. Nessa noite, um estranho regozijo fê-la sorrir. Aquela rapariguinha descarada que conquistara o amor de todos conseguira despertar o seu filho da sua letargia.

Anos antes, Fiona teve esperanças de que Declan se casasse com Rose O'Callahan. Mas o carácter caprichoso e pouco humano dela fez-lhe saber que o seu filho nunca iria querer uma coisa dessas. Rose era uma rapariga linda, mas perdia todo o seu encanto após se lidar cinco minutos com ela. E embora fosse bem conhecido por todos que ela andava caidinha por Declan Carmichael, ele não lhe prestava mais atenção do que a que marcava cordialmente a tradição entre famílias.

E agora ali estava Rose. No quarto de Fiona, a chorar desesperada depois de saber que o seu apaixonado escolhera como futura senhora Carmichael uma criada chamada Cindy.

– Essa... essa mulher horrível não lhe convém, Fiona. Oh, meu Deus... isto é uma fatalidade terrível. Tem de falar com ele. Peço-lhe que o faça cair em si...

Fiona não sabia o que dizer. Não tinha falado com o filho, e suspirou aliviada ao ouvir umas pancadinhas na porta e verificar que era ele.

O duque, ao abrir a porta e ver a mãe com ar sério e Rose no chão a chorar, suspirou. A cena era irremediável. Entrou e, pegando em Rose pela mão, fê-la levantar-se para que se sentasse junto da cadeira de Fiona.

– Declan, filho. Rose estava a contar-me uma coisa. É verdade?

Trocando um olhar significativo com a mãe, sorriu como há muito não o fazia e, emocionando-a, anuiu e disse:

– Se te referes a Cindy, sim, mãe. É verdade o que ouviste.

O gemido teatral de Rose foi monumental. Fiona teve de reprimir um sorriso. Aquela reacção era das coisas mais falsas que tinha visto e ouvido na sua vida. Por isso, e vendo como o filho olhava para a rapariga, disse para lhe dar o seu apoio:

– Se estás feliz, eu estou feliz. E sempre gostei dessa jovem.

– Obrigado, mãe – sorriu satisfeito.

Mas a voz estridente de Rose gritou:

– Declan, essa mulher não te convém!

– Ai não?

– Não... – gemeu ela.

Fiona, consciente de que o drama estava de novo servido, ia para falar, mas a jovem Rose adiantou-se-lhe e, como sempre e sem pensar, disse:

– É uma criada, e tu... a tua gente vai perder o respeito por ti e... e...

Irritado com aquele comentário, o duque olhou para ela e atirou-lhe:

– Desculpa, Rose, mas se me tivesse casado contigo é que teriam perdido o respeito por mim.

– Que dizes? – balbuciou a mulher, levando as mãos ao peito.

– Olha, Rose, lamento ser eu a dizer-te isto – murmurou Declan, olhando-a –, mas se nem a tua gente gosta de ti, como pretendes que a minha goste? És uma mulher linda, uma alegria para a vista. Mas também és infame, egoísta, vil, execrável, difícil de lidar, invejosa e cruel. Vives entre luxos, preocupando-te com coisas banais, enquanto a tua pobre gente vive entre miséria e escória e não fazes nada para remediar isso. A mulher que sempre quis ter ao meu lado tem de ter todas as qualidades que infelizmente para ti te faltam. E, gostes ou não, Cindy... essa criada, como tu lhe chamas, reúne-as e ultrapassa-as. E, a propósito, parece mentira que tenhas a pouca decência de dizer isso na presença da minha mãe, quando sabes que o meu pai era um humilde guerreiro do meu avô e que a minha mãe se casou com ele por amor. E isso, querida Rose, é o que eu quero, um enlace por amor.

– Filho, já chega – pediu Fiona ao ver o aturdimento da rapariga.

O filho tinha razão em tudo o que dizia, mas Rose era demasiado jovem e inexperiente e ainda podia aprender e mudar.

– Eu... eu... – balbuciou ela.

– Rose, admites um conselho? – Ela aquiesceu e Declan disse: – Sê piedosa e boa pessoa com a tua gente e garanto-te que a tua vida será melhor.

Dito isto, o duque olhou para a mãe e, depois de lhe sorrir, foi-se embora.

Na cozinha do Castelo de Elcho, Edel e Agnes, nervosas, retorciam as mãos ao ouvir os gritos que Norma dava desde o quarto.

– Casaste-te? Casaste-te, maldita louca?

– Sim...

– Meu Deus... juro-te que não sei quem és.

– Pois desde ontem à noite, filha, a feliz senhora Sutherland.

Ao ouvir aquilo, Julia olhou-a com cara de poucos amigos e, ao ver o seu sorriso pateta, gritou fora de si:

– Ai, meu Deus da minha vida e da minha existência. Mas o que se está a passar aqui? Falta pouco tempo para o ano terminar e tu casaste e a outra fica comprometida.

– Vamos lá ver – pediu Montse, fazendo-a sentar-se. – Queres fazer o favor de deixar de gritar como uma peixeira e ouvir o que temos a dizer?

– Não. Não me quero sentar, nem quero deixar de gritar e muito menos quero ouvir o que vocês têm para dizer. Mas o que tenho eu de ouvir? Que vocês perderam o juízo! Oh, não... não é preciso... isso já eu o estou a verificar com estes olhinhos. Casou-se! Esta incauta casou-se com o Sutherland!

– Eu sei, e gostes ou não, entendo-a e estou feliz por ela. Agora só resta

que...

– Agora só resta que chegue o maldito dia 31 de Dezembro e pirarmo-nos daqui. Só isso! Mas em que estão vocês a pensar? No mundo da lua?

– Não propriamente. – Juana sorriu, fazendo sorrir Montse.

– Sim... ri-te agora... ri-te, que garanto-te que depois vais chorar.

– Ai, a sério, filha, esforças-te menos do que o guionista dos *Teletubbies* para nos entender. Nós apaixonámo-nos!

– Vocês enlouqueceram, mas é! – gritou Julia.

Cansada dos gritos da amiga, Montse forçou-a a sentar-se numa cadeira e, tapando-lhe a boca com a mão, sibilou:

– Ou calas a matraca ou juro-te que ta fecho eu. – Ao ver que esta se calava e olhava para ela, disse: – Está claro que estamos a meter a pata na poça bem até ao fundo, e ninguém sabe disso melhor do que nós, embora tu aches que não. Sei que vamos chorar e ficar para morrer quando chegar a altura de nos irmos embora daqui. Mas... mas isto é tão real, hoje, que queremos vivê-lo. Tanto Declan como Alaisthar sabem a verdade da nossa história, embora, e não te vou mentir, duvido que acreditem. E amanhã, quando acontecer o que tiver de acontecer, vão dar-se conta de que lhes estávamos a dizer a verdade.

– Mas, Montse... – ia dizer Julia, e esta interrompeu-a.

– Nem mais uma palavra! Não quero ouvir nem mais um grunhido ou nenhuma coisa que se pareça vinda de ti. Apaixonei-me perdidamente por um homem como nunca tinha acontecido na minha maldita vida, e ela também, de modo que pedimos-te que nos deixes desfrutar do tempo que nos resta aqui, e fica tranquila... depois terás tooooda a eternidade para nos dizeres o que quiseses. Mas, por favor... quando regressarmos!

– Por favor, filha – sussurrou a canária, pestanejando. – Deixa-me desfrutar de um marido atento e solícito como Alaisthar. Sei que nunca voltarei a encontrar uma coisa assim e...

Julia levantou-se com os olhos alagados em lágrimas e, sem as deixar terminar, abriu a porta e foi-se embora.

– Ora, ora... a Duval está-se a revelar.

Montse sorriu com tristeza.

– Coitadinha. Entre as saudades que tem do seu Pepe e isto...

Depois de um silêncio nada tenso entre elas, Montse olhou-a com um sorriso e disse:

– Sabes? Neste momento seria capaz de matar por um *Larios* com *Coca-Cola* e uma dose de batatas.

– E eu por um *Redbull* e batatas com sal no ponto. Que ansiedade, pelo amor de Deus!

Nesse momento a porta voltou a abrir-se e Julia apareceu de novo. Com brio, secou as lágrimas da cara e, depois de olhar para as amigas que

a observavam surpreendidas, perguntou:

– O que se passa contigo, senhora Sutherland? Não vai haver festa no teu casamento?

Dito isto, as três abraçaram-se, enquanto ouviam a comitiva de Rose O'Callahan afastar-se. Regressava a sua casa.

Capítulo 48

E como todos os casamentos que se prezem, no de Alaisthar e Paris houve celebração.

Alaisthar, emocionado por ter conseguido que a jovem Paris Hilton fosse a sua mulher, e com o consentimento do seu bom amigo Declan, comemorou o seu enlace naquela noite no Castelo de Elcho.

Ouviram-se as gaitas, as pessoas dançaram e Declan Carmichael aproveitou para deixar bem claro a toda a gente o que sentia pela jovem Cindy.

Fiona e Maud estavam felizes. Ver Declan tão encantado da vida, a dançar junto com uma sorridente Cindy, encheu-as de felicidade. Naquela noite o uísque foi a bebida que reinou na festa e, como era de esperar, os brindes sucediam-se um atrás do outro.

– Ui... Ou o meu marido tem um gêmeo ou bebi de mais – disse a canária às suas amigas.

Montse e Julia voltaram a entreolhar-se, e entre risos a primeira disse:

– *'Tou c'uma bezana.* Estou a ver a dobrar.

– Ai, meu Deus! – Julia desmanchou-se a rir. – Estamos cá com uma tosga!

Declan, divertido mas de certo modo preocupado por ver como aquelas três bebiam, foi ter com a sua Cindy e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Se continuares a beber assim... vais acabar muito mal.

Ao ouvi-lo, ela olhou para ele e, depois de lhe dar um beijo em cheio nos lábios com luxúria e desejo, murmurou-lhe:

– Calminha, camarada, que eu controlo!

– Calminha?! Camarada?! Controlo?!

Ela sorriu e, fazendo-o rir como um perdido, disse:

– Ui... querido. Acho que estou um bocadinho com os copos, mas estou a divertir-me à grande!

– Anda, vamos dançar – gritou Julia, levando-a.

E, sem mais, foram dançar junto com os outros aldeões que, divertidos, as aceitaram no seu grupo, enquanto o duque ficava com cara de parvo e sem

saber realmente o que a sua mulher tinha querido dizer.

Uma hora depois, Julia, olhando para as suas duas amigas que brindavam pela enésima vez ao casamento da canária, disse:

– Não se ofendam, mas acho que estamos a beber mais do que os peixes da música.

– Ui... é que este uísque é bom... bom... – riu-se Juana.

– Mas boooooooooom, embora eu ache que a Duval tem razão. Estamos com uma carraspana considerável. – Montse riu-se. – Eh... tenho uma ideia. Que acham de lhes cantarmos a *Macarena*?

Animadas pelo momento e sem nenhum tipo de vergonha, as três amigas começaram a explicar-lhes que tinham de dizer «eeeeeeee» quando elas indicassem. Depois começaram a cantar. Ao princípio todos ficaram petrificados, mas após terem dito três vezes «eeeeeeee»... todos riam e se desmanchavam às gargalhadas.

De madrugada, e depois de lhes terem cantado a *Macarena*, o *Que Viva España*, o *Baile dos Passarinhos*, *Francisco Alegre y Olé* e todas as músicas populares espanholas que lhes vieram à cabeça, a festa deu-se por terminada. Alaisthar levou a sua mulherzinha, que estava bêbeda que nem um cacho, Agnes e Edel acompanharam Norma ao seu quarto e Declan, com um sorriso de diversão, agarrou numa rebelde Cindy que se recusava a abandonar a festa.

– Vá... mais uma cançãozinha e depois, *hic*, vamos embora – gritou ante o ar divertido dele.

– Filho... – Fiona sorriu. – Acho que devias levar Cindy para ir dormir.

– Eu também acho – concordou ele e, depois de ver que era impossível, meteu-a ao ombro e foi-se embora com ela a morrer de riso.

Assim que entraram no quarto, pousou-a no chão e ela cambaleou.

– Bebeste muito, linda. Eu disse-te!

– Eu?! – gritou ela, soprando de um modo cómico o cabelo da cara. – Desde logo, lindinho, tens cá uma mania, *hic*, de dizer que dou no uísque. – E pendurando-se ao pescoço dele, murmurou: – Danças uma música comigo?

– Não é hora de dançar. É hora de tu descansares.

– Anda lá... não sejas chato e dança comigo só mais uma musiquinha.

Era impossível não sorrir. A fofosidade da jovem e a sua expressão engraçada e ruborizada conseguiam que Declan aceitasse tudo o que ela pedia. Contudo, disposto a que descansasse, disse:

– Não há música. Não vês que a festa acabou?

– Acabou-se a festarola?

– Sim, querida, acabou-se a festarola – repetiu ele divertido.

– Não importa, *hic*! Eu canto, está bem?

– Querida, passaste a noite toda a cantar. Acho que vais ficar um mês sem voz.

– Mais uuuuuma, *hic*, por favor... por favooooooooor.

Incapaz de lhe negar aquilo, olhou para ela e anuiu. A jovem, encantada por ter levado a sua avante, disse-lhe olhando-o nos olhos:

– Mas agora... vais dançar como fazemos na minha época, está bem? – Ele anuiu e ela, agarrando-se ao seu pescoço, murmurou: – Vou-te cantar uma, *hic*, canção *muuuuunto* romântica de um artista chamado, *hic*, Frank Sinatra, *a Voz*. Chama-se *Strangers in the Night* e dança-se abraçados, está bem?

– Está bem – concordou ele.

Ela, depois de se pendurar nele com comicidade, trauteou:

*Strangers in the night hic exchanging glances
Wondering in the night...*

Mas não foi capaz de continuar. Um vômito ácido subiu-lhe pela garganta e, antes que Declan pudesse fazer alguma coisa, vomitou.

– Ai, santo Deus, que nooooojo!

– Vês, teimosa... eu disse-te! – murmurou ele com carinho, segurando-a.

Passados cinco minutos, já sem nada dentro do corpo e pálida como cera, Declan deitou-a com carinho na cama e, depois de lhe dar um beijo na testa, perguntou:

– Estás melhor, Cindy?

Esgotada e morta de sono, olhou-o com os olhos semicerrados e, enroscando-se na cama, sussurrou fazendo-o rir:

– Ai, querido, estou cá com uma bezana...

Capítulo 49

Aquele mês de Dezembro na Escócia, e ainda mais nas Highlands, foi duro e extremo. A vista do Castelo de Elcho rodeado por neve era uma imagem maravilhosa. Durante o dia, Cindy brincava com Maud no exterior e divertiam-se a atirar bolas e a fazer bonecos de neve, e quando não estava com ela desfrutava ao lado de Declan a conversar ou a fazerem amor.

Um dia Montse falou com Fiona sobre algo que lhe andava a pairar na cabeça desde há dias, e a mulher, emocionada com o modo como aquela jovem se preocupava com todos, ofereceu-lhe vários cortes de tecido. Com aquele bonito tecido e com a ajuda das amigas e de Fiona, confeccionaram uns belos vestidos em segredo para Agnes e Edel. Tinham-lhos prometido.

Durante aquele tempo, todos os presentes estavam felizes com Cindy. Todos estavam encantados por verem o seu *laird* tão ditoso e feliz. A pequena Maud converteu-se numa criança alegre e faladora a quem o que mais apaixonava era estar com o pai e Cindy. Tudo tinha mudado, e os risos e a diversão inundaram o castelo, convertendo-o num lugar ideal para viver.

Uma manhã, após uma noite passional juntos, Declan levantou-se de madrugada e, depois de dar um beijo na testa de Montse, partiu para Argyll. Ali iriam reunir-se vários clãs para falarem dos problemas da Coroa e não podia faltar. Aborrecia-o afastar-se dela, mas havia coisas a que não podia fugir.

Quando Declan e os seus homens partiram, Montse sentiu-se sozinha. Pela primeira vez desde que chegara a Elcho, sentiu que precisava de ter Declan por perto a todo o instante. Os dias passavam, só faltavam três semanas para a última noite do ano e aquilo começou a angustia-la. Tentou falar com uma apaixonada Juana, mas bastava mencionar aquilo para ela se pôr a chorar. Alasthar, que dessa vez não viajou com Declan, decidiu ir viajar com a sua mulherzinha. Precisava de a fazer sorrir.

Naquela tarde, após uma manhã atarefada com os vestidos das raparigas, desceu à cozinha para conversar um bocadinho com quem quer que lá

estivesse. Ao entrar encontrou Colin e Edel e, encantada, começou a falar com eles até que ouviram o barulho de um cavalo a aproximar-se. Com rapidez, saíram para o exterior e depararam com um guerreiro O'Callahan.

Colin, ao reconhecer o seu amigo Pitt, foi ter com ele e perguntou:

– O que se passa?

O guerreiro, esgotado e enregelado pelo caminho rápido que tomara, desmontou do cavalo e, depois de beber um bom gole de água, disse:

– Necessito de ver a senhora Carmichael.

Colin e Edel olharam para Montse e esta, levantando as mãos, declarou:

– Ei... não olhem para mim, que em todo o caso sou a senhora Crawford.

O guerreiro, ao ouvi-la, esclareceu:

– Refiro-me à mãe do *laird* Declan Carmichael. Sei que ele está em Argyll com os outros *lairds*.

– Vou avisá-la. Cindy, ele que entre para o salão. Ali vai aquecer – disse Edel, indo-se embora.

Colin e Montse olharam-se intrigados com aquela visita inesperada, mas abstiveram-se de perguntas enquanto se encaminhavam para o salão. Segundos depois entrou Fiona.

– O que se passa? – perguntou a mulher.

Ao vê-la, o guerreiro inclinou-se para a cumprimentar e disse:

– Senhora Carmichael, perdoai esta intromissão. Mas temos um problema no Castelo de Huntingtower e preciso que me acompanheis.

– Um problema? O que se passa, rapaz? Sê claro.

– A minha senhora Rose O'Callahan adoeceu e os remédios do médico não surtem efeito. Está a delirar e o seu estado piora de dia para dia.

Fiona, ao ouvir aquilo, fez cara de caso e foi até à janela. Estava a nevar e ir de carro até ao castelo significaria uma grande demora. A neve do caminho impedi-los-ia de se movimentarem com celeridade. Montse, ao ver a expressão dela e perceber o que pensava, apressou-se a dizer:

– Fiona, se for de carro terá de dormir no caminho antes de chegar a Huntingtower e não me parece que isso seja muito recomendável para a sua saúde.

– Eu sei, filha, mas o que posso fazer? Rose precisa de mim, e se lhe acontecesse alguma coisa por eu não a ir ajudar, nunca na vida me perdoaria.

Após um silêncio de todos, por fim Montse anunciou:

– Iremos eu e Norma. Ela tem conhecimentos médicos e eu posso ajudar.

– Vocês? – sussurrou a mulher incrédula, sabendo o que Rose pensava delas.

– Sim, nós.

– Não, filha, isso também não é boa ideia.

Porém Montse, disposta a levar a sua avante, plantou-se diante dela e disse:

– Olhe, Fiona, como se diz na minha terra, a cortesia não tira a valentia.

De certeza que Rose se vai zangar muito quando se curar e nos vir lá, mas já se terá curado. O resto não importa.

– Tens a certeza, rapariga? – perguntou a mulher comovida.

– Claro. Não sou um bicho assim tão mau como ela julga e, além disso, como diz, se acontecesse alguma coisa a essa caprichosa por lhe negar o meu auxílio, nunca na vida me perdoaria. A propósito, se Paris regressar da sua viagem com Alaisthar, ela que não se assuste, que voltamos daqui a um par de dias.

– Mas, Cindy, não sabes montar a cavalo e Norma também não – comentou Edel, olhando-a.

– Colin leva-me e este homem – disse, indicando o guerreiro – leva Norma. Conseguem fazer isso?

O guerreiro O'Callahan e Colin entreolharam-se e concordaram, e Montse, tentando não pensar no medo que lhe dava subir para cima de um cavalo, sentenciou:

– Então não se fala mais nisso, vou procurar Norma e partiremos para Huntingtower.

Capítulo 50

O caminho até Huntingtower não foi um mar de rosas. Por vezes a neve impedia-os de continuar, e muitas vezes tiveram de desmontar e ir a pé debaixo de um frio de enregelar, mas de madrugada, e após um grande esforço, chegaram.

Ao reconhecerem as mulheres, os camponeses alegraram-se e, tal como Fiona, comoveram-se ao saber que daquela vez iam ajudar a pessoa que as tratara pior durante a sua estada ali.

– Voltamos a entrar no reino de *Rapunzel*.

– Pois é. Parecia incrível, mas aqui estamos – sorriu Montse.

– As ideias que tu tens, madre Teresa de Calcutá! Vir aqui tratar desta pindérica só porque te esmeraste. Tu e as tuas penas! – escarneceu Julia ao entrarem no castelo.

– Anda, cala a matraca e não protestes – disse Montse sorridente, olhando para a amiga.

As criadas de Rose, ao verem ali aquelas mulheres, ficaram paralisadas. Eram as últimas pessoas que esperavam ver.

– Sim... não sou um fantasma, sou Cindy, a criada que discuti com a vossa senhora, e embora vocês não acreditem, viemos ajudá-la, por muito má pessoa que ela nos pareça – saudou-as Montse. – Portanto, contem-nos o que se passa e levem-nos até ela.

Uma das raparigas reagiu com rapidez e, enquanto as levava ao quarto de Rose, disse:

– Sou Tina e agradeço-vos por estarem aqui.

Montse sorriu com calidez.

– Obrigada, Tina. As tuas palavras honram-te. Conta-nos, o que tem ela?

– *Lady Rose* começou a ficar mal há uns seis dias. Ao princípio pensámos que teria apanhado frio num dos seus passeios, mas quando a febre lhe tomou o corpo durante três dias e três noites e fomos incapazes de lha fazer desaparecer começámos a assustar-nos.

Ao chegar a uma porta grande, Tina parou e abriu-a. Ao entrarem, sentiram logo o ar pestilento e viciado. A escuridão reinava no local e o calor da lareira fazia que fosse insuportável estar ali.

– Que pivete e que calor, pelo amor de Deus! – queixou-se Montse.

Julia foi até à cama daquela caprichosa, que estava inconsciente, e ao vê-la inchada e a transpirar como um porco debaixo de vários cobertores, puxou-os para a destapar e, cobrindo-a só com um, disse:

– Abram as janelas para ventilar o quarto.

Ao ouvir aquilo, a criada de Rose protestou:

– Se fizermos isso ela vai piorar. Vai apanhar frio.

– Estás enganada, Tina – replicou Montse. – É este ar viciado e tanto calor que a estão a fazer piorar. Abre a janela de uma vez!

A jovem não se mexeu, pelo que Montse se dirigiu ao grande janelão e, depois de correr as pesadas cortinas, abriu a janela de par em par deixando entrar o ar frio.

– Mãe do céu! – sussurrou Julia ao ver Rose com luz. – Mas o que fizeram a esta rapariga?

A criada, assustada com o mau aspecto da sua senhora, sussurrou num fio de voz:

– O médico recomendou que lhe fizessem sangrias e...

Montse, horrorizada com as marcas que via nos braços dela, pegou num deles e gritou:

– Mas isso é uma bestialidade!

Julia anuiu e, depois de suspirar, murmurou:

– Sim, filha, mas não te esqueças em que século estamos. Nessa época resolviam quase tudo com sangrias. – E, tocando-lhe na testa, disse: – Esta rapariga está péssima. Se lhe pusesse um termómetro, o mercúrio explodia.

– O que fazemos? Aqui não têm antipiréticos – sussurrou Montse ao ver o inchaço de Rose.

Julia, arregaçando as mangas, virou-se para a jovem criada, que as observava trémula, e disse:

– Chamas-te Tina, certo?

– Sim.

– Vamos lá ver, Tina, mexe-te – repreendeu-a, tomando o pulso a Rose. – Preciso de uma banheira cheia de água morna, trapos limpos e secos, um jarro de água para beber, vários lençóis lavados, um cobertor, várias camisas de noite, uísque e uma panela com neve.

– Neve?! – gritou a criada.

– Sim... vamos refrescar a água da banheira com a neve. Não te preocupes, isso far-lhe-á baixar a temperatura.

A seguir, olhando para a amiga, sussurrou fazendo cara de caso:

– Ai, meu Deus... numa altura destas um portátil e poder ligar-me ao São Google seria fantástico.

– Porquê? O que tens? – segredou Montse ao vê-la hesitar.

– É que eu sei tratar o que esta rapariga tem, mas com medicamentos que aqui logicamente ainda não foram inventados, nem eu vou conseguir.

– Vamos lá ver, pensa... usa esse melão que tens como cabeça.

– Ouve lá, linda, isso do melão...

Montse sorriu e disse:

– Está bem, desculpa e pensa. De certeza que te vais recordar de alguma planta medicinal ou de algum remédio da avó... ou...

O rosto de Julia iluminou-se e, olhando para a criada que retorcia as mãos, disse com segurança:

– Vou precisar de infusões de abóbora, ou gengibre com limão, ou água de cevada ou salgueiro. Seja o que for! Isso também nos vai ajudar.

A criada saiu do quarto a correr deixando-as a sós com a sua senhora.

– Anda, fecha já a janela ou seremos nós a ficarmos doentes – disse Julia.

Uma vez ventilado o quarto, entre as duas trocaram os lençóis e a camisa de noite encharcada de Rose enquanto ela delirava. Assim que os criados levaram a banheira, Julia correu com eles do quarto, e depois de avivar o lume da lareira, despiram a jovem Rose e meteram-na nela. Aquele banho com água iria fazer-lhe muito bem, e assim foi. Depois de a tirarem da banheira, secaram-na com cuidado e meteram-na nua na cama.

Puseram-lhe panos frios na testa, virilhas e estômago e trocavam-nos de cada vez que a frescura da água desaparecia. Com o uísque, Julia desinfetou com delicadeza as feridas que as sangrias lhe tinham deixado nos braços. Durante todo aquele dia, nem Julia nem Montse se afastaram um segundo da cama, e obrigaram-na a engolir a infusão de gengibre com sumo de limão. Ao anoitecer, a febre de Rose voltou a subir, embora não tanto como quando elas chegaram.

Dormiram por turnos. Estavam esgotadas, mas não queriam deixar de atender a rapariga que, com aqueles poucos cuidados, começou a melhorar a passos gigantescos. De madrugada, quando Julia dormitava e Montse trocava os panos molhados, surpreendeu-se ao ouvir:

– O que fazes aqui?

Rose, com os olhos ainda febris, reconheceu-a. Aquilo era bom sinal. Montse sorriu e, pondo-lhe um pano fresco na testa, disse:

– Bem... vejo que estás a melhorar.

– Responde-me, o que fazes aqui? – balbuciou, olhando para ela.

Montse, ao acabar de trocar os panos, sentou-se ao lado dela na cama e respondeu com amabilidade:

– Estiveste muito doente.

– Como?

– Tinhas uma febre horrível e a tua gente assustou-se e foi a Elcho pedir ajuda a Fiona. Mas o caminho está muito mau por causa do Inverno e Norma e eu decidimos vir ajudar-te. E antes que comeces a queixar-te e a dizer horrores de nós, pensa bem, entendido? Porque estamos esgotadas de cuidar de ti para que sares e corres o perigo de me fazeres zangar e meter-te na banheira para te afogar sem piedade.

– Não te suporto – sussurrou Rose.

– Entendo-te. Eu também não te suporto.

Aquelas palavras simples fizeram que ambas sorrissem. Isso surpreendeu Montse, mas surpreendeu-se ainda mais ao ouvi-la dizer depois de sentir a mão dela em cima da sua:

– Obrigada.

Comovida, Montse aquiesceu e, com um sorriso, murmurou:

– Anda, descansa, que estás a precisar.

Capítulo 51

Com os cuidados de Julia e Montse, passados dois dias Rose O'Callahan melhorou, embora o seu aspecto ainda estivesse longe de ser bom. Mas isso podia resolver-se com atenção e alimento. No segundo dia de estada, Montse visitou os camponeses. Queria saber como estavam, e o seu coração encolheu ao ver que a situação deles era cada vez mais precária. As cabanas mal os resguardavam do frio e estavam famintos. Por isso, e decidida a falar com Rose, quando regressou daquele passeio, entrou no quarto dela com decisão.

– *Lady* Rose, temos de falar.

A jovem, que desemaranhava o cabelo em frente ao espelho, olhou para ela e replicou:

– Diz lá.

Montse, pegando numa das cadeiras que havia no luxuoso aposento, sentou-se à frente daquela rapariga e disse sem pestanejar:

– Acho que tenho de lhe dizer que, se não mudar o seu modo de ser, vai ficar sozinha. A sua gente precisa de comer e dar alimento aos seus filhos, e se tudo continuar assim, dentro em breve todos irão embora e...

– Impossível! Eles são O'Callahan como eu e...

– O'Callahan? E quem os faz sentir que são O'Callahan? Porque vejo que você não. Eles vêem que no castelo, se chove, você tem um tecto debaixo do qual se abrigar; se tem frio, cobertores com que se agasalhar; se tem fome, comida com que a saciar. Eles vêem tudo isso que tu... quero dizer, você tem e eles não. Como julga que se sentem? Pois eu digo-lhe... mal. Sentem-se mal! Sentem-se abandonados e indesejados e...

– Eu sei...

Surpreendida com tal resposta, Montse cravou os olhos nela, mas quando ia para falar a jovem O'Callahan adiantou-se.

– Sabes, Cindy, com tudo o que me aconteceu dei-me conta de muitas coisas. Coisas importantes em que eu, tonta, nem tinha reparado. Estou envergonhada, abatida e desolada pelo estado em que a minha gente se

encontra, e estou disposta a pedir-lhes desculpa e a emendar o meu erro.

– Isso é fantástico.

– E a primeira pessoa a quem tenho de pedir desculpa é a ti. Fui uma néscia e pateta tratando-te como te tratei, mas estava com ciúmes. Tu conseguiste que Declan enlouquecesse de amor por ti enquanto eu não consegui nada e isso cegou-me. És uma boa pessoa, Cindy, a melhor que tive a honra de conhecer na vida, e embora não tenha gostado que me tivesses arrastado pela lama, reconheço que o mereci.

– Não se martirize, por favor. Eu também peço desculpa por este meu temperamento que às vezes me leva a fazer coisas demasiado loucas e...

– Cindy, dar-me-ias a honra de seres minha amiga?

Boquiaberta com aquilo, a jovem sorriu e disse:

– Claro que sim, Rose... quero dizer, *lady* Rose, com todo o gosto.

– Por favor... vamos deixar os tratamentos de cerimónia e chamarmo-nos pelos nossos nomes.

Com um sorriso caloroso, Montse concordou e, divertida, confidenciou:

– Ufa... pois eu agradeço-te imenso. Tenho de reconhecer que falar assim tão pomposamente me custa horrores. De onde venho não falamos assim, e poder falar contigo com normalidade facilita-me bué as coisas.

– Bué?!

– Ai, desculpa... queria dizer que me facilita muito as coisas.

– Que estranha maneira tens de falar, Cindy. Às vezes dizes coisas incompreensíveis. Como isso de pindérica medieval, o que quer isso dizer?

– Esquece. Não é nada de bom – gracejou fazendo-a sorrir e, levantando-se, disse: – Anda, vem cá e dá-me um abraço.

– Um abraço?

– Sim, de onde eu venho as coisas resolvem-se com um abraço e um beijo.

Sem dizerem mais nada, as duas levantaram-se e abraçaram-se. Rose abraçou-a com desespero. Era a primeira amiga que conseguia ter na vida e não estava disposta a perdê-la. Depois de rirem com aquilo, voltaram a sentar-se nas suas cadeiras e Rose perguntou:

– Cindy, o que posso fazer para ajudar a minha gente? O meu pai sempre esperou que eu casasse com algum *laird* e que este assumisse o peso das responsabilidades dos O'Callahan. E o problema é que eu... eu não sei o que fazer para que a minha gente volte a ter confiança em mim e siga em frente.

– Creio que a primeira coisa que deves fazer é falar com eles. Devias reuni-los a todos esta noite no salão do castelo e falar-lhes com a mesma sinceridade com que me estás a falar a mim e, sobretudo e em especial, partilhar o que tens. Isso agora é vital para que confiem em ti. Sei que este castelo é a tua casa, certo? – A jovem aquiesceu. – Pois então tens de fazer com que eles sintam que também é a casa deles, e se para isso tiveres de os albergar do frio e partilhar

a tua comida com eles, então faz isso! Vão ficar-te gratos para o resto da vida e conseguirás que morram por ti.

Naquela noite fria de Dezembro, Rose O'Callahan reuniu toda a sua gente no Castelo de Huntingtower e pela primeira vez desde há muito tempo todos eles se sentiram unidos. Feliz e emocionada pelo modo com as pessoas a ouvirem e lhe voltaram a dar outra oportunidade, Rose, de braço dado com a sua amiga Cindy Crawford, chorou emocionada.

– Vá... vá, não fiques mole que tens muito que fazer para tratar de toda esta gente – gracejou Montse. – Estás a ver aquela mulher abraçada ao filho? – Rose acenou. – Chama-se Berta, e certa vez veio ao castelo pedir-te comida para o filho e tu negaste-lha. Acho que lhe devias ir pedir desculpa.

Sem hesitar um segundo, Rose anuiu e dirigiu-se à mulher.

– Olá, Berta – cumprimentou-a.

A mulher, ao ver que se dirigia a ela pelo nome, baixou a cabeça e sussurrou ante o olhar atento do resto dos camponeses:

– Boa noite, *milady*.

– Berta, quero pedir-te desculpa por te ter negado alimento para o teu filho. Prometo-te que isso não voltará a acontecer. Dei-me conta do meu erro e estou disposta a corrigi-lo e a pedir-vos perdão mil e uma vezes.

– Não vos preocupeis, *milady*, eu arranjo-me.

– Mas perdoas-me?

Berta, ao ouvir aquilo, ergueu os olhos e, surpreendida como nunca na sua vida por aquela pergunta, respondeu:

– Claro, *milady*, claro que vos perdoo.

Emocionada, Rose abraçou a mulher sem pensar ante o murmúrio geral de todos os camponeses e, virando-se para os olhar a todos, disse:

– Prometo-vos que Huntingtower voltará a ser o que foi. Prometo-vos.

Dito isto, todos aplaudiram e deram vivas à sua senhora enquanto Montse sorria. De repente sentiu uma mão a agarrá-la pela cintura e, ao virar-se, deparou com o olhar azul que andava há dias desejosa de ver e sorriu.

– Declan, estás aqui! – sussurrou abraçando-o.

– Sim, minha querida... vim à tua procura.

Depois disso, beijou-a na frente de todos, granjeando um viva geral das gentes. Rose, ao ver aquilo, sorriu e aplaudiu. Para trás ficou pensar no impossível: tinha muito trabalho a fazer e aquilo era um bom começo.

Capítulo 52

Dois dias depois, Rose tinha recuperado bastante. A chegada de Declan com os seus homens e de Kenneth fez que os camponeses O'Callahan e os seus guerreiros ganhassem forças para trabalhar. Durante aqueles dias, Declan e Kenneth aconselharam Rose sobre como levar adiante o seu difícil trabalho, e todos se surpreenderam ao ver a enorme mudança operada naquela juvenzinha. No entanto, quem mais reparou nisso foi Kenneth, a quem ela deixou de parecer uma jovem insuportável e começou a gostar de estar com ela. Agradava-lhe e muito. Algo que não passou despercebido a Julia e Montse, que riam ao ver como ele a olhava apatetado. Ao terceiro dia depois de terem chegado, os Carmichael decidiram regressar às suas terras, embora Kenneth tenha optado por permanecer ali mais uns quantos dias. Queria ajudar.

– Lembra-te, Rose – disse Julia –, sê bondosa com a tua gente e eles sê-lo-ão contigo.

– Não me esquecerei, Norma, não te preocupes. E muito obrigada por tudo.

– A propósito, Rose. – Montse sorriu, dando-lhe uma cotovelada. – Reparaste como o garboso do Kenneth Stuart olha para ti? Acho que te apareceu um pretendente.

Rose ficou corada como um tomate e respondeu:

– Oh, sim, Cindy... já reparei.

– Pois já sabes, vai-te a ele!

Aquele comentário fê-las rir e, depois de se despedirem com um beijo, Rose, olhando para as suas novas amigas, perguntou:

– Quando voltaremos a ver-nos?

Julia e Montse entreolharam-se. O tempo delas ali estava a chegar ao fim e, depois de sorrir, Montse voltou a beijá-la e disse:

– Não sei, mas vou ter-te para sempre no meu coração.

A jovem Rose ia para responder, mas Declan, indo ter com elas, instou-as a despedirem-se. Queria chegar a Elcho antes do anoitecer. Montse foi ter com Kenneth, que estava a falar com um dos seus homens, e tocou-lhe no ombro.

Ele, ao ver que se tratava dela, sorriu.

– Tenho pena que tenhais de vos ir embora – disse.

– Pois olha, não sei porquê, sinto que teria mais pena se fosse a perua medieval a ir.

Ao ouvir aquilo o guerreiro franziu uma sobrancelha surpreendido com a perspicácia dela, mas sorriu quando a ouviu dizer enquanto se afastava:

– Cuida bem dela. A perua medieval é boa rapariga.

Momentos depois, e com Montse já montada no cavalo de Declan, a comitiva dos Carmichael encabeçada pelo seu *laird* começou a andar. De cima do cavalo e entre os braços protectores de Declan, saudou os camponeses que se despediam dela à sua passagem. Mas o seu sorriso congelou quando viu algo ao sair das imediações de Huntingtower.

– Pára o cavalo, Declan, tenho de descer – ordenou de repente.

– O que se passa? – perguntou surpreendido.

– Pára! Por favor.

O *highlander*, sem entender o que se passava, parou o seu cavalo. Ela, sem esperar que a ajudasse a desmontar, saltou dele e correu para a porta de uma cabana em ruínas. Ante ela, agachada e morta de frio, havia uma pessoa pequena. Tirou a manta que trazia aos ombros e, pondo-a em cima da menina de lábios azulados e trémulos, sussurrou:

– Aileen, querida, mas o que fazes aqui com o frio que está?

Apesar do seu péssimo estado, a menina olhou para ela e, ao reconhecê-la, sussurrou:

– Esta é a minha casa e...

– A tua casa? Mas... mas eu deixei-te com os teus tios.

– Eles foram-se embora e deixaram-me aqui sozinha.

Ao ouvir aquilo, Montse levantou-se e, sem conseguir evitá-lo, gritou ao ver que Julia se aproximava:

– Raios os partam! Se os apanho, juro que lhes arranco a pele às tiras. Mas... mas como podem abandonar uma criança no meio do nada? – gritou fora de si. – Filhos-da-mãe! Disseram-me que iam encarregar-se dela e o que fizeram foi deixá-la sozinha. Sozinha! Desavergonhados!

Ao reconhecer a criança, Julia entendeu a indignação de Montse e, depois de levar a mão à cabeça, sussurrou à sua amiga:

– Estás a assustá-la. Acalma-te.

Ao ouvir aquilo, Montse olhou para a pequena e, ao ver os seus olhos marejados de lágrimas, pegou nela ao colo e disse num tom mais calmo:

– Não te preocupes, querida. Vou procurar uma casa para ti nem que seja a última coisa que faça neste mundo.

O duque, que assistira em silêncio ao seu arranque de fúria, ia para falar, mas como sempre ela adiantou-se-lhe.

– Declan, não penso abandonar Aileen de novo. Quando estivemos aqui da outra vez deixei-a com os tios porque os pais dela tinham morrido, e eles abandonaram-na à sua sorte para que morresse. Oh, meu Deus... para que morresse! Esses desavergonhados não pensaram em nenhum momento que esta criança poderia ter frio, fome ou passar por provações que não quero nem imaginar. E antes que me digas seja o que for, quero que saibas que não estou disposta a abandoná-la pela segunda vez. Recuso-me! Portanto, se queres que volte contigo para Elcho, ela terá de vir connosco, senão eu fico aqui com ela.

Observou-a comovido com a sua veemência enquanto a pequena, morta de frio, se agarrava a Cindy com desespero. A mulher que amava implorava-lhe com o olhar que não as abandonasse. Algo que ele nunca faria. Por isso, aproximando-se delas, deu um beijo mais do que cândido na testa de Cindy e, depois de lhes pôr uma pele por cima dos ombros, disse:

– Vamos, meu amor. Vamos todos para casa.

Capítulo 53

O regresso de todos ao Castelo de Elcho encheu de felicidade os seus habitantes. Uma vez ali, Montse encarregou-se de cuidar de Aileen, que lhe demonstrou a sua força, doçura e capacidade de integração. Aileen era um par de anos mais nova do que Maud, mas depressa se tornaram amigas e divertiam-se imenso juntas. No princípio, Montse, apesar da dor que isso lhe provocava, pensou em procurar-lhe uma família, e emocionou-se quando Declan lhe disse uma noite que a pequena Aileen já tinha encontrado a sua família.

Na noite de 24 de Dezembro organizou-se uma grande festa para todos no Castelo de Elcho. Na cozinha todos se afadigaram para preparar pratos requintados, e Julia, Juana e Montse cozinham. Pela primeira vez desde há muitos anos, o salão foi preparado para partilhar a ceia com todos os que viviam em Elcho.

Entretanto, as três mulheres terminaram os vestidos de Agnes e Edel, confeccionaram uma touca para Fiona e fizeram duas camisas de noite em tons violeta para Maud e Aileen, e até prepararam lembranças para todos os habitantes de Elcho. Queriam que todos tivessem uma lembrança delas, pelo que, sempre que podiam, iam ao bosque apanhar flores que introduziam no castelo escondidas nos cestos da roupa. Com essas flores, e com a ajuda de arames, fizeram bonitos diademas para as mulheres e broches florais vistosos para os homens.

Nessa noite, Declan presidia feliz à mesa. Esse Natal estava a ser o melhor da sua vida. Não só porque a sua filha sorria ao lado de Aileen, ou porque a sua gente estava feliz e a sua mãe ditosa, mas sim porque Cindy lhe proporcionava uma felicidade que nunca acreditou que encontraria.

A seguir à opulenta ceia, e antes que todos se levantassem das suas mesas, Julia, Montse e Juana distribuíram os presentes que tinham para eles, e estes, emocionados, agradeceram-lhes. Ao verem os seus vestidos novos, Edel e Agnes choraram de emoção e, depois de as fazer rir, Montse abeirou-se delas

e sussurrou-lhes:

– Duvidavam? Vá... vão vesti-los. Esta noite, com os bonitos penteados que Paris vos fez e estes vestidos, Percy e Ned não vão conseguir tirar os olhos de vocês. E já sabem... que sofram um bocadinho.

E assim foi. Quando as duas jovens apareceram com os seus vestidos novos e outros *highlanders* as olharam com desejo, os seus apaixonados caíram por fim rendidos aos seus pés.

Alaisthar, ditoso pela felicidade que a sua pequena Paris lhe proporcionava, sorriu como um tonto quando ela lhe ofereceu um bonito *sporrán*, e ele surpreendeu-a quando lhe entregou num cesto um lindo cachorrinho escocês a que deram o nome *Mojopicón*, para divertimento de todos.

Fiona, emocionada e rodeada por todos, não sabia para quem olhar para ser mais ditosa. A sua gente estava feliz: Maud e a pequena Aileen não paravam de rir, Norma divertia-se a dançar com Colin, Alaisthar e a sua mulher não paravam de fazer carinhos um ao outro e o seu filho e Cindy olhavam-se com amor. Até se emocionou ao ver Declan entregar um pequeno embrulhinho à rapariga.

– Toma, este é o meu presente para ti.

Ela pegou-lhe com um sorriso encantador, mas entregando-lhe o seu, instou-o:

– Está bem. Mas abre o meu primeiro.

Declan, ensimesmado e depois de suspirar encantado, pegou no embrulho, beijou-a e abriu-o. Nele encontrou um par de velas talhadas e tingidas por ela em tom violeta.

– São para o teu quarto...

– O *nosso* quarto – esclareceu ele, beijando-a.

– Certo, o *nosso* quarto. – E ao ver como ele olhava para o presente, disse: – Quero que as ponhas em cima da lareira e as acendas. Vão ficar lá muito bem.

– Obrigada, querida, são lindas – agradeceu ele e, pegando-lhe nas mãos, disse: – Antes de abrires o teu presente, quero dizer-te uma coisa.

– Diz lá...

– Desde que apareceste na minha vida, tudo o que me rodeia mudou para melhor. Antes estava sozinho e continuamente zangado, mas agora tenho uma grande família à minha volta, e tudo isso devo-o a ti. Sei que estás aqui porque sonhavas comigo – isso surpreendeu-a – e eu só posso dizer que o meu sonho agora és tu. Recordo que uma vez me disseste que não sabias por que estavas aqui, e quero dizer-te que já descobri.

– Ai sim? – Riu-se ao ouvi-lo, e ele continuou:

– Estás aqui para que Maud sorria, para que Aileen tenha a sua família, para que a minha mãe seja ditosa, para que a minha gente goste de ti, para que eu seja melhor pessoa, até mesmo para que Rose O'Callahan mude a sua vida e a

da sua gente.

– Obrigada, querido – murmurou comovida. Por fim dera-se conta de por que estava ali.

Declan cheio de orgulho pelo sorriso dela, beijou-a e disse:

– Agora abre o teu presente.

Abriu-o e, ao ver que se tratava da jóia dos Carmichael, aquela que ela lhes entregou, levou as mãos à boca e, antes de dizer fosse o que fosse, ele adiantou-se:

– É para ti, meu amor. Quero que a uses sempre, estejas onde estiveres, porque sei que a maldição acabou.

Emocionada, encantada, agradecida e lacrimosa, Cindy beijou-o e, levantando o cabelo, ofereceu-lhe o pendente para que ele lho pusesse. Declan pô-lo encantado e, ante o olhar emocionado de Fiona, voltaram a beijar-se. Ouviu-se então o som das gaitas, e todos se puseram a dançar divertidos.

Naquela noite, terminada a festa, Declan e a sua apaixonada subiram ao quarto e, depois de passarem parte da noite a fazerem amor, por fim adormeceram. Mas naquela noite Cindy acordou sobressaltada. Erika, *a Escocesa*, aquela cigana, visitou-a em sonhos e disse-lhe que o seu tempo estava a acabar. Com o coração a bater com fúria, olhou para Declan, que dormia ao seu lado placidamente. Sem conseguir evitar, as lágrimas correram-lhe descontroladas pela cara. O que ia fazer sem ele?

Levantando-se, aproximou-se da lareira, meteu-lhe um par de troncos e avivou o lume. Com vontade de chorar e gritar, sentou-se em cima da pele que havia diante da lareira e por fim, tapando a cara com as mãos, chorou.

Na manhã seguinte, após uma noite infernal, foi à procura das amigas e estas confirmaram-lhe que tinham tido o mesmo sonho. Durante horas choraram no quarto que agora era ocupado apenas por Julia, até que por fim esta disse:

– Chega de chorar! Pelo amor de Deus, vocês vão ficar desidratadas.

– Ai, filha, não consigo. O que vou fazer sem Alaisthar?

– Eu disse-vos – resmungou Julia. – Zanguei-me convosco para que pensassem que este momento chegaria mais cedo ou mais tarde. Se fui dura convosco foi por isso, porque sabia que isto ia acontecer.

Com o nariz vermelho como um tomate, Montse afastou o cabelo da cara e, soluçando, murmurou:

– Eu... acho que vou morrer de mágoa. Não vou... voltar a ver Declan... nem Aileen, nem Maud e... e...

Mas não foi capaz de continuar. A mágoa que sentia era tão grande que a impedia de falar. Uma hora depois, Julia, convencida de que não podiam continuar assim, levantando-se da cama e metendo as mãos nas ancas, disse:

– Então vá lá, lavem a cara e desfrutem do que resta. Que nunca se diga que não aproveitaram o tempo ao máximo.

Contudo, mesmo que tenham tentado, com o passar dos dias já nada voltou a ser igual. Procuraram estar bem, esquecer o que lhes ia cair em cima, mas o brilho do seu olhar perdeu-se. A canária aproveitou aqueles últimos dias para estar com Alaisthar e Cindy desfrutou tanto quanto pôde de Declan, das meninas e de tudo o que tivesse a ver com Elcho.

No dia 31 de Dezembro de manhã, ao acordar, uma estranha angústia apoderou-se de Declan. Não tinha voltado a falar sobre aquilo com Cindy, mas não foi necessário. Ver as olheiras escuras que nos últimos dias lhe tinham aparecido no rosto bastou-lhe.

Montse, tal como Juana, tentou estar alegre, mas como estar alegre ante o que ia acontecer? À medida que o dia avançava, os nervos começaram a angustiá-las, e quando a noite chegou quase nem conseguiam raciocinar.

– Não vai acontecer nada, querida – sussurrou-lhe o duque, abraçando-a. – Não permitirei que ninguém te leve, tranquiliza-te.

– Amo-te, Declan. Sabes disso, não sabes?

Agradado, anuiu e beijou-a no momento em que Fiona, alheia a tudo o que se passava, entrava no salão acompanhada pelas pequenas Aileen e Maud.

– Papá! – gritou Maud correndo para ele, que lhe pegou ao colo.

Ao ver Cindy, a pequena Aileen correu para ela que, com uma risada, lhe pegou e a beijou. Maud, ao ver aquela imagem tão familiar, olhou para o pai e perguntou:

– Papá, quando te casares com Cindy e ela for a minha mamã, Aileen pode ser minha irmã?

Declan e Montse entreolharam-se. Ela não foi capaz de responder e o duque, retirando forças de onde mal lhe restavam, olhou para a filha e respondeu:

– Claro, querida, embora eu creia que Cindy já é a minha mulher e tua mãe e Aileen é tua irmã e minha filha.

Emocionada com aquelas palavras, Montse concordou e, aguentando a enorme vontade que tinha de chorar, sorriu e disse:

– Ora... ora... ora... tenho uma família mesmo linda.

Ao ouvirem aquelas palavras, as crianças sorriram e, depois de eles as pousarem no chão, correram pelo salão para irem brincar com Norma.

Declan, angustiado como nunca se sentira na vida, olhou para Cindy e voltou a beijá-la, enquanto a abraçava com desespero.

Olheirenta, Juana apareceu pelo braço do seu desconcertado marido e, assim que estavam todos reunidos no salão, começou a ceia de fim de ano. A noite estava chuvosa e desabou uma ruidosa tempestade. As crianças assumiram todo o protagonismo; nem Cindy nem a divertida Paris estavam para festas. Fiona, que conversava com uma distraída Norma, observou que se

passava alguma coisa, mas não fez perguntas. O que observou foi que, assim que uma das jovens se levantava, Declan ou Alaisthar iam atrás delas. O que se passava com elas?

De repente ouviu-se um trovão e um barulho incrível que fez retumbar todo o castelo. As crianças, assustadas com o som forte, começaram a chorar. Levantando-se com rapidez, Declan, seguido por Alaisthar e os restantes, apareceu à janela.

– Por todos os santos, outra vez um raio a atingir a parede oeste do castelo?

Ao ouvir aquilo, Montse e as amigas entreolharam-se inquietas e quando viram Declan e Alaisthar correrem para o exterior, não hesitaram e seguiram-nos. Lá fora chovia furiosamente. O aguaceiro que caía era tal que em menos de dois segundos todos ficaram encharcados. Um novo raio, desta vez azulado, rachou o céu e, segundos depois, o ribombar do trovão em toda a sua magnitude voltou a cair sobre eles.

– Entrem no castelo – gritou Declan ao ver as mulheres encharcadas.

– Não – respondeu Montse.

De repente uma estranha luz azulada rodeou as três amigas e souberam que o momento tinha chegado.

– Declan! – gritou Montse.

– Alaisthar! – gemeu Juana.

Surpreendidos por aquela repentina claridade, os *highlanders* olharam para onde elas estavam, mas antes que pudessem respirar, as três mulheres desapareceram ante eles. Alaisthar, ao ver aquilo, gritou. Chamou a sua Paris com desespero, enquanto o coração de Declan soluçava e, olhando para a estranha tempestade que começava a amainar, sussurrou destróado:

– Cindy Crawford, esperarei por ti toda a vida.

Capítulo 54

Uma escuridão densa e fria rodeava-as quando pareceram acordar. Submersas debaixo de água, as três mulheres começaram a nadar com desespero em direcção à superfície até a conseguirem alcançar.

– Ah... – suspirou Montse ao meter a cabeça fora da água. – Estou a afogar-me!

– Outra vez na maldita água? – protestou Julia.

Ainda desconcertadas pelo sucedido, nenhuma delas falou até que Juana, apontando, disse:

– Ai, filha, aquilo é o Castelo de Edimburgo?

Todas olharam para onde Juana apontava e, embora a escuridão da noite não as deixasse ver com clareza, intuíram que era pela silhueta. Nadaram até ao molhe e conseguiram sair do mar por uma espécie de escada de madeira. Chovia. Estava tudo escuro, e as pessoas, vestidas como na época medieval, corriam para se abrigar. Isso alegrou Montse e Juana. Havia esperanças.

– Mãe do céu, estou congelada! – queixou-se Julia.

E de repente as esperanças delas desvaneceram-se quando a luz iluminou o lugar e verificaram que estavam no molhe de Edimburgo, no meio da feira medieval.

– Não... – sussurrou Montse ao verificar a realidade.

– Nãããã – gemeu Juana com desespero.

Julia, ao compreender que tinham regressado à sua época, sem pensar, parou um dos transeuntes que levava um guarda-chuva e perguntou:

– Por favor, que horas são?

– Meia-noite e dez, senhora.

– Mais uma coisa... que dia é hoje?

O casal, surpreendido por aquela pergunta, respondeu depois de olharem um para o outro:

– Quinze de Setembro.

– Obrigada... obrigada... – respondeu Julia e, virando-se para as amigas,

disse: – Regressámos ao mesmo dia em que fomos embora.

– A cigana. Temos de procurar Erika, *a Escocesa!* – gritou Montse com desespero.

– Sim – concordou Juana.

Sem esperar por Julia, ambas começaram a correr, mas ao chegarem aonde esta deveria estar, não encontraram nem a sua caravana nem a sua banca de *tarot*. Com desespero, Juana deixou-se cair no chão e começou a chorar.

– Não... maldição, Erika, por que me fazes isto? Ainda me resta um desejo por pedir, estás a ouvir? Resta-me um desejo – gritou Montse com o rosto cheio de lágrimas.

Ao chegar junto delas, Julia, que as tinha seguido, não soube o que fazer para as consolar. A chuva continuava e as três estavam encharcadas, mas isso era o que menos importava. Durante horas Julia não conseguiu movê-las dali, mas ao despontar o dia convenceu-as e regressaram ao hotel.

Durante mais de um mês, Juana e Montse procuraram Erika, *a Escocesa*, por toda a Escócia, mas ninguém parecia conhecê-la. Julia regressou a Londres. Queria ver o seu Pepe e as amigas compreenderam-na. Nesse mês visitaram em várias ocasiões o Castelo de Elcho e os seus arredores, onde Montse chorou desconsoladamente ante o retrato de Declan, e ainda mais quando leu uma placa em que estava escrito:

ESPERAREI POR TI TODA A VIDA.

Amava aquele homem, mas o seu amor era impossível. Separava-os o tempo, os anos, os séculos, separava-os tudo, menos o coração.

– Ai, filha, como diria Julia, vais desidratar-te – soluçou Juana à sua amiga.

Montse, olhando para a sua chorosa amiga, sorriu com tristeza e murmurou:

– Olha quem fala.

Assim estiveram um mês, e quando se convenceram de que aquele sonho tinha acabado, regressaram a Londres, às suas vidas, com o coração desfeito em mil pedaços.

Capítulo 55

14 de Setembro de 2011... um ano depois

- A que horas começa a ceia medieval? – perguntou Montse nervosa.
- Às nove – respondeu Julia.
- Ai, filha, estou confiante de que a espera tenha valido a pena – suspirou a canária.

Tinha passado um ano, e as três estavam de novo em Edimburgo. Tinha sido um ano duro para todas. Julia regressou a Espanha com o seu Pepe, concretamente às suas raízes, ao bairro de Vallecas em Madrid. Partir e deixar as suas amigas como estavam foi a parte mais dura, mas não podia fazer outra coisa, a sua vida era ao lado do marido. Mas, apesar da distância, estipulou-se que a cada dois dias uma delas telefonaria para manter o contacto, e assim foi. Nenhuma falhou.

Montse e Juana regressaram aos seus empregos, mas nenhuma voltou a ser o que era. De repente era como se estar no século XXI se tivesse convertido em algo difícil de suportar. Tinham saudades da tranquilidade do campo, das conversas em frente à lareira, do canto dos pássaros ao acordar, do cheiro a terra molhada da Escócia, dos seus bonitos vales e montanhas, da franqueza das suas gentes. Mas do que tinham mais saudades era dos homens que, com a sua ausência, lhes tinham partido o coração.

Durante esse tempo, Juana mudou-se para o apartamento de Montse. Nenhuma queria viver sozinha. Necessitavam de estar sempre a falar deles para acreditarem que o que acontecera, aquela loucura, tinha sido uma realidade, embora recordar aqueles momentos inesquecíveis as fizesse chorar.

Durante aquele ano planearam regressar a Edimburgo em Setembro. Montse e Juana precisavam de ver se Erika, a *Escocesa*, estaria de novo com a sua banca na feira medieval. E havia chegado o momento. Estavam em Edimburgo.

- E se não estiver? – murmurou Juana.
- Tem de estar – replicou Montse ao ouvi-la. – Deve-me um desejo e tem de estar.

Julia, emocionada por estar com elas, sorriu, e para as tranquilizar, disse:

– De certeza que estará, não se preocupem.

Às nove da noite, vestidas com atavios de época, chegaram ao recinto onde se organizava a feira. Montse comprou duas bonecas de trapos e meteu-as no bolso da saia com um sorriso esperançoso enquanto suplicava com o coração.

«Por favor, Erika, lembra-te daquilo que sempre me dizias, de que a minha felicidade está no passado. Por favor, lembra-te disso.»

Antes de a ceia medieval começar, foram até à clareira onde as atrações da feira se começavam a iluminar. Mas não, Erika, *a Escocesa* não estava ali. Com desespero no rosto, Julia convenceu-as a assistirem à ceia medieval, onde as três sorriram ao ver a representação. Quando ainda não tinha terminado a ceia, Montse ouviu um trovão. Aquele ruído fez que ela e Juana se entreolhassem e, com um sorriso nos lábios, levantaram-se e foram até ao exterior.

– Mãe do céu, está a formar-se uma das boas! – disse Julia ao ver o céu encobrir-se e ao sentir a alegria das amigas.

Começou a chover e, com o coração apertado, as três correram para a clareira das atrações. Ali estava a caravana e a banca de toldo amarelo de Erika, *a Escocesa*.

– Filha, estás a ver o mesmo que eu? – sussurrou a canária.

– Sim... sim... sim... SIM! – gritou Montse, e começou a correr para lá.

Como um tornado, as três precipitaram-se para a tenda, e quando a cigana levantou a cabeça para ver quem entrava, sorriu ao ouvir:

– Erika, ainda me resta um desejo por pedir. Por favor... por favor... por favor... deves-mo e não me podes dizer que não. Porque eu desejo-o com toda a minha alma.

A cigana, ao vê-la entrar e ouvi-la, sorriu e, levantando-se, abraçou-a:

– Princesa, como estás?

– Agora que te encontrei, bem, muito bem – respondeu Montse, abraçando-a.

A cigana, feliz por voltar a vê-la, ordenou às amigas que se sentassem. Durante meia hora elas contaram-lhe atabalhoadamente tudo o que tinha acontecido no ano anterior e quando Montse por fim terminou, disse olhando-a nos olhos:

– Resta-me um desejo por pedir. – E agarrando na sua amiga, disse: – E é um desejo partilhado.

A cigana, consciente da importância daquilo, olhou-as com carinho e perguntou enquanto um trovão fazia retumbar metade da Escócia:

– Têm a certeza?

– Sim – murmurou a canária emocionada.

– Nunca tive tanta certeza – afirmou Montse.

– Deixei que passasse um ano para que pensassem no que querem. Regressar ao passado significa desaparecer deste tempo e nunca mais regressar.

Montse, depois de olhar para Juana, que lhe deu a mão e aquiesceu, murmurou enquanto Julia começava a chorar:

– Sim, Erika. Nunca tivemos tanta certeza em toda a nossa vida. Ambas pensámos e sabemos o que queremos, o que desejamos e sem o qual não podemos viver. Sabemos que vamos ter saudades de muitas coisas, mas... voltar a estar com as pessoas amadas vai superar as carências que teremos.

– Mas ali não terão nada do que têm cá. Ali a vida é...

– Erika, está lá tudo o que queremos ter – declarou Montse.

A cigana olhou com um sorriso enigmático para a jovem que adorava desde sempre e perguntou:

– O que desejas, meu amor?

– Desejo que Juana e eu regressemos ao Castelo de Elcho para prosseguir as nossas vidas junto de Alaisthar Sutherland e Declan Carmichael.

Ao ouvir aquilo, Julia irrompeu em soluços, e a cigana, depois de lhe dar um lenço de papel, sorriu e perguntou:

– Por que estás a chorar, Julia?

A mulher, secando as lágrimas, sussurrou depois de olhar para as amigas:

– Estou a chorar de felicidade. Sei que elas serão felizes e isso faz-me chorar. Lamento imenso não as acompanhar nesta viagem, mas a minha felicidade é junto do meu Pepe e...

– Não te martirizes, Norma Duval – brincou Montse. – Todas seremos felizes e isso é o que conta na vida, não achas?

– Sim – concordou ela emocionada.

Depois de as ouvir, a cigana aquiesceu e, olhando para Juana e para Montse, disse enquanto o barulho dos trovões lhes indicava que a tempestade se aproximava:

– Será uma viagem sem retorno. Têm a certeza?

As amigas entreolharam-se e, com um sorriso radiante, concordaram no momento em que a luz se apagava e voltava a acender e um raio caía perto de onde elas estavam.

– Então que assim seja. O teu desejo, princesa, está pedido.

– Ai, mãe! – sussurrou Juana.

– Já? Já está? – gritou Montse, e a cigana anuiu.

– Têm de cair à água. Ela é o elo de ligação que vos levará aonde vocês desejam estar. – E olhando para Montse, murmurou: – Serás muito feliz, princesa, sempre o soube, meu amor.

Feliz por aquilo, Montse lançou-se contra a cigana e abraçou-a. Pouco depois, e após se despedir dela, as três amigas, emocionadas, risonhas e radiantes, sem se importarem com a chuva, os trovões e os relâmpagos,

foram andando até ao porto de Leigh.

– Vou sentir tanto a vossa falta – sussurrou Julia emocionada.

– Ai, filha, e nós a tua.

Nesse instante um apagão geral deixou Edimburg sem luz, e todas souberam que tinha chegado a altura. Montse, ao ver a sua amiga tão chorosa, abraçou-a e, para acabar quanto antes com aquele momento de lágrimas, deu a mão à canária e em tom brincalhão disse a Julia:

– Norma Duval, concedemos-te a honra de nos empurrares para a felicidade.

Limpendo as lágrimas, Julia sorriu e, depois de lhes dar um último beijo, pousou as mãos trémulas nas costas delas e, empurrando-as para as águas do porto de Leigh, disse:

– Que a felicidade vos acompanhe durante o resto das vossas vidas.

Capítulo 56

Escócia, lago Tay, 1690

Como duas ninfas, Montse e Juana emergiram as águas do lago Tay. E, como era de esperar, estava frio.

– Ai, meu Deus – queixou-se Montse. – Aqui está mais frio do que na fábrica da Olá.

– Ai, filha, acho que regressámos. Voltamos a ser Paris Hilton e Cindy Crawford.

– Sim... sim... sim – riu Montse emocionada e, gritando como uma possessa, disse: – Obrigada, Erika. Obrigaaaaaaaaaada.

Como boas nadadoras, alcançaram a margem e, assim que saíram da água, as duas abraçaram-se. Tinham regressado. Mas onde estavam?

– Para onde vamos? Alguma coisa disto te é familiar?

A canária olhou em volta e, encolhendo os ombros, abanou a cabeça, batendo os dentes.

– A verdade é que em alturas como esta um GPS vinha mesmo a calhar – disse Montse, sorrindo.

Felizes, começaram a andar. Caminharam durante horas, e a alegria era tal que nada, nem o frio, podia ensombrar a sua felicidade. De repente Montse parou.

– O que é? – perguntou Juana.

Com um sorriso de orelha a orelha, Montse apontou para um lado e, beijando a amiga, sussurrou-lhe:

– Senhora Sutherland, creio que chegou o momento de o teu marido te voltar a ver.

Ao ouvir aquilo, o coração de Juana veio-lhe à boca e, ao olhar para onde a amiga apontava, esteve prestes a desmaiar ao ver Alaisthar, o homem da sua vida, sentado aos pés de uma árvore com um cão.

– Calma... calma, reage, que estou a ver que te vai dar um ataque de ansiedade e eu não tenho um saco de papel para tu respirares.

– Ai que nervos!

Com um sorriso nos lábios e entendendo o que a amiga estava a sentir, encorajou-a e disse:

– Eu sei, querida, mas andamos há muito tempo a desejar isto, e acho que se continuares assim, em vez de fazeres uma surpresa ao teu pobre marido vais pregar-lhe um susto de morte.

A canária teve de se sentar no chão. A sua emoção foi tal que sentiu que lhe faltava o ar. Ali, não muito longe dela, estava Alaisthar. O seu Alaisthar!

Com os olhos marejados de lágrimas, olhou para a amiga e, rindo, sussurrou:

– Ai, filha... *Mojopicón* está tão crescido e o meu marido está tão bonito.

– Anda, vai. Tenho a certeza de que os dois vão ficar malucos quando te virem.

Levantando-se, Juana inspirou fundo e começou a dirigir-se a eles. O cão apercebeu-se de que alguém se aproximava e, levantando-se, foi ao seu encontro. Alaisthar, ao ver que o animal saía do seu lado, ergueu os olhos e ficou mais branco do que o papel ao ver quem se aproximava. Levantou-se como pôde, mas teve de se apoiar na árvore para se recompor do impacte. Ela, a sua Paris, a sua mulher, a sua *menina* tinha voltado, e antes de poder dizer alguma das suas frases espirituosas, aquele gigante estava a abraçá-la e a beijá-la com devoção.

– Olá, minha menina.

– Alaisthar... voltei, e desta vez é para sempre.

Incrédulo, voltou a olhá-la e soltou um grito de felicidade que os fez sorrir.

Depois de uma infinidade de beijos, carícias e abraços, Alaisthar abraçou também a jovem Cindy, e quando reagiu correu até ao seu cavalo e proporcionou-lhes umas mantas para que aquecessem. As pobres coitadas estavam congeladas.

– Por todos os santos! Vão apanhar uma pneumonia – disse ele. – Vamos... vamos até ao castelo, ali vocês vão aquecer.

– Um momento, Alaisthar – pediu a canária ao ver o ar assustado da amiga.

– Acho que a Cindy precisa de te perguntar uma coisa.

– Como está Declan?

O homenzarrão sorriu e respondeu abraçando a sua mulher:

– Acho que quando te vir vai ter a maior surpresa da sua vida.

– Imagino que no bom sentido, certo?

– Não duvides, Cindy... – Sorriu. – Não duvides.

Uma vez tranquilizada a jovem, o *highlander* contou-lhes que o duque estava no castelo. Ao ouvir aquilo a sua apaixonada quis correr até ele, mas sabia que com certeza outras pessoas a interceptariam no caminho, e o que ela queria era surpreendê-lo e encontrar-se primeiro com ele. Feliz e ainda sem

acreditar no que acontecera, o ruivo ofereceu-se para ir à procura dele. Levá-lo-ia ao bosque com qualquer pretexto.

Escondidas nos arredores de Elcho e a trautearem uma canção por causa dos nervos, as duas jovens esperavam, até que por fim ambas ouviram:

– O que me queres mostrar? – perguntou Declan ao amigo.

– Algo que, tenho a certeza, te vai agradar muito – riu-se ele. – Segue o caminho e vais encontrá-lo não muito longe daqui.

Ao ver que o amigo o olhava com ar carrancudo, Alaisthar sorriu e, dando-lhe uma pancadinha inocente no ombro, suspirou e disse:

– Vai, Declan, e se o que vires não te parecer a coisa mais maravilhosa que viste ultimamente, quando voltares juro-te que me deixarei açoitar por ti.

Surpreendido por aquilo, o duque sorriu e, começando a andar, disse virando-se para o amigo:

– Lembra-te do que disseste, eu não vou esquecer.

As duas jovens continuavam escondidas entre as árvores. A canária estava encantada, enquanto Montse, nervosa, continuava a trautear. De repente, um assobio de Alaisthar indicou à sua mulher que estava à espera dela.

– Bom, filha, deixa de cantar que chegou o teu momento.

– Ai, meu Deus, até as pestanas me tremem! – E afastando o cabelo emaranhado e ainda molhado da cara, perguntou: – Estou bem ou demasiado horrorosa?

Divertida, a amiga olhou para ela e, depois de a beijar, respondeu:

– Estás lindíssima, como sempre, e não te preocupes, creio que quando Declan te vir o teu aspecto vai ser o que menos lhe importará. Vá, dá-me um beijo.

Engolindo em seco com dificuldade, Montse beijou-a, e sorriu ao ver a amiga a afastar-se meio a arrastar-se. De repente o barulho de passos a aproximarem-se alertou-a, e quando o viu ficou petrificada. Ante ela erguia-se o guerreiro. O homem forte. O homem dos seus sonhos. O homem que amava com toda a sua alma e que a levava até ali.

Declan ia olhando em volta com curiosidade. O que seria que Alaisthar queria que visse? De repente ouviu:

– Senhor Carmichael, posso tratá-lo por tu?

Aquela voz paralisou-o. Só havia uma pessoa no mundo a ter aquele tom descarado, doce e encantador ao falar, um tom de que tivera saudades dia e noite. Virando o seu olhar felino para a direita, cravou os seus olhos azuis inquietantes nela.

– Tu! – sussurrou confuso.

Montse, ao ver que ele não se mexia e só a observava, franziu o cenho e, com um sorriso encantador, respondeu ao recordar a primeira vez que se viram:

– Eu?! Eu o quê?

Ao ouvir aquela resposta, Declan sorriu e, em passos largos, correu até ela e abraçou-a. Beijou-a com ânsia, com ardor e paixão. Com anseio, doçura e devoção. Entre os seus braços tinha a mulher que lhe partira o coração. Incapaz de abrir os olhos por medo de que aquilo fosse um sonho, ouviu:

– Declan... Declan... estás a sufocar-me!

Alertado por aquilo, soltou-a e, em tom de brincadeira, ela sussurrou:

– Sei que me fui embora sem me despedir, mas isso não te dá o direito de me sufocares quando regresso para junto de ti.

Zonzo com aquela forte sensação, tomou-lhe o rosto entre as mãos e sussurrou perto da boca dela:

– Diz-me que nunca mais te vais embora.

– Nunca mais irei embora, querido.

– Querido – murmurou ele saboreando aquela doce palavra. – Quanto ansiei ouvir-te dizer isso, meu amor.

Tomando-a nos braços com um sentimento de posse, voltou a beijá-la, e só interrompeu o beijo quando ouviu:

– Hum-hum... Declan, vejo que encontrei a maravilha que te disse – riu Alaisthar de braço dado com a sua mulher.

– Sim, amigo... e fico contente por saber que tu também – concordou este piscando um olho à jovem Paris, que sorriu encantada.

– Oh, sim... não duvides. E se nos desculparem, a minha menina e eu iremos ausentar-nos uns dias de Elcho. Temos muitos assuntos pendentes.

Os quatro deram uma gargalhada e depois, os senhores Sutherland, com o seu cão *Mojopicón*, foram-se embora dispostos a começarem a sua história particular.

Radiante de felicidade, a jovem e futura duquesa olhou para o homem que adorava e perguntou:

– Como estão as minhas meninas?

– Bem, embora todos os dias tenham saudades tuas.

Ao falar delas a jovem lembrou-se de uma coisa e, tirando umas bonecas de trapos molhadas do bolso, disse fazendo-o sorrir:

– Trouxe-lhes um presentinho. Espero que isto sirva para que me perdoem.

Divertido, emocionado e feliz como nunca se sentira na sua vida, Declan olhou para ela e, enquanto caminhavam para o Castelo de Elcho de mão dada, sussurrou:

– Não sei se te vão perdoar. O que fizeste foi muito *bera*.

– *Bera*? – Riu ao ouvi-lo.

– Sim, menina Crawford. E antes que digas alguma coisa, o teu castigo será casares-te comigo, criar as nossas filhas e ser feliz para o resto da nossa vida. Alguma coisa a dizer?

Com a felicidade instalada no rosto, no corpo e no coração, a jovem beijou o homem dos seus sonhos e murmurou:

– Só consigo dizer: sim, quero.

Epílogo

Castelo de Elcho, Escócia... um ano depois.

– Mamã... mamã... vem aí alguém – gritou Aileen ao olhar pela janela.
– É *Rapunzel* – gritou Maud.
– Querida, já te disse centenas de vezes para não chamares isso a Rose.
– Mas, mamã, a tia Paris diz que... – prosseguiu Maud, e a mãe interrompeu-a ao ver a comitiva.

– Falaremos disto depois. Agora vamos, que os noivos estão a chegar.

Todos em Elcho saíram para receber entre grande algazarra o casal Stuart. Rose O'Callahan e Kenneth Stuart tinham-se casado quatro meses antes e regressavam da sua viagem de lua-de-mel. Quando Rose viu a sua amiga Cindy sorriu, e depois de desmontar do cavalo do marido novo em folha, correu a abraçá-la.

– Vejo-te radiante, senhora Stuart – disse esta ao abraçá-la. – Vejo que o engatão do Kenneth te faz muito feliz.

– Ai, filha... estás radiante! – gritou a canária abraçando-a.

A jovem Rose O'Callahan, depois de afastar o cabelo da testa, olhou para aquelas duas jovens de quem tanto gostava e, fazendo-as rir, comentou:

– Oh, sim... Kenneth é maravilhoso! – suspirou a jovem olhando para o seu marido, que nesse momento cumprimentava Declan e Alaisthar. – E antes que me perguntem, Kenneth adorou o vosso presente para a noite de núpcias!

Aquilo fez as três rirem às gargalhadas. Uma tanga a combinar com uma combinação do mais indecente que havia foi o presente que aquelas duas lhe fizeram para a sua noite de núpcias. E apesar de no início aquilo lhe parecer algo indecoroso e atrevido, fez o que elas indicavam e estreou-o. O resultado foi um Kenneth Stuart encantado e rendido aos seus pés.

– Nós já te tínhamos dito, querida, os homens ficam malucos com uma boa tanga – gracejou Montse.

– Onde estão os bebés? – perguntou Rose divertida. – Quero conhecê-los.

– Ai, filha, são lindos! – murmurou a canária ao pensar no seu pequeno

Kiefer.

– Anda, vamos mostrar-tos – disse Montse ao recordar a sua pequena Aisling.

Rapidamente, e ante os rostos divertidos dos seus maridos, as três jovens desapareceram no interior do castelo. Foram ao salão onde Fiona estava a ler ao lado da lareira rodeada por dois berços de madeira. Ao abrir-se a porta e ver Rose e as outras duas entrar, a mulher levantou-se e saudou-a encantada.

– Rose, querida, que alegria saber de ti. Que tal a viagem?

– Maravilhosa, Fiona... maravilhosa.

Montse, dirigindo-se aos berços, sussurrou-lhe enquanto observava o seu marido e os das outras entrarem:

– E estes são Kiefer e Aisling.

– Não vale a pena dizer que o ruivo é meu e do meu Alaisthar – disse a canária, fazendo-os rir a todos.

– Aisling? – perguntou Kenneth. – Mas isso não significa «sonho» em gaélico?

– Hum-hum! – exclamou a orgulhosa mãe antes de dizer: – É que a minha menina é um autêntico sonho.

Depois de sorrir com aquilo, Declan cravou os olhos na sua linda mulher e afirmou orgulhoso:

– Aisling é um nome bonito para a nossa filha.

Rose, emocionada ao ver aqueles bebés, aproximou-se deles e murmurou:

– São lindos... lindos.

Fiona, agarrando na jovem pela cintura, murmurou-lhe ao ouvido:

– Tenho a certeza de que dentro em breve há-de haver um assim a correr pelo Castelo de Huntingtower. Basta olhar para a maneira como o teu marido te observa para saber que assim será.

– Claro, Fiona. Garanto-lhe que ambos estamos a dedicar todo o nosso esforço para que assim seja – disse Kenneth fazendo todos sorrir e deixando a sua mulher excitada.

Depois de conversarem um bocado ao pé dos bebés, Edel entrou no salão para lhes dizer que a ceia já estava preparada, e todos, à excepção de Declan e da sua esposa, saíram. Amoroso, viu como a sua adorada Cindy observava a filha e, agachando-se, perguntou:

– Em que estás a pensar?

– Em como é bonita. É perfeita!

– É tão bonita como a mãe – disse sorrindo.

– Declan.

– O que é?

– Tenho uma coisa para te contar.

Surpreendido com aquilo, o *highlander* franziu o sobrolho e perguntou

fazendo-a sorrir:

- É *bera*?
- Não sei... acho que não... Mas...
- Cindy Crawford, o que tens para me contar? – exigiu ele.
- Vejamos. Sei que estás feliz com Maud, Aileen e agora Aisling, mas gostarias de ter um rapaz? – Ao ver que ele a olhava boquiaberto, ela continuou, tocando a sua ainda inexistente barriga...

Declan abraçou-a e, sorrindo com a feliz notícia que a sua adorada mulher acabava de lhe dar, murmurou antes de a beijar:

- Amo-te e vou querer sempre tudo, absolutamente tudo o que me deres.

Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Megan Maxwell
© 2019, Planeta Manuscrito

Título original: *Te esperaré toda mi vida*

Tradução: Cristina Vaz

Capa: © Neonbrand – Unsplash
© Marina Andrejchenko – Shutterstock
e © Hemis – Alamy Stock Photo

1.ª edição em epub: Abril de 2020

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-376-1 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

